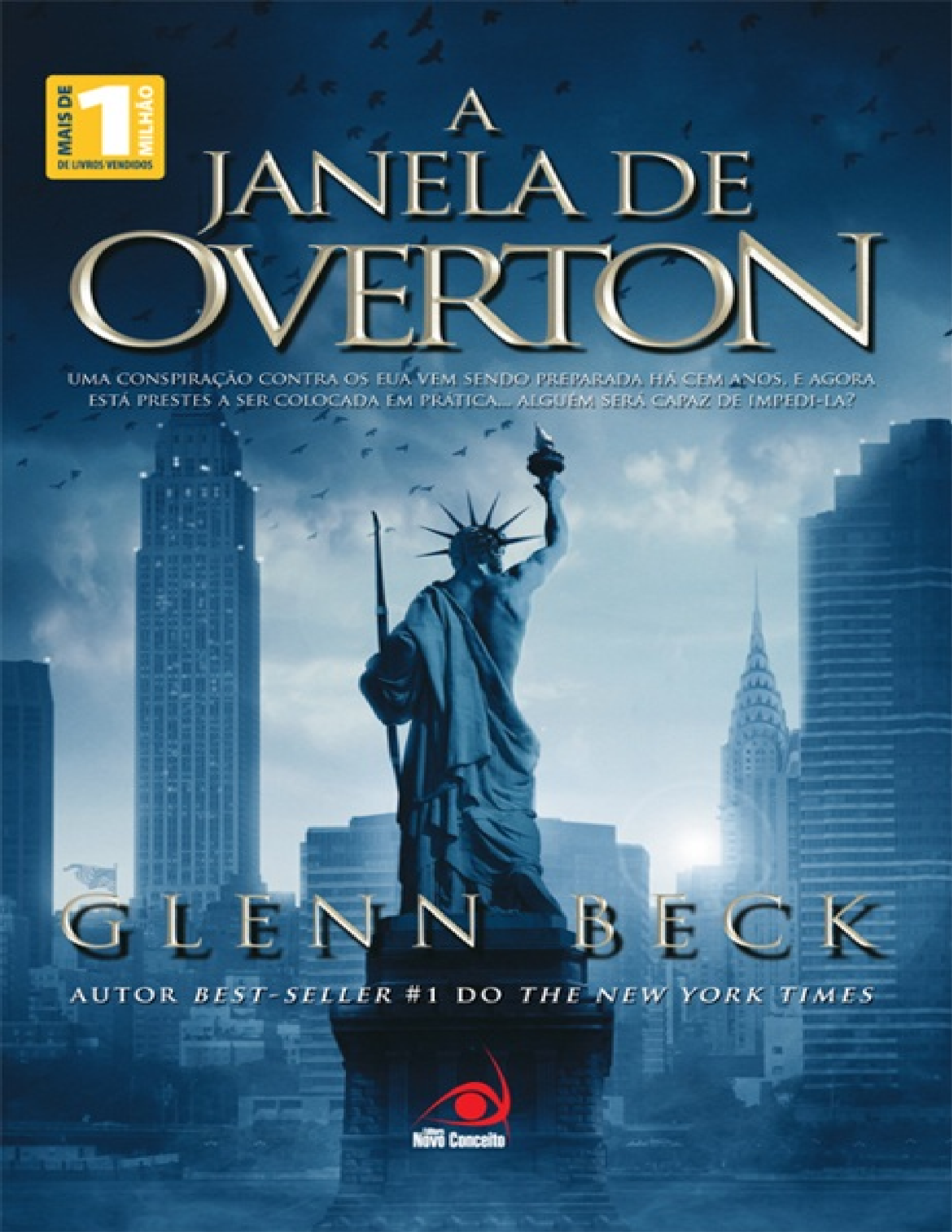
MAIS DE 1 MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

A JANELA DE OVERTON

UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA OS EUA VEM SENDO PREPARADA HÁ CEM ANOS. E AGORA ESTÁ PRESTES A SER COLOCADA EM PRÁTICA... ALGUÉM SERÁ CAPAZ DE IMPEDI-LA?



GLENN BECK

AUTOR *BEST-SELLER* #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

Novo Conceito

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Sumário

Capa

Sumário

Rosto

Dedicatória

Agradecimentos

Uma Nota do Autor

Citação

Prólogo

PARTE UM

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

PARTE DOIS

- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18

Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

PARTE TRÊS

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47

Epílogo

Posfácio

Créditos

A janela de OvertoN

Glenn Beck

Com contribuições de Kevin Balfe,
Emily Bestler e Jack Henderson

Tradução
Renato Marques de Oliveira

Editora Novo Conceito

dedicatória

Fé: para David Barton, homem que sabe que nossos fundadores deixaram as respostas espalhadas por toda parte, a olhos vistos.

Esperança: para Marcus Luttrell, homem que nos mostrou o que é preciso para nunca desistir.

Caridade: para Jon Huntsman, o homem que um dia quero ser. Você é um gigante em um mundo que parece cada vez menor.

Nunca desistam, nunca entreguem os pontos.

agradecimentos

Agradecimentos especiais a todos os telespectadores, ouvintes e leitores, incluindo os “íntimos” de Glenn Beck. Não somos racistas nem somos violentos, só não estamos mais em silêncio.

Aos meus pais; à minha esposa, Tânia, e aos meus maravilhosos filhos, por seu amor e apoio constante, mesmo quando acordo às 3 horas para trabalhar em projetos como este.

A Chris Balfe, Kevin Balfe, Stu Burguiere, Joe Kerry, Pat Gray e a todas as outras pessoas maravilhosas que atuam nos bastidores da Rádio Mercury Arts, por nunca rirem das minhas ideias (pelo menos não na minha frente).

A Jack Henderson, por ter colocado o coração neste projeto, e à sua esposa, Lorie, por tê-lo deixado fazer isso.

A Emily Bestler, uma editora de primeira classe e, mais importante, uma pessoa de primeira classe. Obrigado por ter entendido qual é realmente o propósito deste livro. E a Louise Burke, Mitchell Ivers, carolyn Reidy, Liz Perl, Anthony Ziccardi e a todo mundo da Simon & Schuster, por sempre me ajudarem a transformar meus sonhos em realidade.

A Patrícia Balfe, por compartilhar com todos nós seu amor por livros de suspense e mistério. Sei que não sou nenhum David Baldacci ou Robert Parker, mas espero que este livro custe a você preciosas horas de sono.

A todos da Premiere e do Clear Channel, incluindo Mark Mays, John Hogan, Charlie Rahilly, Dan Yukelson, Julie Talbott e Dan Metter, que ajudaram meu programa de rádio a conquistar ouvintes como nunca.

A todos os meus amigos do canal Fox News, incluindo Roger Ailes, Bill Shine, Suzanne Scott, Joel Cheatwood, Tiffany Siegel, Bill O’Reilly, Neil Cavuto, juntamente com meu extraordinário estafe, que me ajudou a comprar quase todas as lousas da área da cidade de Nova York.

A meu agente, George Hiltzki, que não “mexe no conteúdo”, mas ainda assim adora dar suas opiniões a cada página que criamos.

A todos os meus amigos, parceiros e colegas de trabalho, que me apoiam tanto no âmbito pessoal como na esfera profissional, incluindo Kraig Kitchin, Brian Glicklich, Matthew Hiltzik, Josh Raffel, Jon Huntsman, Pai, Duane Ward, Steve Scheffer, Dom Theodore, Scott Baker, Richard Paul Evans, George Lange, Russell M. Ballard, além de Allen, Cam, Amy, Mary e toda a equipe da Isdaner.

A todos os que foram vítimas do meu transtorno de *déficit* de atenção — desculpem-me, eu me concentrei nesta página o máximo de tempo que pude.

uma nota do autor

Há muitos anos sou fã de livros de suspense. Enquanto os livros de não ficção visam informar, o objetivo da maior parte dos *thrillers* de suspense é entreter. Mas existe uma categoria de romances que são ambas as coisas: romances completamente ficcionais, mas cujos enredos são calcados em fatos, e foi isso que eu me esforcei para fazer em A Janela de Overton.

À medida que você mergulhar na trama, certas cenas e personagens vão parecer familiares. Isso é intencional, pois a história do livro se passa durante um período da história dos Estados Unidos muito semelhante ao que estamos vivendo agora. Mas, embora muitos fatos inseridos no enredo sejam verdadeiros (veja o posfácio para mais detalhes), as situações que criei como resultado desses fatos — juntamente com a maneira como as coisas estão entrelaçadas e as conclusões que daí derivam — são inteiramente ficcionais.

Vamos torcer para que continuem assim.

Sei que este livro será polêmico; qualquer coisa que faça as pessoas pensarem geralmente causa controvérsia. Nesse caso, espero que você seja obrigado não apenas a pensar, mas também a pesquisar, ler livros de história e fazer perguntas fora da sua zona de conforto. Em última análise, no fim das contas caberá a cada um de nós procurarmos nossas próprias verdades.

Embora nem seja preciso dizer, sinto a necessidade de falar mais uma vez: esta é uma obra de ficção. Como tal, alguns dos personagens deste livro expressam opiniões das quais eu não apenas discordo, mas às quais me oponho com veemência. Eu as incluí no enredo porque essas opiniões, gostemos delas ou não, fazem parte do atual debate norte-americano. Ignorar ou fingir que opiniões radicais não existem na sociedade é um grande desserviço. Silenciar vozes ou opiniões só serve para jogá-las nas sombras e na escuridão, onde podem se inflamar, se corromper e ficar ainda mais fortes.

Você também vai notar que as palavras republicano e democrata raramente aparecem no livro, e, quando aparecem, ambas são mencionadas sob luz igualmente pouco lisonjeira. Também nunca ficamos sabendo quem é o presidente dos EUA nem a qual partido ele ou ela está filiado. Foram decisões

conscientes da minha parte, e isso reflete o fato de que o que está acontecendo com o nosso país nada tem a ver com um partido político ou com uma pessoa específica, mas sim com a rota de destruição que viemos percorrendo, a diferentes velocidades, desde o último século. Toda vez que gritamos “Onde você estava quatro anos atrás?”, “A culpa é do seu partido, não do meu” ou “Eu não votei nele!” nos aproximamos mais um pouco do fim da América — ou pelo menos da América imaginada pelos fundadores da Nação.

Enquanto escrevo esta introdução, semanas antes do livro ser posto à venda, já sei que meus críticos serão cruéis e implacáveis. Eles vão me acusar de ser todo tipo de teórico da conspiração que forem capazes de inventar — e vão basear suas acusações no enredo de um romance que muito provavelmente nem sequer se darão ao trabalho de ler.

Felizmente, não sou nada disso. Nunca fui. Já fui chamado de todas as coisas detestáveis que existem, e aguento o tranco. Mas, quando tudo isso tiver passado e as pessoas olharem para trás, para esse período da história do nosso grande País, só há uma coisa que espero que todos, críticos e fãs, digam a meu respeito.

Que eu estava errado.

Divirtam-se com o livro; espero que na sua leitura você perca as mesmas horas de sono que eu perdi para criá-lo.



A liberdade foi perseguida no mundo todo;

a razão foi tida como rebelião;

e a escravidão do medo fez com que os homens tivessem medo de pensar.

Mas a natureza irresistível da verdade é tal que tudo que ela pede, e tudo o que deseja, é a liberdade de aparecer.

Thomas Paine,
Os Direitos do Homem, 1791

prólogo

Eli Churchill era um falastrão. Depois que ele começava a falar, não tinha o hábito de parar e ouvir, mas agora um som ao longe o tinha deixado preocupado.

—Espera um minuto —Eli murmurou.

Ele aninhou o bocal do telefone público no ombro, olhou de relance para a estreita e sulcada estradinha de terra Mojave que tinha percorrido para chegar até ali, depois ergueu os olhos e encarou o longo e escuro caminho na outra direção.

Em um lugar silencioso como aquele os ouvidos podem pregar peças na gente. Ele podia jurar que havia escutado um som deslocado, como o estalido de um talo de grama seca sob os pés de alguém, embora nenhum ser humano tivesse o que fazer em um raio de 30 quilômetros de onde ele estava, mas Eli não tinha como saber ao certo.

A lua brilhava alta e os seus olhos já estavam acostumados à escuridão. Ele não via ninguém, mas, com o tipo de caras com que Eli estava preocupado, nunca se sabe.

Quando recolocou o telefone de volta no ouvido, uma mensagem automática avisou que a companhia telefônica queria outro pagamento para só então permitir a continuação da ligação. Ele pegou suas últimas seis moedas de 25 centavos de dentro de um rolinho de papel amassado e enfiou na abertura do orelhão.

Restavam apenas três minutos. Em certo sentido, era irônico. Depois de anos de planejamento, ele tinha recolhido e levado consigo todas as provas de que precisava para corroborar sua história, mas não dispunha de dinheiro trocado suficiente para contá-la por telefone.

— Ainda está aí, Beverly?

— Sim. — O sinal do telefone estava fraco e a mulher do outro lado da

linha parecia cansada e impaciente. — Com todo o respeito, Sr. Churchill, preciso que o senhor vá direto ao ponto.

— Eu vou, eu vou. Agora, onde é que eu estava... — Enquanto ele folheava rapidamente a pilha de fotocópias, uma rajada de vento acertou em cheio um par de folhas soltas, que saiu flutuando noite afora.

— O senhor estava falando de dinheiro.

— Sim, certo, tudo bem: 2,3 trilhões de dólares, é disso que estamos falando. Sabe quanto dinheiro é isso? É uma pilha de cédulas de mil dólares que chegaria do nível do mar ao espaço sideral e voltaria com 50 quilômetros de folga.

— É a quantia que Don Rumsfeld disse à nação que tinha sumido, sem explicações nem justificativas, no verão de 2001. Você não entende? São 2,3 trilhões de dólares, uma quantia três vezes maior do que toda a moeda em circulação nos EUA. Ninguém perde tanto dinheiro. Isso não é um erro de contabilidade, é crime organizado.

— Sr. Churchill, o senhor afirmou em sua mensagem que tinha algo a me dizer que eu nunca tinha ouvido antes.

— Eu sei onde eles gastaram esse dinheiro, ou pelo menos parte dele.

Um breve ruído de estática invadiu a ligação.

— Continue.

— Eu vi o lugar, um dos lugares onde eles estão se preparando para aprontar alguma coisa, uma coisa grande, planejando, sabe? Arranjei um emprego na manutenção. Achavam que eu era só um faxineiro, mas durante a noite eu examinava o lugar. Vi o que eles estão planejando. Estão construindo uma estrutura.

Ele conferiu suas anotações para se certificar de que estava dando as informações corretas.

— Não se trata de um prédio, mas de uma estrutura política e social. Eles já vêm trabalhando nisso faz muito tempo. Décadas. Quando puserem abaixo o sistema atual, só vai sobrar esse novo que eles estão elaborando.

— Eu gostaria de me encontrar pessoalmente com o senhor. Onde o senhor está agora?

— Não posso dizer por telefone.

— Repita, por favor. A ligação está péssima.

O vento seco do deserto vinha soprando constante e frio desde que ele chegara ali, mas agora Eli percebeu que a brisa tinha ficado bem mais fraca, quase imperceptível.

— Eles estão mexendo os pauzinhos para que daqui a uma geração ninguém mais se lembre de como este país costumava ser. Assim que estiverem prontos para dar a primeira pancada nos alicerces do sistema, vão fazer a economia desmoronar feito um castelo de cartas. A mídia controlada já está na mão deles, prontinha para iniciar sua campanha de relações públicas. E eles estão dando um jeito de deixar as pessoas tão endividadas, alienadas e despreparadas que vão pedir socorro ao primeiro que disser que tem as respostas.

— Onde posso encontrá-lo, Sr. Churchill?

— Não temos tempo; apenas me escute. Eles vão aprontar alguma coisa, para começar o esquema todo. Assim como desapareceram aqueles 2,3 trilhões de dólares, sumiram também 11 armas nucleares do arsenal dos EUA, e eu vi duas delas.

O lampejo de uma luz brilhante e vermelha na parede da cabine telefônica chamou a atenção de Eli. Ele se virou e deixou o telefone cair.

Eli Churchill só teve tempo para iniciar uma oração silenciosa, mas não conseguiu terminá-la. Seu último apelo foi interrompido por um tiro à queima-roupa de uma pistola com silenciador, e a última coisa que passou por sua cabeça foi uma bala dundum semiencamisada de ponta oca, 357.

PARTE UM

“É o poder que impõe as ordens, domina; os meios materiais apenas obedecem. Os homens são como barro nas mãos do líder consumado.”

—Woodrow Wilson, em Leader of Men
(Líder de Homens)

capítulo 1

A maior parte das pessoas pensa na experiência em termos de anos, mas, a bem da verdade, o que a define são alguns momentos decisivos. Em geral nunca mudamos e passamos boa parte da vida na mesma, até que, de repente, crescemos de maneira súbita, em momentos decisivos.

Uma vez que sua vida era muito boa do jeito que estava, Noah Gardner tinha empregado uma boa dose de esforço em seus primeiros 20 e poucos anos para evitar, a todo custo, a chegada desses momentos decisivos.

Não que ele tivesse simplesmente jogado fora todo o seu tempo. Longe disso. Para começar, Noah tinha passado uma década inteira construindo o que a maior parte dos homens chamaria de uma impressionante reputação de sucesso com as mulheres. Bonito, com um bom emprego, educação de primeira, endiabradamente engraçado e até mesmo inteligente quando queria, razoavelmente em boa forma para um típico rato de escritório, Noah tinha todas as legítimas credenciais para criar um perfil arrasador em sites de relacionamento. Desde seu primeiro ano na Universidade de Nova York, raramente passava sozinho as noites dos fins de semana; tudo o que tinha a fazer era simplesmente deixar na posição médio-alto seu botão de “disponibilidade para companhias femininas noturnas”.

Depois de chegar aos 27 anos e encarar a iminente aproximação do terrível número 30, Noah tinha começado a perceber uma coisa sobre o botão médio-alto: para dançar um tango tem de haver duas pessoas. Se ele tinha baixas expectativas no que dizia respeito ao jogo do amor, as mulheres que ele vinha conhecendo e com quem saía estavam fazendo a mesma coisa. Agora, no seu aniversário de 28 anos, ainda não tinha certeza daquilo que queria em uma mulher, mas já sabia o que não queria: “uma namorada-troféu”, alguém só para exibir para os amigos. Disso já estava de saco cheio. Talvez, e apenas talvez, fosse hora de pensar em engatar um relacionamento sério.

No meio dessas divagações sobre a vida e o amor, ele viu pela primeira vez a mulher de seus sonhos.

Não havia nada de remotamente romântico nas circunstâncias da situação. Ela estava em pé, na ponta dos dedos, esticando o braço para pregar com tachinhas, no quadro de avisos de cortiça da empresa, um folheto vermelho, branco e azul. E ele estava só olhando, na frente da máquina de salgadinhos, paralisado no tempo entre o segundo e o terceiro botão do painel de seleção do seu petisco da tarde.

Psicólogos renomados nos dizem na revista *Maxim* que as primeiras impressões mais importantes são registradas nos dez segundos iniciais. Pode não parecer muito tempo, mas é uma eternidade quando se trata de um homem encarando um colega de trabalho do sexo feminino. Depois de quatro segundos, Noah já tinha feito três observações.

Em primeiro lugar, ela era linda, de uma beleza discreta, que quase desafiava o observador a encontrá-la. Segundo, ela não fazia parte do estafe permanente de funcionários, provavelmente estava trabalhando como temporária na sala de expedição ou em algum departamento de alta rotatividade. Terceiro, mesmo naquele cargo modesto, ela não sobreviveria muito tempo na Doyle & Merchant.

Dizem que devemos nos vestir para o trabalho que pretendemos ter, e não para o trabalho que temos. Isso é especialmente verdadeiro no ramo de relações públicas e de assessoria de imagem, em que a aparência é a realidade. Aparentemente o trabalho que aquela garota desejava ter era de recepcionista da Sociedade de Preservação Cultural Grateful Dead. Mas não, não era exatamente isso. Ela não parecia uma aspirante a hippie retrô. Era mais do que as roupas, era outra coisa, era seu porte, seu jeito, a maneira com que ela se movia, como um espírito genuinamente livre. Era óbvio que ela exalava uma vibração atraente, mas não havia lugar para aquele tipo de coisa — nem na roupa nem na atitude — naquele mundinho conservador, empertigado e convencido, das relações públicas de Nova York.

Depois de cinco segundos de observação, outro detalhe chamou a atenção de Noah, o que o fez perder completamente a noção do tempo.

O que o pegou de surpresa foi uma palavra, ou, mais precisamente, o significado de uma palavra: linha. Mais poderosa que qualquer outro elemento do *design*, a linha é a alma de uma obra de arte. É a razão pela qual um simples

logotipo ou logomarca pode valer dezenas de milhões de dólares para uma corporação. É o que faz com que se acredite que determinado carro, par de óculos escuros ou jaqueta tem o poder de transformar pessoas no que elas desejam ser.

A definição que ele tinha recebido de um amigo artista não veio na forma de palavras, mas de um desenho. Apenas sete pinceladas leves de uma caneta de feltro em uma página em branco, diante de seus olhos, apareceu a mais pura essência de uma mulher. Embora não tivesse nada de lascivo, era o desenho mais *sexy* que Noah já tinha visto na vida.

E foi isso que o arrebatou. Ali estava, no quadro de avisos, aquela mesma linha delicada e requintada, que se estendia lindamente das sandálias dela até a ponta dos dedos. Por mais improvável que pudesse parecer, naquele exato momento ele soube que tinha se apaixonado.

capítulo 2

-Posso ajudar você aí?

A frase inicial de Noah, não muito sutil, foi pontuada pelo barulho do bombom Tootsie Roll caindo na bandeja de metal da máquina de doces.

Ela fez uma pausa e olhou de relance para a sala da empresa destinada aos intervalos de descanso e convívio dos funcionários; além dos dois, o lugar estava totalmente vazio. Era um olhar frio e indiferente, que examinou Noah de cima a baixo. Sem desviar os olhos, ela enganchou com a ponta dos pés um banquinho, puxou-o para perto de si, subiu nele e retomou a tarefa de afixar o folheto no quadro de avisos de cortiça. O gesto deixava claro que, se tudo o que Noah tinha a oferecer eram alguns centímetros a mais de chão, ela daria um jeito de conseguir viver sem ele.

Felizmente Noah era abençoado com uma cegueira para a rejeição; ela tinha dado um gelo nele, isso era evidente, mas não ficou nem um pouco abalado. Em vez disso, sorriu, e mesmo de longe imaginou ter visto uma pontinha de deleite no rosto dela.

Alguma coisa naquela mulher desafiava uma tradicional “descrição completa do estoque com único olhar”. Sem dúvida, todas as mercadorias do inventário estavam no lugar certo, mas desta vez nenhuma escala de zero a dez seria capaz de dar conta de analisar detalhadamente todo o material. Era uma experiência inteiramente nova para Noah. Embora ele só estivesse na presença dela havia menos de um minuto, a alma daquela mulher — mais do que seu corpo — tinha se insinuado dentro dos sentidos dele.

Ao que parecia, ela usava pouca ou quase nenhuma maquiagem; nada precisava ser escondido nem embelezado. Joias simples de prata, jeans desbotados apertados e puídos no limite do permitido pelo código de vestuário da “sexta-feira casual” da firma. Tudo obviamente escolhido e usado para a aprovação exclusiva dela e de mais ninguém. Uma magnífica massa de cabelos

ruivos penteados para trás em um coque banana preso por dois lápis número dois cruzados. O estilo provavelmente era resultado de apenas alguns segundos de arrumação, mas não teria ficado mais adequado mesmo se ela tivesse passado horas em um salão de beleza.

Ao longo do dia de trabalho, alguns fios rebeldes tinham escapado do confinamento. Esses cachos castanhos emolduravam um rosto lindo, duas vezes mais radiante graças aos mistérios que certamente se ocultavam por trás daqueles olhos verde-claros.

Ele chegou mais perto e leu o folheto enquanto ela afixava a última tachinha no canto superior do cartaz, cujo leiaute era amadorístico, mas alguém tinha se dado ao trabalho de escrever o texto a mão, em caligrafia passável. O título era colado, uma tira de pergaminho esfarrapado e levemente chamuscado que parecia ter sido arrancado do rascunho original da Constituição dos EUA.

Nós, o Povo
Se você ama seu país, mas teme por seu futuro,
junte-se a nós em uma noite de verdade que vai abrir seus olhos!

Entre os palestrantes convidados estão:
Earl Matthew Thomas — *Candidato à eleição presidencial dos EUA em 1976 e autor do best-seller Divided We Fall*
Joyce McDevitt — *Representante da regional de Nova York das* liberty bells[a]
Major General Francis N. Klein — *Ex-comandante da INSCOM[b] (aposentou-se em 1984), cofundador da organização* guardiansofliberty.com
Kurt Bilger — *Coordenador do grupo Sons of the American Revolution*
Beverly Emerson — *Diretor emérito do site* founderskeepers
Danny Bailey — O homem por trás do Overthrow (Tomada do Poder)**,** *fenômeno do YouTube, com mais de 35 milhões de acessos!*
Traga um amigo, venha fazer um brinde conosco e levante sua voz pela liberdade!
www.FoundersKeepers.com

A data, o horário e o local da reunião vinham impressos na parte de baixo do cartaz.

— Este evento é hoje à noite? — Noah perguntou.

— Parabéns, você sabe ler. — Ela estava mudando de lugar alguns dos outros avisos e folhetos, de modo a dar mais destaque para seu próprio cartaz.

— Talvez fosse melhor você ter afixado seu cartaz na semana passada. As pessoas fazem planos.

— Para dizer a verdade — ela o interrompeu, assim que terminou seu

rearranjo do quadro de avisos —, isso foi só um descargo de consciência. Não espero que alguém daqui vá se interessar.

— Não?

— Não.

— Por quê?

Ela virou o corpo; em cima do banquinho, estava um pouco acima do nível dos olhos dele. Vista de pertinho, cara a cara, tinha uma franqueza tão intrigante quanto perturbadora.

— Você quer mesmo saber?

— Sim, quero mesmo saber.

— Tudo que vocês, relações-públicas, sabem fazer é ganhar a vida mentindo. Para vocês a verdade não passa de apenas mais uma história.

Ele sentiu um impulso automático de elaborar uma defesa, mas, antes de conseguir pronunciar qualquer palavra, engoliu em seco. Em certo sentido ela estava absolutamente certa. A bem da verdade, o que ela acabara de dizer, deixando de lado as palavras evasivas e ambíguas, era a mais perfeita tradução que um leigo poderia dar da declaração de princípios e objetivos da empresa.

Parecia um momento excelente para mudar de assunto.

— Meu nome é Noah.

— Eu sei. Eu separo a sua correspondência.

Os detalhes que ela deu a seguir foram enumerados em tom alegre; ela fez um resumo de tudo o que sabia sobre ele, e, enquanto isso, ia tocando habilmente a ponta dos dedos de uma das mãos, começando pelo polegar:

— Noah Gardner, vigésimo primeiro andar, sala noroeste, nomeado vice-presidente na semana passada. E filho de uma... de um figurão.

— Uau. Por um instante tive medo de como você terminaria a última frase.

— Seu pai é o dono deste lugar, não é?

— Ele é dono de boa parte, acho. Ei, preciso confessar uma coisa.

— Aposto que sim.

— Você ainda não me disse seu nome, e estou tentando ler seu crachá, mas

me preocupa o fato de que você vai ficar com a impressão errada do lugar para onde estou olhando.

— Vá em frente, não sou tímida.

Os olhos dele só se desviaram duas vezes, e mesmo assim apenas brevemente. Ele vislumbrou uma pequena tatuagem, desenhada com elegância e mal-escondida pelo decote do *top* que ela estava usando. Tudo o que dava para ver era a ponta de uma da asa aberta, talvez de um pássaro, talvez de um anjo. Sobre a pele macia e pálida havia uma pequena cruz de prata presa a uma delicada correntinha.

A identificação estava presa na gola V do pulôver, cujo caimento era tão perfeito nela que parecia ter sido cuidadosamente tricotado naquela mesma manhã. O crachá propriamente dito era uma simples identificação de funcionário temporário, apenas um degrau acima da credencial de visitante. Ela estava sorrindo na fotografia, mas era um sorriso de verdade, do tipo que faz a gente querer se desdobrar e fazer qualquer coisa só para vê-lo de novo.

— Molly Ross.

Com um leve toque do nó dos dedos no queixo de Noah, Molly fez com que ele erguesse os olhos.

— Isso é fascinante e tudo o mais, Sr. Gardner, mas preciso ir cuidar da máquina de franquia postal.

— Espere só um segundo. Você vai estar nessa reunião de hoje à noite?

— Claro.

— Que bom. Porque eu vou tentar ir.

Ela olhou para ele, calmamente.

— Por quê?

— O que você acha? Sou um patriota.

— É mesmo? Sei.

— Sim, sou. Bastante patriota.

— Isso me faz lembrar uma piada — disse Molly. — Noé chega em casa. O Noé[c] da Bíblia, sabe?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Então, Noé chega em casa depois de finalmente ter reunido todos os animais dentro da arca, e a esposa dele pergunta o que andou fazendo a semana toda. Sabe o que ele disse para ela?

— Não, pode me contar.

Molly passou a mão de leve na bochecha de Noah, puxou o rosto dele mais para perto e respondeu-lhe:

— Ele disse “Querida, já “catei tudo”.

Ela desceu, empurrou o banquinho para seu lugar de origem, e saiu corredor afora.

Embora geralmente Noah fosse espirituoso e tivesse a língua afiada e sempre uma resposta pronta, desta vez tinha sido diferente: mesmo muito depois de a porta ter se fechado atrás de Molly, ele ainda não tinha conseguido pensar em nada.

---

a O nome do grupo faz referência ao Liberty Bell, o Sino da Liberdade, localizado na Filadélfia, símbolo da luta pela independência norte-americana. (N. do T.)

b Sigla de United States Army Intelligence and Security Command, Comando de Segurança e Inteligência do Exército dos Estados Unidos. (N. do T.)

c Em inglês, Noé é Noah, mesmo nome do personagem. (N. do T.)

capítulo 3

Confidencial: tc—cco//orcon

“Constitucionalistas”, extremismo, movimento de milícias e a crescente ameaça do terrorismo doméstico

Sumário Executivo

Uma vez que o governo continua a ser testado por desafios econômicos, sociais e políticos sem precedentes na história do país, a ascensão de organizações radical-reacionárias, acompanhada dos perigos de uma “rebelião patriótica”, de virulentas expressões de ódio e de terrorismo doméstico, deve ser reconhecida como uma grande ameaça à segurança nacional.

Tendo em mente esse perigo real e imediato, é nossa recomendação que planos de contingência sejam levados a efeito (por meio do uso de informações coletadas em ações exploratórias anteriores [por exemplo, Ops. REX-84] e em conformidade com HSPD-20/NSPD-51), com os seguintes objetivos:

1. Identificação

Disciplinar e garantir o cumprimento da lei e engajar a população em um programa criado com o intuito de traçar o perfil, identificar os indivíduos e grupos envolvidos em comportamentos suspeitos: protestos/defesa de causas, distribuição de literatura subversiva e de incitação e/ou apoia manifesto a questões que são reconhecidamente “bandeiras vermelhas” (sinais de alerta).

— Militantes antiaborto ou organizações pró-vida / “Exército de Deus”[a] / Agências e organizações de aprendizado escolar domiciliar

— Anti-imigração / defensores das fronteiras / alarmistas da UNA[b] /

Minutemen[c] / “Tea Parties”[d]

— Milícias / Adeptos de reencenações histórico-militares / veteranos de guerra marginalizados e/ou socialmente excluídos / Sobrevivencialistas

— Grupo ambientalista Earth First [Terra Primeiro] / Frente de Libertação da Terra / “Anarquistas verdes” / Bancos de sementes

— Defensores da resistência fiscal / Defensores da extinção do FED / IRS / OMC/ FMI[e] / Manifestantes contrários ao Banco Mundial

— Retórica antissemita / Clube de Bilderberg / CFR / Comissão Trilateral[f] / “Nova Ordem Mundial”

— Campanhas políticas de partidos independentes / Separatistas / Defensores da soberania dos Estados da federação

— Partido Libertário / Partido Constitucionalista / “Movimento patriota” / Ativistas do direito ao porte de armas de fogo

— “A verdade sobre 11 de setembro” / Teóricos da conspiração / Negadores do Holocausto / Pregadores do ódio no rádio, TV, internet e na imprensa escrita

— Identidade cristã / Nacionalistas Brancos / Partido Nazista dos EUA / defensores da “liberdade de expressão” em geral

2. Classificação / isolamento / listas de atenção agressivas

Classificar indivíduos e grupos identificados com base nos critérios atualizados de nível de ameaça do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos.† Empregar, de maneira agressiva, vigilância, táticas de cumprimento da lei, por exemplo: “bater de porta em porta”, lançar mão de mandados de entrada clandestina ou de entrada sub-reptícia (que autorizam a polícia a invadir um local suspeito sem a permissão do proprietário ou do ocupante do imóvel), montar postos de controle, cumprir com rigor mandados de busca e apreensão — e outras medidas e recursos preventivos e punitivos à disposição (por exemplo, elaborar listas de suspeitos proibidos de viajar por via aérea e de fazer compras), conforme escala apropriada.

3. Detenção / encarceramento / interrogatório / instauração de processo

As práticas extralegais de detenção preventiva por tempo indeterminado / interrogatórios prolongados / encarceramento de inimigos civis já estão arraigadas na percepção pública, pelo menos até certo ponto e em um grau que pode ser revertido a nosso favor. O precedente foi estabelecido e continua contando com apoio de uma cobertura de neutra a positiva por parte da grande mídia. Contudo, uma vez que cidadãos norte-americanos de súbito passaram a aparecer nos noticiários ocupando o lugar de terroristas da Al Qaeda, certo nível de resistência psicológica deve ser previsto e, então, neutralizado assim que surgir. É opinião do comitê que tal reação reflexivo-populista é um grande obstáculo ao progresso. De fato, na ausência de algum evento catastrófico e catalisador (da amplitude de um ataque a Pearl Harbor / 11 de setembro), existe a possibilidade de que ações razoáveis do governo nessa área crítica sejam recebidas com significativa indignação pública, e até mesmo com a equivocada simpatia ativa e apoio a esses elementos sediciosos/traiçoeiros e seus objetivos calcados no ódio.

Esta lista é apenas uma amostra representativa, e está longe de ser exaustiva. Ver Apêndice, R, p. a321.
† Ver Apêndice N, subseção 10.3.

continua

— Acho que já li o suficiente.

Arthur Isaiah Gardner fechou sua cópia da papelada dentro da pasta-fichário de seu novo cliente e pousou-a cuidadosamente sobre a mesa da sala de reuniões. Depois deslizou a pasta alguns centímetros para a frente, até chegar a um ponto preciso, fora do círculo das coisas que eram importantes.

Noah tinha crescido com um saudável medo desse gesto, mas em anos mais recentes passara a apreciar sua versatilidade. Como expressão de profunda decepção paterna, o gesto funcionava para mostrar o desapontamento do velho, tanto com as notas do boletim escolar do filho quanto com um dossiê que vazara desastrosamente e tinha ido estampar a primeira página da edição dominical do jornal *Washington Post*.

Depois de soltar um suspiro leve e cansado, o velho permaneceu sentado, com a mesma feição de estadista visível no retrato que pairava no saguão principal do prédio. Aquela pintura a óleo era a maior proximidade que maioria de seus mais de 400 funcionários conseguiria chegar em relação ao patriarca da empresa. Quando não estava viajando, Gardner ficava trancafiado em sua sala, que tinha um elevador privativo.

— A bem da verdade, Sr. Gardner, creio que seria benéfico para a equipe examinar a questão...

— Quem falou?

O pai de Noah raramente expressava diretamente sua raiva. Não como antes. Com a idade, seu lendário mau humor foi sendo refinado, e nos últimos dez anos era raro ouvi-lo levantar a voz. O veneno ainda estava lá, mas tinha sido destilado e purificado até o ponto em que suas vítimas nem sequer conseguiam perceber a ferroada da inoculação letal. A pergunta “Quem falou?” foi feita com genuíno espanto e surpresa, como se o velho estivesse se dirigindo a uma jaula repleta de ratos de laboratório e de repente um dos roedores tivesse erguido a patinha rosada para fazer uma pergunta.

A sala mergulhou em silêncio.

— Fui eu — disse um senhor sentado na outra extremidade da comprida mesa, posicionado na cadeira principal do lado do cliente. Um belo terno, corte de cabelo recente e conservador, e agora um rubor rosado nas maçãs do rosto.

— Levante-se.

O homem ergueu meio corpo, abrindo um sorrisinho encabulado que não durou muito tempo. Olhou ao redor, em busca de apoio moral dos outros de sua equipe, mas ninguém teve coragem de fixar seus olhos.

— Não era minha intenção interromper o senhor — ele se desculpou com voz medrosa.

Arthur Gardner respondeu com um leve movimento para cima da mão aberta, gesto que serviu para lembrar o homem de que ele tinha recebido a clara instrução de se levantar.

— A fim de tranquilizar sua preocupada mente — disse o patriarca —, permita-me assegurá-lo de que o insignificante problema que o senhor nos apresentou hoje já está devidamente resolvido. A matéria do *Post* já foi defenestrada. Uma entusiasmada equipe de especialistas em computação está rastreando a fonte do vazamento; o memorando, propriamente, dito está sendo negado de maneira veemente e plausível por seus autores e atribuído a alguma burocracia superzelosa do Meio Oeste. Quem vai levar a culpa desta vez, Noah?

— A Guarda Nacional de Illinois.

— Isso mesmo. Crise evitada. Tudo devidamente solucionado antes das 10 horas por meu filho. Noah é um rapaz brilhante, se me permitem dizer, embora eu tenha certeza de que ele concorda que ainda não herdou o gosto do pai por sangue. Mesmo assim, ele é mais do que capaz de medir forças com essa pequena dificuldade.

Em meio a um gole de café, Noah ergueu seu copo em um falso sinal de agradecimento ao elogio enviesado. Pelo canto do olho viu o homem em pé, do lado do cliente, levantar o pequeno dedo indicador pedindo atenção.

— Com todo o devido respeito, Sr. Gardner, pode até ser, mas...

— Basta!

Com vigor surpreendente para um homem de 74 anos, Arthur Gardner ergueu a pesada pasta da mesa e jogou-a violentamente contra a parede. O homem do governo parou de falar, arregalou um pouco os olhos e o resto de seu rosto ficou suspenso no meio da sílaba. Os papéis mal tinham terminado de esvoaçar pela sala e um grupo de estagiários surgiu das sombras, como se fossem pegadores de bolas das quadras de Wimbledon, para recolher a bagunça.

— Um colunista do *Wall Street Journal* uma vez escreveu — enquanto falava, o pai de Noah ia alisando os punhos da camisa, amarrotados depois do esforço — que eu tinha mais dinheiro que Deus. Não posso afirmar isso. Não acredito em Deus, e, assim como um número cada vez maior das principais economias do mundo, também já não acredito mais no dólar. Somente duas coisas são sagradas para mim agora. Uma é o meu tempo, e recomendo vivamente a todos os que estão aqui presentes que não desperdicem mais um segundo sequer dele. A outra é o meu legado. Hoje era minha intenção dar aos senhores a oportunidade de compartilhar comigo parte disso, mas, por causa dessas interrupções, está se tornando quase impossível levar adiante meu desejo. Agora, se ninguém mais tem objeções que nos desviem da pauta que os senhores receberam por *fax*, eu adoraria continuar.

Ninguém disse uma palavra. Ele meneou a cabeça.

— Pois muito bem. Ao examinar o malfadado documento, bem como o estado de coisas em termos mais amplos, eu me lembrei de dois importantes eventos da minha vida. O primeiro ocorreu no início de 1989, quando uma coalizão de homens de negócios me procurou com um desafio. Os antecessores desses empresários tinham explorado, ao longo de mais ou menos um século um

belo mercado de 100 milhões de dólares, e esses homens estavam contentes com o bem-sucedido negócio que tinham herdado, mas queriam um pouquinho mais. Talvez apenas uma expansão doméstica de 3% a 5%. Então vieram falar comigo, com o chapéu na mão, e perguntaram se era possível obter tal nível de crescimento. Trouxeram uma pasta, parecida com a dos senhores, cheia de temores e preocupações e seus modestos sonhos e esperanças.

Ele virou o corpo para se dirigir diretamente ao homem que ainda estava em pé, do outro lado da sala.

— Sr. Purcell, não é? Fiquei sabendo que o senhor é uma estrela em lenta ascensão no nosso poderoso Departamento de Segurança Interna, é isso mesmo?

Um leve meneio de cabeça, e nada mais.

— Antes, o senhor parecia tão ansioso para me orientar. Um quadro branco está ali aguardando na parede, acabou de ser apagado, e tem um conjunto de canetas coloridas a sua disposição. Acredito que possamos, inclusive, providenciar uma caneta-laser para ajudá-lo a chamar a atenção de todos nós aqui para suas fascinantes ilustrações. Então, o senhor gostaria de conduzir a reunião agora, ou permite que eu continue?

Um músculo se enrijeceu na mandíbula de Purcell, mas ele não ousou falar. Depois de alguns instantes, fez menção de voltar a se sentar, mas foi interrompido pelo mais leve tique da mão do velho. Era o tipo de deixa silenciosa que um adestrador de cães dá a uma cadela afobada em sua primeira aula sobre o uso da enforcadeira.

— Fique em pé só mais um momento, Sr. Purcell. Ajude-me. Pergunte-me o que aqueles homens estavam vendendo, e vou mostrar-lhes o caminho para um mundo inteiramente novo, onde tudo o que os senhores quiserem vai aparecer diante de seus olhos, pronto para a mais abundante colheita.

O velho foi caminhando até o outro lado da mesa e só parou quando ficou cara a cara com o homem em pé. Com um aceno de cabeça, encorajou Purcell:

— Vá em frente, pode me perguntar.

Quando Purcell, por fim, falou, sua voz saiu fraca e tímida.

— O que era?

Arthur Gardner deixou um sorriso se esboçar no canto dos olhos e disse:

— Oh, nada de muito valor. Água, só isso.

O velho pousou a mão no ombro de Purcell, apertou com vigor, e fez sinal para que o desnorteado homem retomasse seu lugar na cadeira, o que ele obedeceu.

— Peço a todos que me perdoem, nosso colega Sr. Purcell teve a gentileza de me auxiliar em minha demonstração, cujo propósito voltaremos a discutir dentro em breve. — Conclui gardner.

Com um discreto zumbido, telas de projeção começaram a descer do teto, cobrindo gradualmente as paredes apaineladas da ampla sala oval. As luzes foram diminuindo até a sala ficar na semiescuridão. Ouviu-se um clique assim que as telas chegaram simultaneamente a sua posição. Tudo o que restou foi um círculo de iluminação suave que conduziu zelosamente o Sr. Gardner até seu lugar.

— Vou dizer aos senhores a mesma coisa que eu disse àqueles vendedores de água engarrafada vinte anos atrás, nesta mesma sala. Se esta pasta aqui é o limite das suas ambições, então os senhores vieram ao lugar errado. A Avenida Madison está entulhada dos dois lados de mascates e publicitários, e até mesmo o mais chinfrim deles é capaz de conseguir uma insignificância dessas, e cobrando preço de banana. Se isso for tudo o que os senhores querem, podem ir em paz. Mas eles ficaram, e espero que os senhores façam o mesmo, pois eu os conduzi ao lugar em que eles estão hoje, com seus objetivos não apenas realizados, tampouco duplicados ou quadruplicados, mas, na verdade, multiplicados por mil. E posso fazer a mesma coisa pelos senhores.

Uma mulher do grupo do cliente, jovem e de aparência pedante, ergueu um pouco a mão, de maneira hesitante, como se estivesse se apresentando como voluntária para um solitário ataque frontal aos canhões de Navarone. Ela só falou depois de um meneio de cabeça de Gardner autorizando a interrupção.

— Não sei ao certo se estamos entendendo o que o senhor quer dizer, Sr. Gardner. Nossos objetivos?

— Seus objetivos, sim. Seu futuro. O futuro do governo para o qual os senhores trabalham. Ou seja, o futuro deste país, e a urgência de agir em nome dele. E isso nos leva a minha segunda história, que estranhamente continua no tema da água.

— Algum tempo atrás eu estava passando minhas férias no Sri Lanka. Em

que ano foi? Ah, sim, 2004. Pouco depois do Natal. Uma camareira veio até o meu quarto e me acordou do sonho mais maravilhoso. Ela estava sem fôlego, a coitadinha, e me trazia uma mensagem urgente, a notícia de um terremoto perto de Sumatra, e que precisávamos ir embora o quanto antes. Bem, pedi para trazerem meu café da manhã. Enquanto arrumavam minhas malas, aluguei um helicóptero, nos vestimos para a viagem e subimos ao heliponto no telhado para aguardar o embarque. Uma onda gigante estava vindo, entendem? O terremoto tinha liberado a energia de 1 bilhão de bombas atômicas sob o oceano e um *tsunami* estava se espalhando do epicentro em todas as direções.

Ele fez uma pausa para bebericar seu chá e depois devolveu cuidadosamente a xícara ao pires.

— O helicóptero logo chegou e meu grupo começou a embarcar. Era uma manhã tão linda, tudo parecia perfeito no mundo, e as pessoas ignoravam completamente o que estava por vir. Eu quis ficar, e por isso ficamos. Havia adolescentes surfando, famílias caminhando com cachorros na areia, andando de barco, soltando pipas, crianças com baldes e pás procurando conchas. Eu não conseguia despregar os olhos daquilo. Era tudo fascinante demais para mim — as pessoas lá embaixo não sabiam ou não compreendiam que algo impensável estava a caminho para destruí-las.

— Do telhado vi as águas lentamente se afastarem da praia. As pessoas também viram. Deve ter sido uma ilusão, mas parecia que o mar tinha recuado quase até a linha do horizonte. Para cada uma daquelas pessoas que correram em busca de abrigo em lugares mais altos havia centenas que ficaram, hipnotizadas, enquanto seu destino iminente ganhava ímpeto.

— Mais tarde fiquei sabendo que existia uma forma de sistema de alerta que tinha falhado, ou que os responsáveis pela segurança pública haviam sido complacentes demais e por isso deixaram de responder aos telefonemas e alertas pelo rádio. Mas vou dizer o que eu acho que aconteceu.

— A meu ver, aquelas pessoas ficaram lá porque acharam que as frágeis coisas que elas tinham construído durariam para sempre. Elas olharam para o quebra-mar e confiaram naqueles muros. Nada poderia destruir aqueles paredões, porque nada jamais tinha conseguido fazer isso antes. Mas, quando o mar veio, não foi na forma de uma onda, foi uma insurreição da própria natureza, um inchaço das águas, firme, implacável e paciente, completamente indiferente às frágeis construções da humanidade. E tudo foi varrido do mapa.

Minhas férias foram encurtadas, e 50 mil pessoas daquela região perderam a vida.

O velho encarou todos os presentes à reunião, um por um.

— O banco de investimentos Bear Sterns, firma pioneira de Wall Street fundada quando meu pai ainda era moço, e uma empresa cujas ações recentemente vinham sendo vendidas a 160 dólares cada uma, concordaram em ser vendidos para o Federal Reserve e o J. P. Morgan a dois dólares por ação. Esse foi apenas o começo, meus amigos, esse foi o seu terremoto debaixo do oceano.

— Enquanto eu examinava sua situação hoje de manhã, ocorreu-me o seguinte: os senhores são exatamente como aquelas pessoas na praia de Kalutara, não são? Estão assistindo a um desastre crucial e capaz de mudar o mundo, e, mesmo assim, por alguma estranha razão parecem inquietos e preocupados com o que o povo norte-americano pensaria caso lesse no jornal sobre o pânico plenamente justificado dos senhores. Esse não é o problema dos senhores, obviamente. Não é o que eles podem pensar acerca dos senhores que tira seu sono; é o que eles podem muito bem fazer com os senhores, e com seus superiores, logo após a catástrofe global que está em vias de acontecer.

— Olha só para os senhores. Estão empilhando sacos de areia quando o litoral inteiro está prestes a mudar para sempre. Enquanto isso, os crimes que os senhores temem tanto que o povo descubra continuam ocorrendo. Estamos em meio ao que vai se tornar a calamidade financeira mais devastadora da história da civilização ocidental, e somente nesta semana — por favor, me corrijam se meus números estiverem errados — o Congresso e o governo se comprometeram a repassar quase 8 trilhões de dólares para as mesmas instituições que engendraram a crise. E em sua infinita sabedoria, os senhores colocaram os amigos e camaradas deles no comando da supervisão desse suposto estímulo econômico. Isso é um assalto, um crime perpetrado por pessoas que deviam evitá-lo. Isso já foi feito antes, é claro. A Previdência Social foi o maior esquema de fraude de todos os tempos, mas todas as contas de todos aqueles anos estão finalmente para vencer, e não existe dinheiro suficiente para pagá-las.

Um grupo de projetores digitais perto do teto acordou do *stand-by* e as telas, circundando a sala se acenderam com um panorama ininterrupto de imagens. Tabelas, gráficos, quadros, balancetes e diagramas, cronogramas, fluxogramas e nomogramas, nenhum deles exibido tempo suficiente para

absorver a atenção, a não ser cumprir o papel de ser um *continuum* indistinto de pesquisa de mercado e serviço de inteligência atrás das palavras do velho.

— Ao longo do último século os senhores sobrecarregaram seus infelizes cidadãos com uma dívida de 100 mil bilhões de dólares, dinheiro que eles levarão 50 gerações para pagar, isso se até lá ainda houver empregos. Enquanto isso, os senhores estão atolados até o pescoço em duas guerras equivocadas e cada vez mais complicadas, sem o menor indício de fim. São mais trilhões em dívidas impagáveis. Em todo o país os bancos estão falindo. Somente este ano faliram mais bancos do que em toda a década passada. Sua economia movida a dívidas está entrando em uma espiral de queda livre, e mesmo assim a primeira reação dos senhores foi ignorar as necessidades dos eleitores e recompensar os criminosos. Enquanto as execuções hipotecárias das casas dos cidadãos estão batendo todos os recordes e o desemprego vem explodindo em todos os estados, os senhores estão ocupados fugindo das auditorias e nacionalizando os gigantescos prejuízos das apostas da elite de *Wall Street*. Pelo amor de Deus, os senhores nacionalizaram a General Motors, apenas para livrar do apuro seus amigos sindicalistas. Como sabem, as pensões dos sindicatos estão severamente carentes de recursos, o que acrescenta à conta outros 17 bilhões de dólares. E, devo dizer, 17 bilhões que os senhores não têm.

A voz de prata de Arthur Gardner foi ganhando força até encher completamente a sala de reuniões, ponto após ponto, com a autoridade e a cadência de um pregador levando os fiéis ao arrebatamento.

— Apenas para conseguir se manter à tona, o governo está tomando emprestados 5 bilhões de dólares por dia, a uma taxa de juros cada vez maior, de nossos oportunistas amigos asiáticos. Mas isso vai acabar quando eles perceberem que as águas estão recuando da praia. Mais cedo ou mais tarde, será impossível negar a verdade, o fato de que não há como pagar essas dívidas, e haverá pânico, uma corrida mundial contra o dólar, e, graças a ações que os senhores tomaram, os resultados serão fatais e irreversíveis.

Isso não está acontecendo apenas aqui, é em toda parte. Carroll Quigley explicou o plano em *Tragedy and hope* (Tragédia e esperança): a única esperança de evitar a tragédia da guerra é unir as economias do mundo para fomentar a estabilidade e a paz mundial. E isso foi feito, mas com consequências involuntárias, ainda que previsíveis. Em vez de se ajudarem mutuamente, os banqueiros internacionais usaram todo o seu poder para obter ganhos de curto

prazo, jogando nas costas do povo dívidas inimagináveis. Quando o barco afundar, estaremos de mãos atadas, acorrentados uns aos outros pelos pulsos e tornozelos, e, assim que começar o naufrágio, a destruição não vai ocorrer em um espaço de meses, mas da noite para o dia. Uma depressão, que vai fazer o inferno da década de 1930 parecer o Paraíso na Terra, assolará o país em uma onda gigantesca de ruína e bancarrotas, em uma escala inimaginável. E, quando isso acontecer, quem os senhores acham que as massas vão procurar? Uma pequena dica: as pessoas que vão ser consideradas as culpadas pela tragédia estão sentadas ao redor desta mesa.

A sala mergulhou em silêncio. O único som perceptível era o zumbido dos projetores.

— Sim, as massas virão atrás dos senhores. Todos os senhores aqui sentados. Foram os senhores que construíram o sistema e disseram às massas que tudo ficaria bem. É das suas mentiras que as pessoas vão se lembrar quando constatarem que o dinheiro delas vale menos do que as promessas que os senhores fizeram. É das trapaças dos senhores que elas vão se lembrar quando perceberem que o futuro dos filhos se desmanchou no ar. E, podem acreditar no que eu digo, é do rosto dos senhores que as massas vão se lembrar quando tomarem consciência de que, em vez da aposentadoria, só vão receber 34 semanas de salário-mínimo.

Como eu sei de tudo isso? Simples: quando as coisas dão errado, sempre é preciso haver alguém que leve a culpa, um vilão, se preferirem. Como dizem por aí, se não se está sentado à mesa para comer, pode ser encontrado no cardápio. Se saírem daqui com a mesma arrogância com que entraram, então, meus amigos, em breve os senhores serão servidos como o prato especial do dia.

Ele fez uma nova pausa para encarar sua plateia, um semicírculo de rostos compreensivelmente pálidos e tomados de pânico, iluminados apenas pelas provas frias do destino iminente projetadas nas telas ao redor.

— Mas nem tudo está perdido — disse o velho. Suas feições se suavizaram um pouco, graças a um leve indício de sorriso de quem sabe o que fala.

— Diga o que precisamos fazer — disse a mesma mulher que tinha falado antes, e, a julgar pela reverência em sua voz, ela já estava em um estágio avançado do ritual de batismo na seita de Arthur Gardner.

Ele andou até uma pilha de pastas idênticas posicionadas no canto da mesa.

— A resposta está aqui dentro. Sou um estrategista, um homem de modesto renome nessa área, embora neste caso não tenha vergonha de admitir que estou em pé sobre os ombros de gigantes — Woodrow Wilson, Julian Huxley, Walter Lippmann, Cloward e Piven, Bernays e Ivy, Saul Alinsky. A lista é longa. Tudo o que fiz aqui — abriu uma das pastas —, foi cristalizar a visão dos que vieram antes de mim, daqueles que sonharam um nacionalismo progressista, novo e sustentável, mas que jamais viram seus sonhos plenamente realizados.

— Uma vez que é nossa obrigação, finalmente completaremos o que eles imaginaram: uma nova estrutura, que vai sobreviver quando as ruínas decadentes dos Estados Unidos que fracassaram, forem levadas pelas águas da tempestade que se aproxima. Nesse novo arcabouço a nação vai ressurgir do entulho, renascida para, por fim, ocupar seu legítimo e humilde lugar no âmbito da comunidade mundial.

Na extremidade da mesa, uma mão se ergueu; um dos senhores, que até então se limitara a ouvir tudo em silêncio, tinha uma pergunta:

— Sr. Gardner, e quanto ao povo?

— O que é que tem? O povo perdeu a coragem de acreditar. Abriu mão da sua capacidade de pensar. As pessoas já não conseguem sequer formar suas próprias opiniões, apenas absorvem opiniões, sentadas com a boca escancarada em frente à televisão. Os pensamentos das pessoas são fabricados por gente como eu. O que é que tem o povo? Há 20 anos, nesta mesma sala, mostrei a um pequeno grupo de homens de negócios que padeciam de falta de visão como vender ao povo a substância mais abundante da face da Terra a um preço dez vezes maior que o da melhor gasolina, a mesma água que jorra da torneira da cozinha, por um décimo de centavo por litro. Isso parece inacreditável; desafia toda lógica e toda razão. Seus avós chamariam isso de fraude, roubo, assalto à mão armada, patifaria... e com razão, devo acrescentar. Mas aquela experiência me mostrou uma coisa: existe uma espada de dois gumes pela qual é possível vender qualquer coisa ao público, de uma garrafa de três dólares de água de torneira a uma guerra em larga escala.

Todas as telas piscaram simultaneamente, deixando para trás três palavras em preto e branco, que dominaram a sala do chão até o teto:

ESPERANÇA E MEDO

— Estão vendo? Se as pessoas forem simplesmente enganadas, há sempre a

chance de um dia acordarem e se rebelarem contra o crime. Mas nós não as fazemos mudar de ideia. Nós mudamos a verdade. A maior parte das pessoas simplesmente quer ser deixada em paz; elas concordam com tudo e aceitam qualquer coisa, desde que nós cuidemos de manter suas ilusões de liberdade e o estilo de vida norte-americano. Nós alavancamos suas esperanças e alimentamos seus medos, e, depois que elas acreditam, são nossas para sempre. Depois disso, qualquer um aqui pode pegar essas pessoas pelo cangote e esfregar a cara delas em uma prova científica irrefutável, elas podem ler com os próprios olhos o rótulo, conteúdo tirado do reservatório municipal, e mesmo assim não adianta: vão simplesmente fazer que sim com aquela cabeça sonolenta e depois vão passar ao lado da torneira e comprar água na prateleira do supermercado. É nesse momento que sabemos que tudo é possível.

— O senhor aí! — Apontou para o Sr. Purcell, na ponta da mesa.

O homem se encolheu todo, como se seu corpo tivesse acabado de receber a aguilhoada de um ferro usado para marcar gado.

— O senhor entrou nesta sala pensando em mim como um empregado terceirizado, acreditando que dominaria os procedimentos desta reunião, e, já que paga meu salário, por direito, devia estar certo. Por que então o senhor me permitiu, na condição de humilde empregado, subjugá-lo, controlá-lo, humilhá-lo na frente de seus pares e subordinados?

Quando ficou evidente que da boca do Sr. Purcell seria impossível sair qualquer tipo de resposta, nem mesmo um balbucio, o velho continuou.

— Doutrinação. Eu fiz o senhor ficar com medo, Sr. Purcell, e, tomado pelo medo, o senhor aceitou a minha verdade, o meu poder, e abandonou a sua própria verdade, o seu próprio poder. O povo vai fazer a mesma coisa. Deixem o povo comigo. A desnorteada resistência que ainda existe vai ser eliminada com um único e certeiro golpe. Não vai haver revolução, apenas um salto adiante, breve e um tanto quanto chocante, rumo à evolução social. Vamos restaurar a ordem natural das coisas, e depois haverá apenas paz e aceitação entre as massas. — Ele sorriu. — Antes mesmo de terminarmos, as massas estarão fazendo fila para pagar um imposto pelo ar que elas respiram.

Arthur Gardner deu alguns passos e chegou mais perto do grupo na ponta da mesa.

— Cada um dos senhores presentes aqui hoje foi convidado por sugestão

minha. O problema, pequeno mas sério, que os senhores trouxeram foi meramente uma porta de entrada, uma premissa para essa introdução de hoje. Aquele documento que vazou acabou suscitando uma conversa que tive com seus superiores, e deles com os superiores deles, e assim por diante, sobre um plano de ação de grande escopo que vem sendo desenvolvido há bastante tempo e agora aguarda execução.

— Eu disse a eles que a hora é agora, e, no fim das contas, eles concordaram, com uma condição. Os senhores, todos os senhores aqui presentes, serão postos no comando da execução do plano — serão os soldados que vão combater no terreno, os que de fato estão com as botas no chão, por assim dizer. Antes que essa nova ordem de coisas venha à tona, foi decidido que os senhores devem, todos, concordar unanimemente em proteger e defender o que vai restar deste país depois de sua transformação.

Na tela atrás dele apareceu uma citação, em letras desenhadas com requinte, como se tivessem sido escritas pela mão do próprio autor. Noah levou alguns segundos, mas por fim reconheceu o trecho da peça “Júlio César”, de Shakespeare:

Há nos negócios dos homens ondas como as do mar:
se aproveitadas, levam-nos às correntes da fortuna;
mas, uma vez perdidas, toda a viagem da vida
está fadada a baixios e perigos.
Agora que flutuamos na maré alta,
devemos aproveitar o curso da corrente,
ou perderemos nossa boa sorte.

O velho observou seus interlocutores enquanto liam o texto, depois retomou a palavra.

— Shakespeare escreveu isso em uma época de grandes decisões; senhoras e senhores, essa hora chegou. Estamos diante de uma encruzilhada. O mundo civilizado está diante de uma encruzilhada. Em um dos caminhos, todos os homens nascem iguais: iguais na pobreza, iguais na ignorância, iguais na miséria e no sofrimento. No outro, a realização das mais brilhantes esperanças da humanidade, mas não para todos os homens. Isso foi um breve experimento, uma tentativa que deu errado. A abundância, a paz e a prosperidade, a própria sobrevivência — essas coisas tão cobiçadas são reservadas para os mais aptos,

os merecedores, os mais corajosos de nós, os mais sábios. Os visionários.

A sala ainda estava mergulhada em silêncio, e ele deixou que assim continuasse por alguns segundos.

— Agora — disse Arthur Gardner com uma voz que era pouco mais que um sussurro —, enquanto a maré está a nosso favor, venham comigo. Os senhores ainda podem se salvar, e, fazendo isso, podem ajudar a construir sobre as cinzas do mundo velho um mundo inteiramente novo.

---

a “Army of God (AOG)” é uma organização terrorista cristã antiaborto que aprova o uso de força para combater a prática do aborto nos EUA. (N. do T.)

b União Norte-Americana (North American Union, UMA) é uma iniciativa proposta em 2005 pelo presidente norte-americano George W. Bush aos líderes de governos do México e do Canadá de criar uma unidade comercial baseada no modelo europeu, em que os Estados-membro estarão livres de barreiras alfandegárias. (N. do T.)

c O Minuteman Project é um grupo voluntário de milhares de civis norte-americanos que se revezam na patrulha e vigilância armada da fronteira EUA-México, o nome Minutemen faz alusão a uma milícia que atuou na Guerra de Independência dos EUA. (N. do T.)

d O Tea Party é um movimento social e político norte-americano; suas ideias são populistas, ultraconservadoras e de ultradireita. O nome deriva da Festa do Chá de Boston (Boston Tea Party), ação de protesto dos colonos ingleses na América contra o governo britânico em 1773, em que foram destruídos caixotes de chá pertencentes à Companhia Britânica das Índias Orientais.

e O FED é o Federal Reserve System, o Banco Central dos EUA; o IRS (Internal Revenue Service) é o equivalente norte-americano da Receita Federal; OMC é a organização Mundial do Comércio (em inglês, World Trade Organization, WTO); FMI é sigla do Fundo Monetário Internacional (em inglês, International Monetary Fund, IMF) (N. do T.)

f O Clube de Bilderberg é uma conferência anual secreta de personalidades do mundo empresarial, acadêmico, midiático ou político (incluindo chefes de Estado, membros de governos e parlamentos, chefes de alianças militares, presidentes de multinacionais, bancos, organizações financeiras e entidades ambientalistas) para debater questões internacionais gerais; o CFR (Council on Foreing Relations) é o Conselho das Relações Exteriores dos EUA; a Comissão Trilateral, criada pelo bilionário norte-americano David Rockefeller em 1973, é uma organização internacional privada que congrega líderes de todos os setores de atividade, representando as três maiores regiões industrializadas do mundo (América do Norte, Japão e Europa), para promover a internacionalização dos negócios e aumentar a competitividade global das economias. (N. do T.)

capítulo 4

Noah parou no meio do corredor e ficou imóvel por alguns instantes, com a cabeça repleta de pensamentos inacabados e aquela incômoda sensação de vertigem que a pessoa sente quando se esquece para onde estava indo — e por que estava indo.

A reunião prosseguia, mas agora sem ele. Seu pai tinha solicitado um intervalo e entregara-lhe um memorando com uma lista de números de telefone e algumas instruções — uma última tarefa que ele devia cumprir antes de ir embora para aproveitar o fim de semana. Aparentemente era uma lista com nomes de *vips* que ele devia convidar para a última parte da reunião, desde que a primeira corresse conforme o esperado. Evidentemente isso tinha acontecido.

A missão de que ele tinha sido incumbido era estranha, e um a um os telefonemas foram ficando ainda mais estranhos.

Não havia nomes, apenas números. Cada ligação era atendida antes mesmo do segundo toque, não por uma empregada ou funcionário, mas por um assistente pessoal. Cada um daqueles números de telefone foi atendido de maneira profissional mesmo depois do horário de expediente, em uma noite de sexta-feira, e, pelo que parecia, isso provavelmente acontecia 24 horas por dia. Parecia algo extravagante, mas talvez não tão incomum, levando-se em conta os círculos que seu pai frequentava.

Durante pelo menos quatro das breves conversas Noah percebeu audíveis indicações do uso de um misturador de frequência de voz e algum dispositivo de alteração de voz. Todos pareciam extremamente cautelosos no sentido de evitar a revelação de qualquer informação acerca da identidade da pessoa associada a cada um daqueles números de telefone, mas o último número não tinha sido suficientemente cuidadoso.

No último telefonema Noah ouviu vagamente um nome sendo pronunciado ao fundo. Era um número de Manhattan, código de área 212, e o nome que ele

entreouviu era bastante incomum. Noah também tinha visto de relance aquele nome no jornal, naquele mesmo dia. A ligação havia sido feita para a linha particular do mais provável candidato a ocupar o cargo de novo secretário do Tesouro dos EUA, desde que a eleição tivesse o resultado previsto.

Esse homem também era o atual presidente da filial nova-iorquina do Federal Reserve. Naquele momento, ele e cerca de 20 outros figurões de *status* aparentemente equivalente estavam largando tudo o que vinham fazendo e se dirigiam às pressas para a sala de reuniões em que o pai de Noah os aguardava, na companhia dos outros participantes que lá já estavam.

Noah caminhou até a suíte na extremidade sudeste e se trancou na cozinha privativa usada para preparar as refeições do pai nos dias em que o velho estava na cidade. O lugar era inteiramente revestido de cerâmica, granito polido e aço inoxidável, mais espaçoso do que a maioria dos escritórios executivos e equipado sob medida para o cozinheiro pessoal de Arthur Gardner.

Noah girou o botão do fogão de mesa com forno de embutir e obedeceu à última instrução da sua lista de coisas a fazer: certificar-se, com seus próprios olhos, a queima daquele papel.

capítulo 5

Depois de concluir sua tarefa, Noah retomou sua peregrinação ao longo de saguões e corredores. Era difícil dizer quanto tempo se passara desde que ele tinha sido convidado a se retirar do restante da reunião e recebera as instruções do pai. Na Doyle & Merchant não eram permitidos relógios, nem nas paredes nem nos pulsos.

Essa era uma das muitas peculiaridades daquela firma, e que serviam como lembrete de que não se tratava de apenas um simples local de trabalho. Ao longo das décadas o escritório tinha se metamorfoseado em um diorama de feira de ciências de acordo com o que se passava no interior do cérebro do velho: era guarnecido de todas as coisas de que ele gostava e não tinha espaço algum para as coisas de que ele não gostava. Às vezes, essas esquisitices eram fruto de um impulso ou de um arroubo, outras vezes surgiam após longas deliberações, mas, depois que o rei Artur tomava uma decisão, ele jamais, nunca, em hipótese alguma, mudava de ideia. A resolução acerca da proibição dos relógios tinha sido implantada poucos anos antes de Noah nascer.

Em 1978, uma executiva de contas consultou seu relógio de pulso durante o discurso de acolhida pronunciado por Arthur Gardner na festa de Natal da empresa. A sala ficou em silêncio, e, assim que ela ergueu os olhos do relógio, viu no olhar do pai de Noah que horas eram: era hora de procurar outro emprego, em outra cidade, em outro ramo de atividade. Na segunda-feira seguinte, a regra não escrita dos relógios já estava em pleno vigor, e de maneira permanente. Graças à benevolência de Sua Alteza, a existência de janelas continuou sendo tolerada, mas o acesso a qualquer vista do mundo exterior passou a ser limitado exclusivamente aos escritórios executivos.

Noah retomou sua sinuosa caminhada e dobrou à direita, ainda sem um destino preciso. O lugar estava vazio, não havia ali uma só alma, embora algumas pessoas possam dizer que no universo das relações públicas e assessoria de imagem essa frase seja sempre verdadeira.

Aquele corredor, em especial era uma espécie de exposição do currículo da empresa, uma galeria de conquistas e realizações emolduradas, do passado e do presente. Recortes de jornais e revistas, comunicados de imprensa, publirreportagens (anúncios publicitários em forma de reportagem), matérias pagas, notícias plantadas, publicidade espalhafatosa cheia de elogios exagerados, artigos engenhosos e astuciosas histórias de capa que remontavam à década de 1950, trechos de vídeos digitalizados exibidos em silêncio nos monitores de tela plana. Era um salão da fama incomparável e sem paralelos na indústria das relações públicas e assessoria de imagem, e objeto de inveja de todos os concorrentes.

Contudo, não havia estantes com troféus; ali ninguém jamais veria a ostentação de prêmios por bem-sucedidas campanhas de relações públicas. Meu Deus, isso não, pelo menos não para as coisas sérias e importantes. É a primeira regra, e uma das únicas: o melhor trabalho jamais é sequer notado. Se o público vê a mão do marqueteiro ou assessor de imagem, então ele fracassou.

Logo na entrada do corredor, as conquistas relativamente pequenas: brinquedinhos e modinhas passageiras que inexplicavelmente tinham tomado conta do país, a prestidi-gitação anual dos brinquedos de Natal “obrigatórios” e “imprescindíveis” (muitas pessoas já tinham cometido assassinatos na disputa por uma vaga na fila para conseguir comprar alguns daqueles objetos), uma série de *boy bands* e ídolos musicais adolescentes pré-fabricados, a maioria dos quais era incapaz de cantar uma melodia ou nem sequer tocar um instrumento. Em uma declaração arrojada, o pai de Noah uma vez se vangloriara de ser capaz de transformar alguns dos assassinos mais brutais do século no último grito da moda entre os pacifistas da contracultura. E de fato ele tinha conseguido fazer isso; ali havia fotografias de ingênuos estudantes universitários, estrelas do *rock* e ícones de Hollywood vestindo com orgulho camisetas com imagens romantizadas do presidente Mao e de Che Guevara.

No fim do corredor, uma série de medicamentos recém- desenvolvidos que tinham exigido algum esforço de imaginação na criação de novas doenças. Remédios não são tão diferentes de outros produtos: é tudo uma questão de criar a necessidade e a demanda. Se se ouve falar muito da síndrome da perna irrequieta, mais cedo ou mais tarde, começa-se a achar que está com a doença. *Ca-ching*! (a onomatopeia da caixa registradora.) Mais um trabalho benfeito.

Mais adiante, logo depois das propagandas de cigarro, havia uma pequena

vitrine dedicada a um dos clientes preferenciais do mundo das relações públicas: a loteria. Curiosidade: quando ainda era um jovem incauto, em um dos raros momentos de conversa durante um jantar da família Gardner, Noah tinha inventado o *slogan* agora em exibição naquela vitrine: “não dá para ganhar se não se entra no jogo”. Tinha sido a primeira vez que ele merecera uma palmadinha nas costas e palavras de encorajamento do velho: “Isso mesmo, garoto. E não dá para voar se você não bater os braços”.

Nenhum outro produto seria capaz de demonstrar a essência do trabalho deles de maneira tão perfeita como a loteria. Os anúncios e *jingles* publicitários até podiam servir para estimular todos os otários a jogar, mas era graças aos truques e trapaças do pessoal das relações públicas que as pessoas continuavam acreditando no impossível, ano após ano. Um simples cálculo matemático, feito por qualquer aluno da 5ª série, já bastaria para acabar com todo o esquema fraudulento: para se chegar a uma chance de 50% de ganho, o esperançoso apostador teria de comprar 1 milhão de bilhetes. Todo mundo sabe disso, mas mesmo assim todo mundo continua sonhando. As loterias pegam o dinheiro de milhões de pessoas e em troca dão a elas apenas pedaços de papel e decepção; depois — e aqui está o segredo —, os marqueteiros do mundo das relações públicas conseguem ludibriar as pessoas e convencê-las a fazer fila para jogar de novo. Se se consegue enganar as pessoas desse jeito e ainda dormir tranquilo à noite, então é possível que se tenha uma longa e promissora carreira pela frente.

É obvio que cada um daqueles trunfos representava uma derrota para outra pessoa. Essa era simplesmente a natureza do negócio; a bem da verdade, de todos os negócios. O próprio conceito de vitória exige que alguém seja derrotado, e, às vezes, as pessoas perdem tudo. Era assim que as coisas tinham de ser. Muita gente passava a vida inteira tentando distinguir o certo do errado.

Um exemplo: nos tempos de faculdade Noah tinha uma amiga, não muito íntima, mas uma dessas samaritanas excessivamente boazinhas e simpáticas, uma benfeitora esquerdista e defensora da natureza, que depois de formada tinha ido trabalhar para uma organização humanitária na África. De tempos em tempos ela mantinha contato, mas sua última e tristonha carta era digna de ser guardada em um álbum de recortes. No fim das contas, ela acabou descobrindo que, depois de tantos banquetes para arrecadação de dinheiro, shows beneficentes e telefonemas de apelo para bancos, todos os mantimentos, roupas e medicamentos arrecadados e despachados para a África tinham sido desviados e vendidos no mercado negro; ou pelo governo provisório corrupto ou pelas

milícias rebeldes corruptas, ou por ambos. A maior parte dos recursos tinha sido usada para comprar um iate Viking V58 para o filho de um deputado. O restante do dinheiro foi usado para comprar armas e munições. Aquele arsenal, por sua vez, foi usado em uma série de ataques genocidas que tinham como alvo os mesmos homens, mulheres e crianças famintos, cujo sofrimento deveria ser aliviado pela ajuda humanitária.

Ainda bem jovem Noah tinha extraído dessa história uma lição de moral: é impossível consertar tudo, e talvez não seja possível consertar coisa alguma. Tudo é grande demais e já está danificado demais. Então, não sacuda o barco, garoto. Simplesmente agradeça pelas bênçãos recebidas, mantenha a cabeça abaixada e jogue com as boas cartas que você teve a sorte de tirar. Essa conclusão acabara sendo uma bem-vinda justificativa para um rapaz que abrira mão de seus próprios altos ideais e fora levado pela correnteza até se recolher no porto seguro — embora turbulento — da empresa do pai. Era uma resposta confortável, desde que ele não pensasse muito nas perguntas.

E a frase que aquela mulher havia dito hoje: “Tudo o que vocês, relações-públicas, sabem fazer é ganhar a vida mentindo”?

É isso mesmo, meu bem. Ora, senhorita virtuosa e cheia de si, para parafrasear a engenhosa resposta de um proeminente cliente da firma, acho que tudo depende de qual é a definição de mentira, não é mesmo? E, quando você estiver consultando o dicionário na letra M, volte algumas páginas e procure com seu dedinho arrogante a letra G, na expressão ganhar a vida. Todos nós temos de ganhar a vida, e, a menos que eu esteja equivocado, tanto você como eu somos pagos com o mesmo dinheiro sujo. A diferença é que um de nós não está enganando a si mesmo.

Mas agora ele tinha chegado a um recanto que exibia os eventos realmente grandiosos e os verdadeiros donos do poder: figurões do primeiro escalão, fatos políticos e de outros tipos, que a empresa tinha ajudado a inventar.

Ali estavam em exposição diversos presidentes dos EUA, uma sucessão praticamente ininterrupta de governos, inclusive o atual, que iam recuando no tempo até a administração de John Kennedy. Ele se lembrou de ouvir o velho falar dos dois únicos teimosos: Jimmy Carter, altivo e arrogante demais para aceitar esse tipo de ajuda; Nixon, sovina demais. Republicanos ou democratas, pouco importava, para os realistas da política moderna, a ideologia era apenas uma moeda de troca, um meio para atingir um fim.

Noah já estava quase chegando ao fim do corredor quando um pequeno e despretensioso estudo de caso chamou sua atenção. Nele havia pouca ou nenhuma informação de descrição, apenas um vídeo silencioso. Era a filmagem de um depoimento, perante o Congresso, de uma enfermeira voluntária chamada Nayirah al-Sabah. Ela era a menina de 15 anos cuja lacrimosa história de recém-nascidos sendo arrancados das incubadoras por soldados iraquianos havia se tornado um dos mais poderosos *slogans* durante os preparativos da guerra do Golfo de 1991.

Inegavelmente comovente. Altamente eficaz. Inteiramente ficcional.

O cliente daquele vídeo fora uma organização chamada Cidadãos para um Kuwait Livre, que mal disfarçava sua posição favorável à invasão do Iraque. A menina não era enfermeira coisa nenhuma, mas sim a fotogênica filha do embaixador do Kuwait nos Estados Unidos. O depoimento tinha sido escrito, produzido e dirigido por Arthur Isaiah Gardner, o distinto cavalheiro que aparece sentado atrás dela.

Por causa de uma leve dor de cabeça, a têmpora de Noah começou a latejar, e ele lembrou-se abruptamente de onde pretendia ir: o quadro de avisos na sala de descanso e convívio dos funcionários. Ele tinha de anotar o endereço da reunião daquele bando de patriotas fanáticos malucos, e depois queria terminar sua conversa com uma mulher linda mas ingênua, a quem talvez ele precisasse ensinar uma ou duas coisinhas.

capítulo 6

-Ah, dá um tempo, cara, o que você tá fazendo na Park Avenue?

Ao longo dos anos Noah tinha confirmado muitas vezes que de fato existe uma coisa chamada noite ruim. Quando essas noites malfadadas chegam, não há o que fazer para evitá-las. O azar desaba sobre nós, nos atinge em cheio feito um trem de carga, e, quando você avista o clarão dos faróis da desenfreada locomotiva se aproximando, já é tarde demais para impedir o desastre. O máximo que você pode fazer é ficar em paz com o destino e tentar sobreviver à maldição até o novo dia amanhecer.

Se é que há um lado bom em tudo isso, as noites ruins que não matam o indivíduo, às vezes o deixam um pouco mais esperto. Por exemplo, Noah tinha aprendido que, quando uma situação começa a degringolar ladeira abaixo, isso quase sempre se deve a erros de julgamento evitáveis, sempre envolvendo coisas que deveriam ter sido previstas, o que geralmente não ocorre. Esses erros, em geral, sucedem-se em cadeia. Um piloto de avião confirmaria o fato, por exemplo, em relação à queda de uma aeronave, já que tal queda raramente é resultado de um único erro. Tudo começa com um equívoco ínfimo e inocente, que leva a outra decisão ruim que, por conseguinte, a outro erro. Quando se vê, está-se no fundo de uma cratera fumegante, perguntando-se que diabos aconteceu.

Tomemos como exemplo esta noite: o primeiro erro de Noah foi optar por fazer sinal para um táxi em vez de esperar alguns minutos pela limusine da frota da empresa. Depois, assim que o carro se pôs em movimento, ele afundou a cabeça e mergulhou em seu *smartphone*. Minutos depois, quando ergueu os olhos, viu que a rua havia se transformado em um mar de luzes de freio cintilando. Por causa do pesado tráfego pré-fim de semana, até onde a vista alcançava só dava para ver uma infinidade de carros, um encostado no para-choque do outro. Esse foi seu segundo erro.

Enquanto os limpadores de para-brisa estapeavam o vidro em um ritmo fora

de sincronia com a batida de alguma música atonal do Oriente Médio que tocava em alto volume no rádio, o homem ao volante começou a desferir um vigoroso jorro de palavrões e insultos em sua língua nativa. Ele parecia estar pondo toda a culpa pela pane do trânsito em seu aparelho de GPS, na central de táxis, na chuva, no carro da frente, e em especial na miniatura de São Cristóvão grudada no painel, uma estatuazinha de marfim amarelada.

— Olha só, esquece, segue para oeste. — Noah deu um piparote no vidro embaçado e encarou os olhos do taxista pelo retrovisor. — Oeste —, ele apontou, supondo a existência de uma grave barreira linguística, e começou a falar com clareza exagerada. — Tire a gente da Park Avenue, atravesse a cidade pelo West Side, depois siga pelo sul até a Rua Chambers.

Para evitar qualquer tipo de protesto, Noah tirou de seu maço de dinheiro uma nota de 20 dólares e passou-a pela abertura da divisória blindada.

— Já estou atrasado. Vamos embora agora, está bom? Pé na tábua!

Essas três últimas palavras foram seu terceiro erro.

O taxista engatou a ré, esterçou o volante até o fim, e então o motor roncou. Instintivamente Noah se virou para olhar para trás, e por isso foi a lateral da sua cabeça e não o rosto que bateu com toda a força na divisória de vidro quando o carro deu um solavanco para trás. Milagrosamente o Lexus conseguiu sair ileso do aperto em que estava metido, talvez com apenas um milímetro de folga.

Eles estavam a quase um quarteirão de distância do cruzamento, presos em um engarrafamento do qual não havia absolutamente nenhuma maneira de sair, mas isso não era empecilho para um homem de imaginação automotiva. Qualquer que tenha sido a escola de formação de condutores que aquele taxista tenha frequentado, aparentemente a única regra que ele tinha aprendido era: vale tudo, desde que se mantenha pelo menos duas rodas no asfalto.

Noah se segurou no teto e na porta do carro quando o táxi subiu no meio-fio e avançou em uma inclinação de 20°, meio na rua, meio na calçada, costurando entre um carrinho de cachorro-quente, uma barraquinha de amendoins e a fila de incrédulos motoristas à esquerda. O retrovisor direito arrancou uma lasca do ponto de ônibus quando o taxista engatou a quinta marcha, e o carro entrou em zigue-zague, feito um rabo de peixe, na Rua 23 Leste.

E foi então que ele pisou no freio e parou bruscamente.

Um soldado usando uniforme de camuflagem do deserto e capa de chuva estava em pé bem em frente ao carro, com o braço esquerdo estendido e a mão espalmada em uma inequívoca ordem de parar. No outro braço estava aninhado um rifle de assalto, que, embora não estivesse exatamente apontado para o táxi e seu inocente passageiro, também não estava exatamente apontado para nenhum outro lugar. Outros homens uniformizados surgiram por trás do primeiro e, por meio de gestos silenciosos, foram instruídos a se posicionar dos dois lados do veículo.

Imediatamente ficou óbvio que o taxista já tinha visto uma *blitz* antes e já havia passado por postos de controle em sua terra natal. Sem hesitar, ele desligou o carro e ergueu os braços, deixando as mãos onde os homens armados do lado de fora pudessem vê-las. Já Noah não tinha experiência anterior que pudesse ajudá-lo nessa hora. Tudo o que ele sentiu era que o sanduíche de *pastrami* quente que ele tinha saboreado no almoço, de repente, estava ameaçando escapar pela saída mais próxima.

Duas violentas pancadas na janela, e pelo vidro ele ouviu uma única palavra, dita com voz ríspida.

— Fora!

Noah deixou o guarda-chuva sobre o banco, respirou fundo e desceu do carro.

Embora o soldado que ele agora encarava parecesse ter no máximo 19 anos, sua conduta era bem mais madura. Nos olhos dele havia uma expressão de comando, graças à qual o rifle e a baioneta eram completamente redundantes. Não era apenas a calma de aço, era sua prontidão, uma certeza sólida e inquebrantável de que, acontecesse o que acontecesse naquele encontro, de um diálogo perfeitamente cortês a um tiroteio sangrento, ele e seus homens ainda estariam em pé depois que toda a fumaça se dissipasse.

— Senhor, preciso ver algum documento de identificação.

As palavras em si eram gentis, mas pronunciadas com uma eficiência que deixava bem claro que a questão não era passível de debate.

— Claro.

Apesar de seu sincero desejo de cooperar por alguns tensos segundos, a carteira de habilitação de Noah se recusou a sair do compartimento transparente.

Outro homem uniformizado tinha se aproximado, e, depois de observar durante alguns instantes o esforço, deu um passo à frente e segurou aberta uma sacola plástica, com um impaciente meneio de cabeça. Noah jogou sua carteira dentro do saco e depois esvaziou também todos os outros bolsos. A sacola teve o zíper fechado e foi entregue a outro soldado, que correu até um furgão sem identificação estacionado mais adiante.

A chuva, que até então vinha caindo leve e esporádica, começou a desabar sem trégua — era como se o aguaceiro estivesse obedecendo a uma deixa, já que agora Noah estava do lado de fora do carro, sem a proteção de um guarda-chuva.

O jovem soldado parado diante de Noah parecia não ter notado a nítida piora do tempo. Ele estava encarando o rosto de Noah. Não era um olhar fixo de machão, tentando intimidar um rival, nada do tipo. Não havia sequer um contato mano a mano propriamente dito. O soldado simplesmente mantinha sua atenção impassível e estoica no lugar que tinha sido treinado a examinar, os olhos, onde as intenções tendem a se mostrar primeiro.

Ouviu-se o ruído surdo e prolongado de um trovão por sobre os sons da cidade. Nada muito próximo, apenas um remoto estrondo de tímpanos ao longe. Noah ajeitou o casaco, uma das mãos agarrando a gola.

— E esta chuva, hein? — ele disse, pateticamente, como se puxar uma conversa fiada fosse a maneira perfeita de lidar com aquela situação.

Não houve resposta. O soldado não moveu um músculo sequer.

Ele ouviu um baque atrás de si, à esquerda. Quando se virou para olhar naquela direção, viu o taxista sendo subjugado com as mãos presas às costas, curvado sobre o capô do carro. Com o rosto prensado sobre a lataria, ele começou a berrar algum tipo de apelo repetidas vezes, ao passo que um segundo e terceiro soldados revistavam seus bolsos, e dois outros vasculhavam o porta-malas e o interior do veículo.

Noah ouviu uma sirene distante, em algum lugar rumo ao sul, em seguida mais sirenes, e, pouco depois, algumas quadras acima, uma barulhenta procissão de carros da polícia passou a toda velocidade pelo cruzamento rumo à parte alta da cidade, seguida por uma sucessão de enormes utilitários esportivos, todos pretos, último modelo, idênticos.

É claro, ali estava a explicação — os dois candidatos à Presidência estavam na cidade para um fim de semana de intensa campanha na reta final para as

eleições de novembro. Isso significava que centenas de políticos, figurões, mandachuvas e todo tipo de puxa-saco e parasitas, de ambos os partidos, também estavam lá. Além disso, ele pareceu ter se lembrado de que uma reunião de emergência do G-20 tinha sido convocada e estava sendo realizada no centro da cidade, com o objetivo de discutir diversas calamidades que vinham assolando o setor financeiro. Por causa da confluência desse exército de *bon-vivants*, a segurança havia sido bastante reforçada; todos os policiais e evidentemente alguma divisão das Forças Armadas deviam estar nas ruas, esquadrinhando a cidade à procura de eventuais problemas.

Os tempos tinham mesmo mudado, aparentemente da noite para o dia, embora Noah jamais tivesse visto algo tão intenso como aquilo. Com ou sem Quarta Emenda[a], em decorrência de todos os temores acerca do terrorismo em anos recentes, a definição de causa provável podia ficar muito vaga. As pessoas estavam se acostumando a isso agora; mesmo um cidadão cumpridor da lei podia facilmente ser parado e revistado por ter tirado uma foto de celular da ponte do Brooklyn ou do edifício Empire State. Sem falar em outra razão: estar sentado no banco do passageiro de um táxi em alta velocidade que tinha acabado de subir na calçada para desviar de um bloqueio.

Com a mão livre, o soldado à direita de Noah tocou o capacete e semicerrou os olhos, como se estivesse fazendo força para ouvir uma precária comunicação via rádio, depois ergueu a cabeça e fez sinal para que Noah o acompanhasse até a *van* para onde a sacola com seus pertences tinha sido levada.

O veículo era do tamanho e do formato de um furgão de empresa de entregas, mas, em vez de ser marrom-escuro era preto fosco, com janelas. Visto de relance o logotipo na lateral parecia de algum órgão oficial, embora de imediato não lembrasse nenhuma agência governamental.

Dentro da *van* estava quente e seco, e seu interior era mal-iluminado por uma única lâmpada de mesa e por telas de computador espalhadas em torno de uma bancada central. O homem que escoltou Noah saiu, a porta deslizante lateral se fechou com um estrondo e Noah se viu sozinho diante de uma mulher sentada atrás de uma escrivaninha de metal.

— Sente-se, Sr. Gardner.

Era uma mulher parruda, de 40 e poucos anos e expressão severa. Seus cabelos prematuramente grisalhos tinham um corte que se assemelhava a um abajur de motel. Algumas pessoas parecem já ter nascido em uma espécie de

insípida meia-idade, e jamais souberam o que é ser mais jovem. Aquela mulher sentada ali era um exemplo perfeito disso. Sem adornos, usava um terninho escuro e de estilo ultraconservador; embora não fosse um uniforme, havia nas maneiras dela algo que sugeria resquícios de disciplina militar.

— Preciso apenas fazer algumas perguntas, e depois estou certa de que o senhor será liberado para seguir seu caminho.

Noah sentou-se na cadeira de espaldar reto.

— Olha só, eu entendo o bloqueio de trânsito —, argumentou ele.

— Só um segundo.

Ela clicou no botão esquerdo do mouse e instantes depois a foto de Noah apareceu inserida em um formulário eletrônico em um dos monitores. Ainda havia algumas linhas em branco, mas a maior parte das informações já tinha sido preenchida.

— Ei, espere aí um minuto — ele disse.

— Apenas algumas perguntas, tudo bem? É somente rotina, e é necessário.

Ele piscou e se recostou na cadeira.

— A senhora poderia me mostrar alguma identificação?

— Claro.

Ela sacou uma carteira de couro, abriu-a e segurou-a sob a luz da luminária para que ele pudesse vê-la. Não havia distintivo algum, mas o mesmo brasão dourado desenhado na lateral da *van* estava impresso em seu cartão, juntamente com seu nome e a descrição de seu cargo, Investigadora de Campo Sênior e, então, ele se lembrou de onde já tinha visto aquele logotipo.

Muitos meses antes a Doyle & Merchant tinha entrado na concorrência para atuar como relações públicas de uma empresa internacional interessada em uma completa transformação de sua imagem, em razão de graves acusações que haviam pipocado nos noticiários, uma lista cada vez maior que ia das usuais alegações de lucros com guerra, corrupção e suborno até coisas mais graves, como estupros e assassinatos em série. Noah e sua equipe de criação não tinham ganhado a conta, mas desde então ele passara a acompanhar na internet os desdobramentos das histórias parecidas.

Aquela mulher, aquele corte de cabelo e aquela *van* pertenciam a Talion, a

mais bem relacionada firma de consultoria militar privada no arsenal doméstico e internacional do governo dos EUA.

— Olha só, eu sei quem está na cidade hoje, e sei que toda a área está em alerta vermelho ou coisa que o valha, mas eu era o mero passageiro de um táxi com um motorista superzeloso, é só isso. Não sei o que mais posso dizer.

— O senhor conhece o homem que estava dirigindo?

— Não.

— Não mesmo?

— Não sei nada sobre ele. Há 2 mil táxis nesta cidade. Fiz sinal para um e ele parou.

A mulher ia tomando notas em um teclado sob a escrivaninha, com os olhos fixos em um dos monitores.

— E de onde o senhor estava vindo?

— Do trabalho.

— E para onde o senhor estava indo?

Os batimentos cardíacos dele estavam acelerados; é a adrenalina que faz isso, gostemos ou não. Antes ele estava com medo, mas agora estava ficando irritado. Ele não respondeu de imediato; esperou até que ela percebesse o intervalo de silêncio e olhasse para ele. Só depois ele falou:

— Preciso ligar para um advogado?

— Não vejo motivo para o senhor querer fazer isso.

— Estou sob custódia?

— Bem...

— Estou sob custódia?

— Não.

— Então estou livre para ir embora.

— Não sei ao certo se entendo sua relutância em falar conosco.

— Obrigado por tudo. — Noah agradeceu e se levantou. — Boa noite.

— É para este endereço que o senhor está indo hoje?

Ela mostrou o cartaz que ele tinha arrancado do quadro de avisos, dobrado e enfiado no bolso.

Sua memória evocou o sábio conselho ouvido em alguma aula do seu primeiro e malfadado semestre no curso de direito da Universidade de Nova York: A primeira coisa que você diz a seus clientes quando eles ligam da custódia, sejam inocentes, sejam culpados, é: “Não diga uma palavra: jamais, em momento algum, converse com os policiais”. Mas para que o bom conselho funcione você tem de aceitá-lo. Além disso, aquela mulher rígida feito um cadáver não era policial.

— Vou apenas dar uma passada lá para encontrar uma pessoa e depois vamos para outro lugar.

— O que sabe sobre este grupo, Sr. Gardner?

— Absolutamente nada. Como eu disse.

— Eles têm ligações com a Irmandade Ariana — ela falou, agora manuseando uma pasta sobre a escrivaninha — e com a Milícia da Estrela Solitária, o Comitê Nacional de Trabalho, a Coalização pela Lei Comum, a Frente de Libertação da Terra...

— Espere aí um minuto — Noah a interrompeu —, o Comitê Nacional de Trabalho é uma pequena organização sem fins lucrativos que investiga e expõe o trabalho escravo e combate o trabalho infantil. Quer um conselho, minha senhora? É melhor atualizar as informações da sua lista de vigilância, se não quiser que as pessoas entrem aqui na sua bela *van* e dê risadas na sua cara. Como eu disse antes, não sei nada sobre esse grupo, não tenho ideia do que eles fazem ou com quem têm ligações. Vou apenas encontrar uma pessoa lá e depois vamos para algum outro lugar. Pode acreditar, eu não gostaria de ter amigos na Irmandade Ariana. — Ele apontou para a tela do computador. Mas provavelmente a esta altura vocês já verificaram meus antecedentes, e já sabem disso.

— Sabemos quem o senhor é.

— Com isso acho que a senhora quer dizer que sabem quem é o meu pai.

— Isso mesmo.

— Muito bem. Então, a menos que a senhora tenha alguma outra coisa a me dizer, vou ter de ir embora agora.

Ela assentiu com a cabeça, depois fez um gesto apontando para a sacola em que estavam os pertences de Noah. Ele pegou a sacola de cima da escrivaninha, arrancou o folheto da mão da mulher e saiu sem dizer uma só palavra.

Quando Noah ganhou a rua, viu que a chuva já tinha amainado e mais uma vez se transformara em uma brisa gelada. Enquanto caminhava, ele foi recolocando no bolso suas coisas. Quando chegou à metade do quarteirão ouviu que alguém o chamava. Virou o rosto e viu que era o taxista, que a esta altura estava sendo arrastado para a *van* por dois soldados pelo menos duas vezes maiores que ele.

Os olhares de Noah e do taxista se entrecruzaram. Era difícil entender o que ele estava berrando agora, provavelmente palavras que ele devia ter aprendido de algum livro de frases e treinado para quando precisasse usá-las em alguma noite ruim.

Ajude-me, meu amigo.

Era isso que ele estava dizendo e repetindo inúmeras vezes, com pequenas variações, como se a repetição fosse capaz de fazer Noah entender que aquele homem estava em sérios apuros e precisava apenas que alguém aparecesse para atestar seu bom caráter, de modo que assim ele pudesse sair daquela confusão e voltar para sua casa e sua família.

Mas o que Noah poderia fazer? Não dá para se envolver em todas as situações infelizes do mundo. Não era papel dele interceder. Até onde ele sabia, aquele cara era o líder de uma célula terrorista. Além disso, já estava atrasado para o encontro com uma certa jovem que precisava de uma tremenda dose de realidade.

Noah girou o corpo e continuou caminhando, e deixou que o destino daquele homem fosse desvanecendo até desaparecer de vez atrás de si. Fazer isso não foi tão difícil quanto poderia ter sido.

---

a Contra o abuso de poder, a Quarta Emenda da Constituição dos EUA protege os indivíduos de “buscas e apreensões irracionais” por parte do governo, e exige mandados judicialmente autorizados e apoiados por causa provável. (N. do T.)

capítulo 7

Durante sua caminhada rumo ao centro da cidade diversos táxis vazios passaram por Noah, mas ele não tivera coragem de erguer o braço e fazer sinal chamando outro. O engarrafamento monstro ainda era um pesadelo que tomava conta da cidade inteira, e, apesar da chuvinha esporádica, ir caminhando pareceu uma ideia melhor do que se arriscar a fazer outra desafortunada corrida de táxi. Em todo caso, mantendo a ininterrupta sequência de decisões ruins da noite, ele decidiu ir mesmo a pé.

Nesta ilha, contanto que se caminhe de olhos abaixados e escudos erguidos, a passo acelerado e constante, é possível ir a qualquer lugar em um tempo razoável. O segredo é o foco. Não que os nova-iorquinos fiquem rudes quando se põem a caminhar. Eles simplesmente querem chegar ao lugar aonde estão indo. Com 70 mil pessoas por quilômetro quadrado caminhando no sentido contrário, a única maneira de tentar, chegar no horário marcado é evitar o contato fortuito com desconhecidos aleatórios. Embora, por mais que se tente, nem sempre dá para evitar o contato.

Quanto ao olhar no rosto daquele taxista, a ficha só caiu de verdade depois que Noah virou de vez as costas para o sujeito, e, nesse momento, pareceu que era tarde demais para voltar. Agora já tinha escurecido bastante e ele estava bem longe daquele lugar, portanto era mais do que hora da imagem daquele rosto esperançoso e desesperançado ter ficado indistinta e difícil de lembrar; em vez disso, em sua memória a cena ainda era nítida e cristalina.

Ajude-me, meu amigo.

Noah respirou fundo e tentou descartar a lembrança. Em primeiro lugar, meu camarada, não sou seu amigo. Em segundo lugar, não era minha responsabilidade. Em terceiro lugar, não preciso de terceiro. Não dá para querer pôr todo mundo debaixo das suas asas. Se eu começar a proteger e salvar todo mundo, onde isso vai parar?

Esse tipo de autoabsolvição pouco sincera tinha funcionado muito bem no passado, mas agora deixou nele uma sensação de vazio, e, pior ainda, de culpa. Em seguida, enquanto se obrigava a mudar mentalmente de assunto, ele descobriu que havia nos recantos de seus pensamentos coisas mais sombrias e incômodas.

O que realmente tinha acontecido naquela reunião no escritório? E o que poderia estar acontecendo lá agora?

O pai de Noah construíra um império no ramo das relações públicas e assessoria de imagem com base única e exclusivamente em sua reputação de inveterado agitador, um franco-atirador implacável para defender qualquer causa desde que fosse muito bem pago. Ele ia a qualquer lugar onde houvesse uma fortuna a ser ganha, e essas oportunidades estavam em todo lugar, em épocas boas e ruins, de vacas gordas e magras, desde que a pessoa soubesse manter certa flexibilidade moral na hora de escolher a lista de clientes.

Sondar o cenário, identificar os jogadores, escolher um lado, elaborar um plano de batalha e executá-lo. Esse é o jogo, e o bom e velho Arthur Gardner sempre tinha jogado para vencer. Marqueteiro de marca maior, ele sabia como mexer os pauzinhos para suscitar, do nada, um conflito armado de vida ou morte, e depois faturava alto, vendendo armas de ilusão em massa para um dos lados, ou, o que era mais provável, para os dois.

E já fazia muito tempo que isso tinha ido além da mera disputa Coca-Cola *versus* Pepsi. Democratas pseudoliberais *versus* falsos republicanos conservadores, sindicatos *versus* patrões, ambientalistas de coração puro *versus* corporações diabólicas, petróleo *versus* carvão, ricos *versus* pobres, fabricação de esquemas de problema reação-solução para virar o resultado de eleições, manipulação de mercados, estratagemas para assegurar o domínio da superclasse — em âmbito doméstico e internacional —, essas eram as questões de âmbito mundial que ele explorava, verdadeiras ou fabricadas; do resfriamento global da década de 1970 ao aquecimento global do dias de hoje. A discussão certo *versus* errado não era importante para o resultado final, portanto não importava para ele. Guerra, paz e política sempre tinham feito parte do negócio, porque era aí que estava o dinheiro grosso.

Mas a principal motivação não era apenas o dinheiro. A bem da verdade, o dinheiro já não contava mais. Arthur Gardner podia torrar 30 milhões de dólares por semana ao longo dos próximos vinte anos, e mesmo assim não chegaria nem

perto de esvaziar as contas que mantinha em paraísos fiscais. Com o passar dos anos, seus objetivos e conquistas foram ficando cada vez mais ambiciosos, até o ponto em que o aspecto financeiro ficou de lado. Hoje, apenas o poder era capaz de fascinar um homem como ele.

Distraído, Noah acabou indo parar perto demais do meio--fio, erro que um pedestre experiente jamais deve cometer em um dia de chuva. Imediatamente um ônibus circular passou em uma poça do tamanho de um lago, e um jato de oleosa água de esgoto levantou voo e deixou Noah encharcado na altura da cintura. Assim que o ônibus seguiu viagem, ele viu o rosto de um punhado de crianças encostadas no vidro traseiro, apontando, aplaudindo e dando gritos de alegria, absolutamente encantadas por ter participado daquele banho involuntário.

Perfeito.

Noah parou debaixo de um toldo e fez um balanço de sua situação. Agora tinha chegado ao auge: da cabeça aos pés, não havia um único centímetro que não estivesse ensopado até os ossos. Ele conferiu as placas da rua para verificar quanto tinha avançado — faltavam apenas mais alguns quarteirões.

Enquanto caminhava, Noah voltou a se lembrar da reunião com os representantes do governo no escritório. Talvez ele estivesse pensando demais. Ao longo dos anos já tinha visto o pai fazendo discursos igualmente acalorados, convocando muitas vezes seus subordinados à ação, apregoando de tudo, de uma campanha eleitoral de um candidato azarão ao Congresso a uma nova marca de detergente. Fosse uma revolucionária nova opção em adoçantes artificiais, fosse a suposta transformação fundamental dos Estados Unidos da América, era sempre a mesma ladainha carnavalesca e o mesmo discurso apaixonado, que os clientes adoravam ouvir e que o velho adorava fazer.

Essa explicação apaziguou sua mente, pelo menos naquele momento. Além disso, como era mesmo aquele velho ditado? “Não faça a pergunta se você não souber a resposta.” Noah certamente não queria saber a resposta. Era bem mais fácil obedecer às ordens e descontar os cheques quando, sinceramente, não se faz ideia das consequências de tais ordens.

De acordo com o folheto, o local da festinha dos representantes dos ideais norte-americanos marcada para aquela noite era o Stars’n Stripes Saloon (Bar Estrelas e Listras), uma charmosa e rústica espelunca na região de Tribeca. Acompanhando clientes, Noah já tinha percorrido algumas vezes o circuito dos *pubs* da região. O Star‘n Stripes era conhecido como uma espécie de prazer

proibido, um pedacinho de simplicidade interiorana no centro da cidade grande, com decoração cafona, garçonetes lindas e simpáticas, *rock* sulista tocando em alto e bom som no *jukebox* e barris de cerveja nacional barata.

No último quarteirão que faltava para chegar ao bar Noah ainda alimentava a esperança de que naquele evento, fosse lá o que fosse, haveria pouca gente e o ambiente seria suficientemente tranquilo, dando-lhe a oportunidade de encostar a senhorita Ross na parede e levar com ela um bom papo. As chances de haver poucos gatos-pingados na reunião pareciam boas. Afinal de contas, quantos malucos de extrema direita viveriam naquela cidade tão culta, e quantos deles estariam dispostos a sair sorrateiramente de seus refúgios e esconderijos subterrâneos em uma fria e gelada noite de sexta-feira?

Quando dobrou a última esquina, Noah descobriu que a deprimente resposta para essa pergunta já havia sido dada: absolutamente todos “os malucos” resolveram sair de seus refúgios.

capítulo 8

Da esquina da Hudson com a West Broadway, Noah avistou uma multidão esparramada na calçada. O lugar estava abarrotado de parede a parede; a luz que se despejava do interior do bar era diminuída pelo volume de gente em pé enfileirada lá dentro por todos os lados e junto das janelas.

Simplesmente continue andando — em sua mente brotou este sábio conselho, fruto de seu lado racional —, apague da sua memória esta noite desgraçada e volte para casa, para aquela sua bela banheira de hidromassagem quentinha. Um homem mais sensato talvez tivesse dado ouvidos a esse conselho e apostado todas as fichas na ideia de dar no pé, mas ele foi teimoso e sentiu que estava atrelado a um compromisso, o que sobrepujou qualquer pensamento relacionado à decisão de ir embora. Parar agora seria o mesmo que admitir que aquela penosa viagem tinha sido em vão.

Usando a vitrine escura de uma loja como espelho, Noah conferiu seu visual, enterrou a mão nos cabelos até ficarem mais ou menos apresentáveis, desamarrotou as roupas sujas e molhadas e atravessou a rua para se acotovelar em meio ao desordenado mar de caipiras ultraconservadores.

A música ao vivo que tocava dentro do bar se infiltrava através do burburinho da multidão. Havia tanta gente que era impossível andar em linha reta. A diversidade daquele mundaréu de gente era outra coisa surpreendente: parecia não haver nenhum tipo de exclusão claramente definida com base em critérios de raça, classe social ou alguma outra divisão cultural alimentada pela mídia. Era uma miscelânea total e completa, uma mistura de tudo — gente vestindo ternos de três peças ao lado de pessoas de camiseta e calça de moletom, *yuppies* batendo papo com hippies, negros e brancos, jovens e velhos, um chapéu de caubói aqui, um corte de cabelo de 600 dólares acolá — todo mundo conversando junto, concordando ou discordando com o mesmo vigor. Na imprensa esse tipo de reunião era geralmente retratada como reduto exclusivo de velhos brancos, homens de recursos financeiros limitados e inteligência mais

limitada ainda.

Aos trancos e barrancos, depois de muitos empurrões e solavancos, Noah conseguiu passar porta adentro e viu de onde vinha a música: um guitarrista solitário estava tocando sobre um palco improvisado. Sua aparência não combinava com o poder de sua voz — na rua ninguém daria muita atenção àquele sujeito, mais um magricela espinhento com barba rala de três dias — mas ele dominava o palco como um verdadeiro astro do *rock*. Ele estava no meio de uma tradicional canção folclórica dos anos 1.960, cantando e tocando com uma intensidade tranquila que permitia a cada nota e a cada verso dizerem exatamente o que o compositor queria que dissessem.

Na virada do refrão, o cantor apontou para a plateia, levou os lábios à gaita presa ao suporte em volta do pescoço e tocou com tanta energia, ao mesmo tempo entusiástica e melancólica, que a multidão ergueu a voz e foi cantando junto.

Se a coisa desse certo, a música e o clima que ele estava criando seriam uma bela jogada de relações públicas. Se os inimigos daquelas pessoas estavam tentando pintá-las como um bando de branquelas que só queriam saber de assistir a corridas de carro na televisão, comprar armas, dirigir picapes enormes e agir como reacionários de tendências racistas e violentas, que manobra poderia ser melhor do que invocar sutilmente o espírito pacifista de Martin Luther King e Mahatma Gandhi? No mínimo, isso faria seus críticos esquerdistas subirem pelas paredes de tão irritados.

Noah se esquivou de uma bandeja repleta de cerveja Budweiser; ao dar um passo atrás para permitir a passagem da garçonete, levou um empurrão. Quando se virou a fim de ver com quem havia colidido, ali estava ela, Molly Ross, em pé diante dele.

A primeira coisa que ele notou foi que ela tinha mudado o visual. Agora estava usando jeans mais estilosos e um confortável e quente suéter de outono; as unhas estavam recém-pintadas e, nos cabelos havia uma flor violeta, em vez dos lápis. Porém, não eram apenas as roupas que tinham mudado. A diferença era sutil, mas perceptível, e provavelmente se resumia a uma única coisa: ela se importava com aquelas pessoas, em contraste com o óbvio desdém que demonstrava em relação às pessoas do escritório. Era isso: ela parecia estar no lugar certo, e o efeito disso saltava aos olhos.

— Ora, ora — disse ela, deixando-o entrever um leve esboço de sorriso. —

Olha só quem apareceu. — Pela primeira vez ele percebeu uma leve cadência sulista nas palavras dela.

— Sim, eu vim. Eu disse que viria.

Ela mexeu na lapela do casaco dele, fez tsc tsc e balançou negativamente a cabeça.

— O que aconteceu com você? Parece que foi para a guerra. Veio a pé na chuva?

— Nem me pergunte.

— Fique paradinho aí — com um suspiro de desaprovação ela o ajudou a tirar o sobretudo, que dobrou e colocou debaixo do braço. — Vamos, estou em uma mesa ao lado do *jukebox*. Vou dar uma olhada por aí, alguém deve ter uma camisa sobrando que você possa usar.

— Não, não precisa se dar ao trabalho...

Mas ela já tinha se virado, oferecendo-lhe a mão para que ele não se perdesse. Ele segurou a mão dela e a seguiu enquanto ela ia abrindo caminho em meio ao empurra-empurra da multidão.

Logo chegaram a uma mesinha redonda para dois, junto ao palco, com bancos altos dos dois lados. Em um bar mais sofisticado, lugares assim em geral são reservados para os *vips*.

— Já volto — ela avisou, e desapareceu no meio da barulhenta aglomeração.

Depois de apresentar mais um clássico do *rock* norte-americano, o cantor pôs um ponto final à sua apresentação; a plateia respondeu aplaudindo com entusiasmo, urrando, assoviando e batendo os pés no chão. Assim que a ovação perdeu a força, uma garçonete de passagem perguntou a Noah o que ele queria.

— Por alguma razão — ele disse —, me deu uma vontade repentina de tomar uma Samuel Adams[a].

Ela anotou o pedido em seu bloquinho, mas pareceu completamente alheia àquele comentário sarcástico e nem tão sutil sobre o bar.

Molly voltou trazendo dois copos de café e três camisas secas, acompanhada por um homem enorme e barbudo, usando macacão e boné. Aparentemente as roupas faziam parte da bagagem de algum forasteiro que

devia ter vindo para a reunião e estava no bar. Não ficou claro onde ela havia encontrado o grandalhão, mas ele parecia ter saído direto de uma carroça de feno.

O grandalhão moveu o queixo na direção de Noah.

— Quem é? Seu namorado?

— Não é meu namorado — ela respondeu, em um tom de voz que enfatizava que a ideia era absurda. — Este é Noah Gardner, do meu trabalho. Noah, este é meu amigo Hollis.

O grandalhão estendeu sua musculosa mão direita — do tamanho de uma luva de beisebol — na direção de Noah, que fez o mesmo.

— Bom te conhecer, Hollis — ele disse, com um aperto suficientemente forte apenas para transmitir sinceridade, sem propor um desafio de queda de braço, como muitos homens adoram fazer quando são apresentados a outro homem.

— O prazer é todo meu — respondeu o grandalhão, que obviamente aprendera boas maneiras desde menino; a julgar por seu comportamento, trocar um aperto de mãos com um completo desconhecido era um evento a ser tratado com grande respeito. Em contraste com seu tamanho, a voz era inesperadamente fina e aguda. O efeito geral era mais ou menos como ser apresentado ao ursinho Puff, isso se o ursinho Puff fosse um ursão careca, depilado e falante de 2,10 metros de altura.

Molly tinha trazido três opções de camisas masculinas, incluindo um blusão de moletom da Universidade Kent State, uma blusa com capuz, bolsos rasgados e buracos de traças, e uma camiseta de duas cores, onde na frente se lia “supostamente ignorante”. Noah escolheu a camiseta.

— Obrigado — agradeceu Noah, olhando ao redor. — Onde posso ir me trocar?

— Pelo amor de Deus, é só uma camiseta. Você pode trocar aqui mesmo, se quiser. — Ela inclinou o corpo para a frente, pousou os cotovelos sobre a mesa e o queixo sobre a palma das mãos; em seu rosto havia uma fascinante expressão de inocência, que não era pura feito a neve. — Duvido que você tenha alguma coisa aí por baixo que eu e o Hollis já não tenhamos visto.

— Ahá! Então você admite que eu sou um ser humano.

Ela pareceu estudar profundamente o rosto de Noah, como se em algum lugar do olhar dele pudesse estar escondida a peça capaz de solucionar o teimoso espaço em branco de um quebra--cabeça. Isso deve ter durado apenas um ou dois segundos, mas pareceu mais tempo do que qualquer outro momento de que ele conseguia se lembrar.

— Veremos — ela disse.

---

a A marca de cerveja leva o nome do político norte-americano Samuel Adams (1722–1803), um dos mitos fundadores do país, governador de Massachusetts e primo de John Adams (1735–1826), o segundo presidente dos EUA. (N. do T.)

capítulo 9

Talvez por causa de seu bronzeado branco-pálido-escritório, Noah tenha preferido trocar de roupa em um ambiente mais reservado, embora o banheiro estivesse quase tão lotado quanto o bar. Pairava no ar um cheiro de maconha. Ele já tinha visto alguns maconheiros barra-pesada no meio da multidão. Talvez eles estivessem ali para vincular a única causa que defendiam às ambições mais amplas do grupo.

Ele tirou a camisa molhada e vestiu a camiseta emprestada.

Com a calça molhada não havia o que fazer, mas em todo caso já estava começando a secar. Sem a camisa e sem gravata, pelo menos agora ele podia se misturar um pouco melhor àquela multidão de brutamontes ignorantes.

Quando voltou para o bar, viu que o grandalhão tinha sumido, mas agora havia outro cara conversando com Molly na mesinha colada ao palco.

Noah parou junto a uma pilastra, em um ponto em que ficava oculto, fora da linha de visão dos dois. Ele não tivera a intenção consciente de ficar ali parado, observando Molly e o sujeito a distância. Não mesmo. Isso teria sido indelicado, para não dizer um pouco assustador, caso um deles tivesse olhado de relance e percebido. Mas, à medida que sua breve pausa foi se estendendo para um minuto ou mais, a pequena preocupação que naquele momento ocupava sua mente — o que Molly podia pensar dele caso o visse espionando — foi sendo deixada de lado e dando lugar a uma inquietação diferente.

Os dois estavam sentados juntinhos, de mãos dadas, conversando aos sussurros, olhos fixos um no outro, um concluindo os pensamentos do outro, ambos rindo, despreocupados. Havia entre eles uma intimidade descontraída, sem nenhuma sombra de fingimento, o tipo de proximidade que muito raramente se vê entre irmãos, só às vezes entre velhos amigos, mas que é muito comum entre duas pessoas apaixonadas.

— Essa Molly é uma garota legal, não é?

Noah teve um sobressalto ao ouvir aquela voz ao pé do ouvido. Ele se virou e viu que o descomunal amigo de Molly estava parado ao lado dele, também olhando para a mesa ao longe.

— Eu estava apenas... Garota legal. Inteligente, também. Rápida feito uma chicotada.

Agora que ele tinha pronunciado mais algumas palavras, Noah percebeu em alto e bom som seu sotaque regional. Aquele cara não era apenas originário dos Apalaches; ele tinha a aparência e a voz de quem podia muito bem ter engolido uma das montanhas Blue Ridge.

— Sei lá — comentou Noah —, acabei de conhecê-la.

— Aquele cara lá com ela, o nome dele é Danny Bailey. A Molly me disse que até um tempo atrás eles tinham um namoro firme, mas não ousei perguntar mais nada além disso.

De nada adiantava fingir desinteresse. Ou Hollis era um excelente leitor de temperamentos, com uma percepção intuitiva acerca da natureza humana, ou era tão óbvio que Noah estava fascinado por aquela mulher que nem era preciso mais esconder o fato.

— Tudo bem, então esse é o nome dele — disse Noah. — Mas quem é este cara? — Agora seu disfarce tinha ido para o espaço; Molly tinha acabado de vê-lo e estava acenando, chamando-o para a mesa.

— Para ser sincero, não sei muita coisa sobre ele — disse Hollis, e as palavras que ele pronunciou a seguir soaram estranhas vindas da boca de um homem gigantesco que provavelmente seria capaz de imobilizar com um só golpe até mesmo um gorila do zoológico do Bronx. — Mas ele me assusta um pouco.

Quando Noah voltou para a mesa, o casal puxou outro banco e os três se sentaram.

— Então você deve ser o Noah — disse Danny Bailey. — A Molly não me contou quase nada sobre você.

Se a vivacidade em sua voz gutural servia para indicar alguma coisa, era o

fato de que Bailey se considerava um sujeito bastante divertido. Ele tinha o ar de alguém acostumado a ser visto em cima de um palco ou diante das câmeras, e que cuidava do visual para esse fim. Era bonito, mas de perto dava para ver as coisas que sob os holofotes não eram perceptíveis: rugas demais para um homem tão jovem, cabelos desesperadamente espetados com luzes exageradas, o rosto um pouco magro, olhos encovados e secos. Era o retrato de um sujeito de 30 e muitos anos, se esforçando ao máximo para ter a aparência de 21.

— Não estou surpreso. A gente mal se conhece, e duvido que ela goste muito do que sabe sobre mim até agora.

Bailey cutucou Molly com o ombro:

— O que diz disso, meu bem?

Ela pareceu ter ficado constrangida, e foi salva da obrigação de dar uma resposta pela chegada de uma garçonete com uma rodada de bebidas.

— Ah, o que é isso, vamos nos animar, galera. Eu estou brincando porque estou apaixonado. Olha só. — Bailey engoliu de um só gole um líquido marrom não identificado, depois segurou o copo levantado, em um estranho brinde. — Aos novos amigos, e talvez a um novo fã.

Noah ergueu sua caneca e bebericou um gole da cerveja.

— Desculpe, você disse “um novo fã”?

— É, cara. — E estendeu a mão para se apresentar formalmente. — Danny Bailey. — Noah apertou a mão dele. Bailey pareceu ficar à espera de algum sinal de que Noah o havia reconhecido, mas isso não aconteceu. — Não vá me dizer que não assistiu ao vídeo.

Noah piscou e balançou negativamente a cabeça.

— *Overthrow*, cara, o vídeo, vai levar à derrocada completa da porra do império do mal. Já teve 35 milhões de visitas no YouTube. Sou eu. Estou perplexo, você não viu mesmo? Tem uma porção de *e-mails* sobre mim circulando na internet.

— Bom, acho então que tenho um filtro de *spam* muito eficiente.

Por longos instantes o lendário Danny Bailey ficou com cara de tacho, como se tivesse sido estapeado no rosto com luvas cerimoniais de duelo.

— Calma, meninos — pediu Molly.

Bailey esperou a tensão aumentar um pouco mais, depois sorriu e balançou a cabeça, pegou o copinho cheio na frente de Molly e bebeu tudo de um só trago e se levantou para ir embora. Inclinou-se, beijou Molly na bochecha, sussurrou alguma coisa demorada no ouvido dela, depois encarou Noah.

— Boa sorte, tudo de bom.

— Para você também — respondeu Noah.

Assim que Bailey saiu de cena, Noah se virou para Molly, deu uma batidinha na borda do copo vazio dela e perguntou:

— Posso pagar outro para você?

— Não, eu não bebo. Foi por isso que ele fez aquilo; ele não estava sendo rude.

— Ah, não, claro que não. Nem um pouco.

— O Danny é um cara bacana, ele só está vivendo no passado deste movimento, eu acho. Não vou te falar nada que eu já não tenha dito para ele. Ele não tem filtro, não controla muito as besteiras que diz, e acaba irritando as pessoas por causa das coisas erradas, quando há uma porção de coisas reais pelas quais vale a pena brigar. Mas não dá para negar que ele atrai bastante atenção.

— É só minha opinião, mas é bastante abalizada. Você deve tomar cuidado com quem vocês se associam. Nas relações públicas temos um ditado que diz que mensagem é irrelevante se você não escolher o meio certo. E nem sempre é verdade, sabe, aquilo de dizer que não existe publicidade ruim.

— Vou levar isso em consideração. — Ela deu uma boa olhada nele. — Fico contente de ver que a camiseta serviu direitinho.

— É, meu tamanho é médio-grande *prêt-à-porter* — Noah comentou, colocando sua trouxa de roupas molhadas no agora vazio banco entre os dois. — Mais uma vez, obrigado.

Ela respondeu com um leve meneio de cabeça.

— Fico feliz que você tenha vindo. Agora — ela se aproximou alguns centímetros —, me conte alguma coisa sobre você que eu ainda não saiba.

Noah respondeu instintivamente.

— Só se você fizer o mesmo.

Molly pensou um pouco.

— Tudo bem.

— Certo. — Ele mordeu o lábio, como se estivesse fazendo um tremendo esforço para pensar e escolher qual seria sua primeira revelação. — Tenho uma habilidade quase sobrenatural de dizer quando uma pessoa está escondendo algo.

— Não, não tem.

— Tenho, sim. Enquanto as outras crianças iam para os acampamentos de escoteiros, eu ficava sentado atrás de um vidro espelhado comendo chocolate M&M's e observando um milhão de grupos de pessoas. Eu conheço as pessoas. — Noah deu uma batidinha na têmpora com o indicador. — Sou um detector de mentiras humano.

— Prove.

Noah deu uma rápida passada de olhos pelo bar, parou em um homem e o estudou por alguns segundos.

— Beleza. Atrás de você, sobre seu ombro esquerdo, na direção da porta de saída. Camiseta apertada para exibir os músculos, brinco de pirata na orelha, casaco folgado e cabelos loiros de motoqueiro. Seja discreta.

Ela se virou para observar, e depois seus olhos encontraram os de Noah.

— Ele não é um de vocês. Se este cara não for um espião infiltrado, então eu nunca vi um espião na vida.

Molly virou a cabeça mais uma vez. Quando voltou a encarar Noah, não parecia impressionada, mas sim incomodada e, por fim, irritada.

— Calma aí — disse Noah. — O que você achava, que não ia haver um ou dois espiões do lado inimigo em um troço como este aqui?

— Isso não está certo.

— Ah, esquece isso. Então, eu já falei primeiro, agora me conte algo sobre você.

Molly concordou com a cabeça, respirou fundo, depois ficou em pé em cima do banco e gritou para todo mundo no bar ouvir.

— Ei, galera! — Ela apontou para o homem em questão, que a essa altura tinha se virado para olhar para ela, como todo mundo. — Estão gostando do

show? Olha só, temos um Benedict Arnold[a] na casa!

Pelo olhar malévolo no rosto do sujeito, ser desmascarado publicamente era uma das coisas de que ele menos gostava em uma noite de sexta-feira. Sob um coro cada vez mais barulhento de vaias e gritos, e depois de lançar um último olhar venenoso na direção de Molly, ele abruptamente pegou suas coisas e se encaminhou para a porta.

Molly voltou a se sentar, e soltou um suspiro profundo e encantador.

— Algo sobre mim... deixe-me ver. — Ela inclinou o corpo para a frente, chegando mais perto de Noah, como se estivesse prestes a revelar um segredo que ninguém sabia.

— Às vezes sou um pouco impulsiva — ela sussurrou.

---

a Benedict Arnold (1741–1801), general norte-americano que passou para o lado britânico durante a Guerra da Independência dos EUA (1775-1783); seu nome tornou-se metáfora de traição. (N. do T.)

capítulo 10

De repente a música do *jukebox* foi sendo abaixada até dar lugar ao silêncio e uma mulher subiu ao palco. Ela tinha mais ou menos 35 anos e uma expressão de confiança calma e radiante nos olhos. A beleza honesta da juventude ainda reluzia, mas fora suavizada e amadurecida com os anos. Ela esperou até que o barulho diminuísse de vez e depois se pôs diante do microfone.

— Quando olho para vocês todos reunidos aqui, me lembro do que James Madison[a] disse sobre seu país naquele tempo: “A união feliz destes Estados é um prodígio; sua Constituição, um milagre; seu exemplo é a esperança de liberdade para o mundo inteiro”.

A plateia respondeu com aplausos entusiásticos e barulhentos. Com um gesto, ela pediu silêncio e continuou.

— Por muitos anos os EUA foram esse exemplo, meus amigos, e, prometo a todos, podemos voltar a ser. Mas hoje estamos diante de uma ameaça ao nosso futuro, algo que não se via desde os tempos da Guerra da Independência.

— Há centenas de teorias da conspiração que tentam explicar o que aconteceu conosco no último século. Vi muitas dessas teorias representadas aqui hoje, nos discursos, nas pessoas e nos *slogans* e cartazes espalhados pelo bar. Todos nós estamos tentando entender as mesmas malditas provas, mas tenho medo de que, às vezes, só sejamos capazes de ver os sintomas, e não a doença.

— A doença é a corrupção, pura e simples. A corrupção é um vírus, sempre pairando nos corredores e salões do poder, pronto para infectar e se espalhar entre aqueles cujos sistemas imunológicos estão comprometidos pela ganância e ambição cegas. Sempre foi assim, e nosso sistema de governo foi criado com uma divisão entre as três esferas do poder, todas refreadas por um escopo limitado e por princípios do bom-senso. Os documentos de fundação estabeleceram essa forma de governo para nos proteger da doença que destrói a

liberdade desde a aurora da civilização: a inevitável ascensão da tirania, a partir da cobiça e da gula de uma classe dominante.

— O inimigo que estamos enfrentando agora é o mesmo inimigo que sempre tentou escravizar o povo livre. A ameaça não é nova. A história humana é uma crônica da luta do povo contra a opressão de poucos. Esses poucos estão entre nós, a cada geração, esperando a oportunidade de dar um passo à frente e tomar o poder. Thomas Sowell[b] definiu claramente a nossa luta: "A questão mais básica não é o que é o melhor, mas quem decide o que é melhor".

— Não é preciso criar uma teoria da conspiração para explicar o que está acontecendo ao nosso redor hoje em dia. A classe dominante escreveu e publicou seus planos e sua história, de maneira clara e manifesta como a luz do dia.

Ela pegou e mostrou para a plateia um volumoso livro de capa dura.

— O título deste livro é *Tragedy and hope*. Tem quase 1.400 páginas de história e dos implacáveis objetivos do inimigo. Sabemos que este livro contém a verdade porque não é uma obra amalucada de ficção escrita por um de nós; é um livro calmo e sensato, um arrazoado de fatos escrito por um historiador bem informado e simpático aos objetivos da elite do poder, e um mentor de presidentes, chamado Carroll Quigley.

Um homem atrás da mulher esticou o braço e trocou o grosso livro nas mãos dela por outro, mais velho e mais fino, que ela também mostrou à plateia.

— Se esta é a história deles, este aqui é um exemplo mais antigo de seu plano de ação. *The promise of american life* (A Promessa da Vida Norte-Americana), de Herbert Croly, publicado em 1909, antes do início da grande decadência. Seu autor defendia o que chamava de Novo Nacionalismo. Um governo inchado, infindáveis programas de expansão e inumeráveis departamentos, um "Estado-babá" com poder de confisco e jurisdição sobre todos os aspectos da nossa vida. Ele acreditava que na nova Era Industrial as pessoas simplesmente não seriam capazes de governar a si mesmas, como os bem-intencionados mas equivocados fundadores da nação haviam imaginado.

— No fim, Croly renunciou à própria obra, quando constatou o que tinha ajudado a pôr seus ideais em execução. Mas seus escritos permaneceram vivos, e influenciaram todas as mudanças fundamentais engendradas, pelo que ficou conhecido como "movimento progressista" na primeira metade do século 20, como o Ato de Criação do Federal Reserv, o New Deal[c].

Ela colocou o livro de lado e depois retomou a palavra, com voz calma e ponderada.

— Mas Herbert Croly não era um homem malvado. — Essa declaração foi recebida com silêncio pela multidão, e a mulher permaneceu quieta por alguns instantes. — Ele queria uma vida melhor para o povo deste país. Ele escreveu sobre quais eram suas ideias para que isso fosse alcançado, e era livre para fazê-lo. Hoje os Estados Unidos estão repletos de opiniões, plataformas, programas de ação e movimentos que divergem radicalmente das nossas ideias; mesmo entre nós aqui há divergências. E é assim que sempre vai ser. O perigo vem à tona quando as boas intenções são sobrepujadas e pervertidas pela cultura da corrupção — quando aqueles que são eleitos para nos representar começam a agir não em nome do bem comum, mas para seu próprio benefício.

— Hoje em dia é a mesma coisa. As pessoas que, visando ao benefício pessoal, substituem a justiça igualitária pela justiça social, a liberdade individual por um governo todo-poderoso e onisciente, renunciaram ao glorioso potencial criativo do indivíduo norte-americano, o coração pulsante desta nação, em favor de uma sociedade de duas classes em que as elites dominam e todos os que estão abaixo delas são iguais: homogeneizados, subordinados, endividados e impotentes. É isso que a corrupção faz e vai fazer, e nós já deixamos isso acontecer de maneira desenfreada por tempo demais.

Por um momento Noah tirou os olhos da oradora para esquadrinhar a multidão; é difícil perder velhos hábitos. Quase todo mundo estava interessado e ouvindo atentamente, mas havia exceções. Alguns homens e mulheres, cerca de 10 ou 15, estavam espalhados pelo bar e pareciam um pouco diferentes dos demais. A diferença não estava no modo de vestir, mas em seu comportamento. Essas pessoas estavam bem mais interessadas umas nas outras do que no que estava acontecendo em cima do palco. E pelo menos metade delas estava fuçando em pequenas câmeras digitais.

— Ei — sussurrou Noah, dando uma batidinha na mesa, perto do braço de Molly. Ela se limitou a fazer sshh, pedindo silêncio, e manteve a atenção na mulher sob os holofotes. Com um último e desassossegado olhar de relance em volta do bar, Noah também fez o mesmo.

— Há 35 mil lobistas credenciados em Washington, d. C. — disse a mulher, e a plateia reagiu com uma saraivada de vaias e urros. — Isso dá quase 70 lobistas para cada membro do Congresso. Juntos eles gastaram quase 3,5 bilhões

de dólares no ano passado — mais de 6,5 milhões de dólares por congressista. Com esse dinheiro eles compram influência, não em nome de vocês, mas para aprovar e pôr em prática as propostas e prioridades dos clientes deles: as grandes corporações, bancos internacionais, os maiores corretores de Wall Street, governos estrangeiros, gigantes da mídia, a verdadeira e autodesignada classe dominante. São os lobistas que redigem as leis, os congressistas apenas atuam como paus-mandados, fantoches dessa legislação corrompida, e depois votam de acordo com a vontade daqueles que mexem os pauzinhos, os titereiros.

— Nem todos eles, que fique bem claro. Ainda existem bons homens e boas mulheres em Washington, d. C. — mas muitos deles já debandaram para o outro lado, o lado perverso. Lá eles abandonam o juramento que prestam ao assumir o cargo, em troca de promessas de fortuna e fama e da garantia de reeleição, desde que executem o jogo dos mandachuvas. Caso contrário, sabem que podem dar adeus à sua carreira no serviço público.

— Este país foi fundado como uma República representativa, mas vocês já não estão mais sendo representados, estão?

Um retumbante não brotou em uníssono nos fundos do bar, o que disparou uma torrente de gritos que se espalhou por todos os cantos. Ela esperou alguns minutos até todos extravasarem sua comoção e depois, com um gesto, pediu silêncio, erguendo no ar um magro documento.

— Esta é Constituição dos Estados Unidos da América. São cerca de 15 páginas impressas, apenas quatro folhas de pergaminho quando foi originalmente escrita a mão. Aqui está. Está tudo aqui, a lei suprema do país, o arcabouço completo do nosso sistema de governo.

— E sabem por que é um texto tão pequeno? Porque o governo em si devia ser pequeno. Um governo federal é fundamental e importante para nosso país? Sim. Ele deve existir para ser o cerne e o símbolo de nossa unidade e uma bússola para guiar nossa jornada como uma só nação unida? Sim. Mas o propósito original era que o governo fosse pequeno. Por quê? Porque nós, vocês e eu, somos o verdadeiro governo nesta nossa terra. Essa é a verdade esquecida que grita nestas poucas páginas.

— O que os fundadores da nação sabiam é que os governos se corrompem. Por isso Thomas Jefferson nos ensinou que a resistência aos tiranos é a obediência a Deus. Eles sabiam que o mal, assim como a gravidade, é uma força da natureza. A corrupção sempre surge. Feito ervas daninhas em um jardim ela

se infiltra, finca raízes, cresce e toma conta de tudo. Fiquem alertas, nos ensinaram. Mantenham o governo sob rédeas curtas, ou este paraíso de liberdade e oportunidades pode desaparecer em uma única geração. E, meus amigos, faz muito tempo que deixamos de lado nossa responsabilidade. Esquecemos nossa obrigação de manter vigilância eterna, e, enquanto estávamos dormindo, uma outra estrutura, corrupta e cada vez maior, estava sendo erguida para substituir nossos princípios fundantes no exato momento em que eles ficarem fracos demais para resistir. E agora, olhamos ao nosso redor e constatamos que o nosso futuro já foi roubado de nós.

— Quando assumem o cargo, nossos representantes no governo prestam um juramento, de defender e fortalecer a Constituição dos EUA. Mas para muitos deles são apenas palavras vazias. Eles jamais sequer consultam a sabedoria que juraram preservar. Uma vez pronunciado, o juramento é logo esquecido, e a Constituição dos Estados Unidos nunca mais passa pela cabeça deles.

Ela pousou o documento sobre uma mesa e pegou um volumoso livro de capa azul-escura, do tamanho da lista telefônica do Brooklyn.

— A Constituição pode ser dobrada e carregada dentro do bolso da camisa, e aos que ainda não fazem isso recomendo que tenham sempre consigo um exemplar. Mas isto aqui — ela ergueu o calhamaço — é um volume do código tributário federal. — Ela deixou cair o calhamaço, que desabou a seus pés com um baque no chão do palco. — São 1.400 páginas, e isto aqui é apenas um volume; existem estantes cheias disto aqui. São 67 mil páginas repletas de regras, penalidades e crimes dos quais vocês são culpados até provarem sua inocência. Quando a Receita Federal bate à nossa porta, não existem devidos processos legais.

— E sabem por que este código aqui é tão grande, e por que fica maior a cada ano? É a mesma razão pela qual a Receita está envolvida com a legislação dos seguros e planos de saúde assim como o Tesouro estava envolvido no cumprimento da Lei Seca. Porque o poder de cobrar impostos inclui o poder de destruir. Essa não é a minha opinião, é a opinião da Suprema Corte.

— Mas ninguém precisa de um juiz para dizer o que é óbvio para qualquer um, para qualquer um que já tentou preencher uma declaração de Imposto de Renda. O código tributário não foi feito para ser lido e entendido pelas pessoas. Ele serve como defesa para aqueles que roubaram de nós o poder, e como uma arma de coerção seletiva a ser usada contra qualquer um de nós que ouse

levantar a voz em protesto. A lei não se aplica a eles, é só para vocês: neste exato momento cerca de 100 mil funcionários federais devem, juntos, quase 1 bilhão de dólares em impostos atrasados. Entre eles está o secretário do Tesouro.

A multidão reagiu com uma ruidosa onda de gritos e vaias, e levou bastante tempo para se aquietar. Quando por fim o bulício diminuiu, ela retomou o discurso, mas agora com voz mais suave.

— Todos nós aqui reunidos hoje não estamos simplesmente lutando contra os impostos, os gastos fora de controle ou as dívidas insustentáveis. Estamos lutando por algo bem mais amplo: justiça igualitária. Estamos lutando pelo fim das exceções, das mordomias daqueles que têm os números de telefone das pessoas certas. Não existe razão para que a pessoa que controla a Receita Federal, o congressista que escreve o código tributário ou o presidente de empresa que tem amigos na Casa Branca ganhe passe livre, ao passo que vocês e eu devemos pagar pelas consequências de nossas decisões.

— John Adams disse certa vez que somos “um governo feito de leis, não de homens”. Façam a vocês mesmos a seguinte pergunta: Isso ainda é verdadeiro hoje em dia? Hoje a renda de vocês, o nome da família e os contatos e as pessoas que vocês conhecem são mais importantes do que nunca. São essas coisas que podem ajudar alguém a ser bem-sucedido ou assegurar seu fracasso. Como esse tipo de realidade pode coexistir em uma sociedade na qual todos os homens são criados iguais?

A resposta é: não pode. Por isso estamos aqui. Por isso também é impossível que qualquer pessoa honesta refute nossa mensagem de justiça igualitária. Como eu sei disso? Porque foi a mensagem do Dr. Martin Luther King, Jr.

Noah notou que a atmosfera no bar parecia ter mudado desde o momento em que aquela mulher subira ao palco. Não era apenas o fato de que dava para ouvir uma agulha caindo no chão, era o clima geral do lugar. Ela controlava a multidão, tinha todos na palma da mão.

— Ao longo da nossa história outros recorreram à violência para alcançar seus objetivos, mas é importante lembrar que todos eles fracassaram. Contudo, o Dr. King foi diferente. Ele instruiu as pessoas a dobrarem os joelhos, a lançarem mão de palavras e ações pacíficas, a permanecerem juntas para lutar incansavelmente por sua causa.

— O Dr. King entendeu o que todos aqui devem entender: aqueles que lutam para corrigir injustiças devem estar dispostos a aceitar o sofrimento, se necessário, mas jamais infligir sofrimento.

Todas as atividades normais que eram de esperar de um bar tinham sido interrompidas. Até mesmo as garçonetes e os *barmen* pareciam completamente concentrados nas palavras que jorravam do palco.

— O Dr. King disse uma vez que “nenhuma mentira pode perdurar para sempre”. Ele sabia que, assim que o povo norte- -americano entendesse a profundidade e a gravidade da injustiça que estava sendo perpetrada contra ele, acabaria escolhendo o lado certo. Hoje enfrentamos o mesmo desafio, e, se tivermos paciência, podemos esperar o mesmo resultado.

— O povo norte-americano ainda é bom e justo. Sabe a diferença entre racismo e o uso do racismo alheio para benefício próprio, geralmente político-eleitoral; entre violência e acusações de violência; entre ódio e patriotismo. Basta deixar que as pessoas ponderem sobre as evidências e pesem tudo na balança pelo tempo que for necessário, porque, quando o povo der seu veredicto, mais uma vez estará do lado certo.

— Vocês estão com raiva, sei que estão, e deviam mesmo estar — a oradora continuou —, mas agora preciso pedir a vocês, exigir de vocês, que renunciem a qualquer coisa que sugira violência. Assim como o Dr. King, nossa intenção é eliminar o mal, e não fazer o mal, e não perpetuar o mal. Falar de qualquer forma de violência é executar o jogo dos que se opõem a nós, é comer na mão deles. Eles já investiram incontáveis horas para nos retratar como um bando de racistas violentos e cheios de ódio, e estão apenas esperando a oportunidade de insistir nessa história, de confirmar essa imagem. Não vamos dar a eles essa chance. Em vez de Bill Ayers, daremos a eles Benjamin Franklin; em vez de Malcolm X, daremos a eles Rosa Parks[d]. No lugar de Bin Laden, Gandhi. Eles estão muito bem preparados para usar a violência, mas não fazem ideia de como usar a paz.

— Além disso, tudo de que precisamos para levar a melhor — a mulher em cima do palco ergueu mais uma vez seu exemplar impresso da Constituição —, todos os escudos e armas contra a tirania e a opressão, mesmo nos últimos estágios do câncer da corrupção que nos deixou doentes, tudo de que precisamos já está bem aqui. Basta encontrarmos a força e a sabedoria para acordar nossos amigos e vizinhos, tomar de volta nosso poder e restaurar o que foi esquecido.

Restaurar. Não adaptar, não transformar... restaurar.

— Permitam-me fazer uma pergunta. Muitos de nós somos pintados como "antigovernistas" — mas quem ama mais os EUA, aqueles que querem restaurar o país ou aqueles que querem transformá-lo?

Em questão de segundos, o silêncio que por algum tempo predominara no bar evaporou. De todos os cantos vieram gritos entusiasmados. Os desajustados chegaram, inclusive, a abaixar suas câmeras e virar as costas, como se por sua natureza aquele material não tivesse utilidade para eles.

— Não se deixem enganar, "transformação" é simplesmente uma palavra bonita para dizer que gosta de alguma coisa! Se não se mora em uma casa velha, que alguém adora, fala-se em "restaurar" essa casa ou em "transformá-la" em uma McMansão[e]? O mesmo vale para um carro antigo ou um quadro — as coisas que têm valor real não são mudadas ou transformadas, elas são "preservadas".

Ela fez uma pausa e passou os olhos pelo bar, bem devagar, como se estivesse conversando pessoalmente com cada um dos presentes.

— Não sei quanto a vocês, mas acredito que ainda vale a pena preservar os Estados Unidos que os nossos fundadores criaram. Obrigada a todos, Deus os abençoe, e que possa abençoar a América.

A mulher saiu do palco pelo outro lado, e uma canção de Toby Keith começou a tocar nas caixas de som. Enquanto aplaudia o fim do discurso, Molly olhou para Noah. Depois inclinou o corpo na direção dele e, levantando a voz por causa do barulho do bar, perguntou:

— E então, o que achou?

Noah tomou um longo e pensativo gole, depois deu de ombros; enquanto isso o bar ia se aquietando.

— Você quer um *club* soda ou um suco?

— Não, obrigada. O que achou do que ela disse?

— Não sei. Acho que ela acredita mesmo no que está dizendo.

— Uau — ela comentou. — Essas devem ter sido as palavras mais neutras que eu já ouvi um homem dizer. Você é mesmo um executivo de relações públicas.

— Sinto muito. Não gosto de falar de política. Sempre achei que era perda de tempo.

— Se entendi direito, você está disposto a admitir que a aquela pessoa que estava discursando em cima do palco — minha mãe, aliás —, provavelmente acredita no que está dizendo, e mesmo assim não vale a pena perder um segundo do seu tempo para sequer pensar no assunto?

— Era sua mãe?

— Apenas responda à minha pergunta.

— Não, eu não disse isso. É complicado.

— Não — ela retrucou, curta e grossa —, na verdade, não é.

— Será que a gente pode mudar de assunto? Só por alguns minutos. Não quero brigar com você.

— Agora já é tarde demais, Sr. Gardner.

— Tudo bem, me escute, então. Eu sei que pessoas de certa mentalidade podem começar a odiar o governo.

— Nós não odiamos o governo. Somos contra um governo sem controle que perdeu de vista os princípios e foi assolado pela corrupção.

— Tudo bem, é um bom argumento. Entendo que vocês estejam chateados com o que está sendo feito com o país.

— Fico feliz que você entenda isso.

— Eu entendo, sim. As coisas estão ruins, e vão ficar bem piores antes que essa crise acabe, mas isto aqui — ele apontou para o bar abarrotado de gente —, o que vocês acham que vão conseguir com isto aqui?

— Nós estamos nos unindo, tomando posição.

— Tomando posição? Contra o quê? Contra o jeito que as coisas sempre foram? Porque isso não vai mudar.

Molly se ajeitou no banco, como se estivesse se preparando para uma briga, depois falou olhando nos olhos de Noah.

— Por que motivo você veio aqui, afinal?

Ele suspirou e afastou um pouco o corpo.

— Acho que eu só queria conhecer você.

— Bem, esta reunião inútil, aquela mulher em cima do palco, e todas essas outras pessoas sem noção. Isso tudo sou eu. Agora você já me conhece.

Depois de dizer isso, ela pegou a bolsa e foi embora, deixando Noah sentado sozinho com sua cerveja.

---

a James Madison, Jr. (1751-1836), advogado e político estadunidense, o quarto presidente dos EUA, entre 1809 e 1817. (N. do T.)

b Nascido em 1930, Thomas Sowell é economista, escritor e comentarista político norte-americano, defensor de políticas liberais. (N. do T.)

c O New Deal (novo acordo) foi o nome dado ao enorme programa de reformas e obras públicas implantado nos EUA entre 1933 e 1937, sob o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reaquecer a economia, livrar o país da Grande Depressão e resolver o problema do desemprego. (N. do T.)

d William Charles “Bill” Ayers, nascido em 1944, educador norte-americano, conhecido por seu ativismo de oposição à Guerra do Vietnã. Em 1969 foi um dos fundadores do Weather Underground, grupo revolucionário comunista que promoveu ataques com bombas a edifícios públicos; Al Hajj Malik Al-Habazz, mais conhecido como Malcolm X (1925-1965), um dos mais célebres defensores dos direitos dos negros nos EUA, tendo fundado a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração socialista; foi acusado por muitos de propagar o racismo, a supremacia negra e a violência; Rosa Parks (1913-2005), costureira negra norte-americana símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos EUA; ganhou notoriedade em 1955 ao se recusar a ceder seu lugar no ônibus a um branco, o que serviu de marco na luta antissegregacionista. (N. do T.)

e McMansão é um termo pejorativo utilizado para descrever casas de classe média alta, amplas, imponentes e construídas rapidamente, com técnicas modernas que reduzem mão de obra, de forma semelhante ao modo de produção industrial de comida utilizado pela rede de *fast-food* McDonald’s. Uma vez que essas casas refletem ostentação e são desprovidas de integridade arquitetônica, a palavra passou a ser símbolo da era de consumismo desenfreado (N. do T.)

capítulo 11

Noah já tinha perdido a conta de quantas canecas de cerveja havia tomado, mas seus cálculos giravam em torno de uma média de 900 mililitros a cada orador que era convidado a subir ao palco. Ele cogitou a ideia de travar consigo mesmo um jogo que consistia em mandar goela abaixo uma boa dose de cerveja toda vez que ouvisse palavrões como progressista, socialista e globalização; mas, se seguisse essas regras ficaria bêbado em poucos minutos. Os discursos eram todos diferentes, mas os pontos principais eram os mesmos, com variações mínimas apenas em duas áreas: quem devia levar a culpa pelos problemas do país, e que ações eles deviam tomar.

Noah ainda estava sentado sozinho junto ao palco. Depois do fora glacial de Molly, não havia razão para ele ficar no bar, mas estava se sentindo exausto demais para simplesmente se levantar e ir embora. Além disso, a ideia de tomar um porre parecia o melhor remédio para se redimir daquela noite maligna.

A multidão ao redor dele se dispersou depois de mais um interlúdio musical. Ele tinha a esperança de ver uma das garçonetes trazendo mais uma caneca de cerveja, mas, em vez disso, percebeu que a figura familiar de um homem enorme e barbudo vinha caminhando na direção à mesa.

Hollis — ninguém tivera a gentileza de informar qual era o sobrenome dele — encostou delicadamente o dedo no banco em frente a Noah e então perguntou com toda a educação se aquele lugar já estava ocupado.

— Por favor, fique à vontade — respondeu Noah. Perto daquela criatura descomunal de fala mansa, o banco parecia uma peça de mobília de uma casinha de bonecas, mas mesmo assim Hollis se sentou sem que o banco desmoronasse. — Mas vou dizer a verdade: se você tem a chance de escolher entre as centenas de pessoas aqui que, posso garantir, são companhia melhor do que eu, estou me perguntando por que motivo você decidiu se sentar aqui.

A garçonete apareceu e deixou outra cerveja para Noah e uma garrafa de

Coca-Cola para seu novo colega de mesa. Hollis esperou e só respondeu depois que a moça saiu de perto.

— Eu não sei. Você me pareceu meio triste, acho.

Para jogar gasolina no humor já inflamável de Noah, o ilustre Danny Bailey, a atração principal da noite, subiu ao palco ao som de *heavy metal* e recebeu uma ovação que chacoalhou todas as prateleiras de vidro atrás do balcão do bar.

— E aí, Nova York! — Bailey berrou, como um astro do rock de idade avançada dando o pontapé inicial de sua turnê de despedida. Ele segurou o microfone no ar, apontado para a plateia, para incitar a ruidosa resposta da multidão, e não moveu sequer um músculo para acalmar os ânimos e pedir silêncio. Pelo contrário, deixou que o clamor se prolongasse e só depois de um longo e ensurdecedor minuto de gritaria resolveu falar ao microfone.

— Obrigado, de coração. Eu poderia ficar aqui a noite inteira ouvindo isso. Mas quero ver se essa galera é mesmo das minhas. Como saber quando um político está mentindo?

— Quando os lábios dele estão se mexendo! — respondeu a multidão.

— Isso mesmo. E basta olhar os nomes que eles dão às coisas, especialmente às leis em que eles votam sem nem ler. Se eles resolvem chamar algo de Ato Patriota[a], pode apostar que não vai demorar muito para começarem a usar a lei para nos perseguir, nós que somos patriotas. Se o nome for Neutralidade na Rede, vai ser uma coisa usada para neutralizar os inimigos deles. Se o nome for Doutrina da Justiça, vai servir para pôr injustamente a liberdade de expressão sob o controle do governo e criar um efeito paralisante nos nossos direitos da Primeira Emenda[b]. Reforma das leis de imigração, reforma do sistema de saúde, faça-me o favor! Quando eles disserem a palavra “reforma”, quero que vocês ouçam a palavra “transformação”. E a pergunta seguinte que vocês têm de fazer é: “No que eles estão tentando nos transformar?”. Em um país melhor, mais forte, mais livre? Ou em um lugar repleto de gente cada vez mais fácil de controlar, mais fácil de explorar, fácil de subjugar?

Isso provocou uma reação positiva e barulhenta da multidão, que continuou até Bailey tirar do bolso uma folha de papel dobrada e fazer um gesto acalmando a plateia.

— Ei, alguém aqui está procurando emprego? O desemprego disparou e já passou dos 20%, estou falando do desemprego real, não dos números falsos que nos mostram nos noticiários da noite. E isso não é nada: quase 40% se você é um jovem negro neste nosso país. Como pensei que alguns de vocês pudessem estar querendo uma nova carreira, eu trouxe esta oportunidade de emprego para mostrar a vocês.

Ele ergueu a folha de papel impressa em um ângulo em que era possível ler sob os holofotes.

— Achei isto aqui semana passada em um *site* do governo. É um emprego muito bom, uma vaga para o que eles chamam de Especialista em Reeducação e Internação.

A reação da multidão foi imediata, furiosa e barulhenta.

— Ora, calma, vamos dar uma chance. De todos os presos do mundo, temos 25% deles bem aqui, neste país. Os EUA têm apenas 5% da população do planeta, então deve haver um número desproporcional de pessoas indesejáveis nos Estados Unidos, não acham?

Um homem apareceu por trás do círculo de luz do holofote trazendo uma pilha de papéis grampeados.

— Oh, esperem — Bailey continuou, fingindo uma reação incrivelmente exagerada ao se deparar com um novo documento no topo da pilha. — O que é isto aqui? Acho que a gente não devia ver isto. Isto aqui é o Regulamento do Exército 210-35, datado de quase cinco anos atrás. Vamos dar uma olhada? O título é “Programa de Trabalho de Detentos Civis”. Talvez seja para isso que eles precisam de especialistas em reeducação de internação de presos.

Outra explosão de indignação da multidão.

— Segurem a onda aí. São criminosos perigosos. Afinal de contas, alguém tem de pôr esses caras na linha, certo? Então por que não mandar essa gente para suar a camisa de graça em prisões e campos de trabalho militares? Quem não é criminoso perigoso não tem motivo de preocupação.

Ele folheou outro documento.

— Mas o que temos aqui? Um memorando de 1979, escrito por um homem que mais tarde se tornou diretor da FEMA[c], defendendo a detenção de 21 milhões de negros americanos no caso de desordem civil. Ora, deixei meus

números exatos em casa, mas acho que naquela época 21 milhões era aproximadamente o número total de negros nos Estados Unidos.

— E aqui — ele forçou um pouco os olhos para ler o documento no topo da pilha —, "O Plano 55-2 de Distúrbios Civis da Força Aérea dos Estados Unidos vai autorizar e instruir o secretário da Defesa a usar as Forças Armadas dos EUA para restaurar a lei e a ordem em caso de crise". Sob esse plano geral, eles fizeram um exercício em 1984 — dá para ver que eles têm senso de humor — que foi denominado REX-84. O propósito era testar a eficiência dos militares no que dizia respeito a encurralar e prender todos os norte-americanos desobedientes de suas listas.

Bailey continuou mostrando documento atrás de documento.

— "Que listas?", vocês perguntam. Listas de todo tipo. A lista ADEX do FBI dos anos 1960 — ADEX é abreviatura de Agitator Index, Índice de Agitadores — estava cheia de nomes de perigosos intelectuais, líderes sindicais, pessoas que protestaram contra a Guerra do Vietnã. Agora há mais de 1,5 milhão de pessoas na lista de vigilância do Departamento de Segurança Interna, cuja velocidade de crescimento é de 20 mil nomes por mês.

— Você tem uma arma de fogo registrada? Seu nome está em uma lista! Fez alguma contribuição para a campanha de um político independente? Está em uma lista! Visitou meu *website*? Está em uma lista! Já fez algum discurso para uma multidão de patriotas desordeiros sobre as listas do governo? Está na lista!

— Mas quem precisa de lista quando eles podem monitorar a gente quando bem entenderem? Todos vocês já ouviram falar do "Anjo Digital", aquele dispositivo que pode ser implantado sob a pele. Dizem que é para armazenar informações médicas e garantir a segurança das crianças e dos pacientes de Alzheimer.

A multidão começou a vaiar e a assoviar.

— Ora, ora... Talvez eles estejam sendo honestos com a gente pela primeira vez na vida, mas sabem de uma coisa? Não importa! O "Anjo Digital" é só um disfarce. Estamos todos ocupados demais nos preocupando com *chips* implantáveis, enquanto fazemos fila para comprar o novo *iPhone* ou o mais recente *smartphone*. Leiam as letras miúdas, pessoal! Eles não precisam vender novas tecnologias para nos rastrear, estamos doidos para comprar as velhas!

— Oh, isto aqui acabou de chegar, graças aos nossos amigos da internet —

um lugar em que pelo menos por enquanto podemos rastreá-los com a mesma facilidade com que eles rastreiam a gente.

Noah sentiu o rosto pegar fogo. Nas mãos de Bailey havia agora uma cópia do memorando vazado do governo, que havia sido discutido na reunião daquela tarde e que ele passara a manhã inteira tentando anular. A essa altura era algo efetivamente inofensivo e irrelevante, e ele tentou se tranquilizar repetindo isso para si mesmo, mas o olhar presunçoso do sujeito em cima do palco já tinha começado a dar nos nervos.

— Se você falar alguma coisa contra o aborto — Bailey continuou, lendo o memorando —, se for um veterano de guerra, um defensor da Segunda Emenda, contra a imigração ilegal, se estudou em casa e não em uma escola, se tiver um adesivo no vidro do carro com a frase "Chuck Baldwin[d] para Presidente" ou, que Deus nos proteja, se for flagrado de posse de um exemplar da Constituição dos EUA, então, meus bons patriotas, suas mamães e papais, vovôs e vovós, seus guardiões da liberdade serão abordados com extrema cautela e armas em punho, porque você pode ser um terrorista!

O tom geral do ânimo da plateia tinha ficado perceptivelmente mais acirrado. Nem todo mundo parecia seduzido por essa linha de retórica. Talvez faltasse conquistar uns 10% da multidão. Mas, se essa minoria ainda não dava sinais de estar pronta para segurar tochas e forcados, faltava pouco.

— Mas esperem um pouco, esperem aí. Então eles têm nossos nomes em uma lista, mas isso não quer dizer que vão nos prender e nos mandar para campos de concentração, certo? Isso poderia até acontecer se eles tivessem alguma coisa para botar a culpa na gente, algum tipo de grande emergência. Então quem decide se e quando a gente está nesse tipo de crise? O Congresso, talvez? O mesmo Congresso banguela que jamais chegou a declarar guerra a nenhum dos 70 países para onde mandamos nossos jovens para lutar e morrer desde 1945? O mesmo Congresso que sequer teve permissão para ler as provisões pós-orwellianas de continuidade do governo em vigor desde a década de 1980?

— Não, o Congresso não decide. — Bailey mostrou outro documento. — A coisa é muito pior que isso. Desde a Diretiva Presidencial número 51, é oficial. O presidente decide. O presidente devidamente eleito assume o controle da parada toda, o que eles chamam na Diretiva de Decisão Presidencial número 67 de "Governo Constitucional Permanente". Sob seu comando os EUA se

transformam em GCP, situação que continua vigente até o benevolente imperador decidir que a barra já está limpa. A verdade é que isso pode acontecer quando ele bem entender. Caso vocês não saibam, os poderes constituídos vêm mantendo este país em estado de contínua emergência nacional desde 1933.

— Vocês sabiam que, se vocês morarem em um raio de 160 quilômetros de uma área litorânea ou fronteira, estão no que eles chamam de "Zona Livre Constitucional", onde a Declaração de Direitos dos Cidadãos pode desaparecer em um piscar de olhos? Não sou eu que estou dizendo, é a União Norte-Americana das Liberdades Civis. Dois terços de nós vivem nessa zona; são 200 milhões de cidadãos norte-americanos. Sabiam que hoje à noite, aqui mesmo nesta cidade, nossos bondosos líderes designaram uma área que eles chamam de "Zona de Liberdade de Expressão", onde temos permissão de exercer livremente nossos direitos da Primeira Emenda? Mas está lá na parte alta da cidade, em um estacionamento cercado por arame farpado, onde nossos governantes e a mídia não precisam ser distraídos por aquilo que temos a dizer.

— Bem, senhoras e senhores, eu declaro que este exato lugar em que estou em pé agora, e que cada centímetro quadrado deste nosso grande país, de um oceano ao outro, de acordo com os direitos alienáveis e poderes a mim conferidos por meu Criador, são Zonas de Liberdade de Expressão.

Noah teve de segurar sua taça da cerveja, ameaçada de transbordar por causa do solavanco que sua mesa recebeu dos farristas; a multidão, que já vinha aplaudindo e berrando com todas as forças, estava reagindo de maneira cada vez mais violenta. No palco, Danny fez um gesto sinalizando que queria ser ouvido de novo.

— A coisa parece feia, eu sei que parece. Mas sabem por que vamos derrotá-los? Vamos derrotá-los porque assim que a verdade vier à tona não vai haver como impedir que ela se espalhe. Quando as pessoas acordarem, não terão outra opção a não ser sair das sombras e lutar, e aí já era. Lembrem-se do que disse um grande homem. Primeiro eles te ignoram, depois riem de você, depois brigam...

— E então eles te derrotam.

Foi um daqueles momentos de pesadelo, como quando você sonha que está pelado na sala de aula. Quando Noah pronunciou aquelas palavras, em voz alta mas de si para si, o bar inteiro estava em silêncio absoluto, na expectativa de ouvir o triunfante final de Bailey. Contudo, por causa de algum cruel truque de

acústica, o comentário sarcástico de Noah pareceu ter chegado a todos os ouvidos do recinto.

---

a O Ato Patriota é uma polêmica lei dos EUA aprovada após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 com o objetivo de reforçar a segurança interna do país e aumentar os poderes da polícia e das agências encarregadas de identificar e combater terroristas. (N. do T.)

b A Primeira Emenda da Constituição dos EUA impede o Congresso de infringir os direitos fundamentais dos cidadãos: proibir a liberdade religiosa, limitar a liberdade de expressão e de imprensa, coibir o direito de livre associação pacífica e limitar o direito de apresentar petições ao governo com o intuito de reparar agravos. (N. do T.)

c Federal Emergency Management Agency (Agência Federal de Gerenciamento de Emergências), órgão do Departamento de Segurança Interna dos EUA cujo objetivo é coordenar as respostas a desastres que ocorram no país. (N. do T.)

d Charles Obadiah “Chuck” Baldwin, nascido em 1952, é pastor batista e político direitista norte-americano, candidato do Partido Constitucionalista às eleições presidenciais de 2008. (N. do T.)

capítulo 12

Durante alguns segundos que pareceram uma eternidade Noah alimentou a esperança de que Danny Bailey não se incomodaria com a interrupção, mas naquela malfadada noite era improvável que isso acontecesse. Noah olhou de relance e viu que era o foco das atenções do homem em cima do palco.

— Ora, ora, ora. — Bailey caminhou até a ponta da plataforma, de modo a ficar cara a cara com Noah. — Parece que temos aqui um embaixador mirim da "Liga da Hera"[a].

Noah manteve os olhos fixos na caneca de cerveja, mas Bailey não ia deixar aquilo passar em branco.

— Suba aqui, Harvard, não nos deixe esperando. Se você tem alguma coisa a dizer, manda ver, mas desembucha de um jeito simplificado, para que nós, os caipiras rústicos, possamos entender, mas tenha a coragem de falar em voz alta, para todo mundo ouvir. Duvido que você tenha muita coisa a nos ensinar sobre a Constituição ou sobre os Pais Fundadores da nação, mas talvez você possa nos iluminar com um pouco de sabedoria racista e comunista de algum herói de verdade... tipo Che Guevara.

Noah ergueu os olhos, encarou Bailey e recusou.

— Não, obrigado.

— Ah, mas eu não vou aceitar "não" como resposta. — Bailey se virou para a multidão. — E vocês da galera, vão?

Uma saraivada de aplausos furiosos encheu o bar, com provocações e insultos. Por fim, ficou impossível permanecer sentado e engolir aquilo.

— Beleza — disse Noah. Ele terminou a cerveja, levantou-se e se permitiu aceitar uma ajudazinha para subir à plataforma e ficar sob os holofotes. Com um gesto amplo dos braços em sinal de "Fique à vontade", Bailey foi para um canto do palco.

— Quero começar dizendo — anunciou Noah, ajustando a voz para extrair o máximo da potência do sistema de som — que, em razão do meu trabalho, estou em uma posição privilegiada que me permite saber que a maior parte do que foi dito aqui hoje é absolutamente verdadeiro.

Ao ouvir isso a multidão se acalmou consideravelmente, o que Noah já previa.

— Quero apenas confirmar algumas das especulações de alguns outros oradores. O Federal Reserve, nosso Banco Central, nada tem de federal; vocês estão certos, é basicamente uma instituição financeira privada, que empresta dinheiro e cobra juros, e sua criação foi o início do fim do sistema de livre mercado.

— Os Estados Unidos foram construídos para funcionar à base de liberdade individual, isso é verdade, mas, uma vez que vocês deixaram esses manipuladores assumirem as rédeas por quase 100 anos, nosso país agora funciona à base de dívidas. O banco de investimentos Goldman Sachs é o motor, e, caso vocês ainda não tenham percebido, o povo norte-americano não passa do combustível.

— O Comitê dos 300 existe. E o Conselho das Relações Exteriores, o Clube de Bilderberg, a Comissão Trilateral, o Clube de Roma — todos eles existem. E são todos defensores da globalização; são mais ricos e poderosos do que nossa imaginação é capaz de conceber. Há predadores entre eles; são absolutamente cruéis e impiedosos, mas juntos mandam em tudo o que acontece no mundo, exatamente como vocês disseram. Só que essas sociedades e instituições não têm nada de secretas. Não existem conspirações secretas: elas fazem o que querem de maneira pública e escancarada.

— Vejam só, o lugar em que eu trabalho é onde todos os segredos são revelados, porque, para que a gente possa esconder os seus segredos, primeiro eles precisam nos contar tudo. Mas é aí que a coisa fica interessante. Sabem por que não estou preocupado em compartilhar essas coisas com vocês? Porque eles já nem têm mais medo do povo norte-americano, especialmente de vocês. Tudo o que eles têm a fazer é manter vocês brigando uns com os outros, ou esmagar vocês com informações contraditórias a fim de que fiquem preocupados e furiosos com conspirações, ou hipnotizados na frente da TV e da tela do computador, ou reunidos aqui, achando que estão contra-atacando; desse jeito vocês nunca vão chegar nem perto de fazer algum estrago contra eles.

— Há mesmo uma Nova Ordem Mundial a caminho, mas isso não é novidade. Isso vem se desenhando faz muito tempo, vocês se deixam distrair por milhares de teorias conspiratórias, mas no fundo só existe uma verdade. George Carlin disse isso de um jeito melhor que eu: lá em cima, no topo, é um grande clube, e vocês não são sócios. Eles detêm todo o poder, e vocês, nenhum.

— Temos sim, porra! — berrou um homem no fundo.

— Tudo bem, tudo bem. Acho que eu sei o que você está tentando dizer. Se vocês, pelo menos conseguissem reunir um número suficiente de eleitores para fazer alguma coisa significativa, talvez até tivessem uma chance. Mas isso é fácil. Vou mostrar como.

Noah apontou um homem particularmente parrudo no bar.

— Todo mundo consegue ler o que está escrito na camiseta daquele cara? Vocês sabem, uma camiseta que provavelmente foi costurada em Bangladesh por uma menina de 10 anos que trabalha 16 horas por dia. Ô grandalhão, dá uma viradinha aí para todo mundo ler sua camiseta, isso mesmo, pode se sentir orgulhoso. Está escrito “Born in the Jew USA”[b].

— Se ele já não é um espião ou um agente provocador, então seus inimigos deveriam contratá-lo imediatamente. Este cara é exatamente a razão pela qual eu não me preocupo nem um pouco em contar a vocês coisas que deveriam ser mantidas em sigilo: com este cara ao seu lado, quem vai acreditar em uma palavra do que vocês disserem? Em todos os comícios e reuniões que vocês organizarem, se tiverem a sorte de convencer a imprensa a cobrir o evento, ele é o cara cuja foto vai sair na primeira página. Se vocês querem saber por que motivo não conseguem a simpatia dos outros 97% dos EUA, é porque se deixam misturar com gente como este cara da camiseta.

— Usar rótulos também funciona como um feitiço. — Ele foi apontando para outros sujeitos, nomeando um a um, sem se importar com as ofensas que se seguiram. — Temos aqui um *Birther*, um *Truther*, dois *Paulites*, um *John Bircher*, um *Freeper*[c], um supremacista branco, um maconheiro que acha que a erva é solução para tudo, três conservadores extremistas, e aquele ali é a cereja do bolo: um negador do Holocausto. Assim fica fácil pôr todos vocês juntos no mesmo saco, para que ninguém em sã consciência queira se juntar a vocês. Por que as pessoas fariam isso? Afinal, de acordo com a mídia, vocês são todos uns loucos, ignorantes, paranoicos, incultos, fomentadores do ódio, racistas, teóricos da conspiração, aberrações que usam chapéus de alumínio para que ninguém leia

o cérebro de vocês.

— E é desse jeito que eles conseguem afastar vocês do verdadeiro estado de coisas, do panorama geral. Enquanto isso, essa gradual destruição da qual vocês falam com tanta veemência está acontecendo bem debaixo do nariz de vocês. Mas vocês ficam aqui, chovendo no molhado, como se isso fosse adiantar alguma coisa.

— Em Washington ninguém respeita vocês. Eles dão risada de vocês. Vocês dizem que querem uma revolução? A Constituição que aquela senhora estava segurando na mão dá a vocês o poder de se rebelar a cada eleição. Sabiam que daqui a algumas semanas todas as cadeiras na Câmara dos Deputados vão ser renovadas? E a Presidência? E um terço do Senado?

— O índice de aprovação do Senado gira em torno de 15%. Vocês podiam virar o feitiço contra o feiticeiro e mandar toda essa gente embora em um único dia, mas sabem o que vai acontecer? A Presidência vai mudar de mãos, mas a corrupção vai acelerar. Mais de 90% dos congressistas — pessoas que a cada dia se afundam mais e mais no bolso dos lobistas — vão ser reeleitos.

A multidão ouvia atentamente; aparentemente não tinham certeza se aquilo também era parte do show.

— Isto é tudo que eu tenho a dizer — encerrou Noah. — Se alguém quiser me dar umas porradas, vou estar lá fora esperando um carro. Para dizer a verdade, acho que uma boa briga seria a maneira perfeita de encerrar as festividades da noite.

Houve uma ligeira e tímida tentativa de aplausos e um zum- -zum de murmúrios na multidão; Noah desceu do palco, pegou sua trouxa de roupas úmidas, deixou algum dinheiro em cima da mesa e se encaminhou para a saída. Ele ouviu Danny Bailey voltar ao microfone e reiniciar seu discurso, esforçando-se ao máximo para recuperar a atenção da plateia para sua mensagem, fosse lá ela qual fosse.

Noah já estava perto da saída quando sentiu uma mão tocar seu ombro; virou o corpo e viu a mulher que tinha subido ao palco: a mãe de Molly.

— Você fez um discurso e tanto, e assim de improviso, em cima da hora — ela comentou.

— É — respondeu Noah. — Eu tenho um dom. Olha só, eu não quis

parecer desrespeitoso...

— Você não tem de me pedir desculpas. — Ela tinha o rosto amável, olhos inteligentes e iluminados com o mesmo brilho inescrutável que o havia fisgado de maneira irremediável nos breves momentos em que desfrutara da companhia de sua filha. — Acho que temos mais em comum do que você imagina.

Atrás dele Bailey já estava no meio de uma paráfrase moderna e animada de um batido discurso de Patrick Henry[d]. Pelo visto, a plateia já tinha se recuperado totalmente da dose dupla de realidade da fala de Noah e agora voltava a ficar bastante agitada. Talvez fosse culpa do adiantado da hora, do acúmulo de álcool e fúria, ou da agora óbvia presença de forasteiros que pareciam estar agindo em sincronia para atiçar as chamas da mentalidade da massa, mas o fato é que as coisas estavam ficando feias.

Noah procurou Molly, mas a multidão era tão compacta que foi impossível localizá-la. Dois homens tinham se posicionado junto à porta, com uma postura que dava a entender que o caminho para a rua estava prestes a ser bloqueado.

— Viu sua filha?

— Já faz uns minutos.

— Acho que a gente precisa sair daqui agora. — disse Noah, agarrando a mulher pelo braço.

Em uma das paredes dos fundos do lugar havia um sinal luminoso indicando a saída de incêndio, e, embora provavelmente houvesse outras saídas, aquela parecia a mais fácil.

O discurso bombástico de Bailey e os ocasionais rugidos da multidão abafaram todos os outros pensamentos de Noah, exceto um: sair dali antes que acontecesse qualquer uma das coisas ruins que certamente estavam prestes a acontecer.

— Vamos parar de nos enganar — disse Bailey. — Já fizemos de tudo para evitar a tempestade que se aproxima. Nossas vozes não foram ouvidas. O tempo de simplesmente esperar pela mudança e rezar pela paz já acabou. Se o nosso governo não responde aos nossos apelos e não faz o que é certo, se eles esqueceram seu juramento de defender a Constituição, então só nos resta fazer um chamado às armas e um apelo à graça de Deus Todo-Poderoso!

— Eu pergunto a vocês: se não for agora, quando? Quando é que ficaremos

mais fortes? Semana que vem? Ano que vem? Seremos mais fortes quando tomarem nossas armas? Quando em cada esquina houver um policial ou um capanga pago pelo governo para fazer cumprir o toque de recolher? Não! Eu digo que, se a guerra é inevitável, que seja em nossos termos!

A porta de saída estava próxima, mas Noah estacou; não havia nem sinal de Molly. Em sua penosa caminhada tentando passar pela multidão que abarrotava o lugar de parede a parede ele tinha soltado a mão da mãe dela, que agora também sumira de vista.

— Não existe mais paz a ser mantida! — berrou Bailey em cima do palco. — Não sei se vocês sabem, mas a guerra já começou!

Descrever os segundos que se seguiram como uma mancha ou nódoa faria com que os eventos que se sucederam parecessem uma mixórdia indistinta, e o que aconteceu estava longe disso. Os eventos ocorreram em câmera lenta, como as graciosas filmagens de gotas de leite caindo em uma tigela de cereais ou um tiro de rifle atravessando uma carta de baralho a 20 mil quadros por segundo. Mas o contraponto dessa nitidez visual foi uma completa incapacidade de agir; Noah pôde ver tudo, mas nada podia fazer.

Uma pistola cinza ardósia apareceu nas mãos de um homem — homem que Molly antes descrevera como um dos membros recém-chegados à organização. A arma foi sacada e apontada na direção do palco; Noah viu um clarão e ouviu a pressão sônica de um rojão ou do estouro de uma sacola de supermercado perto demais da sua orelha, depois outro, outro e mais outro, enquanto a multidão se afastava às pressas do atirador. Os sons de pânico, uma chuva de estilhaços de vidro e faíscas brancas acima do palco, a porta dos fundos sendo escancarada, a entrada violenta e apressada de agentes de terno preto, um odor fedorento feito uma névoa de molho de pimenta e inseticida, um ruidoso tumulto na extremidade do bar anunciando a impetuosa entrada de outro esquadrão da polícia.

Noah foi apanhado pelo turbilhão na tentativa de escapar às cegas da multidão ao seu redor, e acabou sendo arrastado para o centro do bar. E lá estava Molly, talvez a uns seis metros de distância, sendo puxada pelos cabelos e forçada a se ajoelhar, com o braço esquerdo torcido atrás das costas por um brutamontes do tamanho de um zagueiro de futebol. Noah ouviu um grito abafado. Quando se virou, viu o homem que havia conhecido naquela noite, Hollis era o nome dele, atordoado e caído no chão, com os pinos metálicos de

uma arma de eletrochoque zumbindo no peito.

Por trás de seu visor escuro, um policial todo de preto ergueu o cassetete, pronto para abrir um buraco no crânio do homem indefeso a seus pés.

Nessa estranha e lenta procissão de nítidos instantâneos, ecoou na mente de Noah um pensamento aleatório ouvido naquele mesmo dia. Em geral nunca mudamos e passamos boa parte da vida na mesma, até que de repente crescemos de maneira súbita, em momentos decisivos. O que aconteceu a seguir seria ou um desses terríveis momentos decisivos ou o derradeiro erro de uma noite ruim, o pior de todos que ele já havia cometido. Não importava; a sorte estava lançada. Só porque ele passava seus dias garimpando na vasta zona cinzenta entre o certo e o errado, isso não queria dizer que ele não sabia qual era a diferença entre um e outro.

O tempo retomou seu ritmo próprio, e Noah sentiu sua vontade e determinação descongelarem. Quando o porrete preto balançou no ar, Noah esticou o braço e segurou pelo pulso o homem uniformizado, interrompendo seu golpe com um aperto inesperadamente firme e forte, tonificado ao longo dos anos por seu personal trainer na academia. É verdade o que dizem: nunca dá para saber quando todas aquelas barras e flexões vão ser úteis para alguma coisa.

Não houve luta. O homem o encarou; seus rostos estavam separados pela distância de uma mão. Talvez o homem também estivesse no meio de um momento decisivo. De início ele pareceu surpreso, depois incrédulo, e depois, apesar da impressionante gama de armamentos presos ao seu cinturão e dos três policiais adicionais que já corriam em seu auxílio pareceu estar com medo.

Um momento é apenas um momento, e desaparece em um piscar de olhos. Noah sentiu o primeiro golpe na nuca, e talvez outro. E depois não sentiu mais nada.

---

a No original, Ivy League, termo que se refere às oito mais tradicionais e prestigiosas universidades dos EUA: Harvard, Princeton, Yale, Columbia, Pensilvânia, Brown, Cornell e Dartmouth. Literalmente, “Liga da Hera” faz referência à hera (*ivy*), que recobre os muros das antigas universidades. (N. do T.)

b Algo como “Nascido nos Estados Unidos Judaicos”; a frase faz um trocadilho com a sonoridade da expressão “Born in the USA” (Nascido nos EUA). (N. do T.)

c *Truthers* são pessoas ligadas a grupos que exigem saber a verdade (*truth*) sobre os ataques terroristas de 11 de setembro; *Birthers* são teóricos da conspiração que questionam o local de nascimento (*birth*) e a legitimidade da cidadania de Barack Obama, alegando que ele nasceu no Quênia e não no Havaí e que sua certidão de nascimento é uma falsificação; portanto,

Obama não poderia ter sido eleito presidente dos EUA; *Paulites* são adeptos de Ron Paul, candidato republicano nas primárias da eleição presidencial de 2008, que defendia uma auditoria no Federal Reserve; a John Birch Society é um grupo político de extrema direita e anticomunista fundado em 1958 por Robert W. Welch Jr. (1899-1985); *freepers* é um termo pejorativo para se referir aos leitores do *site* Free Republic, de inclinação conservadora e direitista. (N. do T.)

d Patrick Henry (1736–1799), orador e político estadunidense, liderou o movimento pela independência da Virgínia e foi governador pós-colonial do estado de 1776 a 1779; ficou famoso pelo discurso “Give me liberty or give me death!” (Deem-me a liberdade ou deem-me a morte!). (N. do T.)

capítulo 13

Ele abriu os olhos e viu que ela estava olhando para ele.

A ampla variedade de dores que o corpo de Noah estava sentindo servia como prova de que, com certeza, aquilo não era uma invenção de sua imaginação. A cabeça dele estava firmemente aninhada no colo de Molly, enquanto a *van* da polícia seguia aos solavancos pelas ruas do centro da cidade.

Van da polícia?

— Oi — ela disse.

— Oi.

A luz intensa que brilhava no teto do camburão era branco- azulada, fluorescente e desagradável. Quando ele virou a cabeça, sentiu o corpo se contrair de dor por causa de uma súbita pontada na nuca, como se tivesse levado uma ferroada de abelha na medula. O compartimento traseiro estava lotado, além da capacidade máxima, abarrotado de pessoas de cujo rosto ele se lembrava vagamente do bar. A maior parte delas estava sentada, mas alguns dos detidos, como o próprio Noah, estavam reclinados em diferentes estados de penúria física.

Noah levantou os olhos para Molly.

— O que aconteceu?

Ela o silenciou colocando a ponta do dedo nos lábios dele. Noah viu que os pulsos dela estavam amarrados com algemas de náilon.

O veículo deu uma guinada brusca e parou; as portas duplas se abriram e Noah foi separado de Molly e obrigado a descer. Mesmo antes da chegada dos camburões, as equipes de jornalistas já tinham se posicionado no local para gravar e divulgar o desfile dos acusados. Luzes começaram a pipocar quando os correspondentes de canais regionais e redes nacionais passaram a fazer perguntas, aos berros, e os operadores de câmera se acotovelavam tentando

captar a cena. Noah mal se aguentava nas pernas enquanto foi sendo levado em fila junto com os outros.

Assim que os repórteres ficaram para trás, a caminhada até a entrada da delegacia foi um corredor polonês de revistas, empurrões, cutucões e ordens dadas aos berros, que terminou com o estridente baque da porta da cela sendo trancada.

A cela em que ele foi trancafiado era uma de várias enfileiradas no corredor; no total, devia haver ali 300 presos. Todos homens, é claro; as mulheres foram levadas para outro lugar. A maior parte dos sujeitos perto dele parecia ser do grupo do bar. Alguns outros espalhados pela cela, obviamente veteranos tarimbados do sistema penal, pareciam ter sido detidos por causa de delitos banais e cotidianos que iam de vadiagem a prostituição, bebedeira e arruaça.

A chegada em massa de pessoas detidas no bar superlotou a cela. Em sua maioria, os homens pareciam perplexos e mergulharam em um silêncio sorumbático, mas alguns deles eram agressivos: gritavam, xingavam, queriam briga, provocavam os guardas, exigiam falar com o advogado, com a mãe ou com algum outro salvador que lhes desse ouvidos.

Noah foi um dos últimos a entrar e acabou espremido contra as grades na frente da cela. Sua cabeça ainda estava zonza e ele precisava se sentar, mas o compartimento de presos parecia o metrô no horário de pico das 18 horas, e mal havia espaço para mexer o pescoço.

Depois ele viu algo que não conseguiu entender; devia ter se enganado. O homem dos fundos do bar, que sacou a arma, estava sendo escoltado para uma cela adjacente. Não estava algemado nem imobilizado de forma alguma. Estava simplesmente caminhando com os guardas na direção da saída.

— Gardner!

Ouvir seu nome gritado por alguém em algum lugar do corredor trouxe Noah de volta à realidade. Logo apareceu um sargento-escrivão segurando uma prancheta, acompanhado de outros dois policiais.

Ele estendeu o braço entre as grades.

— Sou eu. Noah Gardner.

Os três homens se reuniram em uma rodinha e olharam para Noah,

comparando seus detalhes físicos à descrição de que dispunham na prancheta. O anel de ouro da escola Riverdale Country parece ter sido a peça-chave para a identificação positiva.

O sargento confirmou e reconfirmou suas ordens, fuçou no molho de chaves até encontrar a certa e destrancou a cela. Enquanto Noah saía, um homem ensaiou uma tímida tentativa de aproveitar a brecha e sair junto, mas foi vigorosamente convencido a retomar seu lugar em meio à pequena multidão de presos.

— O que está acontecendo? — perguntou Noah.

— Seu advogado está a caminho — respondeu o sargento, em um tom de voz que sugeria uma palpável repugnância por todo o volúvel empreendimento da jurisprudência dos EUA.

Depois de uma breve caminhada por um labirinto de corredores, Noah se viu sentado em uma saleta defronte à mesa de uma pessoa que ele supunha ser a responsável por sua prisão. O homem estava usando roupas civis, a barba por fazer e todo amarrotado, como se estivesse ou no fim de um turno duplo ou acabado de sair da cama, de um sono profundo para iniciar um novo turno de trabalho. Não era o policial que ele havia enfrentado no bar. Aquele era um rosto de que ele teria se lembrado.

A escrivaninha estava entulhada de arquivos e lixo burocrático; o quadro de avisos era uma bagunça de bilhetinhos, memorandos, listas de plantão e escalas de serviço, folhas corridas, fotografias anotadas e uma nada engraçada caricatura em folha de fax. A mensagem principal daquele espaço acanhado abafado era: funcionário com excesso de trabalho, estressado e mal pago.

— Sr. Gardner, o senhor tem o direito de permanecer em silêncio e se recusar a responder às perguntas. Entendeu?

— Sim.

— Tudo que o senhor disser poderá ser usado contra o senhor em um tribunal. Entendeu?

— Sim.

— O senhor tem direito de consultar um advogado antes de falar com a polícia e de ter um advogado presente durante qualquer interrogatório, agora e no futuro. Se não puder pagar um advogado, será providenciada assistência

jurídica, sem custos. Entendeu?

— Sim, entendi.

— Muito bem. — O policial olhou para Noah pela primeira vez. — Antes que eu pergunte se o senhor está disposto a falar comigo, quero que entenda outra coisa. Não estamos falando de multa de trânsito aqui. Alguém vai para cadeia hoje.

— O senhor e seus amigos vão entrar em um ônibus com guardas armados e vão dar um passeio para serem fichados no Complexo de Detenção de Manhattan — que a maioria das pessoas chama de Tumba. Lá vão tirar fotos de identificação, ceder amostras de DNA e de impressões digitais, e depois serão formalmente acusados, denunciados na Corte de Justiça e encaminhados para julgamento. Ainda que, para ser sincero, como é noite de sexta-feira e ouvi dizer que a casa está cheia, talvez demore até domingo ou segunda-feira até que todo mundo esteja prontinho para ser levado perante o juiz.

— Se o juiz não conceder ao senhor direito a fiança — e, pela natureza das acusações e o clima geral do país, com o envolvimento do Departamento de Segurança Interna, tenho sérias dúvidas quanto a isso —, então o senhor vai entrar em outro ônibus, cujos bancos possuem correntes e cujas janelas são protegidas por grades, porque vai para a Ilha de Rikers.

— As acusações contra o senhor — ele fez uma pausa para ajeitar os óculos sobre o nariz — são incitação à desordem, resistência à prisão e agressão criminosa a um policial. Essa última prevê sentença mínima de três anos e meio na penitenciária estadual. E alguém entre os senhores, não sei quem, vai ser acusado de agressão com arma de fogo de força letal. Se esta parece mais séria do que as outras, é porque é mesmo.

Ele tomou um gole de café e ajeitou mais uma vez os óculos. Noah ficou com a nítida impressão de que o policial já tinha feito aquele showzinho uma ou duas vezes antes.

— Agora, a menos que alguém se apresente e me esclareça sobre as circunstâncias — e com isso quero dizer alguém como você, se me permite chamá-lo assim —, vou ficar feliz em deixar que os policiais presentes na cena do crime separem os espectadores inocentes dos criminosos.

— Então podemos conversar aqui e agora ou você pode preferir ficar pensando no assunto enquanto faz novos amigos entre a população carcerária da

Tumba. E, não sei o que já ouviu sobre o lugar, mas, acredite em mim — ele fez um gesto apontando sua deprimente sala —, lá não é tão bacana como aqui.

O policial se inclinou para a frente, o que fez ranger sua velha cadeira, e abaixou a voz, como se algum colega passando pelo corredor pudesse entreouvir que ele estava "amolecendo" ou "pegando leve" com um suspeito.

— Escute, você me parece um bom sujeito. Isso não é o tipo de coisa para um cara como você se envolver. Mas estou de mãos atadas; temos uma testemunha ocular na outra sala que afirma que você bateu em um policial com um cassetete. Não quero acreditar nisso, mas você precisa falar e se defender, caso contrário, não vou poder te ajudar.

— Tenho certeza de que você simplesmente estava no lugar errado na hora errada, isso dá para imaginar, Noah, mas você tem de conversar comigo agora. — Ele abriu a gaveta, tirou um pequeno gravador, checou a tela, apertou o *play* e colocou em cima do boletim policial, entre os dois. — Agora que já avisei você sobre seus direitos, está disposto a responder a algumas perguntas?

Antes que Noah pudesse responder, houve três rápidas batidas na janelinha de vidro da porta, e o advogado da família Gardner, Charlie Nelan, entrou sem esperar permissão. Ele pegou o gravador, desligou-o e enfiou no bolso. Um protesto do policial foi engolido em seco antes mesmo que pudesse ser pronunciado, sufocado por um gesto do advogado assegurando que no devido tempo, o oficial da lei teria toda a atenção que quisesse.

Charlie se virou para Noah.

— Você falou alguma coisa?

— Não.

— Nada mesmo?

— Eu não falei nada, só que eu tinha entendido meus direitos.

— Bom garoto. — Charlie era um desses superprofissionais da velha guarda, de cabelos grisalhos e fé cega no poder da imagem. Em todas as ocasiões e lugares, ele sempre parecia ter saído das páginas da edição especial "Advogados Incríveis" da revista *Gentleman's Quarterly.* Felizmente, ele era tão perspicaz quanto sua aparência sugeria.

Nelan tocou o queixo de Noah e virou a cabeça do rapaz para ter uma

melhor noção dos ferimentos sofridos na prisão. Depois fechou a porta e se virou para o homem sentado do outro lado da mesa.

— Detetive...

— Halliday.

— Detetive Halliday, quero que meu cliente seja solto imediatamente, e que todas as acusações sejam retiradas, e quero que este registro policial vá para a retalhadora de papel.

O policial bufou, mas a bravata não foi totalmente convincente.

— A caminho daqui liguei para seu capitão — disse Charlie. — Neste exato momento, este episódio está entre nós quatro, e é aí que a história vai morrer.

— Agora escute aqui — disse Halliday. — Não me interessa o que o senhor quer ou para quem ligou ou até aonde quer que a história vá. — O telefone em cima da mesa começou a tocar, e ele olhou duas vezes para confirmar o nome e o número que apareceram no identificador de chamada.

— Acho melhor o senhor atender — recomendou Charlie. — Estaremos do outro lado do corredor, na sala G, quando precisar de nós.

A sala G era outro cubículo reservado a interrogatórios. Quando a porta se fechou, Charlie fez Noah se sentar, tirou do bolso interno do casaco uma garrafa de água mineral e entregou a ele.

— Como ficou sabendo que eu estava aqui? — Noah perguntou.

O olhar do advogado deu a entender que o jovem Sr. Gardner estava se preocupando com algo muito aquém daquilo com que devia se preocupar, dadas as circunstâncias.

Charlie começou a teclar números no celular e quando pôs o telefone no ouvido apontou para a garrafa de água, como se uma hidratação adequada fosse a única coisa substantiva que Noah poderia fazer naquela altura dos acontecimentos.

Pelo que parecia, a ligação era para um procurador assistente ou o próprio promotor de justiça, mas, antes que Noah pudesse entender o teor da conversa, outra coisa chamou sua atenção na janelinha de vidro da porta.

Lá fora, em uma área comum, havia uma dezena de homens reunidos, tomando café e batendo um animado papo com um policial uniformizado. Ele se

levantou e chegou mais perto do vidro, tentando acreditar no que seus olhos viam.

Naquela reunião surreal estavam todos os arruaceiros, todos os encrenqueiros que tinham feito questão de chamar a atenção durante os discursos no bar. Todos estavam vestidos de maneira parecida, as poucas diferenças se limitavam aos *slogans* inflamados nas roupas e à escolha dos acessórios estilo caipira-chique. Antes, porque estavam separados e espalhados em meio a um grupo mais amplo, tinha sido difícil identificá-los como coconspiradores, mas juntos daquele jeito, com a guarda baixa, suas roupas eram óbvias e seus maneirismos inadequados. Parecia uma festinha de atores medíocres aspirantes ao papel de dublê do personagem "Larry, o instalador da TV a cabo".

Um deles correspondia exatamente, até o último detalhe, a uma imagem que Noah tinha guardado na memória. Desta vez, ele tinha certeza: o homem estava usando uma camisa de flanela, um colete de caçador, uma bandana improvisada com um retalho da bandeira dos Confederados da Guerra Civil e um coldre de ombros.

Charlie encerrou a ligação e fechou o telefone com um estalo.

— Tudo bem — disse Charlie com um suspiro. — Vamos nos sentar e conversar sobre isso.

— Charlie...

— Correção. Você fica quieto e me deixa falar.

Os dois se sentaram. Noah optou por uma cadeira que preservava sua visão da janela.

— Não sei o que você fez ou deixou de fazer, e não quero saber. O que importa é a acusação que eles podem fazer contra você, que é a de ter colocado as mãos em um policial enquanto ele cumpria o dever, o que neste estado é um delito grave. Olhe para mim. Se você fez isso, aos olhos da lei não importa por que você fez isso — autodefesa, calor do momento, insanidade temporária, tanto faz —, a condenação é quase certa.

— Pois bem, liguei para algumas pessoas cobrando alguns favores, e eles ainda querem acusar você de alguma coisa menos clamorosa, agressão simples, conduta desordeira, sei lá. Depois, liguei cobrando outros favores, e também deu certo. Você vai sair daqui hoje à noite como se isso nunca tivesse acontecido.

— Me escute um segundo.

— A coisa é grave, Noah. E vou dizer outra coisa: chega, acabou. Queimei todas as minhas fichas hoje. Agora não tem mais essa história de você sair da cadeia de graça. Até segunda ordem, se você atravessar a rua fora da faixa de pedestres, se jogar um papel de bala fora da lixeira ou se ouvir música alto demais e um desses caras ficar sabendo, já era. De hoje em diante, se você sair da linha abaixo da Rua 34, não vou poder fazer muita coisa por você.

— Eu entendo e agradeço. Agora posso dizer uma coisa?

Charlie consultou o relógio.

— Vá em frente.

— Essa história toda foi uma armação.

— Pouco me importo.

— Esses caras, bem ali — Noah apontou para o vidro, e Charlie olhou de relance naquela direção —, estavam lá na reunião de hoje, onde tudo isso aconteceu, e estavam lá especificamente para aprontar alguma coisa. Quando se cansaram de esperar alguém ficar violento, eles mesmos entraram e causaram o tumulto.

— Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que acha que um policial de Nova York disfarçado descarregou sua arma em um bar lotado para provocar o incidente?

— Sim.

— De jeito nenhum. Sem chance.

— Tudo bem, então não era um policial. Não vi nenhum distintivo nos homens que chegaram arrebentando o local, talvez fossem... não sei, seguranças contratados que fizeram o trabalho sujo e depois nos entregaram para Polícia de Nova York.

— Noah — disse Charlie, com voz paciente mas firme. — Acalme-se. O que quer que tenha acontecido, não é problema seu.

— Como você pode dizer isso? Aquele cara bem ali, aquele com o crachá de visitante e o coldre debaixo do colete, foi ele que fez os disparos e começou tudo isso! Depois a tropa de choque invadiu imediatamente, ninguém ligou para polícia, não houve a mínima demora, eles já estavam esperando na porta. E a

imprensa — todos esses repórteres já estavam aqui na frente da delegacia; como ficaram sabendo?

— Tá legal, então foi uma armação. E o que você acha que podemos fazer sobre isso, você e eu? Quem é você agora, Nelson Mandela? Vou dar uma notícia de última hora para você, filho: não existe Papai Noel, nem coelhinho da Páscoa, nem uma Fada da Justiça que dê a mínima para o que você viu. A injustiça existe neste mundo, e, se você tem a sorte de viver protegido da pior parte dela, a maior parte das pessoas não tem. — Ele deu um tapinha no ombro de Noah. — Sua justa indignação está anotada e arquivada. Agora vamos embora, comer uma pizza em algum lugar chique.

— Não vou embora.

— Como é que é?

— Não sem todo mundo que foi trazido para cá comigo.

Charlie não respondeu de imediato.

— Você tem certeza do que viu? — ele perguntou, por fim.

— Absoluta.

— E se eu mexer de novo nesse vespeiro e sair de mãos vazias? Há uma boa chance de arruinar o acordo que eu acabei de fazer.

— Charlie, eu tenho certeza.

— Tudo bem — respondeu o advogado. — Vou dar uma investigada e ver o que posso fazer. Mas vou logo avisando, seja lá o que eu descobrir, isso vai exigir mais fichas do que eu tenho no bolso. Isso quer dizer que vou ter de ligar para o seu pai.

Não era uma boa notícia, mas Noah respirou fundo e meneou a cabeça em sinal de permissão.

capítulo 14

Noah manteve a calma enquanto percorria o último e longo corredor rumo à saída do Primeiro Distrito, mas, quando por fim passou pela porta e pisou na calçada, seu coração começou a bater tão rápido e forte que quase dava para senti-lo martelando sob a camiseta emprestada.

A injustiça existe, dissera Charlie, fato pelo qual seu jovem cliente agora se sentia profundamente agradecido. Se por causa do abuso de poder, ele tinha sido obrigado a passar boa parte da noite na cadeia, também foi graças a um segundo abuso de poder que as autoridades tinham sido coagidas a libertá-lo; independentemente de como tinha sido obtida, ainda assim era liberdade, e talvez pela primeira vez na vida ele entendeu o significado da palavra.

De acordo com Charlie, que começara a investigar o caso, um grupo de policiais tinha resolvido corroborar a versão de Noah acerca dos eventos da noite: aparentemente eles não queriam tomar parte da prisão e acusação injusta de um grupo indefeso de cidadãos que compartilhavam as mesmas ideias. Já que uma pequena rebelião estava ameaçando eclodir entre os policiais e as forças de segurança contratadas para trabalhar na cena do “crime”, veio um telefonema de algum alto escalão e tudo foi imediatamente abafado, de maneira abrupta e discreta.

Noah parou junto à rua, sentindo-se repentinamente exausto e cambaleante, e se encostou a um poste em busca de esteio. Ele se recuperou sorvendo o ar gelado da noite, que passou por uma fina adaga de dor que apunhalava com força o espaço entre suas costelas. Doía, mas não havia nenhum estrago permanente; ele estava machucado, mas não destruído.

Todos os outros tinham começado a dispersar atrás dele, consultando os relógios, conferindo e guardando nos bolsos os pertences devolvidos pela polícia; todos pareciam totalmente felizes e aliviados, sem o menor sinal de cansaço ou ferimentos. Os que eram de fora da cidade esquadrinhavam o

horizonte urbano à procura de pontos de referência, como se tivessem caído sem bússola de um avião nos confins de Bornéu. Mas um ajudou o outro, e não demorou muito para que todos seguissem seu próprio caminho e fossem embora a fim de dormir e descansar da aventura da noite, sãos e salvos, em seus próprios quartos, e não em uma cela.

Noah ficou surpreso ao constatar quanto as coisas lá fora pareciam diferentes. Horas antes tudo parecia sombrio, tempestuoso e melancólico, mas agora o céu estava limpo, e as luzes suaves da metrópole nos minutos que antecediam o amanhecer ofuscavam até mesmo as estrelas mais brilhantes.

Noah sentiu que alguma coisa roçou de leve seu braço, tirando-o de suas reflexões. Quando se virou para ver quem o havia tocado, teve de olhar para cima.

— Eu só queria dizer obrigado — agradeceu Hollis.

Se ainda estivesse com seu boné, ele estaria apertando-o timidamente entre as mãos.

— Ei, não há de quê.

— Não, não. — Hollis balançou a cabeça. — Estou em dívida com você.

— Vou fazer um trato com você. Me diga que horas são, e estamos quites.

O homenzarrão olhou para o céu e por alguns segundo pareceu contar o número de corpos celestes antes de responder.

— Eu diria que são 4h30, mais ou menos.

— Quatro e meia. Devo supor que é o fuso horário das Montanhas Rochosas?

Hollis sorriu, como se um velho amigo tivesse acabado de contar uma piada não muito engraçada.

— Agora, boa noite.

— Cuide-se.

Alguns quarteirões rua acima Noah avistou um carro parado na esquina. Ele levantou a mão para o motorista e a Mercedes piscou os faróis e as setas.

Noah deu um passo na direção do carro, mas parou ao ouvir vozes conhecidas. Ele se virou e viu Molly e a mãe se despedindo do último de seus

compatriotas. As duas tinham ficado para trás para se certificar de que todos haviam sido liberados. Quando avistou Noah parado na rua, Molly cochichou algo no ouvido da mãe e as duas caminharam na direção dele.

— Não fomos apresentados de maneira apropriada — disse a mulher mais velha. — Meu nome é Beverly Emerson.

— Noah Gardner. — Os dois trocaram um aperto de mãos. — Não precisa nem dizer, mas eu gostaria que tivéssemos nos conhecido sem toda essa confusão. Creio que temos de agradecer-lhe por ter defendido todos nós esta noite.

— Isso me faz sentir muito mais nobre do que de fato sou.

— Agradeço muito o que você fez. — Com o cotovelo, ela deu um leve cutucão maternal na filha.

— Eu também — disse Molly.

Havia algo difícil de descrever na maneira com que ela olhava para ele; a expressão nos olhos dela não era a de um pedido de desculpas, mas algo parecido.

De sua parte, Noah estava se sentindo cada vez mais constrangido com toda aquela gratidão despropositada, como se a única coisa que ele tivesse feito fora colocar o pai na jogada.

— Da próxima vez que eu falar com meu advogado vou transmitir a ele seus cumprimentos. Ele ainda está lá dentro, limpando a bagunça.

O carro se aproximou lentamente e parou junto ao meio-fio. Com um clique as portas se destravaram. Dadas as circunstâncias, Noah teria preferido um carro menor, mas a central havia despachado um Pullmann S600 prateado, veículo quase tão pomposo quanto a limusine esticada do Riquinho.

— Posso oferecer uma carona a vocês, para qualquer lugar?

— Oh, seria fantástico — disse Beverly.

Molly sentou-se de frente para ele, ao lado da mãe. O interior daquele carro podia ser usado como uma sala de reuniões e local de trabalho para quatro pessoas. Seu conforto e regalias eram tão exagerados como os de qualquer limusine dedicada ao luxo puro e simples. Todas as superfícies ali eram de couro costurado a mão e de madeira envernizada. Todos os quatro bancos, dispostos

dois a dois, eram encimados por painéis reluzentes prontos para propiciar acesso a uma estonteante gama de informações e entretenimento. Nos consoles e nos descansos dos assentos havia telas embutidas sensíveis ao toque, capazes de encomendar qualquer necessidade humana imaginável. O veículo inteiro era um monumento ambulante aos confortos da realeza empresarial do Primeiro Mundo. Pelo preço daquele interior customizado era possível comprar uma bela casa em praticamente qualquer lugar do mundo.

— Eu nem sempre ando de carro em tão alto estilo — Noah se desculpou assim que o carro se pôs em movimento. — Mas, só para vocês terem uma ideia das coisas, meu pai jamais andaria em uma Mercedes. Ele anda em um Maybach 62 blindado, ou a pé.

Acontece que cada um estava indo para um lugar diferente, em direções quase totalmente opostas. Quando, pelo intercomunicador, o motorista perguntou "Para onde?", Noah o instruiu a seguir para o mais próximo dos três destinos, o hotel Chelsea. Enquanto isso, as mulheres olhavam embasbacadas para tudo o que havia dentro do carro, e hesitavam em tocar no que quer que fosse por medo de terem de pagar caso quebrassem algo.

— Vocês vão gostar disto — disse Noah, abrindo um compartimento a seu lado.

Atrás de uma portinha deslizante havia uma pirâmide de toalhinhas de mão turcas, mantidas aquecidas e úmidas como pãezinhos. Noah pegou uma para cada um, depois abriu a sua sobre o rosto, pressionando e esfregando suavemente o paninho para sentir o calor na face. Por fim se recostou e inalou o aroma de frutas cítricas e ervas terapêuticas. Suas duas companheiras de viagem fizeram o mesmo, e logo depois era possível ouvir dentro do carro longos suspiros, os sons de impenitente indulgência, conforto e alívio.

Ele sabia exatamente o que elas estavam sentindo, mas de alguma maneira conseguiu manter silêncio sobre o assunto. A sensação física era bastante boa, mas um enorme peso também tinha sido tirado dos ombros deles, e agora a ficha estava começando a cair. A noite ruim estava oficialmente terminada, e os três ainda estavam em pé.

Dando continuidade à sessão de refrigério, Noah abriu um frigobar e entregou a cada uma um refrigerante. O carro já tinha vencido vários quarteirões e, apesar dos ocasionais trechos de asfalto ruim e dos incessantes barulhos da cidade, o interior do veículo era tão silencioso e firme que seria possível realizar

ali uma cirurgia de grande porte.

— A Molly me disse que você é um redator criativo.

Noah estava no meio de gole e quase cuspiu o líquido.

— Ah, então é assim que ela define meu trabalho?

— Você trabalha em um ramo tão interessante — disse Beverly. — Como é um dia típico de trabalho seu, se me permite perguntar?

— Um dia típico — ele disse, refletindo. — Vamos pegar a sexta-feira, ontem, vamos ver... Não posso falar com vocês sobre o que fiz de manhã, também não posso comentar o que fiz à tarde. Mas ao meio-dia escrevi umas coisinhas para um homem, um senador do oeste que está em vias de ser alvo de uma investigação de uma comissão de ética.

— Ele fez alguma coisa errada?

— Absolutamente sim. Ele ajudou um antigo assistente a se tornar um lobista não registrado, depois participou de algumas reuniões de caráter suspeito para confirmar o negócio, e, enquanto isso, manteve durante quase um ano inteiro um caso com a esposa de outro cara.

— Meu Deus.

— É, e todos esses fatos estão ligados entre si de um jeito muito perverso.

— E o que você escreveu para ele dizer?

— Ah, o de sempre, você já ouviu antes: não houve delito nem má ação, as acusações são infundadas, ele jura que vai cooperar com as investigações e tem plena fé na justiça, faz algumas críticas às motivações de seus acusadores — um texto curto e bonzinho, porque ele está morrendo de vontade de voltar para cuidar das necessidades de seus eleitores. Acredite, esse tipo de coisa é rotina. Vai estar nos jornais amanhã à noite; só por isso posso contar para vocês.

Noah já tinha passado por essa conversa introdutória muitas vezes, por isso já sabia qual seria a próxima pergunta. Ele já a tinha respondido diversas vezes, em centenas de coquetéis e de primeiros encontros, e sua resposta já havia se tornado tão automática e tão plácida que ele nem se preocupava mais. O problema é que, embora as palavras tenham sido basicamente as mesmas, Beverly Emerson fez a pergunta de um jeito que ninguém jamais fizera antes.

— Mas isso não te incomoda, Noah?

A pergunta não foi feita em tom de falso espanto, nem de arrogante julgamento moral, tampouco (o que era mais comum) de uma tentativa de arrancar dele um bom conselho sobre como deixar de lado a própria consciência em uma carreira igualmente duvidosa. Em vez disso, a pergunta foi colocada com genuína compaixão, como se ela já soubesse o que o coração de Noah sentia. Por causa disso, não restou a ele alternativa a não ser responder honestamente.

— Toda vez que cometo o erro de parar para pensar de verdade no assunto? Sim, me incomoda sim, muito.

O carro fez sua primeira parada.

— Aqui eu desço — anunciou Beverly.

Assim que o motorista abriu a porta lateral, ela abraçou a filha e murmurou "boa noite", depois deu uma palmadinha no joelho de Noah.

— Meu amigo, foi uma experiência e tanto. Espero rever você em breve.

— Boa noite. Ele ergueu a garrafa de refrigerante. — Um brinde a uma noite mais calma da próxima vez.

Beverly desceu do carro e Molly acompanhou a mãe com os olhos até vê-la desaparecer em segurança dentro do saguão do hotel. O carro se pôs em movimento novamente; o motorista ficou imóvel e em silêncio à espera de novas instruções. Ele já tinha sido instruído, muitas vezes, que em seu trabalho a jornada era tão ou mais importante que o destino final.

— Você está muito quieta.

— Acho que sim — Molly admitiu. Entre os dois havia uma tela, que Molly afastou com o braço. — Você tem alguma música neste carro? — ela perguntou.

— Claro. — Noah acionou uma tela sensível ao toque perto da porta e, uma vez que ele não fazia ideia no que ela estava interessada em ouvir, deixou que a seleção aleatória do carro decidisse.

— Hoje fiz 28 anos — comentou Noah. — Quer dizer, ontem.

— Feliz aniversário.

— Obrigado. Quando soprei a vela do meu bolinho fiz um pedido: meu desejo era passar mais tempo com você hoje.

Ela esboçou um sorriso.

— Acho que você devia ter sido mais específico.

— Você está certa. Eu devia ter dito: não atrás das grades.

Pelos alto-falantes começou a tocar uma música suave, uma voz e um violão suave.

— Noah?

— Hmm?

— Quero pedir desculpas.

— Por quê?

— Acho que te julguei mal.

— Talvez sim, talvez não.

Ela olhou pela janela. No rosto dela havia um arranhão e um hematoma, legados da briga no bar, mas essas marcas em nada diminuíram a beleza do perfil que ele tinha achado tão encantador à primeira vista.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou.

— Para lugar nenhum, agora. Quer ir para casa?

Ela balançou a cabeça.

— Estou com fome.

— Não diga mais nada. — Noah apertou o intercomunicador. — Eddie, você pode, por favor, nos levar ao Amy Ruth's, na rua 101 com a 16? E ligue antes, certo? Não sei se já estão abertos. Diga ao Robert que precisamos de suco de laranja e dois Al Sharptons na calçada.

Pela divisória de vidro Noah viu o motorista assentir com a cabeça e acionar *bluetooth*.

— O que é um Al Sharpton?

— Frango frito com *waffles*. Você é uma garota do sul, certo?

Ela fez que sim com a cabeça. — Mas acho que o sul talvez seja um pouco maior do que vocês, nova-iorquinos, pensam. Nunca ouvi falar de frango com waffles.

— Então acho que você vai ter uma surpresa, não é?

A caminho do restaurante, ele ficou sabendo um pouco mais sobre a vida dela. A família de Molly se mudava muito de um lugar para o outro quando ela era mais nova, por causa do trabalho do pai, engenheiro da Pratt & Whitney. Eles acabaram indo parar perto da Base Aérea Arnold Air, em Manchester, Tennessee. Quando o pai de Molly morreu em um acidente na fábrica de testes, ela e a mãe ficaram por lá. A mãe voltou a usar o nome de solteira e anos depois iniciou o grupo patriota do qual as duas faziam parte, o FoundersKeppers.

— Quantos anos você tinha quando seu pai morreu? — quis saber Noah.

— Nove. — Ele deu um suspiro e balançou a cabeça. — Eu tinha dez quando a minha mãe morreu.

— Sinto muito.

— Quer saber de uma coisa? — Vamos mudar de assunto. Pode me perguntar qualquer coisa.

— Tá legal. Qual é a pessoa mais fascinante que você já conheceu?

Ele respondeu sem hesitar.

— O presidente Clinton. Fácil.

— É mesmo?

— Deixando de lado a política, nunca vi um ser humano com tanto carisma. E você tinha falado na questão de mentir — aquele homem conseguia guardar na cabeça umas 20 lorotas, muito bem elaboradas e todas relacionadas entre si, improvisava tudo de supetão e fazia você acreditar em cada palavra, mesmo se você estivesse segurando na mão um calhamaço de provas irrefutáveis contrariando o que ele estava dizendo. A mulher dele pode até ser um pouco mais inteligente, mas não tem a habilidade da prevaricação. Já o Al Gore, se não seguisse um roteiro preparado de antemão, seria horrível, um caso perdido. Mas o Clinton? Ele é como aqueles malabaristas que giram pratos no circo: faz tudo parecer a coisa mais fácil do mundo. E obviamente ele tem uma outra habilidade: hipnotiza completamente as mulheres.

— Bom, nunca achei ele tão atraente assim.

— Ah, mas é totalmente diferente quando uma pessoa como ele está ao seu lado. Não é como na TV. Se ele estivesse sentado bem aqui agora, onde eu estou,

juro que você não iria resistir. Ele não precisaria nem fazer força. Se você ouvi-lo citando a lista telefônica, vai jurar que ele é Oscar Wilde. Se Clinton ler um conto de fadas para você, quando Rapunzel atirar pela janela as tranças cor de mel, você já estará de calcinha arriada.

— Vou ter de acreditar no que você está dizendo.

— Agora que você já sabe disso, preciso dizer também que ele é um dos filhos da puta mais inescrupulosos que existem no mundo, e vai demorar gerações para aparecer outro igual a ele. — Noah olhou rapidamente pela janela para ver se já estavam perto do restaurante.

— E você?

— O quê?

— Quem é a sua pessoa mais fascinante?

— Ah. — Molly pensou durante alguns segundos. — A minha mãe, acho. Não frequento os mesmos círculos que você, mas sou uma grande fã da integridade. — Ela tomou um último gole do refrigerante, recostou-se no banco e pousou a garrafa. — Por falar em pais fascinantes, seu pai deve ser um tema interessante, não?

— Isso ele é.

— E então?

— Deixe-me pensar por onde devo começar... ele foi bolsista da Rhodes Scholar, fato que pouca gente sabe. Ele estava estudando antropologia em Oxford quando conheceu um homem chamado Edward Bernays — sobrinho e admirador de Sigmund Freud, se é que isso ajuda a explicar em parte essa profissão esquisita —, e o Sr. Bernays precisava de sangue novo, alguém com as habilidades do meu pai para injetar gás no ramo de atividade que ele tinha inventado décadas antes.

— As relações públicas.

— Exato. O primeiro trabalho importante de Bernays foi ajudar Woodrow Wilson a mexer os pauzinhos para conseguir fazer os EUA entrarem na Primeira Guerra Mundial. E o primeiro projeto do meu pai com ele foi uma gigantesca campanha de propaganda para Howard Hunt e a CIA, juntamente com a United Fruit Company, quando juntaram forças para derrubar o presidente da

Guatemala, em 1954.

— Não!

— Sim, e o resto é história, literalmente.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Quando penso em golpe de Estado imagino exércitos e tanques nas ruas, não um punhado de cartazes e folhetos.

— Não, não, é muito mais que isso — política e guerra, é tudo psicologia social, e talvez sempre tenha sido. Dê só uma olhada no empurrãozinho das relações públicas que fez o povo norte-americano apoiar a guerra contra o Iraque em 2003. Não foi obra da nossa empresa, foi do grupo Rendon em Washington, mas eles fizeram o mesmo trabalho que nós fazemos. E a gente não apoia nem um lado nem outro, a menos que nos paguem para isso. Se alguém vier falar com a gente querendo ajuda para obter o apoio da opinião pública para uma guerra, por exemplo, não perguntamos se isso é certo ou errado; é a mesma coisa com a agência de publicidade do McDonald's: ela não pergunta se seu cliente faz um hambúrguer melhor que o Burger King. Mas no nosso caso são apenas palavras e imagens, isso é que faz tudo parecer tão simples. As relações públicas são a engenharia científica do consenso.

— Não sei ao certo se entendi.

— Pegue o caso de um golpe de Estado fabricado, como o da Guatemala. Nós engendramos a derrubada de um presidente democraticamente eleito, e o sujeito era popular, ia tomar de volta as terras da United Fruit e devolvê-las ao povo. Então, ele teve de ser demonizado antes de ser tirado do governo. Se a chegada for súbita, com tropas na rua, o povo poderá pegar armas e resistir, o que não pode acontecer. As pessoas precisam ser pacificadas, porque a primeira coisa que tem de mudar é o coração delas.

— Usando nosso próprio país como exemplo. Há 80 milhões de cidadãos com armas de fogo nos EUA, seria impossível vencer se todos começassem a apertar o gatilho. Não dá para tirar a liberdade de uma população livre e bem informada; as próprias pessoas têm de abrir mão dela.

Então, os soldados são a última etapa, e, se o trabalho das relações públicas foi benfeito, os tanques só entram em cena quando o povo já nem tem mais vontade de lutar. Quando os tanques chegam, o povo saúda os soldados. Aquele

negócio de “corações e mentes”, sabe? As pessoas se submetem a passar por revistas, abrem mão de todos os seus direitos e se esquecem dos vizinhos que foram levados embora. Escute, a menina dos olhos da biblioteca de Joseph Goebels era um livro de Edward Bernays, e nem preciso falar da eficácia com que os nazistas usaram a propaganda e as relações públicas. Sim, sei que é um exemplo horrível.

— Fico feliz que você tenha dito isso.

— Mas desde o início todos aqueles velhos caras, o pioneiros desse negócio e seus amigos da classe dominante, se viram como os novos Pais Fundadores da nação. É sério, eles se viam como pastores, e as massas, a plebe, a ralé eram seus rebanhos indefesos. Especialmente Bernays, ele acreditava que era responsabilidade das elites da sociedade manipular o público em geral para tomar decisões que as pessoas não eram suficientemente inteligentes para tomar por conta própria, usando quaisquer meios que fossem necessários.

A ideia visionária que ele tinha para este país, para o mundo inteiro, na verdade, era um “Estado-babá”, enorme e benevolente, uma plutocracia, em que as pessoas seriam mimadas em todos os aspectos da vida e receberiam tudo de mão beijada. Ele mostraria ao povo como votar, o que comer, o que amar e o que odiar, o que e quando pensar. E, que Deus nos livre, meu pai aprendeu direitinho e levou a sério essas lições e as desenvolveu. Ele faz o que faz melhor do que ninguém.

Ele percebeu que tinha falado e falado sem parar, e só notou isso pela expressão vazia que tinha tomado conta dos olhos de Molly. Ela estava parecendo uma criança que acabou de ficar sabendo o que acontece com os os filhotes rejeitados pela mãe.

— Essa conversa foi meio um balde de água fria, né?

— Tá legal. Chega de falar de trabalho.

O carro estacionou junto à calçada em frente ao restaurante, a janela lateral se abriu, e um homem sorridente usando um avental branco se aproximou trazendo uma bandeja fumegante.

— O jovem Sr. Gardner.

— Bom dia, Robert. Desculpe ter tirado você da cama.

— Sem problema, sem problema, ficarei feliz em lançar minha

inconveniência na sua conta.

— Tenho certeza de que você vai fazer isso, Robert. Esta é a Molly. É a nossa primeira refeição juntos, e eu queria impressioná-la.

O *chef* passou pela janela as bandejas cobertas, garrafas e talheres embrulhados em guardanapos.

— Bem, Molly, se seu novo amigo não tiver nenhuma outra qualidade, pelo menos tem bom gosto em *soul food*[a].

Enquanto o carro cruzava novamente a cidade, os dois mais comeram do que conversaram. Como sempre, o frango com waffles estava delicioso, e Molly terminou bem antes que Noah.

— Como era sua mãe? — ela perguntou.

— Meu pai conheceu minha mãe em 1978, e vou dizer uma coisa: duvido que já tenham existido duas pessoas mais diferentes. Ah, isso é interessante, minha mãe aparece naquele documentário sobre Woodstock.

— Que parte?

Ele passou a mão na frente dos olhos.

— Não sei exatamente. Para dizer a verdade não consigo assistir. Ela está dando uns amassos em algum cabeludo e, não tenho certeza, acho que ela tira a roupa para câmera em algum momento.

— Não tem certeza? Isso é uma coisa de que eu me lembraria claramente.

— Olha só, eu bloqueio isso, é a minha mãe, tá? Então, anos depois, no fim da década de 1970, ela ainda acreditava nas causas que ela defendia, mas acima de tudo ela amava a vida, sabe? Nunca quis muita coisa. Ela tinha um pequeno apartamento no interior de Nova York, e estava trabalhando como garçonete em um *resort* lá.

E o meu pai, o homem que se tornaria meu pai, tinha uma casa gigantesca no lago lá perto. Ele a viu no restaurante, convidou-a para sair, e foi isso. Tipo um romance–relâmpago. Acho que ela foi a quarta esposa dele, talvez a quinta. Mas depois que ela morreu, ele nunca mais se casou.

— Então vocês três moravam lá?

— Não, não, meu Deus do céu. Ela não quis se mudar para a cidade grande,

e ele, é claro, era grande demais para aquela cidadezinha. Então, eu mal o via, a não ser nas férias e nos feriados. Não éramos o que se pode chamar de família tradicional. Olha só, até os 6 anos eu achava que ele era meu avô! Ele é bem mais velho que ela. — Noah ficou desnorteado por alguns instantes, e teve de olhar longamente para as próprias mãos antes de interromper o jorro de lembranças. — Em todo caso, ela morreu. Câncer no pulmão, e acho que o meu pai não sabia o que fazer comigo, então me trouxe para cá.

O interior do carro mergulhou no silêncio por um ou dois minutos.

— Ei. — ela deu um tapinha no joelho de Noah, que ergueu os olhos. — Você se importa se eu me sentar ao seu lado?

— Não, não me importo.

Os bancos eram feitos para um único ocupante, mas ela mudou de lugar, colocou os pratos de lado e se encaixou com facilidade no colo de Noah, com um braço atrás das costas dele, uma mão pousada no peito e a cabeça encostada no ombro dele.

— Acho que vou gostar de você — disse Molly.

— Você parece tão surpresa.

— Acho que estou.

Com um movimento delicado ele ajeitou o braço em volta dela, hesitante por medo de arruinar o momento, mas não precisava ter se preocupado. Ela tocou sua mão e se aninhou ainda mais junto dele.

— Acho que eu também gosto de você — ele disse. — Mas desde já, fico imaginando. E se eu baixar a guarda e me entregar e depois você me machucar? Bom, você viu o que eu fiz com aqueles brutamontes lá no bar.

— Ah, não, você vai bater no meu joelho com seu rosto?

— Com o máximo de força.

A viagem continuou. A conversa entre os dois fluía tranquila, os assuntos e as ideias brotavam a esmo. Na rua 90 o motorista entrou no Central Park e depois usou a lábia para convencer um policial a cavalo a deixar o carro passar por um bloqueio no Engineers’ Gate (Portão dos Engenheiros). Naquele dia e àquela hora era estritamente proibido o tráfego de veículos no local, mas é difícil dizer “não” para um automóvel como aquele, especialmente quando não se tem

certeza de quem está sentado no banco de trás. O carro seguiu lentamente, não apenas para dar aos atletas de fim de semana e frequentadores do parque seu direito de ir e vir livremente. Por alguma razão, o passeio de carro no parque naquele amanhecer de sábado jamais tinha parecido tão extraordinário, e não havia pressa nenhuma em deixar aquele momento para trás.

— Noah?

— Sim.

Ela se espreguiçou, arqueando o corpo contra o dele, depois o olhou nos olhos.

— Você pode me levar para casa gora?

— Claro. Onde você disse que morava mesmo, perto do Parque Tompkins Square?

— Não, eu quis dizer para sua casa.

— Oh. — Ele piscou. — Tá bom.

— É que eu ainda não me sinto segura, depois do que aconteceu ontem à noite.

— É compreensível.

— E não estou falando de nada sexual.

— Fico surpreso de você ter mencionado isso. É a última coisa que me passaria pela cabeça.

— Sei.

— Não, na verdade não, mas tudo bem. Então vai ser tipo um pernoite, tenho um quarto sobrando. — Ele pressionou o botão do intercomunicador e pediu ao motorista que os levasse de volta para sua casa, na rua 67 com a Quinta Avenida.

— Sei que é esquisito falar nisso — disse Molly —, mas é que eu só quero que você saiba que não dormiria com alguém que...

— Só quisesse passar uma noite com você.

— Isso. Eu quero ser franca. Não é algo que eu costumo fazer.

— Entendi.

— E não estou dizendo que nunca fiz, ou que não venha a querer fazer. — Ela ajeitou a gola dele, que aparentemente estava torta o tempo todo, e mais uma vez aninhou a cabeça no ombro dele. — É que cometi alguns erros terríveis na minha vida, e decidi não repeti-los.

— Tudo bem, não precisa falar mais nada. Você não sabe o que está perdendo neste caso, mas tudo bem.

---

a “Comida de negro”, culinária típica do sul dos EUA. (N. do T.)

capítulo 15

Os dois desceram na esquina; enquanto se despedia do motorista, Noah viu Molly em pé na calçada, olhando ao redor como se tivesse acabado de descer do último ônibus vindo do interior, contemplando as atrações turísticas do Upper East Side.

— É ali que você mora? — ela perguntou, apontando com a mão.

— Não, ali, não. Está vendo aquelas bandeiras? Ali é a Embaixada da França. — Ele segurou a mão dela e os dois caminharam até o cruzamento. — E ali, descendo a rua, fica o Museu Metropolitano de Arte, que a gente pode visitar qualquer hora, quando você quiser ficar boquiaberta. Já ali está o Central Park, que você já viu. — Ele fez com que ela virasse o corpo e apontou para o alto da torre de vidro e alvenaria escura atrás dela. — E aqui, no vigésimo terceiro andar, é onde moro.

Eles entraram e atravessaram o saguão todo adornado a caminho do elevador. Quando as portas duplas estavam prestes a se fechar, um braço esticado impediu que isso acontecesse. As portas metálicas se reabriram e surgiu a figura de um homem magro de 50 e poucos anos, usando moletom azul. O rosto dele estava vermelho e afogueado por causa da corrida matinal. Era um sujeito bonito e de aparência dissoluta, de cabelos pretos e ralos e um par de penetrantes olhos azuis. Ele apertou o botão correspondente ao seu andar e examinou Molly de cima a baixo, demoradamente, o que ela mal conseguiu ignorar sem perder a compostura. Quando o elevador parou no andar desejado, o sujeito encarou Noah e antes de descer fez um meneio de cabeça sutil, um silencioso carimbo masculino de aprovação, indicando que ambos tinham em comum o bom gosto em termos de companhia feminina.

As portas se fecharam novamente, deixando os dois sozinhos.

— Era quem eu acho que era? — Molly perguntou.

— Eliot Spitzer.

— O governador de Nova York.

— Ex-governador. E talvez você tenha acabado de perceber, se é que já não leu sobre isso nos jornais. Ele é um tarado.

— Percebi.

— É. Quando se está no poder, cometem-se grandes safadezas. Todos eles têm tara por alguma coisa.

— Ele mora aqui?

— E isso não é tudo. Sabe este apartamento de 5 milhões de dólares em que a gente vai ficar? É do meu pai. O pai do Spitzer é dono do prédio inteiro.

— Meu Deus.

— É.

— Ele renunciou, certo? — Molly perguntou. — Qual foi mesmo o motivo?

— Para resumir, durante uma investigação federal, foi flagrado em uma gravação contratando os serviços de uma prostituta que ganha mais em um dia do que seus colegas da sala de expedição ganham em um ano.

— Uau... Ele caiu rapidinho.

— Não se preocupe, logo, logo ele vai voltar para a política. A memória do povo é bastante curta, e, como eu disse no bar, lá em cima, no topo, é um grande clube.

— E não somos sócios. Eu pelo menos sei que não sou.

A campainha do elevador soou anunciando que eles haviam chegado ao andar de Noah; as portas se abriram, revelando a elegante entrada do apartamento.

— Talvez não, mas você não deve desistir antes de tentar.

Assim que Noah enfiou a chave na fechadura e os dois entraram, Molly começou a explorar o lugar, maravilhada com a vista panorâmica do chão ao teto, correndo de cômodo em cômodo feito um brinquedo movido a corda.

— Qual é o tamanho deste apartamento? — ele a ouviu perguntar de algum lugar.

— Só metade do andar. Se você está impressionada com isso, devia ver a cobertura.

— E quanto custa?

— Cinco milhões, mais uns 60 mil por ano de manutenção.

Ela apareceu vindo da suíte de hóspedes, apontando para trás.

— O chuveiro naquele banheiro é maior que o meu quarto.

— Por falar nisso, vou tomar um banho e desabar na cama. Eu sinto que o cheiro da cadeia ainda está em mim.

— Ah, eu também.

— Vá em frente. Lá tem tudo de que você precisa. Dá uma fuçada nas gavetas e você vai achar algo para vestir.

— Beleza. — Ela sorriu, com o sorriso que ele tinha esperado horas para ver.

— Beleza — ele respondeu. — Vi que já são 7h30, mas, mesmo assim, boa noite.

Finalmente limpo e pronto para dormir, as venezianas fechadas, Noah escolheu um romance do criado-mudo e se recostou confortavelmente em uma pilha de travesseiros para tentar ler até a chegada do sono, no pálido círculo de luz que irradiava do abajur.

No meio de um capítulo ele ouviu uma leve batida no corredor, ergueu os olhos, depois se sentou direito, com as costas mais retas, quando viu que Molly estava espiando.

— Sou eu de novo — disse Molly.

— Oi — ele pousou o livro ao seu lado, marcando a página com o dedo.

— Usei seu telefone, espero que não se importe.

— Tudo bem, tudo que você quiser.

— Eu estava querendo saber notícias do Bailey. Lembra dele? Danny Bailey, do bar?

— Lembro. Não queria, mas lembro.

— Ninguém se lembra de tê-lo visto depois da batida da polícia, e ele não

estava com a gente na delegacia. Liguei para algumas pessoas para saber se alguém tinha notícias dele.

— E ninguém tinha, suponho.

Ela balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que ele vai aparecer. Ele já é bem grandinho para saber se virar sozinho. Vá lá, tente descansar um pouco. Depois a gente tenta saber dele.

— Tá bom. — Mas ela não fez sequer menção de sair do quarto.

— Precisa de mais um cobertor ou algo assim?

— Posso entrar?

— Claro — ele respondeu, e ela entrou. — Você achou a minha camisa do time de lacrosse. Faz dez anos que estou procurando.

— Você jogava lacrosse na escola? — A malha desbotada era grande demais, é claro, e por isso ela tinha amarrado embaixo, deixando uma nesga da cintura lisa e reta acima da fronteira norte de uma sortuda cueca samba-canção dele.

— Bom, na maior parte do tempo eu ficava sentado no banco de reservas. — Os cabelos dela estavam soltos, ainda úmidos do banho; os cachos escuros acariciavam os ombros quando ela caminhava. — É engraçado, mas esta camiseta me parece bem melhor do que eu me lembrava.

Quando ela chegou à ponta da cama, escalou o enorme colchão *king-size* e percorreu de joelhos toda a extensão até o outro lado, e por fim se aconchegou a ele com um ligeiro suspiro, compartilhando os travesseiros.

— O que você está lendo?

Ele mostrou brevemente a capa e o título, depois guardou o livro.

— Achei que você ia dormir no outro quarto.

— Você se incomoda?

— Não, nem um pouco. É como aquela vez em que a minha tia Beth me levou à loja de doces e depois não me deixou comer nada. Eu também não me incomodei.

— Posso ir embora se você quiser.

— Não, fique, fique. Estou brincando. Mais ou menos. Apenas tente não fazer nada muito sensual.

— Obrigada. — Ela passou a mão pelos cabelos e depois se espreguiçou novamente, insinuou-se debaixo das cobertas e se ajeitou ao lado de Noah, jogando um dos braços em volta do corpo dele, a fresca maciez de seda de suas pernas nuas coladas às dele.

— Viu só? É justamente isso que eu pedi para você não fazer.

— Só estou ficando confortável. — A voz dela já era de sono, e ela tremia um pouco.

— Meus pés estão frios.

— Faça como quiser, senhorita. Vou logo avisando, você ditou as regras, mas está brincando com fogo. Tenho algumas regras também. E a regra número 1 é: não cutuque a onça com vara curta.

— Tá bom, serei boazinha. — Como se estivesse reunindo todas as últimas forças após um longo dia, ela ergueu o corpo, puxou Noah pela gola da camiseta e deu-lhe um beijinho na bochecha.

— Boa noite — ela sussurrou.

— Boa noite, Molly.

Noah pegou o livro e fez o melhor que pôde para retomar a leitura, mas, quando percebeu que já tinha lido e relido o mesmo parágrafo pelo menos 20 vezes, desistiu e pousou o livro sobre a mesinha de cabeceira. Em defesa do autor é preciso dizer que nenhuma combinação de palavras em uma página seria capaz de chegar aos pés de todas as reviravoltas daquele dia, nenhuma ficção seria capaz de desviar a atenção da mente dele daquele estranho personagem deitado ao seu lado, bem ali, na vida real. Ele se sentia mais do que satisfeito de simplesmente ouvir a respiração suave e constante dela e observá-la mergulhar em um sono profundo e tranquilo. Ele não demorou muito tempo para se juntar a ela e acompanhá-la em sua viagem, para onde quer que fosse; Noah tinha começado a sonhar bem antes mesmo de adormecer.

PARTE DOIS

> “O argumento de que dois partidos devem representar ideais e políticas opostos é uma ideia tola. Pelo contrário, os dois partidos devem ser quase idênticos, de modo que o povo norte-americano possa, a cada eleição, se livrar dos canalhas, sem que isso leve a uma profunda crise na política. Então seria possível substituir um partido, a cada quatro anos se necessário, por outro, que não será desonesto mas vai adotar, com renovado vigor, aproximadamente as mesmas políticas básicas.”
>
> — Professor Carroll Quigley, Tragedy & hope

“A vontade do povo não pode ser subestimada nem tida como favas contadas; ela deve ser criada.”

— Herbert Croly, The promise of american life

capítulo 16

Stuart Kearns guardou a carteira preta com sua identificação assim que suas credenciais tinham sido suficientemente absorvidas pelo escrivão de polícia. O rosto do homem era inexpressivo, mas, quando ele ergueu os olhos, finalmente havia neles uma tênue expressão de boa vontade.

Kearns passou para as mãos do sargento um envelope de papel manilha contendo formulários de autorização para uma entrevista e documentos para a soltura do prisioneiro em questão. Com todo cuidado e atenção de um veterano operário de linha de montagem, o escrivão recebeu os papéis de maneira brusca e empurrou tudo para uma pilha. Depois disso, com um silencioso meneio de cabeça o sargento instruiu o agente Kearns a entrar e caminhar até uma saleta lateral, onde devia sentar-se e esperar a vez, como todo mundo.

Era apenas mais um privilégio do distintivo, ele supôs. Os civis tinham de ir até o Detran para receber aquele tipo de tratamento.

Era algo relacionado ao poder, insignificante mas sempre agressivo em qualquer transação burocrática. A cada interação desse tipo é estabelecida uma hierarquia, um padrão de medida baseado no cargo, importância e posição social de uma pessoa, e neste caso o FBI fica um ou dois degraus abaixo do Departamento de Polícia de Nova York. Para ser justo, talvez nem todo mundo do FBI merecesse aquele violento desrespeito, apenas este velho e cansado representante.

O fato de que essas pessoas e sua rivalidade agressiva--passiva faziam parte de sua vida profissional o incomodavam menos do que antes. Depois de trinta e um anos batendo a cabeça contra a parede, um homem já não deve mais se surpreender ao constatar que seu cérebro está esmagado e a parede ainda continua em pé. Sua primeira esposa tinha dado a melhor definição sobre a questão; no dia em que foi embora, a caminho da porta ela disse: “Não são as outras pessoas, não é o seu chefe nem os inimigos nem o moleque do

supermercado. É você. Você é que pede por isso, Stuart, e elas simplesmente te dão".

Obrigado mais uma vez, meu bem, por todo o apoio. Você foi a melhor de todas. A esposa número dois nem sequer se dera ao trabalho de deixar um bilhete.

O pequeno espaço em que ele estava sentado era limpo, mas mofado, sem janelas e de paredes nuas, pintadas em um tom sombrio de bege; a mobília era antiga, manchada e desigual. A riscada escrivaninha de madeira datava dos tempos em que Herman Melville tinha escrito sobre aquela prisão, antes ainda da Guerra Civil. Fosse qual fosse o nível das acomodações dos hóspedes daquele vasto Complexo de Detenção de Manhattan, aquela sala de espera devia ocupar um dos pontos mais baixos da escala.

Sobre a mesa havia um porta-retratos, ainda exibindo a mesma fotografia de uma família com que saíra de fábrica. Sobreposta ao vidro daquela agora amarelada imagem de encenado afeto e intimidade rural, o agente do FBI viu o reflexo de um homem inesperadamente mais velho, grisalho e com papada, encarando-o da superfície de vidro. Os anos passam mesmo.

O sargento escrivão da recepção bateu e entrou, depois entregou a Kearns sua cópia dos formulários necessários, todos assinados e autorizados.

— Estão trazendo seu homem agora — ele avisou. — Ele vai estar aqui daqui a um minuto.

— Ótimo.

— Você devia ter me dito — o sargento acrescentou, subitamente bem mais gentil do que antes.

Stuart Kearns endireitou os óculos, mas não ergueu os olhos, agora concentrados na leitura dos papéis na sua mão.

— Ou isso ou devia ter pedido.

O sargento sentiu, corretamente, que tinha sido dispensado, e saiu da sala.

A súbita tomada de consciência do homem foi sem dúvida motivada ao constatar qual era a fonte das ordens de Kearns, o que, para ser honesto, devia ter ficado evidente após uma rápida olhada na papelada lacrada que ele trazia. Um policial subalterno de má vontade podia até achar engraçado fazer um agente

federal tomar um chá de cadeira, mas, quando as ordens são originadas do quartel-general de Junta Antiterrorista em Washington, bom, aí ninguém de patente tão baixa quer ser acusado de ter atrapalhado a Guerra ao Terror.

Ele consultou seu relógio de pulso. Sete e meia da manhã de sábado, e, a julgar pela barulheira, a Tumba estava oficialmente despertando.

Esses lugares têm um som característico. Entre os presos, o barulho era abafado pela gritaria das pessoas ao redor, mas de longe as vozes perturbadas se mesclavam em um som parecido com um vento selvagem — um uivo ecoante que subia dos corredores de celas em certos momentos do dia e da noite.

Enquanto esperava, Kearns tirou de dentro da valise uma pasta e abriu-a sobre a mesa. Era uma versão resumida do arquivo do FBI sobre o jovem que ele estava prestes a conhecer. O cara era um frouxo, ele tinha ouvido dizer, e por causa de uma ordem sigilosa tinha passado uma longa noite dentro de uma cela repleta dos piores criminosos que o lugar tinha a oferecer, então certamente estaria ainda mais mole naquela manhã. Com sorte, assim que Kearns propusesse um acordo, não teria de perder muito tempo com negociações.

Era um arquivo surpreendentemente grosso para alguém que jamais tinha sido preso por algo mais sério do que pequenas acusações de tráfico de narcóticos. Cocaína, na maior parte dos casos, festinhas regadas a drogas; uma vez, muitos anos atrás, ele tinha sido pego em meio a uma modesta operação de contrabando com um saco de lixo cheio de cerveja cara. Ele conseguiu fazer um acordo com a promotoria e foi libertado em troca de um depoimento contra seus cúmplices. O fato tinha sido sublinhado no arquivo.

Uma pouco esforçada tentativa de suicídio aos 20 e poucos anos, a bem da verdade um mero pedido de ajuda, mas depois outra, verdadeira, durante o cumprimento de uma pena de 90 dias em uma penitenciária estadual na Louisiana — essa página estava marcada com dobras, bem como sua avaliação psicológica do período.

Havia ainda algumas pendências com a Receita Federal e outros probleminhas com a lei que remontavam a sua adolescência, mas os registros mais recentes diziam respeito a provas reunidas por meio de mandados judiciais autorizando vigilância telefônica em casa e no trabalho, transcrições de trechos de um programa de radioamador monitorado e uma lista de vídeos por ele produzidos e que agora circulavam na internet sob a bandeira de “cultura patriota”. Na primeira solicitação de grampo, havia sido marcado o item discurso

de ódio contra terrorismo, mas a última autorização tinha sido pedida por três divisões diferentes, conforme indicavam as abreviaturas na margem: FTA-DC, GTTDNM, GTADM-NM: Força-Tarefa Antiterrorismo, Grupo de Trabalho Terrorismo Doméstico, Grupo de Trabalho de Armas de Destruição em Massa. Essas duas últimas agências eram sediadas no Novo México.

Com base nesse arquivo, e, mais importante, com base na agora longa experiência de Stuart Kearns nesse ramo de investigação, o governo nunca havia precisado se preocupar muito com aquele cara. Era quase como se anos atrás as autoridades tivessem decidido prendê-lo, mas nunca souberam exatamente como. Ele não parecia perigoso, apenas um falastrão e encrenqueiro. Mas, Deus sabe, coisas mais estranhas tinham acontecido.

Hoje em dia o cabo de guerra entre a segurança nacional e a liberdade individual estava se tornando uma batalha perdida para os defensores das liberdades civis. A coisa foi acontecendo aos poucos; vistas em separado, cada pequena derrota da liberdade e da privacidade soava como uma medida de proteção sensata. O efeito era cumulativo. Hoje até mesmo os políticos mais liberais estavam defendendo abertamente a ideia de detenção preventiva de suspeitos de terrorismo: basicamente, a prisão por tempo indeterminado, sem acusações formais ou julgamento, tudo por causa de coisas que no fim das contas podiam não passar de crimes supostos.

Em épocas mais simples a presunção de inocência era uma doutrina admirável, embora na prática tivesse sido no máximo aplicada de maneira desigual — era mais um ideal a ser alcançado do que um dos alicerces da justiça norte-americana. Em anos recentes a opinião pública cada vez mais apavorada tinha aprovado a sistemática substituição desse conceito sagrado por outro, especialmente quando se tratava de certos grupos de pessoas e crimes: na dúvida, prendam todo mundo.

Presa por um clipe ao arquivo, havia uma fotografia de 8 x 10 do homem em questão, tirada na noite anterior, quando ele comparecera a uma espécie de reunião de extrema direita. Ele tinha se engalfinhado com os policiais, e foi nesse momento que Stuart recebeu um telefonema tarde da noite; uma peça-chave de um importante quebra-cabeça estava prestes a cair em seu colo. A esperança era que o sujeito estivesse interessado em ajudar seu país; caso não estivesse, a estratégia alternativa era fazê-lo ficar suficientemente desesperado para querer ajudar a si próprio.

Três carcereiros se aproximaram da porta aberta trazendo um prisioneiro fortemente algemado e agrilhoado. Ele mal podia caminhar sozinho, ou por causa dos efeitos da fadiga ou do óbvio estado físico, uma vez que fora alvo dos companheiros de cela durante a noite, ou por causa de ambos.

Os carcereiros entraram e puseram o preso sentado e algemado à cadeira, jogaram dentro de uma das gavetas do armário de metal uma sacola com os pertences dele; depois de um meneio de cabeça e de posse da assinatura do novo responsável pela custódia do detento, saíram sem dizer uma palavra.

A cabeça do homem estava inclinada, seu queixo enterrado no pescoço. Sem os braços da cadeira mantendo-o em posição vertical ele provavelmente teria se esborrachado de cara no chão.

— Daniel Carroll Bailey?

Ao ouvir o som de seu nome ele teve um sobressalto, como se tivesse sido subitamente acordado de um pesadelo. A algema presa ao pulso estalou e esticou quando ele se encolheu todo, como se estivesse esperando outra botinada na cabeça. Ele parecia em péssimo estado, mas, depois de tomar um banho, teria condições de viajar, e isso era bom para o cronograma. Além dos cortes e hematomas, a falta de sono era o principal problema, mas isso poderia ser compensado com o descanso no avião.

— Você é o meu advogado? — perguntou Bailey.

As palavras saíram quase inaudíveis e não muito bem articuladas. A mandíbula estava inchada, os olhos faziam força para achar o foco; uma das orelhas estava com o lóbulo rasgado, resultado de uma mordida ou do roubo de um brinco. Antes de ser trazido alguém tinha feito um péssimo trabalho limpando o sangue ressecado em volta do nariz e da boca, mas talvez fosse necessário passar por um exame médico de verdade antes de seguirem para o aeroporto.

— Não, não sou advogado.

— Quero meu telefonema. Não me deixaram dar meu telefonema.

— Pode dar seu telefonema agora se quiser, e chamar um advogado. É direito seu. Mas, se decidir seguir essa linha, quero te dar um aviso. Estou aqui em nome de uma alta autoridade; a maior de todas. Para dizer a verdade, com seus antecedentes, as acusações de ontem à noite e em especial — deu uma

batidinha nas pasta a sua frente — as provas de uma investigação federal em andamento, o melhor que um advogado vai conseguir para você é uma pena de 15 a 20 anos em um lugar bem pior do que este aqui. Isso é fato. Mas não precisa ser assim, Danny.

Lentamente o homem pareceu recobrar os sentidos, ou pelo menos uma dose suficiente de inteligência para entender o que tinha diante de si.

— Quem é você?

Stuart Kearns mostrou sua identificação, depois tirou do bolso um cartão e o fez deslizar até a outra ponta da escrivaninha.

— Tenho oito palavras para você, e aposto que você nunca pensou que ficaria tão feliz de ouvi-las — o agente anunciou. — Sou do governo, e estou aqui para ajudar.

capítulo 17

Pelo intercomunicador, veio o anúncio de que a aeronave tinha alcançado a altitude de cruzeiro de 44 mil pés, e, para salientar a notícia, o aviso luminoso de não fume acendeu com um tinido discreto.

Foi um belo efeito, mas em um jato daquele tamanho o copiloto poderia ter simplesmente virado o corpo e dado um berro para atualizar pessoalmente os dois solitários passageiros acerca do progresso do voo.

Stuart Kearns tirou de um dos bolsos do paletó um maço de Dunhills; de outro bolso, sacou um isqueiro, abaixou um pouco sua poltrona e acendeu um cigarro. Deu uma boa tragada, depois soprou um fino e branco círculo de fumaça, que ficou olhando até que se dispersasse no teto da cabine.

— O que você está fazendo?

Danny Bailey tinha acabado de acordar de um cochilo e encarava o cigarro aceso como se estivesse presenciando um assalto a banco.

— Ainda se pode fumar em um voo fretado. Neste aqui, pelo menos. — Kearns estendeu o maço, deu um piparote que fez aparecer a metade de um cigarro. — Vamos, pegue um, você sabe que quer.

— Parei faz cinco anos.

— Última chance. Não é todo dia que você recebe autorização para infringir as regras. — Bailey não se moveu, então Kearns guardou os cigarros no bolso. — Ei, quantos anos você tem, mesmo?

— Tenho 34.

— Na década em que você nasceu um homem ainda podia fumar em qualquer voo do país, dá para acreditar?

— Escute, qual é mesmo seu nome?

— Kearns. Stuart Kearns.

— Isso. Agente Especial Kearns. Bom, escuta aqui, Stuart, eu estou contente de ter saído da cadeia, mas não me sinto exatamente livre.

Ele concordou com a cabeça.

— Certo.

— Certo. Então, sem querer ofender, não há motivo para você se esforçar fingindo que é meu amigo. Então vamos ficar só nos negócios. O que você acha de curtir seu cigarro e depois me dizer o que preciso fazer para ir embora para casa?

Não era um plano muito elaborado; nem podia ser quando o sucesso dependia do desempenho de um informante sob coerção. Em uma missão secreta, se alguma coisa pode dar errado, geralmente dá. Quanto mais direto o plano, melhor. O ideal é manter tudo simples e seguro.

O alvo da operação eram membros de uma milícia de terceira categoria que alimentavam o desejo de ganhar renome executando um ato de terrorismo doméstico. Estavam no mercado em busca de financiamento, apoio logístico e armamento pesado. Se tudo desse certo, a única coisa que conseguiriam no final era ir para a prisão.

Danny Bailey entraria em cena para participar do primeiro encontro pessoal, o que daria uma aura de credibilidade ao esquema; no momento, ele era o mais próximo que o movimento clandestino Patriota tinha de um porta-voz. Em essência, Bailey bancaria a Oprah do Dr. Phil de Kearns.

A operação seria rápida, exigido uma longa e cuidadosa preparação.

Alguns anos antes, os caras do setor de Tecnologia da Informação do FBI tinham colocado no ar o *website* www.stuartkearns.com. A história por trás do *site* era a seguinte: um agente federal tinha sido demitido depois de tentar dar com a língua nos dentes e revelar algumas verdades perigosas. Após sucessivas ameaças de morte, esse agente expulso tinha ficado furioso e foi a público na internet, em uma tentativa de se proteger de represálias e de continuar sua cruzada para contar detalhes sobre a intenção de forças malignas de causar um colapso financeiro global e criar condições para a ascensão de um governo mundial único.

Os vilões globais mencionados no *site* eram um apanhado tirado do catálogo mais recente de todas as paranoias extremistas: sionistas, famílias reais, o FMI e o Banco Mundial, os Rotschild e Rockfeller, o Clube de Bilderberg, os maçons, os membros do Bohemian Grove[a]; o Vaticano. Era um circo, e esse era o ponto. Os mecanismos de busca logo começaram a apontar o *site* como um dos 20 destinos mais procurados de todos os tipos de malucos e curiosos. E o fluxo de visitas ficou bastante intenso.

Desde a página de abertura era evidente que o *site* não era um lugar para milicianos medrosos, de sofá. Os discursos bombásticos, textos, *links*, vídeos, documentos, filmes e fóruns de discussão mantidos pelo ex-agente federal, convertido em Patriota fictício, deixavam bem claro que acreditava que uma insurreição violenta e um conflito armado eram os únicos caminhos para recolocar as coisas nos eixos nos EUA.

O *site* e seu conteúdo inflamado formam o que, no jargão da cultura da internet, é conhecido como *troll*. Na pesca, *trolling*, ou pesca de corrico, é um tipo de pescaria de anzol que consiste em lançar a linha enquanto a embarcação desliza pelas águas, fazendo os peixes saltarem atrás da isca, que, em decorrência da velocidade de deslocamento, fica à superfície; ou seja, joga-se a linha e a esquece, torcendo para que algo morda a linha.

Uma vez que há 200 milhões de *sites* na internet, ninguém esperava que o endereço stuartkearns.com se tornasse um nome importante entre os diversos seguidores de todos os tipos de grupos. O FBI e muitas outras agências mantinham milhares de armadilhas semelhantes; às vezes dava certo; na maioria das vezes não dava em nada.

Mas, então, um dia um *troll* fisgou um peixe, e, desde o primeiro puxão, tudo indicava que seria uma bela pescaria.

Um novo grupo de discussão havia se formado em uma sala de bate-papo reservada do *site*, sob o tópico “Ação Direta”. Os membros começaram a discutir a logística do bombardeio da cidade de Oklahoma, o atentado perpetrado por Timothy McVeigh em 1995, cujo alvo fora o Edifício Federal Alfred P. Murrah; o que tinha dado certo, o que tinha dado errado, e as várias teorias conspiratórias que ainda giravam em torno do evento e seus desdobramentos e consequências. Com algum incentivo do moderador a discussão evoluiu — alguns planos que teriam melhorado a eficácia dos ataques, outros alvos vulneráveis, homens, métodos e materiais. Muita gente foi saindo do fórum à medida que a conversa

foi ficando mais séria, mas muitos permaneceram.

Esse último grupo remanescente deu um passo adiante e passou a pôr em prática tentativas de bate-papos por voz e troca de *e-mails* criptografados; assim, o que tinha começado como mera discussão ganhou a forma de um plano sólido que de fato podia ser executado. Por fim, três outros participantes anônimos ficaram com medo e desistiram, deixando cinco pessoas prontas, dispostas e capazes de cometer um grotesco ato de terrorismo doméstico.

E agora era hora de fisgá-las.

— Não são gente minha — protestou Bailey. — Você deve estar brincando comigo, cara. Nunca mandei ninguém usar violência.

— Eu assisti aos seus vídeos, filho, e você também não diz para não usarem.

— Ah, qual é. — Bailey se recostou na cadeira, balançando a cabeça. — Eu preciso exagerar um pouco só para tirar as pessoas da letargia. Vocês alguma vez já leram a Primeira Emenda? Antes do 11 de setembro, Tom Clancy escreveu dois livros sobre como os terroristas podiam usar aviões como armas. Vocês o prenderam por causa disso?

— Não, mas quer saber de uma coisa? Pode apostar que ele foi chamado para responder a algumas perguntas.

— Não sou o cara certo para isso.

— Bom, é só você que eu tenho. Você é um nome importante para essa gente. Confie em mim, eles vão acreditar no que você disser, é só disso de que nós precisamos. Você vai lá e faz um afago neles, diga que me conhece e que estou preocupado, achando que há algum agente infiltrado entre eles...

— Você está preocupado com a possibilidade de haver um espião entre eles. Que toque sutil.

— Obrigado — agradeceu Kearns. — Diga-lhes que pedi para você falar comigo antes de conhecê-los pessoalmente. Vai ser legal, acredite. Só essa primeira reunião, e talvez um contato depois. É só isso que você tem de fazer.

— Depois eu estou liberado, e você vai me deixar em paz?

— Se você não se meter em encrencas, não há razão para ter de lidar comigo de novo.

— Vou precisar disso por escrito.

— E vai ter. — Kearns apagou o cigarro no cinzeiro da poltrona. — Você já fez alguma peça de teatro na escola?

— Por quê?

— Algumas pessoas ficam nervosas quando precisam mentir, só isso. Não preciso de uma grande performance, mas quero saber se você aguenta a pressão. Não vá amarelar para cima de mim.

— Ah, você quer saber se eu consigo enganar um bando de malfeitores bancando um personagem de *Amanhecer violento*[b] na sala de estar deles? — Bailey fez que sim com a cabeça, tirou os óculos escuros, pegou uma pasta que estava no colo de Kearns e fuçou na pilha de papéis até encontrar uma série de fotogra-fias. — Sentiu falta disto? — ele quis saber.

As fotos, datadas de meses antes, mostravam um homem vestido em uma convincente personificação do coronel Sanders[c], com cavanhaque, terno branco e uma gravata-borboleta preta. Na primeira foto da pilha, aparecia trocando um aperto de mãos com um cavalheiro de aparência distinta, debaixo de um enorme selo das Nações Unidas.

— É você? — perguntou Kearns.

— Sou eu. — Bailey apontou para o homem em pé ao seu lado na foto. — E este aqui é o Sr. Ali Treki, presidente da Assembleia Geral da ONU, recebendo uma visita oficial de Estado do fundador da Kentucky Fried Chicken, que na ocasião já tinha morrido fazia quase 30 anos. Olha só. — Ele pegou a foto seguinte. — Ele me deixou inclusive sentar na cadeira dele e bater o martelo.

— Você fez isso quando, ano passado?

— Estas fotos saíram no *Daily News* naquela semana. Foi um golpe publicitário para o meu DVD sobre a corrupção na ONU, “AbomiNações Unidas”. Está esgotado, mas posso arranjar uma cópia para você.

— Como você passou pela segurança?

— Que segurança? A segurança me levou até o gabinete do presidente. — Bailey sorriu. — Todo mundo ama o coronel.

— Essa foi boa — disse Kearns.

— Ah, Stuart. Não foi apenas boa. Foi boa “pra cacete”!

Apesar das circunstâncias, estava claro por que as pessoas se sentiam seduzidas por Danny Bailey. Ele era charmoso, e tinha certa suavidade e doçura que atraíam e cativavam todo mundo, como o talento de um grande vendedor que, sem esforço, enrola e convence os compradores do primeiro ao último minuto. No trabalho de um agente infiltrado, essa habilidade era mais valiosa do que podia parecer à primeira vista. Se as coisas começassem a dar errado, às vezes era essa esperteza — e não uma arma de fogo — que podia tirar o espião de uma situação em que, do contrário, acabaria morto.

Kearns concordou com a cabeça e pegou de volta a pasta, pensando que devia reservar mais tempo para examinar o arquivo de novo com mais calma. Era nítido que naquele jovem havia mais coisas do que podiam ver os olhos.

---

a Bohemian Grove, acampamento localizado na Bohemian Avenue, em Monte Rio, Califórnia, pertencente a um clube privado conhecido como Bohemian Club, onde todo ano se reúnem (durante três semanas de julho) alguns dos homens mais poderosos do mundo. (N. do T.)

b Referência ao filme *Amanhecer violento* (*Red dawn*, dirigido por John Millius em 1984), sobre um grupo de estudantes que lutam contra a invasão de um exército inimigo em solo norte-americano; há uma refilmagem prevista para 2011. (N. do T.)

c Harland David Sanders, mais conhecido como coronel Sanders (1890-1980), foi o fundador da rede de lanchonetes Kentucky Fried Chicken (KFC). (N. do T.)

capítulo 18

Bacon.

O olfato é o mais primitivo dos cinco sentidos básicos. Diferentemente da visão, da audição ou até mesmo do tato, um aroma pode despertar diretamente as emoções mais indomadas, sem as etapas intermediárias exigidas pelas partes mais inteligentes do cérebro. Adora-se ou odeia-se um cheiro; é para esse tipo de estímulo puro que o nariz foi projetado. Assim, em meio a todos os outros pensamentos mais profundos que povoavam a mente de Noah no momento em que ele acordava, o *bacon* sobrepujava tudo, disparava na frente e era o primeiro a cruzar a linha de chegada.

Outros aromas maravilhosos de comida caseira, obrigando Noah a evocar as melhores manhãs de sua infância, vinham em ondas, flutuando através dos cômodos do apartamento. Ele não viu Molly, embora no amontoado de cobertas ao seu lado ainda fosse evidente um sedutor espaço em forma de mulher.

Ele puxou a colcha e, com os olhos ainda semicerrados, olhou de relance para o relógio na parede oposta: 4h35, mas não sabia se era a madrugada do dia seguinte ou a tarde do mesmo dia. Talvez demorasse todo o fim de semana para seu relógio biológico voltar ao normal.

Ele vestiu o roupão e abriu as cortinas do quarto. O tempo estava nublado e o sol estava baixo; então, ainda era sábado.

— Finalmente acordou? — ele ouviu a voz dela, junto à porta.

— Sim. — Quando ele se virou, viu que ela já estava vestida. — Pelo visto você encontrou a lavanderia.

— Saí e comprei algumas coisas. Sua geladeira estava imaculadamente limpa e muito vazia.

— Eu sempre como fora.

— Bom, preparei um coisinha para você. — Ela sorriu. — Um café da

manhã de aniversário atrasado. Venha comer enquanto ainda está quente.

Os dois se sentaram juntos à sala iluminada. Ele se concentrou na comida, enquanto ela retomava as palavras cruzadas do jornal *Sunday Times*.

— Você gosta de jogos com palavras?

— Eu adoro.

— Bem, se tiver dificuldades e precisar de ajuda, me avise. Não que eu seja brilhante, mas, quando criança, eu participava de concursos de soletrar.

— Uau. Que CDF.

—É. Eu amadureci tarde.

— Aqui tem uma palavra comprida. “Estudioso, especialista ou amante de vinhos.”

Ele pensou por alguns momentos.

— *Connoisseur.*

Ela contou os quadradinhos com a ponta do dedo e balançou negativamente a cabeça.

— Não dá. Você não precisa de 11 letras, é muito.

— Você devia ter me falado isso antes.

— Desculpe.

— Tente.... *sommelier.*

— Não dá, eu preciso de sete letras, e esta semana tem um truque. Todas as palavras começam com a primeira letra da pista. Então, “Estudioso, especialista ou amante de vinhos”... a palavra tem de começar com “e”.

— Essa teria sido uma informação bastante útil, uns vinte segundos atrás. Você não está me ajudando a te ajudar, Molly.

— Só estou tentando te deixar mais humilde.

Ele terminou o café e pousou a xícara.

— É enófilo.

Ela olhou para ele com expressão cética. Ele soletrou a palavra.

— E-n-ó-f-i-l-o. Aquele que gosta de vinhos.

Ela preencheu os quadradinhos um a um, mexendo os lábios e pronunciando sem som as letras, com os olhos atentos às pistas das outras entradas. Noah pensou que podia passar o dia inteiro contemplando aquela mulher enquanto ela se entretinha com aquela atividade simples.

— Eu teria adivinhado esta — ela disse baixinho.

— Você sabe, se você gosta de jogos de palavras, eu tenho um emprego melhor para você no escritório.

— Faz um tempo que eu queria conversar com você sobre uma coisa. — Ela se levantou e levou o prato vazio e os talheres para a pia.

— Tá bom. Vamos conversar.

— Não vou ficar muito tempo na cidade.

— Por quê?

— Porque não. Havia umas coisas que eu queria fazer, agora já fiz. Então eu vou embora.

Ele se recostou na cadeira.

— Quando está pensando em ir embora?

— Logo. — A atitude dela tinha mudado abruptamente, como se estivesse em uma discussão que ela não queria prolongar.

— Olha só, eu não quis insinuar nada quando mencionei o emprego, sei como você se sente em relação àquele lugar.

— Você não disse nada errado.

— Tudo bem.

Ela se manteve ocupada por alguns minutos na cozinha, lavando a louça, rependurando as panelas, arrumando tudo, mas logo voltou a se sentar de frente para Noah, esticou o braço e segurou a mão dele.

— Anime-se — ela pediu. — Vá se arrumar, e me empreste um casaco. Acho que a gente devia sair para uma caminhada.

Quando ele voltou do quarto, Molly estava novamente sentada à mesa, e segurava nas mãos um quadro, uma folha de papel emoldurada.

— O que é isto aqui? — ela perguntou.

— Era um exercício de caligrafia, da minha quinta série. — Ele puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela. — Acho que hoje em dia nem ensinam mais isso na escola, ensinam? Caligrafia. — Ela inclinou o quadro para ler mais claramente. — A professora pediu para gente escrever alguma coisa de que a gente gostava, obviamente com a letra mais bonita e caprichada que a gente conseguisse fazer, e este era o poema favorito do meu pai, pelo menos a última parte.

Na extremidade superior estava a primeira estrelinha dourada (a primeira nota "A") que ele havia recebido na nova escola, perto da nova casa, no ano em que tudo tinha mudado. Para celebrar a ocasião, uma de suas babás havia mandado emoldurar o trabalho escolar. Quando ele se mudou para o apartamento, os homens da transportadora haviam colocado o quadro sobre uma mesa no estúdio, mas ele tinha certeza de que fazia anos que não olhava com atenção para aquilo. E nem era certo dizer que se tratava do poema favorito do pai; estava mais para uma justificativa da vida do velho em forma de versos. O pai tinha instruído Noah a estudar o poema para que sempre soubesse como as coisas funcionavam em seu mundo.

Noah pegou a moldura, passou o dedão para tirar a poeira do vidro e leu em voz alta os versos:

Tombaram então os Deuses do Mercado
e recuaram seus bruxos de lábia sutil.
E mesmo os corações mais cruéis se tornaram humildes
e começaram a acreditar que era verdade
que nem "Tudo que reluz é ouro" e que "Dois e dois são quatro"
E os Deuses dos cabeçalhos dos cadernos se ergueram, claudicantes, para explicar mais uma vez.

Que o futuro será como foi o nascimento do Homem.
Há apenas quatro certezas desde que começou o progresso social
Que o Cão retorna ao seu Vômito e a Porca ao seu Lodo;
que o dedo queimado do Tolo retorna, trêmulo,
ao Fogo.

E depois que isso se realizar e tiver início o admirável mundo novo,

Quando todos os homens serão pagos por existir e
nenhum homem precisará pagar por seus pecados,
Assim como é certo que a Água nos molha e o Fogo nos queima,
Os Deuses dos Cabeçalhos dos Cadernos retornarão com terror e massacre[a].

Quando Noah terminou de ler, os dois ficaram em silêncio. Ele parecia ter ficado um pouco abalado ao rever aquelas palavras. Molly também deve ter sentido a mudança, ela tirou a moldura das mãos dele e colocou-a sobre a mesa.

— Quem escreveu isto? — ela perguntou.

— Rudyard Kipling, em 1919. Não é uma de suas obras mais conhecidas. Ele tinha perdido o filho na guerra e também a filha alguns anos antes, e acho que não estava nada feliz com o rumo das coisas no mundo. Estas são apenas as últimas estrofes do poema; é o que cabia na página.

— Coisa bastante pesada para um menino de 10 anos.

— É. Não é *O livro da selva*.

— E o que você acha que o seu pai queria te dizer com isso?

— Ele me disse que o significado do poema era que a história sempre se repete, que os mesmos erros são cometidos de novo e de novo, só que ficam cada vez maiores. O homem sábio é aquele que sabe que, se não dá para mudar isso, é melhor então tirar o máximo de vantagem das coisas. Mas para mim significa outra coisa.

— E o que é?

— É um alerta, eu acho, sobre o que acontece quando se esquece o bom-senso. Você tem de ler o poema inteiro para entender. Acho que quer dizer que existe realmente uma coisa chamada verdade, a verdade real e objetiva, que as pessoas podem ver desde que olhem direito e desde que se lembrem de quem realmente são. Mas na maior parte do tempo elas abrem mão disso e preferem acreditar em todas as mentiras.

— Aposto que seu pai ficaria decepcionado ao ouvir isso vindo de seu próprio filho.

— Sabe de uma coisa? Se um dia tivesse a coragem de dizer isso para ele, tenho certeza de que ficaria, sim.

No fim das contas sair de casa foi mesmo uma boa ideia. O corpo de Noah ainda estava dolorido por causa das pancadas da noite anterior, como as dores que a gente só sente dias depois de sofrer uma colisão traseira, mas o ar frio da cidade e o exercício estavam ajudando a aliviar um pouco essas dores residuais.

Ao longo do caminho os dois iam conversando um pouco, mas na maior parte do tempo era um passeio silencioso; contudo, os momentos de silêncio nada tinham de tensos ou constrangedores. Ele se sentia tranquilo e à vontade na companhia dela, como se uma conversa estivesse sempre em andamento, só que pronunciada de outras formas. Molly caminhava bem perto de Noah, às vezes com inesperados gestos de intimidade casual: um braço em volta da cintura dele por meio quarteirão, um dedo enganchado na fivela do cinto quando atravessavam no sinal vermelho uma rua movimentada, a palma da mão levada ao rosto dele quando lhe falava algo ao pé do ouvido de modo a vencer o barulho do trânsito.

Na rua 43 com a Sétima Avenida, Molly aos poucos diminuiu o passo e depois parou bem no meio do alvoroçado fluxo de pedestres.

As pessoas dizem que o primeiro beijo a gente nunca esquece, mas não era o caso de Noah. As coisas superficiais não têm em si peso suficiente para se converterem em lembranças duradouras. Para ele o primeiro beijo já tinha desvanecido e agora se confundia com o centésimo, depois de ter gradualmente se apagado em meio a miríades de rostos, nomes e situações que se amalgamavam em um único evento, agradável, vago e coletivo. Um pequeno estremecimento de emoção, uma ameaça de embaraço, aqueles breves e doces segundos de afobada descoberta compartilhada com outra pessoa, e uma momentânea noção do que o futuro imediato podia oferecer, por mais fugaz que esse momento fosse.

Aquele beijo não foi assim.

Molly olhou-o nos olhos, e o que ele viu nela foi um reflexo perfeito de um desejo que ele também sentia, por isso não houve demora alguma entre o convite e a aceitação. Era uma espécie de desejo diferente do que ele tinha conhecido antes, uma compreensão de que algo tinha de ser dito agora e que nenhuma língua, somente a mais antiga de todas, seria capaz de expressar. Ele inclinou o corpo na direção dela, fechou os olhos e seus lábios tocaram os dela, delicadamente, e depois de novo, com mais urgência. Noah sentiu os braços de Molly em volta de seu corpo, e no abraço sentiu que o corpo dela ansiava pelo

dele; sentiu dentro de si um nó, uma sensação de fome, o coração disparado; nas suas costas, sob o calor do casaco, as mãos geladas de Molly vasculhavam sua pele, apertando-o para ainda mais perto.

Em torno deles, ali em pé na “esquina do mundo”, havia tanta coisa para ver e ouvir: letreiros luminosos arrojados, telas gigantes, painéis eletrônicos exibindo notícias, anúncios de propaganda, brilhantes maravilhas digitais encimando os arranha-céus e manchando o céu noturno; todas essas coisas desapareceram, devolvidas a sua legítima insignificância, triviais como um cartão-postal. Aquele lugar ficou de fora do pequeno círculo no qual Noah e Molly estavam e dentro do qual teriam ficado para sempre. Mas ele sentiu nos lábios que Molly agora sorria: os dois foram trazidos de volta ao lugar em que efetivamente estavam pela voz ríspida de um homem que passou por eles e os aconselhou, com o sotaque típico dos moradores do Brooklyn, a “arranjar um quarto”.

Uma leve garoa tinha começado a cair, e descendo a rua eles encontraram um café com dois lugares junto à janela, onde podiam esperar passar o chuvisqueiro. Quando ele voltou do balcão trazendo duas canecas, encontrou Molly sentada com um jornal dobrado; ela não estava lendo, mas parecia perdida nos próprios pensamentos.

— Noah?

— Eu já estava preocupado, achando que você tinha esquecido que eu estou aqui.

Molly respirou fundo e pareceu se recompor.

— Preciso perguntar uma coisa.

— Tudo bem.

— Se nós contratássemos vocês, sua firma, o que você nos diria para fazer?

Ele franziu a testa.

— Você quer dizer você e sua mãe?

— É mais do que nós duas, você sabe disso. Muito mais.

— Não sei. — ele respondeu. — Qual é o objetivo de vocês?

— Queremos salvar o país.

— Ah, tá. Só isso?

— É assim que a gente começa, não é? Com um objetivo claro.

— Certo.

— E então?

— Tudo bem. Me dê um minuto para pensar.

Molly tinha ficado extremamente séria; aquilo não era papo-furado. Enquanto esperava, não tirou os olhos de Noah.

— Acho que eu começaria me reunindo com os diferentes grupos e tentaria fazer todo mundo se concentrar nos pontos de consenso — as coisas fundamentais. Uma plataforma, sabe? Assim ficaria mais fácil para as pessoas entenderem o que vocês querem. Proponham algumas soluções de verdade.

— Me dê um exemplo.

— Eu não sei. Comecem com o código tributário, já que a sua mãe fala disso com tanta veemência. O que me diz de um conjunto de cortes de gastos específicos e um imposto fixo de 13% para começar? Reduzam aquele ridículo código tributário de 67 mil páginas para cinco ou seis itens, e mostrem exatamente que efeitos isso vai ter no comércio, no emprego, nas dívidas e no futuro do país. E estou falando de improviso aqui, mas que tal uma verdadeira reforma da política de imigração? O tipo de política que receba bem as pessoas que queiram vir para cá pelas razões certas. Não tenham medo de tratar das grandes questões, e façam as pessoas perderem o medo. Falem sobre um futuro melhor, sabe? No nosso ramo a gente chama isso de discurso de elevador: como você faria para explicar suas ideias, pontos de vista, soluções e benefícios para uma pessoa desconhecida se dispusesse apenas do tempo de uma viagem de elevador. Em outras palavras, comecem com uma plataforma. Pelo menos assim vocês podem começar a falar com uma só voz de vez em quando. Afinal vocês não têm poder político.

— E depois?

Ele ergueu as mãos.

— Calma aí.

— Não. E depois?

— Você percebe que talvez esteja me pondo um pouco na berlinda? —

Noah tentou bebericar o café, mas se queimou. Ainda estava quente demais. — E, aliás, o que você quer dizer com “salvar o país”? Salvar do quê?

Ela olhou para ele calmamente.

— Você sabe.

— Ah, qual é, Molly. Por favor, não me diga que você é uma daquelas pessoas. Eu sei que você não é.

— Eu sei que houve uma reunião ontem à tarde no escritório — ela disse, abaixando a voz, mas não a intensidade. — Eu vi a lista de convidados nos pedidos de comida. Eu sei quem estava lá. Eu sei que você estava lá. E eu acho que sei do que se tratava.

— Tudo bem, sim, grande surpresa, houve uma reunião, mas eu não fiquei na sala o tempo todo. E quer saber de uma coisa? Nem eu sei do que se tratava, como você sabe?

— Então vamos descobrir.

— O quê?

— Prove que eu estou errada.

— Não posso fazer isso.

— Sim, você pode. Vamos para o escritório agora, e você me mostra que eu não tenho motivos para me preocupar. Se for esse o caso, é assunto encerrado.

— Você não está me escutando, eu disse que não posso.

— Você faria se soubesse quanto isso é importante.

— Não, não faria. Há muitas coisas que eu faria por você, mas isso eu não posso fazer.

— Quando é que você vai crescer, Noah? Eu sei que você não é o seu pai, mas a pergunta é: quem é você? Acho que você sabia a resposta quando estava na quinta série, mas agora esqueceu que já é hora de ser homem.

— Eu sou homem, Molly, mas não vou arriscar tudo a troco de nada.

— Você quer que eu vá embora? — A voz dela era firme, e agora lágrimas haviam brotado em seus olhos. — Nunca mais quer me ver? Porque é isso que sua recusa significa.

Agora eles estavam começando a chamar a atenção das pessoas nas mesas ao lado.

— Isso é inacreditavelmente injusto. Você ouviu o que acabou de dizer? Não posso acreditar que você tenha me posto em uma posição dessas.

Mas ele já a havia perdido. Ela se levantou enquanto ele ainda falava, depois virou as costas e saiu porta afora.

Noah ficou olhando pelo vidro e durante alguns segundos alimentou a esperança de que ela mudasse de ideia e voltasse para seus braços e tudo fosse perdoado. Mas, assim como se apaixonar por uma pessoa que se acabou de conhecer um dia antes, esse tipo de coisa só acontece nos filmes.

Ela o deixaria ali sentado. Ela não voltaria. Quando ele decidiu o que tinha de fazer, Molly já havia desaparecido no mar de turistas de fim de semana e frequentadores de teatros no coração da Times Square.

---

a O título do poema é “The gods of the copybook headings”; no tempo de Kipling os estudantes praticavam caligrafia usando cadernos de exercícios especiais. No topo da página desses cadernos havia provérbios, máximas e ditados em caligrafia exemplar, a ser copiada pelos alunos. As frases eram conhecidas como *copybook headings* (cabeçalhos de caderno). (N. do T.)

capítulo 19

— Você deve ter perdido o juízo — disse Noah em voz baixa, falando consigo mesmo.

Molly estava bem atrás dele, apertando com força sua mão enquanto ele a conduzia para os fundos de uma loja chique, entre expositores, armários, araras e cabides com saias e blusas de grife.

— Você está fazendo a coisa certa — ela sussurrou.

Ele tinha optado por evitar o saguão da entrada principal do número 500 da Quinta Avenida; lá havia muitas câmeras, sem mencionar o fato de que o balcão da recepção registraria a visita no fim de semana. Um elevador privativo levava ao conjunto de escritórios de Arthur Gardner no 21º andar, e era por ali que os dois estavam entrando.

O elevador em questão era originalmente um ascensor de carga auxiliar, muito pouco usado até sua luxuosa conversão quando a Doyle & Merchant ali estabeleceu seus escritórios na década de 1960. Mas havia um truque: a entrada térrea do elevador ficava no imóvel ao lado, cujo inquilino no momento era uma loja de roupas de grife de vários andares.

Os funcionários sabiam que ocasionalmente desconhecidos muito bem vestidos podiam ser vistos entrando e saindo pelas portas de vaivém de uso exclusivo dos funcionários nos fundos da loja. A D&M pagava ao locatário uma taxa mensal por essa comodidade, e de vez em quando executivos assistentes escoltavam os clientes mais reclusos da firma através dessa estranha rota privativa. A ideia de uma entrada semissecreta acrescentava às visitas à agência uma dose adicional de intriga.

Durante o horário normal de expediente nos dias de semana o protocolo era simplesmente mostrar o crachá da empresa e seguir discretamente para os fundos da loja, com o consentimento do gestor. Uma vez que, para operar o elevador era preciso ter um cartão magnético e uma chave restrita, não havia a necessidade de

nenhum tipo de verificação adicional.

Contudo, era noite de sábado, e Noah e Molly estavam vestidos mais como estudantes universitários do que como executivos. Consequentemente, os dois foram alvo de um minucioso escrutínio quando passaram pela loja, e um dos seguranças os seguiu a uma distância discreta até o momento em que chegaram ao corredor e entraram no elevador. Adeus, tentativa de não chamar a atenção.

Noah passou o cartão e as portas se fecharam, depois inseriu a grossa chave cilíndrica e ajustou o painel do elevador na função ligar. Não havia linha vertical de botões para escolher o andar; aquela coisa somente subia e descia. Com um clique dos relês eletromagnéticos e um sonoro zumbido, o elevador se pôs em movimento.

Noah observava em silêncio a parede acima das portas, no local em que devia haver um painel marcando os números dos andares, quando Molly se aproximou.

— Obrigado, Noah.

— Neste momento não estou falando com você.

Ela tocou o peito dele e pousou a mão sobre seu ombro. Ele olhou-a nos olhos.

— Espero estar errada. Quero estar errada. Você precisa saber disso. Agora, por favor, me perdoe, pelo menos até a gente sair daqui.

Ele desviou os olhos, mas depois de alguns instantes concordou com a cabeça.

— Tudo bem.

Só havia uma maneira de justificar uma ostensiva falta de ética nos negócios como aquela: atribuir suas ações a uma causa maior. Se Molly estivesse certa, então uma linda porém idiossincrática funcionária temporária da sala de expedição tinha identificado uma grandiosa e unificada conspiração, capaz de esmagar as liberdades civis, que havia sido engendrada na sala de reuniões de uma agência de relações públicas. Os benefícios dessa descoberta eram obviamente mais importantes do que as consequências: perder a confiança do pai, violar a espartana cláusula de sigilo e confidencialidade de seu contrato de trabalho, o que acabaria com sua carreira. Afinal de contas, com o destino do mundo livre em jogo, a perspectiva de perder o emprego, ser deserdado,

provavelmente processado e acabar na prisão estava entre as menores preocupações.

Se Molly estivesse errada — e aqui não havia “se”, ela estava errada —, então suas ações estariam justificadas, ela pediria mil desculpas e juraria manter em segredo aquele fiasco — e talvez ainda houvesse uma chance de salvar o que restava do fim de semana.

Uma análise racional frágil e inconsistente, talvez, mas que no momento ajudou-o a evitar um pensamento mais perturbador: depois de tudo que ele tinha visto nas últimas 24 horas, no fundo ele precisava saber a verdade, tanto quanto ela.

O elevador foi diminuindo a velocidade e por fim parou; as portas se abriram.

A sala do velho jamais ficava no escuro. Dia ou noite, estava sempre igual: iluminada e imaculadamente limpa, com um leve cheiro de fumo de cachimbo, chá-preto e polidor de prata, e guarnecida com todas as requintadas e preciosas coisas. Das obras de arte na parede aos pedestais e antiguidades e pequenas coleções de raridades espalhadas entre as estantes e prateleiras de livros; para onde quer que se olhasse havia algum objeto inestimável. Para ele era menos um local de trabalho do que um templo de meditação silenciosa e um santuário de todas as formas de felicidade que o dinheiro podia de fato comprar.

Poucos funcionários tinham a oportunidade de pôr os pés naquelas salas e ver aquelas preciosidades, mas Molly só parou diante da visão de uma coisa.

— O que é isto? — ela perguntou.

Ela estava olhando para uma escultura de mármore sobre um pedestal em um canto, que o pai de Noah encomendara havia anos. A figura retratava uma estranha amálgama de duas outras obras de arte, a Estátua da Liberdade e o Colosso de Rodes. Só de olhar Molly teria chegado a essa conclusão; o que ela quis perguntar foi: o que significa isto?

— É como o meu pai vê as coisas... quer dizer, as pessoas: sociedades. A lei pode até servir a algum propósito superficial, mas só vai até aí — disse Noah, tocando a lança na mão esquerda da estátua. — Chega uma hora em que a lei precisa ser substituída pela força. É só assim que as coisas realmente são feitas. No fim das contas, as pessoas querem isso; elas são como ovelhas, ficam perdidas sem a ameaça da força para guiá-las. É isso que significa.

Em silêncio Molly ficou observando a estátua por mais alguns instantes, como se a estivesse memorizando. Depois respirou fundo, caminhou até a porta, espiou para se certificar de que não havia ninguém, virou-se e com um gesto pediu a Noah que a seguisse.

— Vamos acabar logo com isso.

Trabalhar durante os fins de semana era uma das muitas coisas que o pai de Noah via com maus olhos, o que obrigava muitos dos funcionários mais promissores a manterem um segundo escritório em casa. Isso permitia que cumprissem as mais de 70 horas de trabalho semanais esperadas ao mesmo tempo em que pareciam se sujeitar à política da empresa. Isso também significava que, com sorte, Noah e Molly encontrariam o lugar vazio durante seu ato de espionagem.

No corredor central e adjacente à sala de reuniões, eles entraram na cabine audiovisual, onde os arquivos da apresentação estavam armazenados. Molly ficou ao lado de Noah, enquanto ele encontrava os arquivos no computador, digitava as senhas e preparava a apresentação por meio de um controle remoto.

Quando os dois entraram na sala de reuniões as luzes programadas já tinham diminuído e amplas telas brancas desciam circundando as paredes. Os projetores digitais zumbiam enquanto recebiam as informações, e logo depois as telas se acederam com um *slide* introdutório.

No começo, Noah foi clicando e passando rapidamente por eles; era a parte que ele já tinha visto. Só fazia pausas quando Molly pedia a ele que parasse para que absorvesse o conteúdo de alguma tela específica.

Sem o benefício de um palestrante para explicar as coisas, muitos dos *slides* eram difíceis de entender. Gráficos animados ilustravam várias tendências políticas e sociais, linhas cronológicas pontuavam o avanço rumo à conquista de objetivos não denominados, mapas com regiões assinaladas se expandiam ou contraíam para demonstrar mudanças não identificadas ao longo de meses, anos ou décadas.

— Pare — pediu Molly. — Volte um.

Agora os dois já tinham avançado bastante e visto boa parte da apresentação, muito além do ponto em que Noah abandonara a reunião, mas para ele nada parecia particularmente assustador ou chocante. Ele passou voando por uma tela que Molly pediu para rever. Era uma lista de itens introdutória para o

grupo de pessoas muito importantes que tinham chegado para participar da metade final da reunião.

O título era “Arcabouço e Fundação: Para uma Nova Constituição”. Não havia nomes acompanhando os tópicos, apenas as áreas do governo que cada novo participante da reunião supostamente representava:

• Finanças/Tesouro/Fed/Wall Street/Eixo Corporativo

• Energia/Meio Ambiente/Serviços Sociais

• Trabalho/Transporte/Comércio/Assuntos Regulatórios

• Educação/Controle da Mídia/Clero/COINTELPRO (Programa de Contrainteligência)

• FCC[a]/ Internet/Transição das Mídias Públicas

• Controle e Preservação da Infraestrutura Crítica

• Administração de Emergência/Resposta Rápida/Contingências

• Cumprimento da Lei/Segurança Interna; USNORTHCOM (Comando do Norte dos EUA)/NORAD (Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte)/STRATCOM (Comando Estratégico dos EUA)/Contratos Militares/Forças Aliadas

• Continuidade de Governo

• *Casus Belli:* Reichstag/Susannah/Unidade 131/Gladio/ Northwoods[b]/URGENTE.

— Quem estava nessa reunião, você sabe? — perguntou Molly.

— As pessoas que eu vi eram em sua maioria de alguma divisão de planejamento avançado do Departamento de Segurança Interna; estrategistas militares domésticos, do tipo internacional do Pentágono; em algum lugar aqui há uma pilha de crachás de mesa com os nomes deles. Não sei quem veio depois, eu só tinha os números de telefones.

— Você ainda tem essa lista?

— Não, não tenho. Fui instruído a queimá-la, e foi o que eu fiz. — Ele caminhou até a tela e apontou para o último item. — O que significa este termo? Meu latim está um pouco enferrujado.

Molly ergueu os olhos de suas anotações. — *Casus belli* significa um fato que um país considera suficientemente grave para declarar guerra a outro; ou seja, é um incidente usado para justificar uma guerra. Vamos lá, vamos continuar.

Os *slides* seguintes faziam contínuas referências a páginas de algum documento que devia ter sido entregue aos participantes da reunião. Sem essas páginas, de pouco adiantava continuar.

— É isso — disse Noah. — Acho que não tem mais nada para ver.

— Ainda não acabou. Não chegamos ao fim.

Ele manteve o dedo no botão “Avançar” e as telas foram passando cada vez mais rapidamente.

— Estou dizendo, olha só, são apenas números de páginas.

As paredes ficaram pretas, o que fez com que a sala mergulhasse na quase completa escuridão.

Depois as imagens voltaram a aparecer gradualmente. Uma a uma as telas foram circundando a sala com um novo conteúdo, que eles ainda não tinham visto. Cada tela continha um diagrama linear que era uma marca registrada dos planos estratégicos da empresa. Esses diagramas eram usados para mostrar aos clientes da firma um esquema passo a passo do que fazer, como e quando.

Os tópicos faziam referência às disciplinas dos participantes da reunião: Finanças, Energia, Trabalho, Educação, Infraestrutura, Mídia, Administração de Emergência, Cumprimento da Lei e Continuidade de Governo.

Uma caixa de diálogo apareceu na tela, e com um sonoro suspiro Noah digitou sua senha. Se alguém verificasse quem tinha acessado os arquivos, isso seria mais um prego em seu caixão. Um cursor ampulheta apareceu, juntamente com a mensagem: Por favor espere... Carregando conteúdo de local remoto.

— Esse *download* vai demorar alguns minutos. Nós mantemos esses conteúdos mais delicados em local remoto, como proteção justamente contra o tipo de coisa que a gente está fazendo agora.

Molly tinha se levantado e agora percorria a sala examinando os vários tópicos nas telas. Ela parou ao lado de Noah, apontou para um retângulo formado por dois colchetes que circundava parte da ilustração no *slide* à sua frente.

— O que é este quadrado?

— Isto se chama *Janela de Overton*. Meu pai roubou o conceito de uma “usina de ideias” do Meio Oeste; é uma maneira de descrever o que a opinião

pública está disposta a aceitar em um determinado momento em relação a uma questão qualquer, para que se decida qual é a melhor maneira de manipulá-la a aceitar o que se quer.

— Eu não entendi — disse Molly. —Ela estava olhando para a tela referente à Segurança Nacional e Cumprimento da Lei. Exceto pelo título e uma longa e grossa linha com um quadrado aberto perto do centro, o *slide* estava em branco. — Como isso funciona?

— As extremidades dessa linha comprida — Noah se aproximou da tela para indicar o ponto de partida — representam duas possibilidades extremas. No final desse espectro está o impensável, e na outra ponta está aquilo que jamais se imagina o que vai acontecer, só que ao contrário. Aqui é bom demais, ali é ruim demais. Se estivéssemos falando do governo, nesta extremidade estaria o excesso de liberdade — que seria a anarquia — e na outra a inexistência da liberdade, uma tirania completa. Esses pontos, entre uma coisa e outra, são estágios intermediários.

Molly ainda parecia um pouco confusa com o conceito, e pediu que ele prosseguisse.

— Vamos pegar, por exemplo, a segurança aérea. Há 40 anos as pessoas podiam chegar ao aeroporto minutos antes do voo, eram tratadas com cortesia e respeito, não precisavam apresentar documento de identidade, apenas a passagem, e entravam no avião carregando o que quisessem nos bolsos e malas. Existia alguma segurança, mas era quase invisível. Hoje isso é impensável, certo? E ao que parece nunca mais voltaremos à situação daqueles dias.

Ela concordou com a cabeça.

— Agora, no outro extremo do espectro, vamos fazer os passageiros chegarem quatro horas antes para ficar na fila de segurança, não vamos mais permitir nenhuma bagagem de mão, vamos impor o direito de revistar e despir todo mundo, obrigar as pessoas a passarem por aparelhos de raios X; além disso, o passageiro tem de ficar sentado na poltrona durante o voo inteiro com um bracelete no pulso que dá choques caso tente se levantar para ir ao banheiro — que, obviamente, não existe mais.

— Estão mesmo falando em fazer essas coisas — ela disse.

— Estamos chegando ao ponto em que quero chegar. Se você tivesse de se submeter a tudo isso que eu acabei de mencionar, você desistiria de viajar de

avião, certo? E se não existir segurança nenhuma você também nunca mais põe os pés dentro de um avião. Então a sua Janela de Overton fica em algum lugar no meio-termo, mas meu objetivo é fazer você aceitar mais algumas dessas ideias radicais, aos poucos, uma de cada vez.

— Digamos que amanhã algum idiota consiga embarcar em um avião com algum tipo de pequeno explosivo caseiro. A coisa vai aparecer nos noticiários durante semanas a fio, mesmo que o cara não tenha feito estrago algum. Você fica apavorada, e a TV diz que tudo o que temos a fazer é comprar mais algumas caras máquinas de raios X, contratar mais algumas pessoas (as mesmas que deixaram um maluco entrar no avião) e abrir mão de nossa dignidade nas filas de segurança dos aeroportos, e aí sim estaremos seguros. Isso, obviamente, é uma mentira, mas tem o efeito desejado.

— A janela se desloca — ela disse.

— Certo. Colocamos um falso extremo nas duas pontas para que as escolhas do meio pareçam moderadas por comparação. Então, com um pequeno empurrãozinho, você pode ser convencida a concordar com coisas que uma semana antes você jamais teria aceitado.

— Mas por quê? Por que fariam isso?

— A segurança aérea foi só um exemplo aleatório, mas posso pensar em algumas razões. Se meu cliente vende máquinas de raios X, ou tem um contrato para seguranças extras, pode ganhar um bom dinheiro. O governo fica maior e mais envolvido na nossa vida, o que pode justificar a cobrança de taxas e impostos mais altos, mais burocracia, orçamentos maiores; o governo pode angariar o apoio popular para ações militares, e assim por diante. E quem sabe? Alguns dos nossos amigos de ontem à noite podem dizer que tudo faz parte de um programa para condicionar o povo norte-americano a levantar as mãos e se sujeitar a qualquer pessoa vestindo um uniforme.

— E essa Janela de Overton é usada o tempo todo?

— O tempo todo, para onde quer que você olhe. Nós jamais desperdiçamos uma boa crise, e, se não existe crise, é muito fácil inventar uma.

— Saddam está prestes a usar armas nucleares, então precisamos invadir o Iraque antes que ele risque Cleveland do mapa. Se não emprestarmos 70 bilhões de dólares para a AIG haverá depressão econômica e na segunda-feira será decretada a Lei Marcial. Se não formos todos vacinados, 100 mil pessoas vão

morrer por causa de uma superpandemia de gripe suína. E os preços do combustível? Depois que se começa a pagar cinco dólares por litro, 3,50 parecem uma verdadeira pechincha. Agora estão dizendo que, se não aprovarmos uma lei mundial da taxa de carbono, em pouco tempo o mundo vai ficar debaixo d'água.

— E, entenda uma coisa, não estou falando do que é certo ou errado com relação a essas questões. Eu me preocupo com o meio ambiente mais do que qualquer um, eu quero energia limpa, quero que este país se recupere e volte a ser grande, quero que as pessoas recebam suas vacinas e medicamentos quando precisarem. O que estou dizendo é que, em nome do lucro, oportunistas podem se infiltrar em nossas esperanças e medos e tirar proveito, e essa é uma das ferramentas que eles usam. A pergunta a ser feita é a seguinte: se eles têm motivos legítimos para agir nesses casos, então por que tantas mentiras e invencionices?

— Porque assim, mesmo se não conseguirem nos fazer aceitar de uma só vez as coisas que eles querem, ficam contentes de nos deslocar devagarinho um pouco mais para extremidade.

— Exatamente. Para dizer a verdade, sem algum evento cataclísmico como um Pearl Harbor ou 11 de setembro, é só assim que a coisa funciona. Pequenos empurrõezinhos na direção certa, e, quando se vê, já andou para mais perto dos interesses deles. O que eles querem é evolução, e não revolução. E quando eu digo "eles" não estou falando de nenhuma sociedade secreta. Há sempre alguém mexendo os pauzinhos por trás dessas coisas, e é fácil imaginar quem é. É só fazer uma pequena pesquisa para ver quem lucra mais, basta seguir a lista do dinheiro e do poder. Você sabe quem era um dos maiores lobistas do negócio das emissões de gases?

— O Greenpeace?

— Não, a Enron. Tem uma porção de gente poderosa fazendo fila para lucrar, caso o negócio seja aprovado, mas anos atrás isso tinha sido maquinado pela Enron, antes do escândalo financeiro que ocasionou a falência da empresa, pegando todo mundo de surpresa. O comércio de emissões de carbono ia ser o maior esquema desde que eles deixaram a Califórnia às escuras e fizeram o Estado refém. Eles já tinham começado a vender direitos e certificados de emissão de carbono, ou seja, a negociar futuros sobre o clima, se é que dá para acreditar em um troço desses, mas esse assalto ia ser 1.000 vezes mais ousado.

Naquela época, todo mundo achou que eles estavam brincando.

— Nem todo mundo, acho.

— Você está certa. A bem da verdade, a Enron era só uma distração, como um Bernie Madoff[c], um bode expiatório para ser jogado aos lobos. De todo modo, o comércio de emissões de carbono seguiu em frente. A Bolsa do Clima de Chicago talvez seja o melhor exemplo, em especial porque foi fundada por uma lista dos bambambãs do meio ambiente, tipo Al Gore e o Goldman Sachs. Mas até posso entender por que ninguém dá a mínima — o fundador da Bolsa acha que é um mercado de apenas 10 trilhões de dólares por ano.

Molly encarou-o, perplexa.

— Você disse 10 trilhões por ano?

— Ahã. E o endosso disso é muito maior, internacionalmente falando. Então aqui vai um teste rápido: quando se mistura ganância corporativa com corrupção política e salpica alguns trilhões por cima, qual é o resultado?

— Eu não sei... fascismo?

Noah balançou negativamente a cabeça.

— O resultado é o mais novo cliente da Doyle & Merchant.

A ampulheta na tela tinha desaparecido momentos antes, substituída por uma caixa de diálogo com duas opções: PARAR e PROSSEGUIR.

— Agora já sei para que tipo de coisa eu estou olhando — disse Molly. — Então vamos ver o que vem depois.

Noah clicou o controle remoto, e todas as telas começaram a mudar. Os *slides* até então incompletos foram preenchidos com imagens, números, nomes, legendas e datas para ilustrar os planos de ação de longo prazo no âmbito de cada área do governo dos EUA e da sociedade norte-americana como um todo. Alguns desses programas de ação se estendiam por poucos anos, mas outros abarcavam mais de um século.

Ao longo das linhas cronológicas começaram a se mover ponteiros e indicadores; textos se formavam e apagavam à medida que o ponteiro ia passando por eventos significativos da História recente. Marcos de desenvolvimento representando as diferentes fases iam surgindo dentro da Janela de Overton de cada tela, conforme o retângulo se movia lentamente da esquerda

para a direita.

Era uma enorme quantidade de informações diferentes, volumosas demais para serem absorvidas de uma só vez; era como assistir ao mesmo tempo a todos os filmes de um cinema multiplex. Mas, quando tudo convergiu para o centro do círculo de telas, Molly subitamente segurou e apertou com força a mão de Noah. No mesmo instante os dois tinham feito a mesma descoberta, tinham tomado consciência da mesma coisa: não eram planos de ação separados, era um único programa de metas.

Ao longo da parte inferior, o avanço firme e constante do tempo. No meio, o movimento lento e esporádico da Janela de Overton — que em geral se movia para a frente, mas, às vezes, retrocedia, como se a opinião pública tivesse se rebelado por um breve período contra a pressão antes de entregar os pontos novamente.

Na extremidade direita de cada tela estava listado um objetivo final. Ao examiná-los Noah percebeu que tinham outra coisa em comum. Eles não estavam escritos e apresentados como se fossem extremos impensáveis, mas sim como objetivos realizáveis em um novo arcabouço, uma estrutura de comando e de controle unificada e pronta para ser iniciada no dia do colapso da velha estrutura existente.

- Consolidar todos os recursos de mídias de conceitos chave de um novo internacionalismo
- Reunir e centralizar os poderes nas mãos do Poder Executivo
- Educação: tirar a ênfase do indivíduo, reforçar a dependência e o coletivismo, a justiça social e o "bem comum"
- Estabelecer a globalização benéfica contra o isolacionismo/soberania: mudança climática, crises de endividamento, finanças/moeda, livre-comércio, imigração, comida/água/energia, segurança/terrorismo, direitos humanos *versus* direito de propriedade, agenda da ONU 21
- Associar a resistência e a defesa "constitucional" a uma visão de mundo retrógrada e extremista: o direito de posse de armas de fogo é crucial
- Suprimir o debate e forçar o consenso: identificar, isolar e vigiar lideranças/ameaçar de sedição — criminalizar a dissidência
- Expandir a base de eleitores maleáveis e o apoio ao programa do governo, concedendo direito de voto a detentos, imigrantes ilegais e territórios norte-americanos selecionados, por exemplo, Porto Rico. Transformar em questão de direitos civis. Rotular os dissidentes de racistas, — invocar analogias confiáveis, escravidão, nazismo, segregação, isolacionismo
- Empurrar a segurança nacional para o primeiro plano da consciência pública
- Finalizar o declínio e o abandono do dólar: nova moeda internacional de reservas
- Sincronizar e integrar plenamente o cumprimento da lei junto às forças estadual e federal e a tropas contratadas; preparar contingências, sistemas e pessoal para prisão/relocação/detenção

De acordo com o progresso mostrado, muitas dessas iniciativas já estavam em vigor. O *slide* referente a Finanças mostrava uma linha cronológica iniciada em 1913, e a janela tinha se deslocado até quase o final. A tela Educação começou em um ponto ainda anterior e também já estava bastante avançada. Os avanços em uma das telas, relativa a Vigilância, Segurança e Militarização do Cumprimento da Lei, tinham acelerado radicalmente desde o 11 de setembro.

Existe uma diferença entre suspeitar de uma coisa e ter a certeza de algo. Noah sentiu essa diferença revirando no estômago. Uma pessoa pode se aferrar a uma dúvida insignificante e se sentir confortável, pode continuar negando e seguir a vida de maneira despreocupada. Até que um dia essa pessoa vai ser encurralada por uma verdade que não pode mais ser ignorada.

— Olha ali — apontou Molly.

Mas ele já tinha visto. Enquanto todos os outros *slides* tinham mostrado avanços e um lento progresso ao longo de seu respectivo intervalo de tempo, um deles não tinha se movido sequer um milímetro, como se seu papel naquilo tudo fosse simplesmente ficar pronto, a postos, à espera de ativação. Ao contrário dos outros, sua linha cronológica não era medida em anos ou décadas, mas em três dias finais.

Também ao contrário dos outros, esse *slide* não tinha Janela de Overton. Urgente era a legenda na extremidade da linha, e parecia que neste caso não se tratava de uma questão de aceitação pública, não haveria necessidade alguma de mobilização da opinião pública. O que quer que fosse, ele criaria seu próprio consenso.

Casus Belli, dizia o tópico, e a tradução de Molly ainda estava bem fresca na mente de Noah.

Um incidente usado para justificar uma guerra.

---

a Federal Communications Commission (Comissão Federal de Comunicações), criada em 1934, é o órgão regulador da área de telecomunicações e radiodifusão dos EUA. (N. do T.)

b Reichstag é o prédio do Parlamento Federal da Alemanha, em Berlim; em 1933, um mês após a nomeação de Adolf Hitler para o cargo de chanceler, o prédio foi incendiado; a Operação Susannah foi uma malfadada ação secreta israelense realizada no Egito em 1954, em que um grupo de judeus egípcios foi recrutado para colocar bombas em alvos ingleses e norte-americanos no país; o plano seria realizado pela ultrassecreta Unidade 131; Gladio (em português, “gládio”, um tipo de espada curta) é o nome de uma organização clandestina formada pelos serviços de informação italianos e pela OTAN à época da Guerra Fria, para evitar uma eventual invasão da Itália pela União Soviética; a Operação Northwoods foi o codinome de um conjunto de planos secretos elaborados em 1960 pelas mais altas patentes militares dos EUA, com o objetivo e assassinar

pessoas e praticar atos de terrorismo em cidades do país de modo a iludir a opinião pública e angariar apoio a uma guerra contra Cuba. (N. do T.)

c Bernard Lawrence “Bernie” Madoff (1938), ex-presidente de uma importante sociedade de investimento de Wall Street, foi preso em 2008 por fraudes que chegaram a 65 bilhões de dólares. (N. do T.)

capítulo 20

Lá fora o céu continuava ameaçador e, para acompanhar a fina chuvinha que caía, começou a soprar uma brisa cruel. Nesse tipo de tempo quase todo mundo que se arrisca a sair à rua procura um táxi, por isso Noah e Molly demoraram alguns quarteirões até conseguir um que os levasse ao centro da cidade.

Assim que fecharam a porta, o taxista se virou e perguntou para onde queriam ir.

— Rua 9 com Avenida B, junto à Tompkins Square. — E faça um favor — Noah acrescentou, passando para as mãos do taxista uma boa gorjeta para reforçar seu pedido. — Não estamos com pressa, então pode ir bem, bem devagar, entendeu?

O homem pegou o dinheiro, assentiu com a cabeça pelo retrovisor, depois deu a seta e saiu do meio-fio com um cuidado exagerado, as mãos bem espalhadas no volante (na posição “dez para as duas”), dirigindo como se um inspetor da Comissão de Táxis estivesse observando tudo do banco de trás.

Molly ficou sentada no seu canto, colada à janela e olhando em silêncio para fora; mas depois de um minuto ela esticou o braço e alcançou a mão de Noah.

— Não havia datas naquelas telas do final — comentou Noah. — Não há nada dizendo se essa coisa vai acontecer amanhã, na próxima semana ou no ano que vem.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Está acontecendo agora.

— Como você sabe disso?

— Porque posso ver. A economia está em frangalhos, Noah. E dessa vez

não há rede de proteção. É por isso que os dois partidos aprovaram correndo essa besteira de lei de estímulo. As baratas estão todas saindo dos buracos da madeira para pegarem o que ainda podem. É um assalto à mão armada em plena luz do dia, e eles já não estão nem aí se a gente vê isso ou não. É assim que eu sei.

A dívida nacional mais do que dobrou desde 2000, e agora com esses empréstimos para salvar bancos e empresas falidas, todos esses trilhões de dólares — eles roubaram nosso futuro, bem diante dos nossos olhos. Eles nem se deram ao trabalho de fingir que usaram o dinheiro para pagar alguma coisa real, a maior parte foi para contas *offshore*. Eles não ajudaram pessoas de verdade; simplesmente embolsaram a grana e cobriram as próprias dívidas em que eles mesmos se afundaram com a jogatina em Wall Street. — Ela olhou para Noah. — Você me perguntou como eu sei que isso está acontecendo neste momento? Porque o último ato de qualquer governo é saquear seu próprio tesouro.

Ele não conseguiu pensar em nada para refutar os argumentos dela, pelo menos nada em que os dois conseguissem acreditar.

— Vamos ficar bem — ele disse.

— Vamos ficar bem?

— Nós dois. E olha só, não estou falando de nenhum compromisso, ou relacionamento, ou coisa que o valha, eu sei que acabamos de nos conhecer, então vamos tirar esse assunto da discussão e não vamos nos preocupar com isso agora. Só estou dizendo que eu vou ajudar você, você e sua mãe, sem compromisso.

— Eu não posso fazer isso.

— Pense um pouco. Eu sei, fica parecendo uma espécie de pacto com o demônio. Eu sinto a mesma coisa, mas é melhor do que não ter alternativa, certo? Aconteça o que acontecer, essa coisa não vai afetar todo mundo da mesma maneira. É provável que muita gente que eu conheço nem vá sentir, e eu estou preparado para passar por tudo isso, seja o que for. Então o que estou dizendo é que podemos dar um jeito de você e a sua mãe ficarem bem.

— Você está errado. Você não vai ficar bem. Ninguém vai. Se eles conseguirem fazer metade do que vimos naquelas telas, o dinheiro não vai servir para te proteger. Nada vai.

Ela voltou a concentrar a atenção na janela, para a noite escura e

tempestuosa do lado de fora.

Minutos depois, Molly segurou com força a mão de Noah, mas não parecia um gesto de afeto. Era mais o aperto que um paciente medroso dá no braço da cadeira do dentista, ou um gesto de coisas não ditas e amor antigo ao final de um longo adeus.

capítulo 21

O táxi estacionou; enquanto Noah pagava a corrida, Molly abriu a porta e fez o convite:

— Vamos subir. Venha ver como vive a outra metade.

O caminho até a entrada começava com um portão de metal já na calçada. A fechadura exigiu certo jogo de cintura para abrir. Pelo visto, estava mais acostumada a ser arrombada do que aberta a chave. Depois do portão havia um pátio de aparência sinistra, e a entrada era protegida por uma porta de incêndio com fechadura tripla que se abria para um triste corredor iluminado por uma solitária lâmpada incandescente pendurada no teto.

Seguida de perto por Noah, Molly subiu os três lances de uma estreita escada de madeira que rangia a cada passo; os dois evitaram os trechos lascados do corrimão e um buraco em um dos degraus. O acesso ao segundo andar era protegido por um cadeado com uma grossa corrente. O primeiro pensamento que ocorreu a Noah foi que a porta estava bloqueada para desencorajar invasões dos sem-teto, mas, considerando as precárias condições do lugar, provavelmente aquilo servia mais como medida para a segurança dos eventuais invasores do que como proteção do imóvel.

Embora as paredes e janelas mostrassem sinais de alguma manutenção irregular e esporádica, a construção era caótica e incompleta; nenhum dos consertos parecia aceitável, e o que restara da carpintaria mais antiga também deixava a desejar. Conforme iam avançando escada acima, Noah viu folhas de compensado cobrindo janelas quebradas, e paredes sem reboco aqui e ali. Compridas rachaduras nas paredes ainda de pé alertavam para a debilidade do alicerce. A escura escadaria era invadida por súbitas correntes de ar, acompanhadas do som agourento de coisas caindo e o tinido e o silvo distantes de um velho radiador a vapor.

Quando chegaram ao terceiro andar, Molly já estava com as chaves na mão

e começou a abrir as diversas fechaduras da porta do apartamento sem número.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Não muito. — Ela tentou abrir a porta, e por causa da guarnição emperrada teve de dar um tranco com o ombro para conseguir. — Aqui dentro é mais bonito.

E ela tinha razão. A bem da verdade, depois de passar pela soleira Noah parecia ter entrado em um mundo completamente diferente. Enquanto ela voltava a trancar a porta, ele deu mais alguns passos para dentro e olhou ao redor.

Obviamente tinha sido preciso um grande esforço para transformar aquele espaço em uma espécie de esconderijo independente, bem distante da cidade lá fora. O que outrora provavelmente havia sido um enorme e frio andar industrial agora fora reformado e ganhara vida com ingenuidade simples e trabalho árduo. O resultado era uma área ampla e dividida por divisórias móveis, formando um impressionante *loft*, espaçoso e bacana. De onde Noah estava era possível ver uma enorme sala multiuso ao lado da entrada, uma cozinha e uma lavanderia, e, nos fundos, o que parecia ser uma série de quartos de hóspedes.

Molly pendurou as chaves em um gancho junto à porta.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Não sei, oito ou dez. Então não se assuste se você vir alguém. As pessoas vêm e vão, nenhum de nós vive aqui de maneira permanente. Temos lugares como este espalhados pelo país todo; assim a gente pode ficar em um local seguro quando tem de viajar. Ali é o meu quarto, mas quase nenhuma destas coisas é minha. — Ainda falando com ele, Molly entrou na cozinha. — Sente-se, vou fazer chá gelado. Ou você prefere uma cerveja?

— O chá parece uma boa ideia.

— No lugar de onde eu venho a gente bebe bem doce.

— Manda ver. Quanto mais doce, melhor.

Ele foi até o centro da sala e encontrou uma plataforma ligeiramente elevada e circundada por biombos japoneses de madeira fina e escura e painéis de papel-arroz. Ali havia estantes de livros, uma cômoda, uma escrivaninha com tampo corrediço e uma penteadeira. Mas o espaço era dominado por uma

enorme rede de dormir, coberta por um ninho de confortáveis cobertores e travesseiros, suspensa até a altura da cintura entre as válvulas vermelhas de dois pesados canos de metal que iam do chão ao teto. Esse cômodo interior era iluminado por pequenas lâmpadas e lanternas de papel de cor pastel. O efeito geral do recinto cercado era o de um suave e relaxante paraíso zen.

Uma rápida olhada na estante de livros mais próxima revelou um estranho sortimento de material de leitura. Alguns clássicos antigos e modernos estavam separados em uma estante à parte, mas o grosso da coleção consistia principalmente de obras que beiravam o excêntrico, para não dizer o proibido. Aparentemente não havia uma ordem cronológica clara; *Rules for radicals* (Regras para radicais), de Alinsky, estava ao lado de *None dare call it conspiracy* (Que ninguém ouse chamar de conspiração); logo abaixo, *The blue book of the John Birch Society* (O livro azul da Sociedade John Birch) estava ensanduichado entre *Steal this book* (Roube este livro), de Abbie Hoffman, *Empire* (Império), de Orson Scott Card, e um exemplar traduzido de *The coming insurrection* (A insurreição a caminho). Na parte de baixo havia uma seção inteira devotada a uma série de livros de uma editora especializada, todos de um único autor chamado Ragnar Benson. Noah tocou as lombadas surradas e leu os títulos, um a um:

The modern survival retreat (A moderna retirada de sobrevivência).
Guerrila gunsmithing (Fabricação de armas de guerrilha)
Homemade grenade launchers: constructing the ultimate hobby weapons (Lançadores de granadas caseiros: construindo a última palavra em armas de passatempo).
Ragnar's homemade detonators (Detonadores caseiros de Ragnar).
Survivalist's medicine chest (Caixa de primeiros socorros do sobrevivencialista).
Live off the land in the city and country (Vivendo da terra na cidade e no campo).

E por fim um volume de capa dura intitulado simplesmente *Mantrapping* (Armadilhas para capturar homens).

— Ela tem uns livros e tanto, hein?

Foi somente por causa da atmosfera tranquila e da voz ligeiramente familiar atrás dele que Noah não teve um sobressalto. Ele se virou, e lá estava o amigo

grandalhão de Molly que ele havia conhecido no bar. Pelo fato de estar sobre a plataforma elevada, agora era possível olhar o gigante nos olhos.

— Hollis — disse Noah, descendo. — Como é que não ouvi você se aproximando?

O homenzarrão o presenteou com um abraço apertado e uma palmadinha extra no ombro.

— Acho que tenho a tendência de andar por aí sem fazer muito barulho.

— Então acho que vou pendurar uma sineta no seu pescoço, para proteger meus nervos.

— Ah, qual é? Vem comigo, vou te mostrar uma coisa.

Nos fundos do *loft* havia mais áreas habitáveis do que Noah tinha imaginado a princípio. Alguns espaços reservados para dormir, outros para trabalho e reunião. No local que Hollis indicou como sendo seu quarto havia um catre de lona do Exército, várias mesas de projetos muito bem organizadas e um enorme armário vermelho com rodinhas, presumivelmente repleto de ferramentas. Todas essas coisas estavam dispostas de tal maneira que dava a entender que a prioridade daquele homem durante as noites não era apenas dormir.

— O que são estas coisas? — perguntou Noah. Uma das mesas estava forrada de peças e equipamentos para testar pequenos componentes eletrônicos; em outra havia uma pilha de equipamentos de comunicações desmontados, e sobre uma terceira havia grande quantidade de material de limpeza e as partes desmontadas de um assustador rifle preto e uma pistola. Ao lado havia mais armas visíveis em um cofre aberto, mas a atenção de Noah se concentrou na bancada mais próxima.

— Estou fazendo munição — Hollis pegou uma amostra e exibiu a ponta cinzenta. — A munição é apenas esta última pontinha no final. Isto aqui é uma bala dundum semiencamisada de ponta oca .44; tem grande poder de parada.

Em torno dessa bancada havia diversos potes e caixinhas, com pós pretos de várias tonalidades e graus de moagem, uma balança de farmacêutico, uma bandeja de cápsulas de metal e uma máquina manual que parecia um espremedor de laranja preso a um tampo de mesa por um torno de bancada.

— Mas por que diabos você quer fazer sua própria munição?

Hollis se sentou, pôs os óculos, pegou os componentes de um cartucho inacabado, começou a trabalhar nas peças, e só depois falou:

— Noah, você gosta de biscoitos?

— Gosto sim, Hollis. Estamos falando de armas de fogo, mas gosto de biscoitos, sim.

— E de qual tipo você gosta mais? — Ele colocou a cápsula aberta e recheada de pólvora na parte inferior da máquina manual, encaixou uma bala em cima, ajustou o mecanismo com a perícia de um arrombador de cofres e depois girou uma alavanca até as duas partes se unirem, em uma montagem firme. — Você prefere aqueles bem secos e empoeirados que você compra dentro de uma caixa na lanchonete? — Ele removeu o cartucho do mecanismo e o ergueu para que Noah pudesse contemplar sua perfeição. — Ou prefere um biscoito fresquinho e quentinho, acabado de tirar do forno, e que a sua namorada assou só para você?

— Acho que estou entendendo o que você quer dizer.

— Ah, sim, para acertar o alvo qualquer coisa serve, acho, mas, se eu conhecer bem o que estou caçando, posso preparar algo na medida perfeita, e a minha bala vai voar mais reta e acertar com mais força do que qualquer coisa que eu possa comprar em uma loja.

— Não entendo muito de armas, mas acho difícil acreditar que faz muita diferença.

— Eu diria que faz toda a diferença. — Depois de consultar seu paquímetro, Hollis fez um ajuste infinitesimal da prensa e voltou ao seu trabalho. — Qualquer dia destes tente sair para caçar um alce com um rifle carregado com munição para cervos, e veja só o que acontece. É a mesma coisa que tentar derrubá-lo com um golpe de jornal enrolado.

— Entendi.

— É melhor entender mesmo, Noah. Nada como um alce macho ferido correndo atrás do camarada em um descampado para ensinar a um homem o valor da munição adequada.

Noah olhou para a mesa. Em uma pilha junto à outra extremidade havia uma série de caixas acrílicas já cheias de munição pronta. — Quantas destas coisas você consegue fazer em uma hora?

— Com uma prensa só? Eu diria que entre 75 e 200. — Hollis ergueu os olhos acima de seus óculos e sorriu. — Depende da minha motivação.

— E aí, rapazes, estão se dando bem? — Molly apareceu com um copo de chá gelado para Hollis.

— Sim, estamos. O Hollis estava me dando umas sugestões muitos úteis para a próxima vez que eu for atirar em um alce.

Ela afagou as costas do amigo sentado.

— Vou roubar seu novo amigo um pouquinho, tá bom?

Havia outras vozes ali perto, e Molly conduziu Noah por uma sucessão de portas e cômodos separados por divisórias na direção do som. No fim do corredor chegaram a um amplo espaço com um grupo de homens e mulheres sentados ao redor de uma mesa de reuniões. Noah olhou de novo e viu que a mesa consistia de um conjunto de cadeiras de dobrar e quatro mesas de carteado presas umas às outras.

As pessoas ali dentro estavam ouvindo o discurso de uma mulher sentada na cabeceira da mesa, mas, assim que os recém--chegados entraram, todos fizeram silêncio.

— Pessoal, este é Noah Gardner; Noah, estes são alguns dos líderes regionais da FoundersKeepers. Você disse que era bom com nomes, então vou testar você.

Começando pela ponta da mesa e seguindo em sentido horário, ela foi apresentando um a um e informando o pseudônimo histórico que cada um tinha assumido ao entrar para a organização.

— Pegou tudo? — ela perguntou.

— Vamos ver. — Ele começou de onde ela tinha terminado e seguiu no sentido contrário. — Patrick, Ethan, George, Thomas, Benjamin, Samuel, John, Alexander, James, Nathaniel, outro Benjamin — Franklin ou Rush, você não disse qual —, Francis, William e Stephen.

— Muito bem. Devo isso tudo a Dale Carnegie. — Todas as pessoas presentes tinham nas mãos um livro aberto, e, pelo que Noah podia ver, todos os livros pareciam semelhantes, a não ser pelo conteúdo visível de cada um.

— O que interrompemos? — perguntou Noah. — Isto aqui é uma reunião

de estratégia, ou algo assim?

— Hoje, não —, respondeu Molly, e com um gesto pediu à palestrante que continuasse de onde tinha parado. A mulher, talvez dez anos mais velha que Noah, tinha sido apresentada como “Thomas”.

— “Cuidem bem do espírito do nosso povo, e mantenham viva sua atenção. Não sejam severos demais com seus erros, mas regenerem o povo por meio do esclarecimento. Se o povo deixar de dar atenção às coisas públicas, vocês e eu, o Congresso, as assembleias, juízes e governantes não passaremos de lobos”.

Essas palavras eram parte dos escritos de Thomas Jefferson; embora não tivesse reconhecido a autoria, Noah viu o título do livro aberto nas mãos de um homem sentado ao seu lado. O homem seguia o texto atentamente, acompanhando com a ponta do dedo as palavras que a oradora tinha memorizado. A mulher declamava com sentimento e energia, não como alguém que recita mecanicamente uma carta centenária, mas como se naquele momento ela se apropriasse dos pensamentos de Jefferson.

— “Parece ser a lei da nossa natureza geral” — ela continuou, — “a despeito de exceções individuais; a experiência declara que o homem é o único que devora os de sua própria espécie. Pois não posso usar termo mais brando para as ações dos governos da Europa, e para a rapina geral dos ricos sobre os pobres”.

À mesa havia uma cadeira vazia com um daqueles livretos à frente. Molly pegou o livrinho — na verdade um misto de livro, caderno e diário — e se despediu das pessoas, que já se preparavam para a declamação da próxima oradora. Ela pegou Noah pela mão e saiu com ele para o corredor.

— Eles não vão precisar disto aí? — Noah perguntou.

— Não, este aqui é meu. — Ela passou o caderno para as mãos dele. — Mas eu não sou como eles, pois cada um deles memorizou tudo de um autor. Já eu sei um pouco de cada um. Especialmente Thomas Paine.

— Mas o que significa tudo isso? — O livreto era claramente feito à mão, e não impresso industrialmente. Parecia velho, mas bem cuidado, e na contracapa havia um número, sugerindo que fazia parte de uma série.

— É uma das coisas que nós da FoundersKeepers fazemos. Nós lembramos.

— Vocês lembram discursos, cartas, essas coisas?

— Nós lembramos como este país foi fundado! Nunca se sabe, pode ser que a gente precise fazer isso de novo.

— Então vocês guardam tudo na cabeça. Por quê? Como garantia caso os livros de história sejam queimados?

— Já está acontecendo, Noah, se é que você ainda não percebeu. A história não está sendo queimada, mas está mudando. Pergunte a um aluno do ensino fundamental o que ele sabe sobre George Washington, e é mais provável que você ouça uma porção de mentiras sobre ele, como a história da cerejeira ou que ele usava uma dentadura de madeira, do que alguma coisa que ele tenha feito pelo país. Pergunte a um menino do ensino médio o que ele sabe sobre Ronald Reagan, e a resposta vai ser que era um ator de filmes de segunda categoria que entrou para política, ou que ele era o cara que estava na Presidência quando Gorbachev deu fim à Guerra Fria. Pergunte a um universitário sobre o Seguro Social e ele vai dizer que foi algo criado com o objetivo de garantir uma renda e uma aposentadoria digna para todos os cidadãos norte-americanos. Pergunte a alguém com menos de 30 anos o que ele sabe sobre a Segunda Guerra Mundial, e ele vai citar trechos do filme *O resgate do soldado Ryan*. Viu só? Ninguém precisa reescrever a História. Eles só precisam dar um jeito de que ninguém se lembre dela.

Ele fechou o livro com cuidado e devolveu-o a ela.

— Molly?

— Sim.

— Manda aí um pouco de Thomas Paine.

Ela segurou a mão dele, e recitou com voz calma, enquanto caminhavam pelo corredor.

— “São tempos como esses que testam as almas dos homens. O soldado pouco comprometido e o patriota ocasional vão, nessa crise, evitar servirem seu país; mas aquele que se levanta agora merece o amor de homens e mulheres. A tirania, como o inferno, não é facilmente derrubada; ainda assim, temos o consolo de que quanto mais duro for o conflito, mais glorioso será o triunfo.”

“Tudo aquilo que é obtido por um preço baixo demais merece nossa pouca estima: é o alto preço que dá a cada coisa seu valor. Deus sabe como atribuir o

preço adequado a suas mercadorias, e de fato seria muito estranho se um bem tão divino como a liberdade não custasse tão caro.”

Assim que retornaram ao espaço de Molly, ela deu a Noah um copo de chá gelado e se sentou na ponta da rede. Ele se sentou em um sofá feito de engradados, uma armação simples e almofadas de várias cores. O chá estava muito doce, exatamente como Molly havia avisado, mas estava bom.

— O Hollis parece ter ali um pequeno arsenal. Essas armas estão dentro da lei?

— Duas delas estão registradas. O resto está aqui só de passagem. Ele vai a uma exposição de armas no norte do Estado.

— Então a resposta é não, não estão dentro da lei?

— Você sabe como foi difícil registrar essas duas armas nesta cidade?

— Posso imaginar.

— Levou mais de um ano, e o cara que é dono delas teve de deixar suas impressões digitais na delegacia, ser entrevistado e pagar uma taxa de mil dólares para exercer um direito constitucional.

— Bem-vinda a Nova York. Quem mora aqui tem de aturar um monte de coisa.

— Espere aí um minuto, você não disse que teve aulas de Direito na universidade? Achei que lá eles falavam um pouco da Segunda Emenda.

— Eles falaram, sim. Os especialistas divergem um pouco sobre essa interpretação.

De maneira bem cuidadosa, ela recitou o texto da lei: “O direito do povo de possuir e usar armas não poderá ser impedido”. — Isso me parece bem claro.

— Você deixou de fora a parte que causa toda a discussão: “Sendo necessária à segurança de um Estado livre a existência de uma milícia bem organizada”.

— Naquela época a palavra milícia significava outra coisa, Noah. Ben Franklin começou a primeira. A milícia era todo cidadão pronto e disposto a proteger sua comunidade, qualquer que fosse a ameaça. Era uma coisa natural, como colocar uma tranca na porta da frente.

Hoje a polícia existe para proteger a sociedade, mas não é obrigada a proteger você e eu como indivíduos. A Suprema Corte já deixou isso bem claro algumas vezes. E a polícia certamente não vai nos proteger do governo, Deus nos livre de um dia precisarmos disso. Então, a meu ver, a Segunda Emenda simplesmente diz que temos o direito de estar prontos para nos defender e a nossos vizinhos se for preciso.

— Falando nisso, por que você não me fala da sua estante de livros?

Ela olhou de relance para os livros.

— O que é que tem?

— Eu estava dando uma olhada nos títulos, é uma biblioteca bastante subversiva.

— As pessoas usam alguns desses livros para falar mal de nós, e alguns deles foram escritos pelos nossos inimigos. Eu leio tudo para saber quem está contra nós e para saber o que falar sobre eles. Você não vê mal algum nisso, vê?

— Quem é esse maluco do Ragnar Benson?

Ela sorriu.

— Ele não é um maluco. Esse nome é um pseudônimo, aliás. Quase ninguém sabe quem ele é. Ele escreve sobre umas coisas muito úteis.

— Por exemplo, como fazer um lançador de granadas no seu quarto?

— Esse é dos tempos de mercenário dele. Desde então ele se acalmou um pouco. Agora ele está mais interessado em falar de independência, prontidão e autossuficiência, sabe? A alegria de viver fora do sistema.

— Falando assim, parece que você conhece o cara.

Ela refletiu por alguns instantes, depois chegou mais perto dele.

— Consegue guardar um segredo?

— Acho que hoje é o dia errado para você me perguntar isso.

— É o tio do Hollis — Molly sussurrou. — E adivinha quem assumiu o comando do negócio da família e até escreveu alguns dos livros?

— O Hollis? — ele apontou por cima dos ombros com o polegar. — O meu Hollis?

Ela fez que sim com a cabeça, com um leve sorriso.

— Você não deve julgar uma pessoa pela aparência. Ele é um homem muito inteligente.

— É, o Unabomber também era. O primeiro da classe, aliás.

— Você faz piadinhas quando fica nervoso. Que gracinha.

— Obrigado.

— Agora termine seu chá, senão vou achar que não gostou.

Ele obedeceu, com um único e longo gole, e depois Molly deu uma batidinha na rede, bem ao seu lado, indicando que queria que Noah se juntasse a ela.

— Ah, não. Eu passei vinte e oito anos da minha vida sem tentar entrar em uma coisa destas. Sente-se aqui comigo você.

— Ah, qual é? É fácil, medroso.

— Eu vou cair.

— Não, não vai. — Ela estendeu as mãos, chamando-o. — Só quero esquecer um pouco disso tudo, tá bom? Vem aqui, agora, não me obrigue a pedir de novo.

Seria difícil dizer não, e ele nem tentou. Com a ajuda de Molly, ele se sentou ao lado dela na precária ponta da rede.

— Agora espere um pouco. Tire os pés do chão e deite-se, e tente não rolar para o outro lado.

Ela se reclinou e Noah seguiu as dicas; durante alguns segundos cambaleantes a situação parecia tão instável quanto uma arriscada viagem de montanha-russa. Depois de muitas oscilações e desequilíbrio, e uma boa quantidade de risadas, as coisas foram gradualmente se assentando e por fim os dois se viram confortavelmente aconchegados na frágil estabilidade da rede, em um leve balanço.

No quarto de Molly não havia teto, e bem acima da cabeça deles, entre as vigas de aço, alguém tinha colocado fios de luzes brancas de Natal, em um arranjo que lembrava uma noite de céu estrelado.

— Ei, Molly — ele sussurrou.

— Sim?

— O que você me diz de a gente ficar assim, deste jeito, por um tempão?

Ela o abraçou com mais força.

— Bem que eu gostaria.

Ele já tinha reparado antes no bracelete de prata de Molly, mas agora a joia estava bem mais perto, o suficiente para que ele visse as marcas de uma frase gravada.

— O que diz aí?

Ela aproximou o pulso dos olhos dele.

— Já tenho isto faz tempo e ele já passou por muita coisa comigo, e acho que agora está até difícil de ler.

Noah segurou a mão dela até encontrar a distância certa e o ângulo adequado na fraca luz para decifrar as letras. Quando teve certeza de que tinha entendido, leu em voz alta:

— “Temos o poder de começar o mundo de novo”.

— Isso mesmo — concordou ela.

— De quem é essa frase? Já ouvi isso antes.

— Thomas Paine.

Ele aninhou a cabeça junto à dela.

— Mas como é que você acha que vão conseguir fazer isso, Molly? Não estou dizendo que não podem, mas é que não vejo como.

— Tem mais. — Com a outra mão ela girou o bracelete para mostrar a parte interna, pois ali havia outra inscrição:

Fé Esperança Caridade

— Isto é... legal.
— Legal?

— Para falar a verdade, acho que não entendo — alegou Noah. — Quer dizer, entendo as palavras, mas isto aí não é exatamente um plano de batalha, é? Vocês sabem contra quem estão lutando?

— Sim, mas duvido que nossos inimigos saibam.

— Então me diga.

— Tá bom. Uma perguntinha para você: quem deu o primeiro tiro na Guerra de Independência?

— Essa é uma pergunta complicada. Ninguém sabe quem deu o primeiro tiro.

— É essa sua resposta definitiva?

— É, sim.

Ela se apoiou sobre um dos cotovelos, para poder encará-lo. — O primeiro disparo não veio de uma arma. Foi um sermão, feito por Jonathan Mayhew, anos antes de Lexington e Concord[a]. Não foi um político que disse "sem representação não há taxação". Foi um pastor.

— Ah. Então essa é a parte da fé.

— É mais que isso. Nossos direitos vêm de um poder mais alto, Noah. Os homens não podem concedê-lo, e os homens não podem tirá-lo. Essa é a diferença, acho eu, entre o que aconteceu na Revolução Francesa e o que conquistamos na nossa. Nós acreditávamos que tínhamos a vontade de Deus a nosso favor, e eles acreditaram nas palavras de Godwin[b]. Uma é duradoura, a outra sucumbe à fraqueza humana.

Ele tocou a segunda palavra gravada no bracelete de prata.

— E a esperança?

— Isto aqui quer dizer que acreditamos na parte mais poderosa do espírito humano. A esperança e a verdade andam juntas; se tudo o que sabemos for uma mentira, não temos a menor chance. Quando o médico diz a uma pessoa que ela está doente, o paciente não põe a culpa nele pelo diagnóstico. A pessoa agora sabe a verdade, e então, por mais grave que seja a doença, ela pode fazer um plano para ficar melhor. Isso é a esperança. Saber que mesmo quando as coisas parecem sombrias, amanhã será um dia melhor.

Molly apontou para a última palavra do bracelete.

— E a caridade é simples. Acreditamos que cabe a cada um de nós ajudarmos as pessoas a chegar a esse amanhã melhor. Ben Franklin explicou meu bracelete quando o reitor da Universidade Yale pediu a ele que fizesse um

resumo da religião norte-americana. Ele respondeu o seguinte: “Deus existe, e existe uma vida depois desta, e Ele vai nos julgar por nossas ações nesta vida e a melhor maneira de servir a Deus é servir a nossos semelhantes. Isso é fé, esperança e caridade”.

— Parece uma coisa boa. — Noah ajeitou o travesseiro e voltou a deitar a cabeça. — Detesto ter de dizer isto, mas não acho que seja o bastante.

— Talvez não seja algo que você consiga entender rapidamente. — Molly argumentou. — Nenhum de nós entendeu isso do dia para a noite. Quando você estiver pronto, vai entender.

Presa por uma tachinha à parede havia uma folha de papel branco com um esboço, colocada propositalmente em uma posição em que ficava visível para quem se deitasse na rede.

— Quem desenhou aquilo ali? — quis saber Noah.

Ela virou o corpo, esticou o braço para pegar o desenho e depois ergueu a folha de papel para que ambos pudessem olhar mais de perto.

— Fui eu.

Era o desenho de um pequeno chalé em um vale, em uma paisagem de inverno, junto a um riacho e circundado por um bosque. Os detalhes do lugar estavam desenhados cuidadosamente: um balanço na varanda, um jardim com cerca baixa, uma trilha de pedras até os degraus da frente, flocos de neve sobre os beirais e peitoris. Eram apenas linhas simples feitas a lápis, mas a mão sensível da artista havia captado lindamente a cena.

— É muito bonito. Onde fica este lugar?

— Na minha cabeça, acho. — Ela olhou para Noah. — E quer saber de uma coisa?

— Claro.

— Isto é tudo o que eu quero, falando sério, um lugarzinho assim. Imagino que para alguém como você isso me faz parecer uma simplória.

— Não, nada disso, me parece uma boa ideia.

— Simplesmente um lugar como este para dividir com alguém, e a liberdade de viver a nossa vida lá. A procura da felicidade, sabe? Para cada pessoa isso significa uma coisa diferente, e é assim que tem de ser. Mas esta é a

minha busca da felicidade; é com isso que eu sonho.

— Espero que um dia você chegue lá e realize seu sonho.

— Espero que todos nós.

Ele refletiu um pouco.

— Por que você não vai embora agora e encontra este lugar?

— Você está querendo dizer: por que eu não vou lá cuidar da minha vida, pego o que é meu, e que todos os outros se danem?

— Não foi exatamente isso que eu quis dizer.

— Há um câncer neste país, Noah, e nós dois vimos o exame de raio X. Se a gente não der um jeito de impedir isso, estancar a doença, ela vai se espalhar, não importa onde a gente se esconda. E quero que você saiba de uma coisa. Preciso que você saiba de uma coisa

— Tudo bem.

— Não há nada de que não abriria mão para defender meu país. Não importa a dificuldade, não há nada que esteja em meu poder que eu não faria.

— Entendo. Admiro muito isso.

— Mas não quero esse peso sobre os meus ombros. Não quero ter razão. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Se eu pudesse, ficaria aqui, assim, como você disse.

— Eu gostaria de me sentir assim, resoluto, em relação a alguma coisa.

Minutos silenciosos se passaram. Enquanto os dois estavam deitados olhando para as imitações de estrelas, Noah tentou sem muito sucesso se lembrar exatamente do que ele próprio vinha buscando em todos aqueles anos, se não era justamente a simplicidade de estar junto de alguém.

Então ele notou que sua visão foi invadida por uma súbita mancha, um brilho fraco e trêmulo que se formou em torno das fontes de luz; embora ele tenha piscado para afugentar a sensação, a estranha bruma voltou um instante depois, desta vez acompanhada de um desconforto esquisito, como uma onda passageira de vertigem.

— Uau.

— O que foi?

— Nada. Acho que tive uma tontura.

Pouco depois de ter se dissipado, a sensação voltou de novo, desta vez mais forte, e ele enrijeceu o corpo, tentando se livrar do incômodo.

— Você está bem?

— Sim, tudo bem. — Noah respondeu, ofegante.

Mas ele não estava bem. Nos tempos de faculdade, houve uma ocasião em que, depois de uma estúpida brincadeira com os amigos para ver quem bebia mais (e mais rápido) doses de ponche reforçado, o álcool tinha entrado de uma só vez na sua corrente sanguínea. Ele tinha sentido uma terrível sensação de desamparo e impotência, porque, quando percebeu seu erro, não havia nada que pudesse fazer para impedir as consequências.

— Preciso me levantar — ele disse. Suas próprias palavras demoraram uma eternidade para chegar aos ouvidos, e não pareciam coerentes. Uma palpitação de pânico estava começando a tomar conta dele, e neste momento sentiu uma mão gelada na testa, acalmando-o.

— Fique quietinho, agora.

Mas a essa altura era como se quase todas as suas energias tivessem sido drenadas, primeiro a força, depois a vontade de se mover; tudo tinha sido substituído por uma crescente sensação de desmaio em câmera lenta, um desfalecimento na ponta de um despenhadeiro.

Quando o quarto nebuloso começou a girar e desaparecer, ele viu três homens desconhecidos em pé perto dele, jovens vestindo terno e gravata.

— Hora de ir, Molly — disse um deles, com voz distante e irreal.

— Só um minuto — ela respondeu. — Me esperem lá embaixo.

E então eles sumiram, e outra figura, mais alta, se aproximou.

— Você vai ficar com ele, não vai, Hollis?

— Vou ficar o máximo de tempo que eu puder.

Ele sentiu os braços dela apertando seu corpo com mais força, as lágrimas dela caindo sobre seu rosto, os lábios dela junto ao ouvido dele. As três palavras simples que ela murmurou pouco antes de Noah apagar de vez ficaram claras na

sua mente mesmo depois que tudo já tinha sido engolido pela escuridão.

— Eu sinto muito.

---

a Referência à batalha de Lexington e Concord, ocorrida em abril de 1775, o primeiro grande encontro entre forças norte-americanas e tropas do Império Britânico no início da guerra que levaria à Declaração de Independência dos EUA em 1776. (N. do T.)

b William Godwin (1756–1836), jornalista e filósofo político inglês, autor de *Investigação acerca da justiça política*, publicada em 1793, reflexão sobre a Revolução Francesa. (N. do T.)

capítulo 22

O agente Kearns tinha se retirado para a pequena cozinha de seu trailer para preparar o café da manhã. Por isso Danny Bailey estava sentado sozinho na sala de estar, usando um pijama emprestado e sentindo uma terrível ressaca de sono; junto com ele havia um horroroso gato branco-sujo e a réplica de uma pequena bomba atômica.

Dobrado em cima do sofá, ele viu o jornal dominical de alguma cidade distante. Teria sido legal dar uma espiada nas manchetes, mas o jornal estava perto demais do gato para ser retirado dali em segurança.

— Então quer dizer que você nunca esteve em Winnemucca? — Kearns perguntou, aos berros, pela porta estreita.

De novo aquele papo-furado de merda.

— Não. Dá para acreditar? — respondeu Danny. Ele estava examinando o complexo aparelho cilíndrico sobre sua pesada armação de madeira em cima da mesinha de centro. — Eu não tinha ideia do que estava perdendo.

— Se você acha que esta cidadezinha está morta, espere até ver o lugar onde a gente vai encontrar os caras hoje à noite. Alguns anos atrás o *Washington Post* considerou toda essa parte de Nevada como o sovaco oficial dos EUA.

— Que pé no saco. Ei, Stuart?

— Sim?

— Eu não quero parecer um bunda-mole, mas esta geringonça aqui que parece uma bomba, é radioativa?

— Não, não muito. — Kearns voltou da cozinha com o café e se sentou em uma poltrona. — O núcleo é inerte; isto aí não passa de uma grande bola de chumbo. Por baixo do revestimento tem um pouco de urânio empobrecido. Então, se alguém se der ao trabalho de checar com um contador Geiger, o

ponteiro vai disparar. Olha só.

Ele apertou o botão de um equipamento amarelo em cima da mesa e aproximou o bastão do instrumento a um painel de acesso aberto na parte da frente da réplica. O medidor do instrumento vibrou e o rápido clique de seu alto-falante logo deu lugar a um zumbido barulhento e rascante quando a ponta do bastão tocou a caixa metálica de proteção interna.

— Mas não é perigosa.

— Não, mas eu não deixaria debaixo da minha cama.

— E esses caras que a gente vai ver, os caras que querem comprar este troço, por que razão acreditariam que um civil comum conseguiu colocar as mãos em uma arma nuclear?

— Tudo bem, beleza. Vamos falar disso. Você se lembra, faz mais ou menos um ano, da história de um míssil que desapareceu?

— Claro que eu me lembro. Aquele lance da Base de Barksdale. Fiz uma semana inteira de shows só falando sobre isso. Alguém fez uma burrada e carregou ogivas ativas em um bombardeiro B-52 na Dakota do Norte. Saíram seis ogivas da base, mas só cinco apareceram na Louisiana.

— Isso mesmo. Agora sabemos que uma coisa dessas não pode acontecer, não por engano. É como se o Serviço Secreto colocasse “acidentalmente” o presidente no carro errado e ninguém desse pela falta dele até a hora do almoço do dia seguinte. É impossível; há muitas salvaguardas em jogo. A menos, é claro, que seja obra de alguém infiltrado.

— Então a minha personalidade virtual é um cara cheio de conexões e contatos graças aos meus anos no FBI. Cerca de sete anos atrás eu fiquei de saco cheio do governo desonesto, saí da reserva e desapareci na minha própria versão do Programa de Proteção a Testemunhas. A história que eu inventei é a de que para conseguir esta bomba, eu fiz amizade, através do site, com as duas pessoas certas das equipes encarregadas dos arsenais, uma na Base da Força Aérea de Minot, outra na base de Barksdale. Elas falsificaram as ordens e providenciaram o voo, depois me ajudaram a carregar a ogiva em um caminhão e a tirá-la de Barksdale, um dia antes que alguém sequer percebesse o sumiço.

— Então você não está tentando dizer que construiu isto aqui a partir do zero, tipo no seu quintal?

— Não, claro que não, só cuidei da montagem e da caixa de proteção, e conectei alguns componentes eletrônicos; só precisei cuidar desta parte aqui. A ogiva em si estava intacta.

Danny inclinou o corpo e passou a ponta do dedo ao longo de uma das soldas mais lisas.

— Devo tirar o chapéu. Parece um belo trabalho, coisa fina.

— É, parece sim — concordou Kearns, guardando o contador Geiger em uma mochila no chão junto ao sofá —, se me permite dizer.

— E quanto disso é verdade?

— Quanto do quê é verdade?

— Do que você acabou de contar. A história de Barksdale.

Kearns não respondeu de imediato. Ele fechou o zíper da mochila no chão, e depois se sentou na poltrona, de cara amarrada.

— O que é isto, programa jornalístico, de repente?

— Não, cara, a gente está só conversando.

— Não estou aqui para te dar dicas para o seu próximo vídeo conspiratório.

— Só estou tentando entender direito a sua história.

— Tá legal. Mas o que é ou não é verdade no que eu acabei de contar não é a parte da história que você tem de entender direito.

— Beleza, tudo bem, desculpe. É que me pareceu muito crível. Isso tudo é novidade para mim, você sabe, e agora de manhã ainda estou um pouco grogue. Faz uns vinte anos que não durmo por 12 horas seguidas.

O outro homem continuou a estudá-lo, como se sentisse que talvez tivesse cometido um deslize e agora ainda estivesse avaliando a gravidade da gafe. Mas, depois de alguns segundos, ele meneou a cabeça, pareceu se acalmar um pouco, puxou para perto de si o relutante e amarrotado gato e afagou sua cabeça.

— Tá legal, tudo bem — disse Kearns. — Me desculpe. Eu não queria ficar irritado. Acho que com a idade estou ficando um pouco paranoico. Já me disseram que tenho uns problemas.

— Ei, cara, e quem não tem, certo?

— Falou e disse.

O bipe do micro-ondas na cozinha avisou que seu ciclo de aquecimento tinha chegado ao fim.

— Então, o que tem para comer? — perguntou Danny, esfregando as mãos.

O agente Kearns voltou da cozinha trazendo torradas e um encrostado pote de margarina, ovos mexidos e presunto enlatado. A carne estava esponjosa e ensebada, os ovos pareciam comida de gente perdida na floresta, mas com bastante sal e pimenta até que era uma refeição passável.

— Eu só perguntei o que perguntei porque achava que lá no quartel-general vocês tinham todo tipo de laboratórios e engenheiros para construir uma réplica destas para uma operação secreta. Você sabe, para que alguém como você não precisasse se dar ao trabalho de construir uma por conta própria.

— É, eles têm sim, mas nos últimos anos me acostumei a trabalhar sozinho. Quando se está em uma missão sigilosa, quanto menos contato com outras pessoas, mais seguro é. Poxa vida, estou há tanto tempo sozinho nesta operação que, pelo que eu sei, só um cara sabe que eu ainda estou na folha de pagamento.

— Uau, você deve confiar muito neste cara.

Kearns se abaixou e tirou um revólver do coldre do tornozelo; foi um gesto trivial, como se ele estivesse tirando uma pedrinha do sapato. Ele abriu o tambor da arma, girou-o com a palma da mão e depois, com uma leve sacudida, voltou a fechá-lo. Por fim pousou a arma ao lado da mesa e voltou a se concentrar no prato, para terminar seu café da manhã. Era como se aquilo nada tivesse a ver com o assunto em questão.

— Claro, garoto — disse Kearns. — Eu confio em todo mundo.

capítulo 23

A tarde de domingo foi dedicada a uma troca de figurinhas entre Kearns e Bailey, que repassaram a história pública um do outro. Se a ideia era que os dois parecessem velhos conhecidos, eles não poderiam hesitar sobre detalhes óbvios que eventualmente aparecessem na conversa. Então, antes de carregarem o furgão, deram um telefonema para acertar os últimos detalhes da reunião daquela noite com os alvos da operação secreta.

Kearns tinha usado um equipamento eletrônico chamado de “caixa laranja” para falsificar o número que apareceria no identificador de chamadas dos compradores, de modo que a ligação parecesse ter vindo diretamente do número particular de Danny Bailey; aparentemente o verdadeiro celular de Danny ainda estava enfiado em algum canto do depósito de evidências criminais em Nova York.

O homem que atendeu tinha ficado devidamente impressionado por falar com um de seus heróis midiáticos na guerra contra a tirania. A hora e o endereço da reunião foram confirmados e Bailey endossou Stuart Kearns como um autêntico patriota, que sem dúvida nenhuma podia dar conta do recado e entregar a mercadoria prometida. Antes de encerrar, o homem do outro lado da linha tinha passado o telefone de mão em mão para que todos pudessem conversar por um momento com a celebridade.

Sob o olhar atento de Kearns, Danny tinha encenado bem seu papel, mas alguma coisa começou a incomodá-lo assim que desligaram o telefone. Embora aqueles homens jurassem que eram os maiores fãs de Danny e que tinham visto todos os vídeos por ele produzidos e lido cada palavra por ele postada na internet, aparentemente eles também tinham visto, lido e ouvido coisas que Danny Bailey tinha certeza de nunca ter dito ou feito, como:

a única maneira de reunir e incitar as pessoas para a ação seria rasgar as cortinas e forçar o inimigo a dar as caras à luz do dia;

os oligarcas da globalização e seus fantoches de Washington vinham evitando a briga havia mais de sessenta anos, e que agora seria hora de encararem a guerra;

as almas dos Fundadores da Nação estavam conclamando os verdadeiros patriotas a se apresentarem e acertarem as contas com a República;

finalmente, tinha chegado a hora de soar um tiro de canhão do século 21, que fosse ouvido no mundo inteiro, o último toque de trombeta anunciando o início da segunda Revolução Americana.

Mas, mesmo que as palavras não tivessem sido exatamente essas, os sentimentos pareciam tremendamente familiares. Talvez ele tivesse mesmo dito essas coisas, e era apenas o contexto que agora as colocava sob uma nova luz. Afinal de contas, as coisas podem soar diferentes quando ecoadas por homens que tinham decidido divulgar sua mensagem não com um megafone, mas com uma bomba de 15 quilotons, capaz de devastar uma cidade.

capítulo 24

Os dois já tinham percorrido alguns quilômetros de um trecho desolado e sem lua da rodovia interestadual 80. A estrada estava tão escura que o mundo à frente parecia terminar no raio de alcance dos faróis, e na janela de trás do carro não havia nada a ser visto.

— Ei, Stuart?

— Fala.

— Eu não faria esse tipo de coisa se concordasse com esses criminosos. Não sou terrorista, mas não sou vira-casaca.

— Não achei que fosse — disse Kearns, com os olhos fixos na estrada.

— Como eu disse antes, eles não são gente minha, e o que eles querem fazer não é o jeito certo de mudar o estado das coisas, e eu nunca disse que era.

— Acredito em você.

Pela primeira vez um bate-papo teria sido bem-vindo, mas, já que o motorista não estava muito a fim de conversa, Danny teve de se ocupar com os próprios pensamentos, ouvindo o som da estrada que ia ficando para trás.

— Que tipo de telefone é este? — perguntou Danny. Ele já tinha reparado antes no aparelho, que estava conectado ao carregador junto ao console central. Era grande demais para ser um celular. Parecia uma versão menor e mais fina de um *walkie-talkie*, mas com um teclado padrão.

— Telefone via satélite — respondeu Kearns. — Funciona em qualquer lugar. A cobertura do celular neste lugar é muito precária.

— Imaginei mesmo.

Depois de alguns minutos Kearns tirou o pé do acelerador e o furgão começou a diminuir a velocidade; em seguida, ele apagou os faróis.

— O que você está fazendo?

— Abaixe o vidro, ponha a cabeça para fora e dê uma olhada.

— Por que eu ia querer fazer uma coisa dessas?

— Confie em mim. Quero que você veja uma coisa. Você mora na cidade, certo?

— Sim, no centro de Chicago. A minha vida inteira morei lá. — Ele abaixou o vidro da janela, enfiou a cabeça no vento frio e olhou para cima, conforme as instruções de Kearns.

— Bom, existem só três coisas para ver lá fora no meio do nada, mas esta é uma delas — disse Kearns.

— Oh... meu... Deus...

O ar estava completamente límpido, ao que parecia, do chão árido até os confins do espaço sideral. De horizonte a horizonte não havia luzes feitas pela mão humana para obscurecer a vista. Milhares de estrelas, talvez dezenas de milhares delas, brilhavam lá em cima, como joias em uma cúpula negra de veludo. Borrifos de minúsculos pontinhos de cores sutis, sóis brancos fulgurantes em constelações regulares adornando os céus; a idade dos astros é impossível de se medir em anos humanos: eles estão a anos-luz de distância, mas é como se fosse quase possível tocá-los com as mãos.

Danny recuou a cabeça para dentro do carro, endireitou-se no banco e abaixou o vidro, enquanto Kearns ligava de novo os faróis e o aquecedor para esquentar o interior do furgão.

— Valeu, cara, eu estava sentado aqui precisando mesmo de um pouco de perspectiva.

— Isso aí meio que faz o sujeito enxergar seu lugar, não é? —comentou Kearns. — É de lá que a gente veio, e é para lá que um dia a gente vai voltar.

— Sabe de uma coisa? Eu li no seu cartão, mas agora eu entendo por que te chamam de agente especial.

— Bom, filho, querendo você ou não, vou tomar isso como um elogio.

Depois de alguns quilômetros, Kearns pegou uma saída e logo voltou de novo à estrada de terra, que serpenteou por aproximadamente um quilômetro entre cercas de arame farpado até dar em uma pista de cascalho ainda mais

estreita.

— É aqui. — avisou Kearns. — Você está pronto?

— Opa. Vamos lá.

A porta da garagem estava levantada, e do local em que estacionaram o carro, Danny pôde ver claramente os homens sentados em volta de mesas de carteado, rodeados por pilhas de sucata, peças de automóveis e caixas vermelhas de ferramentas. Eles se viraram quando os faróis iluminaram a porta escancarada; ao reconhecer o veículo, fizeram gestos convidando seus hóspedes a entrarem.

Kearns ficou no furgão; Danny desceu e subiu o íngreme trecho na direção da casa, as mãos abertas coladas aos flancos do corpo, em um esforço para que todos soubessem que não estava armado. Evidentemente aqueles caras não estavam preocupados com isso. Eles o encontraram no meio do caminho entre a calçada e a garagem e o cumprimentaram como um velho amigo que não viam havia tempos.

Só faltava uma coisa. Danny e Kearns esperavam encontrar cinco homens na reunião, mas um deles não estava lá.

capítulo 25

Na reunião, o grupo foi direto ao assunto. Danny disse que até ali a coisa tinha ficado só na conversa, mas agora era para valer. Stuart Kearns tinha o que eles queriam, então a única dúvida era saber se eles tinham finalmente encontrado os homens certos para o trabalho. Só haveria uma chance para a concretização de um ataque que levara anos de planejamento, por isso muita coisa dependia da montagem certa da equipe.

Danny tirou do bolso uma folha de papel impressa, uma transcrição do diálogo mais recente (via bate-papo virtual) com os quatro homens, e os identificou pelos respectivos nomes. Ficou sabendo que o quinto integrante, um cara chamado Elmer, tinha feito uma viagem inesperada para Kingman, Arizona, a fim de tratar de assuntos relativos ao mesmo esquema, e só estaria de volta depois da meia-noite de segunda-feira.

A pedido de Bailey, cada um deles contou um pouco da própria história de vida, usando somente os pré-nomes. A única coisa interessante sobre essa parte foi a falta de distinção entre as coisas sensatas e malucas que cada um tinha a dizer. “Meu nome é Ron, cresci perto de Laughlin e trabalhei nas minas de lá desde a adolescência. Já fui casado, tive dois filhos lindos, e sei o que se passa na cabeça daqueles banqueiros sionistas e daquela vagabunda da rainha da Inglaterra desde que vi o que eles fizeram com a gente no 11 de setembro”.

Os quatro ali presentes se conheciam havia anos e tinham entrado em contato com o tal Elmer, o homem que estava ausente, pelo site de Stuart Kearns. Todos eles concordaram que Elmer era um sujeito sério e de absoluta confiança.

Um deles fez perguntas sobre os hematomas e outros resquícios da batalha estampados no rosto de Danny, o que deu a ele a oportunidade de explicar qual era seu papel em tudo aquilo. Ele relatou que tinha sido preso por policiais depois de uma reunião patriótica na Cidade de Nova York, e, quando estava sob

custódia, os homens da lei o espancaram até quase matá-lo. Todo homem tem um ponto de ruptura, e aquele tinha sido o dele. Foi naquele momento que ele soube que seria impossível haver solução pacífica para o conflito; o inimigo tinha deixado isso bem claro. Então ele ligou para seu velho amigo Stuart Kearns e pediu a ele que fosse pagar a fiança e livrá-lo da cadeia para que pudesse participar do seu plano. Agora ele estava ali para ajudar no que pudesse, e depois, quando tudo acabasse, divulgaria a história para o mundo inteiro.

Quando Danny deu o sinal, Kearns abriu a porta e fez um gesto chamando os homens para o furgão. Assim que todos se reuniram ao lado do veículo, ele abriu a porta deslizante, pendurou uma luz no teto, acendeu-a com um clique e mostrou aos homens a arma que havia trazido para a missão.

Enquanto os homens olhavam a bomba com um misto de admiração e expectativa, Kearns começou a dar uma aula sobre o dispositivo. O rendimento da ogiva seria equivalente ao da bomba de Hiroshima, embora o padrão de destruição fosse diferente, pois a explosão aconteceu ao nível do chão. O mecanismo era sofisticado mas fácil de usar, empregando um detonador suicida com um dispositivo de segurança preso a uma unidade padrão de GPS acoplada ao invólucro metálico. Com a bomba armada e escondida no carro, tudo o que eles teriam a fazer era dirigir até o local escolhido como alvo. Nada de códigos, nada de besteiras tipo James Bond, nada de contagens regressivas hollywoodianas — era só ajustar e esquecer. No instante em que chegasse a qualquer local no raio de 90 metros do destino pré-ajustado, o detonador dispararia e a explosão varreria tudo o que existisse no raio de um quilômetro, em todas as direções.

Kearns tirou do bolso duas pequenas chaves, inseriu-as no painel metálico de controle, girou-as até ficarem na mesma posição e apertou um botão vermelho central em que se lia o comando armar. Uma fileira de minúsculas luzes amarelas se iluminou; depois, à medida que o dispositivo eletrônico foi sendo carregado com um leve zumbido, as luzes começaram a piscar e a mudar para a cor verde.

O GPS logo encontrou seus satélites e o mostrador se dividiu em duas metades: uma indicando a posição em que eles estavam e a outra mostrando o alvo que tinham decidido atacar: o gabinete do atual líder da maioria do Senado, o Tribunal Federal Lloyd D. George, no número 333 do Bulevar Las Vegas, na cidade de Las Vegas, Nevada.

capítulo 26

A julgar pelas aparências, a reunião tinha sido cortês, amigável até, mas o encontro terminou com uma despedida inquieta, e a tensão ainda estava no ar.

Nem Bailey nem Kearns puxaram conversa até terem percorrido quase um quilômetro da acidentada estradinha de terra, longe daquela casa e rumo à relativa segurança da rodovia interestadual.

— Me diz o que havia de errado lá — pediu Danny.

— Muita coisa estava errada. — A atenção de Kearns se dividia entre a estrada e a escuridão no retrovisor.

O plano combinado era deixar a falsa bomba com os cinco colegas conspiradores em troca de 20 mil dólares que os homens tinham concordado em pagar para cobrir as despesas de Kearns. No dia seguinte eles iriam de carro — oito horas de viagem — até Las Vegas para mandar pelos ares o alvo escolhido. Lá chegando, em vez de encontrar a chance de martírio, dariam de cara com uma equipe da SWAT e uma tropa de agentes federais que estariam à espera para prendê-los. Nenhum daqueles caras parecia ser do tipo que se deixaria pegar com vida; por isso, ao mesmo tempo a FEMA mandaria para o local uma equipe de agentes antiterror. Com a área evacuada por alguns quarteirões, haveria menos probabilidade de que transeuntes ou curiosos inocentes acabassem atingidos no tiroteio que era previsto.

Mas a reunião não tinha terminado conforme o esperado, o que podia significar uma porção de coisas — nenhuma delas era o ideal.

Na melhor das hipóteses, o problema tinha sido um inocente mal-entendido, que simplesmente levaria ao atraso de um dia na execução do plano; no pior dos cenários, os terroristas tinham desconfiado e deram para trás, e agora estavam reunidos decidindo o que fazer. Se fosse este o caso — e Danny supôs que era essa a explicação para o olhar fixo do companheiro na estrada —, dali a pouco

era bem possível que um par de faróis aparecesse na estrada, em uma feroz perseguição ao furgão. Se isso acontecesse, era grande a possibilidade de que ele e o agente Kearns terminassem a noite enterrados juntos em uma cova rasa.

— Você sabe usar uma arma? — perguntou Kearns.

— Não sou nenhum especialista, mas sei me virar.

— Se as coisas ficarem pretas, tem uma pistola aí no porta-luvas. A trava de segurança está quebrada, mas no primeiro tiro ela dá um tranco e tanto. Depois do primeiro tiro o gatilho fica bem leve.

— Eu me viro com a arma. Por que não me diz o que está acontecendo?

Kearns pegou a rampa de acesso à interestadual I-80 e começou a ficar visivelmente mais relaxado à medida que o furgão foi ganhando velocidade.

— Primeiro — ele disse —, ainda estamos com a bomba deles, porque eles não estavam com o nosso dinheiro. Pode ser que não tenham ainda conseguido juntar tudo e só vão estar com a grana amanhã, como eles disseram, ou talvez tenha sido um tipo de teste.

— Que teste?

— Eles podem estar nos testando. Talvez quisessem ver se entregávamos a mercadoria mesmo sem receber o pagamento. Se eu e você somos mesmo quem a gente diz que é, eles sabem que não aceitaríamos isso. Mas achariam que somos uma dupla de federais tentando armar uma cilada para eles, para que fossem flagrados na posse de uma prova do crime.

— Entendi.

— Em segundo lugar, como você descreveria o nível intelectual daqueles quatro caras?

— Sei lá. — Danny ficou pensativo durante alguns minutos. — Estão mais para um bando de ovelhas do que para um pastor.

— Certo, e você sabe quem do grupo deles se definiu como o cérebro da operação?

— Deixe-me adivinhar — Danny soltou um suspiro. — O cara que não estava lá hoje.

— Exatamente. Não estou dizendo que aqueles caras que a gente acabou de

conhecer são inofensivos, mas são apenas seguidores, e esse tal de Elmer é o líder. Se estavam mentindo sobre o paradeiro dele, então ele provavelmente estava lá em algum lugar de olho em nós, talvez pela mira de um rifle de caça. E se ele está mesmo no Arizona, como eles disseram, eu me pergunto o que será que ele está fazendo lá.

— Mas então e agora? — quis saber Danny. — Já cumpri minha parte? Você pode me liberar agora?

— Ainda não. Eu disse a eles para me mandarem um *e-mail* quando nosso amigo Elmer voltar para a cidade, e aí vamos marcar outro encontro para amanhã. Enquanto isso, eu vou falar com o meu contato. Amanhã a gente vai ter de agir de improviso.

Os dois seguiram estrada adiante, e, com o passar de alguns silenciosos minutos, os olhares de Kearns para o retrovisor foram ficando menos frequentes, até que ele por fim concluiu que a ameaça imediata tinha ficado para trás. Kearns ligou o rádio e mexeu no *dial* até encontrar uma estação de clássicos. Ele se ajeitou no banco, ouvindo as letras e melodias de músicas do passado, como se a canção específica que estava tocando naquele momento pudesse ser um sinal de que suas preocupações tinham chegado ao fim.

Quando chegou o refrão, Kearns começou a cantar junto, murmurando em um falsete desafinado.

Danny olhou para ele.

— Ei, Stuart?

— Fala.

— Posso perguntar uma coisa pessoal?

— Claro. Pode perguntar, mas não preciso responder.

— Uma carreira no FBI dura quanto tempo, 20, 25 anos?

— Em geral, é. Por aí.

— Então não me leve a mal, mas um homem da sua idade já não devia estar aposentado?

Kearns olhou de soslaio para ele, abaixou o volume do rádio e depois voltou a se concentrar na direção.

— Você quer dizer o seguinte: por que um cara de 63 anos ainda está trabalhando nas ruas, em vez de ficar sentado atrás de uma escrivaninha fazendo trabalho burocrático ou curtindo a aposentadoria do governo?

— Eu só estava curioso.

— É uma longa história.

— Bom — disse Danny —, temos muita estrada pela frente.

capítulo 27

No fim das contas, Danny descobriu que uma década antes Stuart Kearns ocupara um cargo muito diferente. Ele tinha trabalhado nos escalões mais altos da luta contra o terrorismo, junto com um homem chamado John O'Neill, agente que ao longo da década de 1990, era uma das vozes mais ativas no que dizia respeito à preocupação com o grave perigo representado por Osama bin Laden e a Al Qaeda. Contudo, em vez de ser premiado por seus alertas, muita gente achava que os alertas de O'Neill — e a maneira como ele os fazia — haviam custado a sua carreira.

John O'Neill tinha antevisto uma lamentável falta de preparo para enfrentar a ameaça do terrorismo de Estado, opinião que ele expressava com todas as letras e sem rodeios; mesmo sabendo que os figurões lá de cima não gostavam de ouvir as críticas abertas ao governo, em geral, e ao FBI, em particular, especialmente vindas de um de seus próprios agentes.

Por fim, O'Neill caiu de vez em desgraça, depois de ser, preterido em várias oportunidades de promoção e de ser vítima de algumas não muito sutis campanhas de difamação; após trabalhar vinte e sete anos no FBI, pediu demissão e assumiu a chefia de segurança do World Trade Center na Cidade de Nova York. Seu primeiro dia no novo emprego foi três semanas antes de morrer como herói em 11 de setembro de 2001.

A carreira de Kearns no FBI fora igualmente arruinada por sua franqueza e sua amizade com O'Neill; teimosamente tinha escolhido enfrentar a tempestade em vez de pedir as contas. Porém, a máquina burocrática jamais se esquece de seus desafetos, e ele foi sendo posto para escanteio, até que nos últimos anos fora relegado a missões tão secretas que, às vezes, se perguntava se alguém ainda se lembrava de que ele era um agente.

— Devagar, devagar — pediu Danny.

Kearns tirou o pé esquerdo do acelerador e perguntou.

— O que foi?

— Me faz um favor e pegue aquela saída ali à direita.

No topo da rampa de acesso, havia pouca coisa de interesse além de cartazes de propaganda de comida, combustível e hospedagem. Ah, e um atraente e chamativo *outdoor* do Rancho das Gatinhas.

— Você deve estar de brincadeira comigo — disse Kearns.

— A gente teve uma noite difícil, e eu gostaria de beber uma cerveja.

— Tenho cerveja em casa.

— Uma lata de cerveja em um trailer com outro cara e uma cerveja em um bordel de Nevada são duas coisas totalmente diferentes, e neste momento estou precisando da segunda.

De maneira surpreendente, Kearns não brigou. Sem reclamar, ele seguiu as placas e percorreu a tortuosa rota até entrar com o carro em uma das vagas na lateral do estacionamento.

Danny desceu do furgão, ajeitou as roupas amarfanhadas e olhou para trás.

— Você não vem?

— Não, acho que não. Falsa ou não, não vou deixar uma bomba atômica no estacionamento de um bordel de beira de estrada.

— Tá bom, quem sai perdendo é você. Você pode me adiantar 100 pratas até o dia do pagamento?

— Não tenho 100. — Kearns abriu a carteira, tirou uma cédula e passou-a para as mãos de Danny pela porta aberta do furgão. — Tenho 20. Enquanto espero, vou tentar dar um telefonema. Mas não demore a noite inteira. Amanhã vamos acordar cedo.

— Com 20 dólares, duvido que eu consiga demorar mais que dez minutos.

— E sei que nem preciso dizer para você tomar cuidado com o que e com quem você fala — advertiu Kearns. — Tome seu drinque e volte logo. Não me faça entrar lá para buscar você.

— Volto já.

Lá dentro, Danny mal tinha se sentado no balcão e feito seu pedido quando uma das moças mais atraentes da noite se convidou para se sentar ao lado dele.

— O que posso fazer por você? — ela perguntou.

— É uma pergunta capciosa em um lugar destes, não é?

Ela franziu um pouco a testa e encarou-o mais de perto.

— Eu conheço você, senhor?

O *barman* reapareceu trazendo uma caneca de cerveja, pegou a nota de 20 e deixou sobre o balcão uma cédula de dez.

— Qual é seu nome? — ele perguntou.

— Meu nome é Tiffany. — De repente os olhos dela se iluminaram. — Você é aquele cara da internet, daquele vídeo.

— Sou eu, sim — confirmou Danny, aproximando-se mais dela. — Preciso que você me faça um favor.

No camarim dela, nos fundos do bar, Danny deu à sua nova amiga um autógrafo e sua última cédula de dez dólares, o que pagou pelo direito de usar durante cinco minutos o celular dela.

Enquanto escrevia uma mensagem de texto para Molly Ross, Danny começou a perceber que na verdade tinha poucas informações secretas a transmitir. Ele sabia o codinome da operação com a qual tinha se envolvido; tinha visto a papelada que o obrigaram a assinar ao ser solto da cadeia. Sabia quando a operação aconteceria. E sabia que alguma coisa estava errada e que a espiral descendente podia estar apenas começando.

No bar, a televisão exibia o noticiário, e na entrada de legendas no rodapé da tela, leu que o alerta de ameaça terrorista tinha mudado para a cor laranja, o último nível antes do alerta vermelho, ou máximo. Talvez isso estivesse relacionado ao negócio de Kearns, talvez não. Tudo o que ele podia fazer era tentar manter todo mundo em movimento e bem longe da área, e torcer pelo melhor.

Ele releu pela última vez o texto do torpedo e apertou a tecla ENVIAR.

molly –
espalhe a notícia – fiquem longe de las vegas na segunda

operação secreta do FBI —> *exigente*

se cuida

beijos e abraços

db

capítulo 28

De um canto da mente de Noah, um fragmento mínimo de sua consciência via tudo claramente, mas essa parte tinha desistido de tentar acordar o restante de seu corpo. Noah ainda estava deitado onde Molly o havia deixado, não exatamente dormindo, mas longe de estar acordado.

Ele tinha ouvido um barulho distante de pisadas e gritos abafados vindos de algum lugar da escuridão agitada de sua mente. Esses sons não o deixaram alarmado, apenas se misturaram a seu sonho ruim.

À medida que Noah foi ficando mais velho seus pesadelos se tornaram menos frequentes, mas eram sempre iguais. Nada de perseguições em câmera lenta, zumbis cambaleantes ou olhos amarelos espiando pela porta aberta do armário; o tema recorrente de seus terrores noturnos não era tão elaborado. Em todos os pesadelos ele simplesmente se via preso, sempre amarrado a alguma coisa opressora e inescapável, enquanto sua vida ia escoando lentamente. Via-se em um caixão de madeira sendo enterrado vivo, sufocado sob um travesseiro pressionado contra seu rosto por mãos poderosas, esmagado pela massa de neve de uma avalanche, aterrorizado e indefeso por saber que tinha começado a morrer.

Desta vez, ele estava sob águas profundas. Ele podia ver a luz do sol brilhando através das ondas lá em cima, todo o ar de que ele precisava estava lá, mas longe demais. Enquanto se esforçava tentando subir, cada braçada só servia para impelir seu corpo para baixo, até que por fim algum instinto primitivo exigiu que ele respirasse. Ele arfou e a água salgada invadiu seus pulmões, saiu e entrou de novo, queimando feito ácido.

Essa era a parte em que ele sabia que precisava acordar, pois, se não fizesse isso, tinha certeza de que o sonho o mataria. Mas não conseguia escapar.

Houve um bum, um ruído bem mais alto do que os sons de antes, e depois disso Noah sentiu que alguém o agarrava pelos ombros e o chacoalhava. Ele

lutou contra a pressão e fez força para abrir os olhos.

Coisas negras estavam rastejando pelo chão e pelas paredes, sobre seus braços, sobre o rosto do homem a sua frente. Ele agitou os braços, perdeu o equilíbrio e desabou no chão. Pessoas passavam correndo, de armas em punho, gritando. Uma mulher mais velha se ajoelhou ao lado dele e abriu uma bolsa que ela mesma tinha colocado no chão. Ela tocou o rosto de Noah, disse o nome dele como se fosse uma pergunta, e com o polegar abriu um dos olhos dele. Uma luz branca e quente resplandeceu, tão intensa que doía, e ele tentou se esquivar.

— Calma — disse a mulher, e fez um gesto para uma pessoa atrás dele.

Outras pessoas se aproximaram, e Noah sentiu que alguém desabotoava sua camisa, sentiu que mãos se moviam sobre ele como se estivessem revistando seu corpo à procura de alguma coisa. Depois sentiu muita dor e ouviu o som de algo se rasgando, como se uma tira de fita adesiva tivesse sido arrancada do seu peito, perto do ombro. Eles levantaram uma das mangas da camisa de Noah e algo frio e molhado foi esfregado na veia na dobra do cotovelo.

— Você vai sentir uma pontadinha — disse a mulher.

Ele olhou e viu uma agulha hipodérmica sendo enfiada em seu braço, mas sentiu apenas uma pressão distante e depois um lento gotejamento enquanto o êmbolo era pressionado até o fim. A sala tinha começado a girar lentamente, com ele no centro.

A médica estalou os dedos diante de seu rosto.

— Noah? Pode me dizer em que ano estamos?

— Onde estou?

— Está a salvo. Qual é o nome de solteira da sua mãe, você sabe? — Ela tinha colocado o estetoscópio no peito dele e sua atenção estava voltada para o mostrador do relógio de pulso.

— Wilson. Jaime Wilson. — Ele sentiu que sua cabeça começava a desanuviar, por meio de um gradual e nada natural acesso de consciência, provavelmente resultante daquela injeção. Suas têmporas estavam latejando, e ele rechaçou as mãos que o ajudaram a se sentar.

— E que dia é hoje?

— Cheguei aqui na noite de sábado.

Outras pessoas tinham se reunido a sua volta, e ele percebeu que elas se entreolharam ao ouvir sua resposta.

— O que aconteceu? Por quanto tempo estive fora?

— Hoje é segunda-feira, quase meio-dia — a mulher respondeu. Ela tirou as luvas, guardou as coisas na sua maleta de médica e se virou para uma das pessoas. — Vou levá-lo agora. Três de vocês venham comigo, e os demais terminem tudo aqui. Depois deem o fora.

Já era segunda-feira, quase meio-dia; ele tinha morrido para o mundo durante 40 horas. Noah se esforçou para tentar entender a situação, enquanto dois homens o ajudaram a se levantar. Eles ficaram junto dele, como se já esperassem que ele fosse desabar imediatamente caso resolvesse caminhar por conta própria.

— Para onde estamos indo? — ele perguntou.

A mulher olhou para ele, e sua conduta tinha ficado mais fria. Isso acontece com alguns médicos. Assim que o paciente dá sinais de melhora, eles não veem mais utilidade em ser gentis.

— Seu pai quer ver você — ela respondeu.

capítulo 29

— Em que fuso horário fica Nevada? — Danny perguntou com um grito na direção da cozinha do trailer. Seu relógio, um Rolex falsificado, não era muito fácil de reajustar. Por isso, toda vez que ele viajava, evitava ao máximo mexer na geringonça. Mas, desta vez, tudo indicava que seria um daqueles dias em que ele precisaria saber as horas.

— Hora do Pacífico, igual a Los Angeles — o agente Kearns respondeu com um berro. — São 8h25.

Os dois tinham dormido um pouco além da conta e agora estavam se apressando para pegar a estrada. Para aumentar ainda mais a tensão, Kearns tinha dito que na noite anterior não conseguira falar com seu contato do FBI, e que de manhãzinha tinha recebido um *e-mail* muito enigmático de seu novo companheiro de terrorismo.

O remetente da mensagem era o homem que não tinha dado as caras na reunião, o tal de Elmer. Haveria outro encontro naquela tarde, desta vez uma reunião de verdade, para valer, quando a bomba seria trocada pelo dinheiro e acertariam os últimos detalhes sobre o ataque planejado ao centro de Las Vegas. O encontro estava marcado para as 17 horas da tarde, em algum lugar no meio do deserto, tão distante da civilização que as únicas indicações fornecidas para chegar eram números indicando a latitude e a longitude.

Danny era o mais hábil no computador, por isso ficou incumbido de visitar o *site* MapQuest e planejar uma rota até o local remoto. Enquanto Kearns estava no banheiro, Danny acessou seu serviço favorito de *e-mails* anônimos e despachou um texto rápido para seu estafe em Chicago, com cópia para Molly e uma lista de seus outros compatriotas de confiança:

Apenas para Conhecimento Não responda nem Encaminhe
Apague Depois de Ler
Grande reunião hoje, segunda à tarde, sul de
Nevada. Se não ouvirem notícias minhas até quarta,

é porque provavelmente estou morto,e estas são as coordenadas para vocês procurarem meu corpo:
Lat 37º39’54.35”N Long 116º56’31.48”W
Fiquem longe de Nevada até segunda ordem
db

Bem que eu queria que fosse só uma brincadeira.

Quando Kearns saiu do banheiro, a mensagem já tinha sido enviada, o histórico do navegador já havia sido apagado e o mapa já estava impresso.

Assim que a falsa bomba foi carregada novamente no furgão, Danny sentou-se no banco do motorista e esperou, aquecendo as mãos em volta de um copo de café instantâneo enquanto o motor do carro esquentava. Tinham pela frente uma viagem de oito horas, e o resultado final de sua jornada era desconhecido, mas, considerando todos os fatos, até que ele estava se sentindo estranhamente calmo.

Um minuto depois, Kearns saiu e se dirigiu ao veículo, mas no meio do caminho parou e bateu de leve na testa, como se quase tivesse se esquecido de alguma coisa muito importante. Ele se virou e voltou correndo para a frente do trailer, destrancou a porta e segurou-a aberta durante cerca de um minuto e meio, chamando o gato com gestos, até que o bichano por fim apareceu e saiu correndo para o quintal de terra batida. Então o agente Kearns se ajoelhou e com uma mangueira encheu de água uma calota invertida, depois a colocou cuidadosamente nos degraus da porta, em um lugar ao abrigo do sol.

Era algo que qualquer pessoa faria, se tivesse um animal de estimação e soubesse que só voltaria para casa no dia seguinte. Então a Danny pareceu e — embora ele não soubesse dizer exatamente por que — achava que talvez fosse ficar longe de casa bem mais tempo que isso.

capítulo 30

Depois que o levaram até o número 500 da Quinta Avenida, os acompanhantes de Noah esperaram do lado de fora da suíte enquanto ele tomava um rápido banho de chuveiro e vestia as roupas limpas que seu secretário tinha providenciado. Em seguida, a comitiva o acompanhou até a sala mais reservada do 20º andar.

Arthur Gardner estava sentado atrás de sua mesa de trabalho, com a aparência de um juiz, os dedos compridos entrelaçados, reclinado e contemplando sua poltrona de couro favorita.

Charlie Nelan estava em pé junto à janela. Ele trocou um olhar com Noah e balançou a cabeça de modo quase imperceptível. Charlie parecia ao mesmo tempo exausto e intensamente atento, a camisa amarrotada desabotoada no colarinho, as mangas dobradas, sem gravata. A expressão em seu rosto nada tinha a ver com a imagem cortês que o advogado mantinha em público; era o olhar de um homem que tinha sido acordado de um sono profundo para apagar um incêndio de grandes proporções.

A médica tinha dado a Noah um frasco sem rótulo que continha alguns comprimidos brancos. Era uma variação de baixa dosagem do mesmo medicamento que ele tinha recebido antes, e cujo intuito era combater os efeitos prolongados do adesivo anestésico que ela tinha arrancado de seu peito ao encontrá-lo. Ele já tinha tomado um dos comprimidos, o que ajudou um pouco, mas mesmo com a droga ele ainda estava se sentindo como se tivesse acabado de sair de uma montanha-russa. Quando Noah se sentou na cadeira especialmente reservada para ele defronte à ampla mesa do pai, o frasco fez barulho no seu bolso.

O chefe da segurança da firma, um ex-mercenário chamado Warren Landers, conversou por alguns minutos com seus quatro subordinados, que tinham escoltado Noah de volta ao edifício. Noah só tinha travado contato direto

com aquele homem em pouquíssimas ocasiões, o que bastou para deixar nele uma impressão duradoura. Landers era o valentão da escola que acabou arranjando um emprego executivo onde podia usar terno e gravata e era pago para fazer o que ainda adorava fazer. Toda vez que ele falava parecia haver em sua voz algo escondido nas entrelinhas, um sorrisinho afetado e malicioso, como se ele enxergasse no interlocutor o desfecho de uma piada que só existia em sua própria mente.

Obedecendo a um leve gesto de Arthur Gardner, os quatro capangas se retiraram da sala e o Sr. Landers se posicionou ao lado da mesa. Uma vez que estava na berlinda, diante dos olhares de todos, Noah sentiu que era sua vez de dizer alguma coisa, mas não sabia ao certo como começar.

— Pai...

— Fico feliz de ver que você não se feriu — interrompeu o velho. Certamente ele não estava com cara de bons amigos, mas, apesar do pesares, suas palavras pareciam sinceras.

— Do mesmo jeito que o encontramos na noite de sexta na delegacia de polícia — esclareceu Charlie. — Seu celular. Tiraram a bateria, mas alguém colocou de volta e ligou o telefone, mais ou menos uma hora atrás.

Noah pensou um pouco.

— Desculpem-me, mas eu não entendo. Vocês rastrearam meu telefone? Como fizeram isso?

Com sua habitual sutileza, Landers respondeu à pergunta.

— A primeira coisa foi descobrir quem vazou aquele documento do governo para a imprensa na semana passada.

— Quem foi?

— Ele foi escaneado e enviado daqui mesmo. Duas horas depois de ter chegado à sala de expedição.

— Não acredito nisso.

Landers pegou uma pasta de papel-manilha e colocou-a nas mãos de Noah.

— Veja você mesmo.

A pasta não tinha identificação e os papéis dentro dela, recém-chegados da

fotocopiadora, ainda estavam quentes. O primeiro documento era a capa de um dossiê, cujo título, em negrito, continha apenas um nome: Molly Ross.

Ele virou a página e viu as pistas deixadas por Molly ao usar o computador do setor de tecnologia da informação. Lá estava a prova do *login* dela e de algumas tentativas bastante cautelosas de ocultar as atividades suspeitas por meio do uso de uma máscara de rede e de um *site proxy* para complicar a identificação do usuário. A mensagem em questão tinha sido enviada a uma lista de destinatários de fora do *firewall* da empresa. E lá estava o anexo contendo uma versão digitalizada do memorando outrora secreto do Departamento de Segurança Interna.

Sem sombra de dúvida, ela tinha feito aquilo; sem sombra de dúvida, ela tinha tentado esconder o que tinha feito.

Charlie trouxe um pouco de água, que Noah aceitou prontamente. Com as mãos trêmulas, ele tentou tirar do bolso mais alguns comprimidos, que engoliu com a água que ainda restava no copo.

— Vá em frente. Fica ainda melhor — sugeriu Landers.

Na página seguinte havia uma fotografia de Molly em algum ambiente acadêmico, e Noah demorou alguns segundos para reconhecer todas as coisas diferentes. Ela agora usava óculos, de armação fina e lentes ligeiramente escuras. Os cabelos eram mais longos e mais claros, quase loiros. Mas as mudanças iam além da aparência física. Havia nela uma sofisticação, um estilo e uma seriedade que ele ou tinha deixado passar despercebidos ou ela tinha escondido muito bem no pouco tempo que haviam passado juntos.

Em outra foto ela parecia estar em algum tipo de comício; de um lado estava sua mãe, e do outro o onipresente Danny Bailey, com os braços em volta da cintura de Molly, e os dela em torno dele, como se estivessem posando para a câmera.

A fotografia seguinte parecia mais recente. Molly estava sozinha, usando óculos de aviador, um boné virado para trás, uma bermuda sem bainha e um *top* camuflado. Nas mãos ela segurava o que parecia ser um rifle automático com um cartucho de munição, como se fosse o acessório mais comum e natural que uma linda mulher poderia exibir em uma clara manhã de verão em um campo de tiro. Por alguma razão ele pensou na famosa foto de Lee Harvey Oswald em seu quintal, segurando em uma das mãos seus jornais radicais e na outra a arma do

crime, poucos meses antes de seu encontro com JFK na Praça Dailey.

— Pelo que a gente deduziu — disse Landers —, esses caras queriam jogar lama no governo, nossos novos clientes, especificamente, e identificaram nossa firma como o elo mais fraco da cadeia de segurança. Então mandaram essa garota para uma agência de empregos que a gente usa, e você pode ver bem aqui — ele bateu em um dos papéis na pasta aberta — que ela escreveu um currículo que dava a entender que ela era perfeita para conseguir um emprego temporário aqui, e usou a lábia para ficar com a vaga. Dá para ver que essa tal de Ross sabe ser bastante sedutora.

Noah sentiu o rosto afoguear-se.

— Mas não bastava conseguir uma vaga na sala de expedição — continuou Landers. — Isso deu a ela acesso limitado, mas, para fazer o tipo de estrago que eles queriam fazer, ela precisava da ajuda de alguém aqui de dentro.

— Diga de uma vez o que você está querendo dizer — interrompeu Noah. — Você acha mesmo que eu quis ajudar essa gente? Eu a conheci na sexta, foi totalmente casual, e depois a trouxe aqui no sábado à noite, e isso foi um erro terrível e sei que mereço tudo o que acontecer comigo por causa disso. Mas não fique aí insinuando que eu estava envolvido nessa história.

Landers pegou outra pasta de cima da mesa, e, depois de um meneio de cabeça de Arthur, entregou-a a Noah.

— O que estou dizendo é que não houve nada de casual na maneira como você a conheceu, e isso tudo começou muito antes da última sexta-feira.

Quando abriu a nova pasta, Noah viu que a fotografia presa com um clipe era uma ampliação do crachá de Molly na empresa. O crachá trazia a mesma foto que ele tinha admirado tanto quando falou com Molly pela primeira vez (na ocasião ela estava usando um belo suéter em seu tom favorito de azul). Ela estava linda, é claro, com um olhar que parecia preencher todos os requisitos de sua lista pessoal de qualidades femininas. Mas, da primeira vez, ele tinha deixado passar em branco uma coisa importante: ela também parecia ser extremamente esperta.

Na parte direita da pasta, havia um punhado de páginas impressas, com informações que não eram sobre Molly, mas, pelo visto, pertenciam a ela. Era um conjunto de dados contendo tudo o que alguém podia saber sobre Noah Gardner, e boa parte do material tinha sido involuntariamente fornecida pelo

próprio Noah. Seu perfil do Facebook, o histórico do Twitter, as respostas a questionários de vários *sites* de namoro, os textos publicados por ele em seu *blog* pessoal, e até mesmo o histórico de seu navegador ao longo de algumas semanas recentes — a maioria das informações era acessível e pública, mas a obtenção de parte do dossiê exigira roubo de senhas e certa habilidade dos *hackers*.

Ele sentiu o momentâneo impulso de perguntar de que maneira Landers tinha conseguido reunir aquelas informações, supostamente do computador de Molly, mas então se lembrou de onde trabalhava. Noah já tinha visto muitas vezes aquele mesmo tipo de roubo digital, ao longo de campanhas políticas sujas e de ações de espionagem corporativa. As páginas traziam o carimbo de registros de evidência, como se tivessem sido fornecidas pelo provedor de internet de Molly, graças a algum obscuro conluio com as autoridades legais. Por mais frouxas que andassem as atuais leis sobre a privacidade, tudo era simplesmente uma questão de telefonar para a pessoa certa e pagar a costumeira taxa.

Noah virou outra página, e o item seguinte acertou-o em cheio, como um soco na boca do estômago. Em um primeiro momento, julgou tratar-se de outra foto de Molly, pois essa parecia a intenção daquele conjunto de documentos.

Mas era uma foto da mãe de Noah, que ele mesmo tinha postado em seu *blog* meses antes, por ocasião de alguma data significativa. Talvez tivesse sido no aniversário dela, talvez no aniversário de falecimento, ou simplesmente em uma das muitas noites insones em que a saudade era mais forte que o habitual. Na foto ela tinha 20 e poucos anos, quase a mesma idade de Molly, e era uma jovem feliz e rebelde, com um sorriso de partir o coração. Ela estava usando jeans desbotados, sandálias e um suéter bordado azul-esmalte, com uma flor nos cabelos negros e cacheados.

— Você não teve nem chance, Noah — disse Charlie. — Ela veio aqui especificamente para se aproximar de você e depois tirar vantagem disso. Essa tal de Ross sabia tanta coisa sobre você que fez sua cabeça, de um jeito que você nem teve como perceber. Ninguém teria percebido. — Ele puxou uma cadeira e se sentou. — Agora, por que você não nos conta tudo o que aconteceu com essa mulher? Pode começar do começo. Estamos em pleno controle dos danos, então não omita nenhum detalhe.

Ele contou. Olhando para trás tudo parecia dolorosamente claro, mas mesmo assim de vez em quando o Sr. Landers interrompia o relato para salientar os aspectos mais sutis da traição, a título de prevenção para o caso de algo passar

despercebido pelos dois outros homens.

Ele tinha conhecido Molly na sala de descanso e convívio dos funcionários — o que obviamente foi arquitetado para parecer casual, mas nada tinha de aleatório. Ele visitava a máquina de salgadinhos todo dia praticamente na mesma hora. O visual dela parecia ter sido pensado para atrair a atenção dele e atiçar as profundezas de seu inconsciente. E depois ela tinha agido com completa indiferença, o que só serviu para aguçar o interesse dele e enfeitiçá-lo de imediato.

Na sexta-feira, depois do expediente, ele foi ao centro da cidade para encontrar-ser com ela na reunião; Charlie já tinha dado essa informação aos outros dois homens. Noah levou-a para casa e, enquanto dormia, ela saiu — foi quando Molly fez cópias das chaves, segundo Landers, e também parou para confidenciar ao porteiro que voltaria mais tarde com um punhado de amigos para fazer uma surpresa a Noah.

Depois Noah levou-a ao escritório e mostrou a apresentação. Ao fazer isso propiciou acesso a documentos confidenciais, que na mesma noite ela voltou com cúmplices para tentar roubar.

Pouco depois desse ponto, as lembranças de Noah chegaram ao fim, obviamente, por isso Landers assumiu o relato e reconstituiu o restante da história. No apartamento de Molly, ela evidentemente tinha dado alguma droga de curta duração para nocauteá-lo, e depois aplicaram um adesivo de fentanil na esperança de mantê-lo inconsciente por todo o fim de semana. A médica tinha deixado bem claro que isso era uma coisa perigosa, e que mostrava um tremendo desrespeito pela saúde de Noah.

Na noite de sábado, Molly tinha voltado ao escritório com três homens e usara sua experiência anterior e o cartão de Noah para ter acesso ao andar. Tentaram copiar os arquivos eletrônicos da sala de reuniões, mas o sistema de segurança foi acionado e os servidores travaram automaticamente antes que tudo fosse surrupiado. O que eles tinham conseguido roubar era insignificante, e ainda não se sabia ao certo qual era a verdadeira extensão dos estragos.

— Eles limparam aquele apartamento onde encontramos você, mas deixaram para trás algumas pistas: textos de literatura subversiva, algumas armas e um punhado de contrabando. Provavelmente chamariam a polícia com uma ligação anônima.

— Por que fariam isso?

— Acho que queriam que você fosse encontrado com aquelas coisas, para que virasse cúmplice nessa história toda. Pois assim, sabiam que iríamos querer abafar o caso para proteger você e para que isso não se tornasse um caso federal. Sabemos que eles voltaram ao seu apartamento naquela noite. Logo vamos saber se plantaram alguma coisa lá, mas aparentemente não levaram nada.

A sensação de latejamento na cabeça de Noah estava piorando, e reviver as provações por que ele tinha passado no fim de semana não estava ajudando em nada.

— Então, o que vocês vão fazer? — Noah perguntou.

— Não vamos envolver as autoridades. — Depois de muito tempo em silêncio, era a primeira vez que o velho abria a boca. — Mas já houve... repercussões... para as pessoas que fizeram isso. E há muitas mais por vir.

— É, não se preocupe, filho, vamos fazer eles se arrependerem — prometeu Landers, e deu um tapinha no ombro de Noah, com muito mais força que o necessário se a intenção era apenas fazer um gesto amigável. — Ei, pelo menos alguém transou, certo?

Neste momento Noah pensou que nunca antes na vida tinha sentido tanta vontade de esmurrar o rosto de uma pessoa, e nunca tinha se sentido tão fisicamente capaz de fazer isso. Mas limitou-se a ficar sentado, com os olhos olhando o chão, imaginando como seria bom dar um soco na cara de Landers.

— Cavalheiros, podem me deixar a sós com o meu filho? — pediu o velho.

Landers pegou suas coisas e antes de sair parou para sussurrar alguma coisa no ouvido de Arthur Gardner. Charlie Nelson continuou sentado onde estava, na cadeira ao lado de Noah.

— Você também, Charlie, por favor.

— Eu gostaria de ficar.

O velho estava limpando e recarregando o cachimbo, e deixou que seu silêncio respondesse por ele. Charlie se levantou, pousou a mão no ombro de Noah e apertou, depois saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

capítulo 31

O escritório de Arthur Gardner tinha a fama de ser o lugar mais silencioso da ilha de Manhattan. Tinha sido projetado para ser um ambiente de solidão ininterrupta e inexpugnável, completamente livre de ruídos externos indesejados. Ali dentro não havia barulho da rua ou da cidade, não se ouvia o cicio dos dutos de ventilação ou do aquecimento, e não chegavam aos ouvidos de Arthur os ruídos do alvoroço das outras salas do andar.

Comparadas àquele escritório, as salas de leitura da Biblioteca de Nova York, do outro lado da rua, eram barulhentas como um motor de ônibus. O lugar fazia com que se mergulhasse em um silêncio profundo que só devia existir nas espessas paredes de aço de um cofre de banco ou dentro da cripta de um mausoléu. Naquela quietude, qualquer ruído parecia extraordinariamente exagerado e nítido — o clique do isqueiro do pai, o silvo do tabaco queimando no bojo do cachimbo, o contínuo tique-taque metálico do relógio na parede sobre a cornija.

A maioria das pessoas não percebia a peculiaridade. Não era simplesmente o fato de que o silêncio era importante para Arthur Gardner. Provavelmente ele achava que os sons que ele próprio fazia eram música para seus ouvidos. O problema era o barulho dos outros seres humanos — lembretes da existência deles —; era isso que ele queria evitar. Em mais de uma ocasião o velho já tinha dito com todas as letras: se um dia saísse de casa e por algum milagre todas as pessoas do mundo tivessem desaparecido da face da Terra, seria a realização de seu maior sonho. Essa era a prova irrefutável de quanto ele adorava ficar sozinho.

Os dois ficaram sentados em silêncio sepulcral por mais de um minuto, quando por fim Noah reuniu coragem para falar.

— Eu sinto muito, pai.

— Não precisa me pedir desculpas.

— Sério, me desculpe.

— Não é preciso, eu já disse. — O pai pousou o cachimbo e se recostou na poltrona. — Foi mais um insulto do que um dano a ideia de que conseguiram usar você na tentativa de prejudicar nossa empresa e nossos clientes. Já ouvimos falar dessa gente, é claro, mas eles nos pegaram de surpresa, não foi? E, devo dizer — agora havia um estranho sorriso em seu rosto —, esse caminho que resolveram seguir, a infiltração dessa garota mostra uma dose bem maior de ingenuidade do que eu podia esperar, dada a fonte. Por mais cruel que tenha sido.

— Eu devia ter percebido.

— Besteira. Homens mais sábios que você também sucumbiram, e nas mãos de inimigos bem menos capazes. Monarcas, capitães de indústria, senadores, presidentes, quase todos. — Ele pegou o cachimbo, bateu-o na mesa e retomou o ritual de limpá-lo. — Vamos esquecer isso, deixar isso para trás. Receio que tenhamos outras questões bem mais urgentes a discutir.

Noah podia contar nos dedos de uma das mãos o número de conversas francas e sinceras que tinha tido com o pai ao longo dos anos, e agora tudo indicava que o velho estava prestes a iniciar mais uma, e, para dizer a verdade, ele não estava muito a fim. A sensação de choque estava passando, ele se sentia irritado, magoado e dolorido, precisando desesperadamente de uma boa refeição e de um longo descanso para tentar superar toda aquela confusão.

— Não estou 100% agora, pai. Sobre o que precisamos conversar? — No passado o pai já tinha ameaçado se aposentar várias vezes , mas agora não parecia que esse era o assunto.

— Amanhã vai acontecer uma coisa, Noah, algo que será o início de uma mudança bastante significativa. Os acontecimentos deste fim de semana, esse roubo e a subsequente ameaça de revelação pública de segredos serviram apenas para convencer as partes envolvidas de que é hora de uma correção de rota.

— O que vai acontecer?

Por alguns segundos o velho pareceu ter ficado sem palavras, o que era muito fora do comum.

— Essa jovem — Molly Ross e o pessoal dela. Você entende a diferença que existe entre a maneira como eles veem o mundo e como o mundo realmente

é?

— Neste momento não sei se entendo direito.

— Se eles chegaram a falar com você então tenho certeza de que você entendeu o ponto de vista distorcido deles. Geralmente a ética orgulhosa desse tipo de gente é a primeira coisa que sai da boca deles, ou alguma variação sobre o tema. — As palavras seguintes foram ditas em tom de reverência zombeteira. — "Nós julgamos que esta verdade é evidente e cabal, que todos os homens são criados iguais, e são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis — vida, liberdade", e assim por diante. É o grito de guerra dos modernos patriotas norte-americanos, e uma bela e empolgante maneira de dizer as coisas, devo admitir.

— Mas desde muito jovem acabei compreendendo que o próprio Thomas Jefferson não podia ter acreditado no que ele mesmo tinha escrito em sua declaração. Nenhum senhor de escravos podia, tampouco um homem da inteligência e do grande conhecimento da História de Jefferson podia se julgar igual às massas ignorantes de sua época. Ele estava se preparando para lutar contra um império, combater o direito divino dos reis, então invocou descaradamente o Criador a favor de seu argumento. Ele propôs que Deus era a fonte desses direitos inatos do homem, e que, ao contrário da mitologia popular do período, o Todo- -Poderoso não ficaria do lado da realeza britânica caso o conflito descambasse para a guerra.

— Que esses direitos tenham sido concedidos por Deus, isso não era verdade, entende, mas era o que Jefferson precisava dizer para dar à sua revolução a autoridade moral necessária para que ela prosseguisse. Mas ele também devia estar consciente de que estava botando mais fé no povo comum do que o populacho merecia.

Noah estava tentando imaginar qual seria a possível urgência moral embutida naquele assunto, embora não visse alternativa a não ser ficar ali sentado ouvindo.

— O senhor acha que Jefferson estava errado, então.

— Oh, acho que ele estava certo de tentar. Há uma história daqueles tempos que diz que, no encerramento da Convenção Constitucional, alguém perguntou a Benjamin Franklin que forma de governo seria dada ao povo, república ou monarquia. Você se lembra do que Franklin respondeu?

— Uma república — respondeu Noah —, se você puder mantê-la.

O velho concordou com a cabeça.

— Sim, se puder mantê-la. Uma coisa daquelas jamais tinha sido tentada antes, não na escala que aqueles homens estavam propondo. Foi um experimento ousado, de resultado bastante incerto, e que podia ter funcionado. Mas sua premissa era também sua maior fraqueza: a de que a gente comum dos Estados Unidos, pela primeira vez entre todos os povos da História, seria capaz de se autogovernar — de manter o frágil presente que tinha recebido. E muitas e muitas vezes o povo deu provas de que não estava à altura da tarefa.

— O que o senhor quer me dizer, pai?

— Quero perguntar uma coisa, Noah. Por um momento deixe de lado a total incompetência do povo para se autogovernar. Você acredita que as pessoas, os seres humanos, são essencialmente boas? Que — como a sua leal amiga Molly Ross sem dúvida teria nos ensinado — tudo que elas precisam fazer é acordar e abraçar a liberdade, e assim os mais altos potenciais da humanidade serão realizados?

— Quero acreditar nisso.

— Não perguntei o que você quer — retrucou o velho, e em sua voz havia uma entonação mais ríspida, para deixar bem claro que ele não aceitaria evasivas.

— Então, sim, acredito que as pessoas são essencialmente boas.

— Falar é fácil, embora infelizmente a História prove o contrário. Diante do colapso mundial que está em vias de se abater sobre nós, estaremos perdidos se depositarmos a nossa fé no desejo e na esperança de que as coisas melhorem. — Ele pegou um jornal dobrado perto de sua mão e empurrou-o para o outro lado da mesa. — Esta é a essência da natureza humana, abandonada à própria sorte.

Noah pegou o jornal, na expectativa de ver uma reportagem sobre algum genocídio ou massacre em algum país distante, o abuso sexual de crianças por parte de membros de alguma respeitável instituição religiosa, ou talvez uma retrospectiva das atrocidades nazistas ou dos horrores de campos de batalha. Mas seria fácil demais condenar um regime poderoso e seus líderes e isentar de culpa seus seguidores — o povo, que obedece às ordens sem questionar ou que assiste em silêncio ao pesadelo.

A manchete do jornal dizia: Menina turca, 16 anos, enterrada viva por ter falado com meninos.

O texto abaixo explicava que uma menina tinha sido vítima de um “assassinato de honra”, coisa não muito incomum em diversas culturas, supostamente nas mãos de seu próprio pai e avô, que a enterraram viva em um galinheiro, no quintal atrás da casa. E não foi um crime passional. É o tipo de coisa que leva tempo e exige muita ponderação e preparação. A bem da verdade, um conselho de família tinha se reunido e determinado qual deveria ser a punição para o crime por ter conversado com os amigos.

Noah abaixou o jornal.

— Isso não quer dizer que a humanidade inteira seja má. Sempre há extremistas — alegou Noah.

— Como você bem sabe, antes de ser marqueteiro eu era antropólogo social, então, com todo o devido respeito, permita-me assegurar que esse tipo de coisa está bem mais próximo de nós do que você está disposto a acreditar. As pessoas são feitas da mesma essência no mundo inteiro. Se essa menina tivesse nascido na África do Sul, ao completar 16 anos é mais provável que fosse estuprada do que aprendesse a ler. Em nenhum outro período da história humana a escravidão, de uma forma ou de outra, esteve tão difundida no mundo. O fato de que 1 milhão de nós tenhamos evoluído e deixado para trás os instintos mais baixos não me parece consolo nenhum.

— A coisa está piorando, Noah, não melhorando. Sempre existiram apenas quatro tipos de pessoas no mundo: os visionários, que escolhem a rota, e somos muito poucos; os gananciosos e corruptíveis, que são úteis, porque fazem qualquer coisa em nome do lucro a curto prazo; os revolucionários, um bando de pensadores retrógrados e violentos cuja única missão é atravancar o caminho do progresso — vamos tratar deles daqui a pouco; e as massas, os lemingues que mal conseguem ter a inteligência suficiente para seguir vivendo às cegas, sem objeções, resistência ou protesto.

— Eles são bem mais numerosos que nós, e se multiplicam a cada dia. Quando eu nasci, havia 2 bilhões de pessoas no mundo; agora esse número mais do que triplicou, no período de uma vida. E no meio dessa superpopulação, que está inchando o mundo além do ponto de ruptura, não há muitos Mozart, Einstein, Pascal, Salk, Shakespeare ou George Washington. São uns comilões inúteis e retardados mentais, que estão esgotando a capacidade do planeta.

— Um bilhão de pessoas estão morrendo lentamente de fome. Só hoje vão morrer 20 mil crianças de inanição. Esse é o decadente estado da condição humana. E, quando chegarem os tempos realmente difíceis — que não vão demorar muito —, você pode multiplicar esses horrores por mil. No vácuo criado pelo medo, pela ignorância e pela escassez, é o mal, e não o bem, que preenche o vazio.

Parecia não haver saída, mas Noah conhecia muito bem o pai. Talvez nem todo mundo gostasse, mas Arthur Gardner sempre tinha uma solução.

— O que finalmente acabamos entendendo, Noah, é que as pessoas não conseguem se controlar sozinhas. Mesmo os indivíduos mais brilhantes, no fundo não passam de bárbaros. Acabamos de salvar a pele dos meus amigos de Wall Street da devastação da última bolha financeira que eles criaram, e garanto que já estão se empenhando ao máximo para criar outra, mesmo sabendo muito bem que pode ser fatal. É como se nossa espécie tivesse um desejo de morte, um apetite de destruição. E, se quisermos sobreviver, essas ânsias devem ser submetidas a um controle.

— O enigma hoje é o mesmo que os Fundadores da Nação tiveram de enfrentar quando iniciaram seu experimento. As sociedades precisam de governo. Os governos alçam os homens ao poder, e os homens que buscam o poder estão propensos à corrupção. Ela se espalha feito uma doença, e então, corrupção em cima de corrupção, mais cedo ou mais tarde o resultado é sempre a tirania. Sempre foi assim. E o governo dos Estados Unidos foi estruturado de maneira engenhosa e genial para manter sob controle essa fraqueza da natureza humana. Mas isso exigia uma participação efetiva e diária da população; exigia que o povo fosse vigilante, e ele não foi; exigia que o povo se comportasse como se seu governo fosse seu serviçal, mas o povo não fez isso. Em seu silêncio, o povo dos EUA foi muito eloquente. Enquanto o povo dormia, o serviçal tornou-se o senhor.

— O experimento norte-americano fracassou, e agora é hora de iniciar um novo experimento. Um único mundo, um só governo — desta vez não de pessoas, mas das pessoas certas: competentes, sábias e fortes.

O torpor induzido pelos medicamentos ainda pairava nos olhos de Noah, e seu estômago tinha começado a revirar. Entre os resquícios dos opiáceos rodopiando em seu cérebro e as drogas que ele havia tomado para combater esses efeitos, Noah sentia que estava começando a perder o cabo de guerra

metabólico. Todas aquelas palavras que o pai estava dizendo, todas as coisas que ele tinha visto na apresentação, tudo o que ele tinha aprendido com Molly nas poucas horas em que estiveram juntos, e depois tudo o que ele descobrira sobre ela — em sua mente havia peças tentando se juntar, fazer sentido, mas ele não estava em condições de pensar direito.

— O senhor está dizendo que não há esperança para este país?

— O que estou dizendo, Noah, é que meus clientes vieram até mim com um problema, e eu dei a eles uma solução. Amanhã de manhã ela terá início. Já passei anos demais assistindo a essa lenta decadência. Agora os resquícios do passado serão varridos do mapa de um golpe só, e antes de morrer verei a realização do meu sonho. A partir do caos, surgirão a ordem, o controle e a pacificação do espírito humano fracassado. Chame de esperança, se quiser. Mas vai acontecer de um jeito ou de outro. O experimento que começa amanhã não vai fracassar.

capítulo 32

Noah tinha pedido licença e saiu cambaleando até o elegante reservado do banheiro privativo de Arthur Gardner. Noah sabia que ainda não estava bem, pois o vômito persistia em intervalos breves. Ele ainda estava abraçado ao vaso sanitário de porcelana, sentindo-se exaurido e imprestável, como se tivesse acabado de completar uma maratona de 400 flexões abdominais.

Assim que teve a certeza de que a náusea tinha passado, fez força para se apoiar sobre os próprios pés, caminhou até a pia e abriu a torneira até a água ficar bem quente. Esperou a bacia encher, abaixou-se e lavou o rosto; deixou que o calor o revigorasse até sentir que voltavam as poucas forças que restavam em seu corpo. Depois ficou em pé, secou-se com uma toalha pendurada, abotoou e enfiou dentro da calça a camisa, e usou a manga para limpar o vapor que se formara no espelho do banheiro.

Sua pele estava pálida feito uma ostra da baía de Newark; embora estivesse exausto, ele ainda não estava fora de combate.

A médica disse que os efeitos colaterais talvez durassem um dia inteiro, mas se atenuariam à medida que as horas passassem. Ele tirou do bolso outro comprimido e disse a si mesmo que o pior já havia passado. Noah precisava que o pior já tivesse mesmo ficado para trás, porque, além de lidar com o que tinha acabado de ouvir do pai, ele ainda tinha contas a acertar, antes que o rastro de certa garota esfriasse e ela desaparecesse de vez.

Descendo às pressas a escada que levava até a sala de expedição, Noah deu um passo em falso entre um degrau e outro e quase desabou. As pessoas que ele ia encontrando pelo caminho desviavam e ofereciam amplo espaço para a sua passagem; talvez porque percebessem seu ódio, talvez porque vissem que ele estava passando mal, o fato é que obviamente ninguém queria ser alvo do sentimento que o afligia, fosse qual fosse. Ao dobrar o último corredor, estava ofegante, e sob as roupas úmidas sentia arrepios de frio.

Noah não esperava que ela tivesse ido trabalhar naquele dia como se nada tivesse acontecido, mas daria um jeito de encontrá-la de uma maneira ou de outra, e aquela era a primeira parada de sua busca.

— Frank! — Noah chamou, com um berro.

A cabeça do gerente do departamento de expedição apareceu de trás dos escaninhos de correspondência.

— Teve alguma notícia da Molly hoje?

— Não, senhor. Ela estava escalada, mas não apareceu. Liguei para a agência faz uma hora, mas ainda não me deram retorno.

— Tá bom, obrigado. Ela tem algum telefone de contato, sei lá, um número de emergência?

Frank pareceu ter ficado surpreso com aquela pergunta.

— Talvez lá nos Recursos Humanos, Sr. Gardner. A única coisa que eu tenho é o número do lugar de onde a gente a contratou.

— Estão falando daquela garota temporária, a Molly? — Aparentemente outro funcionário da equipe da sala de expedição tinha ouvido por acaso a conversa e se aproximou. — Alguém ligou para ela aqui no fim de semana. Hoje cedo quando abri ouvi o recado.

— Ainda dá para ouvir a mensagem? — perguntou Noah. — É importante.

— Eu apaguei, e também não anotei, já que era uma coisa pessoal. O sujeito que ligou deve ter tentado todos os números que ele tinha. Ele disse que a mãe dela estava no hospital.

Noah ficou lá plantado e deixou que aquele fiapo de informação desmoronasse dentro de seu estômago vazio. Ele se lembrou do que Warren Landers tinha dito na sala do seu pai. A frase tinha entrado em um ouvido e saído pelo outro, porque, como sempre, ele estava imerso em seus próprios problemas, como se as únicas coisas ruins do mundo fossem as que tinham acontecido com ele.

Vamos fazer eles se arrependerem. Era isso que o Sr. Landers tinha dito.

— Que hospital?

— Na parte alta da cidade, no Lenox Hill — respondeu o homem, e depois

acrescentou um discreto adendo. — Sei que não é da minha conta, Sr. Gardner, mas a coisa parecia grave.

PARTE TRÊS

"A manipulação consciente e inteligente dos hábitos e opiniões organizados das massas é um elemento importante em uma sociedade democrática. Aqueles que manipulam esse mecanismo invisível da sociedade constituem um governo invisível que é o verdadeiro poder que rege o país."

—Edward Bernays, *Propaganda*

capítulo 33

No táxi a caminho da parte alta da cidade, Noah tinha dado dois telefonemas, um para o sistema de atendimento automático do hospital — a fim de descobrir o número do andar e do quarto da paciente — e outro para uma velha conhecida, uma amiga de confiança que agora estava indo encontrá-lo no Lenox Hill.

Muitos verões atrás, Ellen Davenport, da família Davenport de East Hampton, tinha se tornado sua única amiga mulher. Era uma coisa nova para ele, porque, embora os dois tenham imediatamente entrado em sintonia um com o outro, ambos perceberam também que namorar era a última coisa que deveriam fazer. Na verdade, eles até tinham tentado ficar juntos uma única vez, só para tirar a prova, e o desconforto e o constrangimento daquela noite terrível só eram amenizados pelo potencial cômico da história quando era recontada pelos dois, anos mais tarde.

Agora Ellen era neurologista e estava no segundo ano de residência no Hospital Mount Sinai, do outro lado da cidade. A ligação do amigo chegou no meio de um turno de 26 horas seguidas, mas ela assegurou que, como sempre, estaria lá esperando por ele.

Enquanto percorria o corredor da ala do hospital, ele viu três coisas: uma multidão de pessoas transbordando pela porta dupla da pequena capela, um pequeno grupo de visitantes esperando junto à porta de um quarto individual no fim do corredor e a Dra. Ellen Davenport, ainda usando o avental amarrotado, acenando para ele da área dos elevadores.

Ellen recebeu o amigo com um abraço, depois se desvencilhou dele, deu uma boa olhada e franziu a testa.

— Você está um bagaço, Gardner.

— Obrigado. — Ele estava preocupado, olhando para a pequena multidão

no corredor, com medo de rever Molly e, ao mesmo tempo, receoso de nunca mais voltar a vê-la. Algumas pessoas o encaravam, e, a julgar pelo comportamento delas, parecia que sabiam quem ele era.

— Ei. — Ellen estalou os dedos na frente do rosto dele. — Estou falando sério. Parece que você precisa se deitar um pouco.

— Preciso que você me faça um favor. — Com as mãos ligeiramente trêmulas, Noah tirou do bolso o frasco de remédios, colocou um comprimido na palma da mão e o engoliu em seco.

Ellen tomou o frasco da mão dele, chacoalhou-o e trouxe para mais perto do rosto. Olhou novamente para Noah, agora mais preocupada do que antes.

— Se você vai me pedir para arranjar mais metadona para você, vou logo avisando que esqueci meu receituário no bolso da outra calça.

— Aquela mulher no quarto no fim do corredor — ele disse. — Preciso que você me ajude. Sei lá, fale com algum especialista, certifique-se de que tudo está sendo feito. Quero que cuidem bem dela.

— Aqui eles são bons nesse tipo de coisa, Noah.

— Ellen, ouça.

Fosse qual fosse a confissão que Noah estava prestes a fazer, ele foi interrompido pela chegada de uma pessoa desconhecida. Era uma senhora idosa, frágil e magra como bambu, e, pelo canto do olho, Noah tinha visto que ela viera da área do quarto perto do fim do corredor. A mulher meneou a cabeça em sinal de respeito pela médica, virou-se para ele e falou com uma suave gravidade na voz, o que dizia mais do que as palavras seriam capazes de expressar.

— Ela está acordada agora. Alguém disse a ela que você está aqui, e ela quer falar com você.

capítulo 34

Noah entrou e parou junto à porta aberta, e de lá ficou observando os visitantes remanescentes se despedirem antes de passarem em silêncio ao lado dele, um a um. O quarto estava abarrotado de flores, dispostas em cestas, vasos e mesinhas adicionais que pareciam ter sido trazidas apenas para acomodar a incrível quantidade de presentes dos amigos e entes queridos.

A última pessoa a sair fechou a porta atrás de si, mas Noah ficou imóvel onde estava, até que Beverly Emerson olhou para ele e fez força para sorrir, convidando-o com um gesto suave para se aproximar da cama.

— Voltamos a nos encontrar — ela disse, com uma voz que era pouco mais que um sussurro, como se seus pulmões só tivessem espaço para um golinho de ar.

Havia hematomas no rosto e nos braços, manchas escuras e desiguais dentro de porções de pele amareladas, e uma bandagem no pescoço com uma crosta marrom no centro. Ela estava mirrada, apenas uma sombra da pessoa que ele tinha visto na noite de sexta-feira. A única coisa que permanecia inalterada era a inesquecível centelha dos olhos verde-claros.

Ele não fazia ideia do que dizer, mas falou mesmo assim.

— Você vai ficar bem.

Isso suscitou um novo sorriso, mas ela balançou ligeiramente a cabeça e tocou a mão mais próxima dele.

— Não devemos nos enganar — ela disse. — Acho que não há tempo para isso. — Enquanto falava, ela calculava o fôlego, sugando o ar com dificuldade e entremeando frases de poucas palavras. — Não espero que você entenda por que a Molly fez o que eu lhe pedi que fizesse. — Ela apertou com mais força a mão dele, como se todas as suas forças estivessem concentradas ali. — Você deve pôr a culpa em mim e não nela. Mas eu tenho o privilégio de ser uma mulher à beira

da morte agora, e quero que você deixe tudo de lado, exceto o que vou dizer.

— Tudo bem.

— Minha filha está correndo perigo. Preciso que você prometa que vai cuidar dela.

Havia tantas coisas conflituosas martelando na cabeça de Noah, mas, apesar de todo esse ruído mental e de tudo o que tinha acontecido, pela primeira vez na vida ele via a verdadeira importância das coisas.

— Eu prometo.

Ela relaxou um pouco o aperto da mão. A cabeça pousou sobre o travesseiro, e ela fechou os olhos. Logo um sorriso iluminou suas feições, como se ela tivesse acabado de terminar uma oração silenciosa.

— Obrigada — Beverly murmurou.

Ele não respondeu, apenas porque não quis presumir que ela estava se dirigindo a ele.

— Eu mandei a Molly embora, mas ela não está a salvo ainda. Ela está esperando agora, no aeroporto. Procure na primeira gaveta do criado-mudo. Ela ligou e disse a uma das enfermeiras onde vai estar, e a enfermeira anotou para mim.

— Tudo bem — ele respondeu. — Acho melhor eu começar, então. — Ele fez menção de soltar a mão dela, mas Beverly não deixou.

— Sabe contra quem estamos lutando, filho?

— Sim, acho que sei. Algumas pessoas muito ruins.

Ela lançou-lhe um olhar que parecia sugerir que a ingenuidade dele era algo por que ela ansiava. — Efésios 6:12; quando você tiver a oportunidade, leia[a].

— Vou fazer isso — ele prometeu.

— Você nasceu para fazer muito mais coisas, Noah. Mais do que você talvez esteja pronto para acreditar. Eu conheci a sua mãe muitos anos atrás, e sei o bem que ela queria fazer. Foi isso que a Molly viu em você: ela me disse. Não o seu pai, mas o que sua mãe deu para você. E eu vejo isso, também.

— Acho que fico feliz que alguém veja isso.

— Noah...

— Sim.

Ela esboçou outro sorriso.

— Noah, o Noé da Bíblia, sabe?

Ele fez que sim com a cabeça, e, apesar de tudo, sorriu também.

— Antigo Testamento. — ele completou.

Ela apertou a mão dele de novo.

— Ele não foi escolhido porque era o melhor homem do mundo — ela disse. — Ele foi escolhido porque era o melhor homem disponível.

Ele mal tinha dado cinco passos no corredor quando Ellen Davenport o alcançou, agarrou-o com firmeza pela manga da camisa, arrastou-o para uma sala do almoxarifado ali perto e fechou a porta.

— Preciso ir, Ellen.

— Primeiro você tem de me ouvir. Enquanto você estava ali dentro, descobri algumas coisas. Quem você acha que é esta mulher?

— Ela é a mãe de uma amiga minha.

— Sente-se.

Pelo seu tom de voz, ele percebeu que não devia protestar; simplesmente puxou um banquinho e se sentou.

— O que é? — Noah perguntou.

— Ela vai morrer, sabia?

— Como você pode dizer isso? Ela levou uma surra, certo? Ela não é tão velha assim; eles podem dar um jeito e consertar qualquer coisa com...

— Shh. Agora escute. Existem certas coisas que não dá para consertar, Noah. Quem fez isso com ela sabia que seria impossível fazer com que ela melhorasse.

— Como assim?

— Você não pode dizer a ninguém que falei sobre isso, entendeu? E não apenas porque eu posso perder meu registro.

— Tudo bem.

— Deram uma surra, mas só para se divertir. E depois a envenenaram.

Ele sentiu um calafrio.

— Que tipo de veneno?

— Paraquat — ela disse, e pareceu perscrutar os olhos dele em busca de algum sinal de reconhecimento, mas não encontrou nenhum. — Entende agora o que eles estavam tentando dizer? Os animais que pegaram esta mulher? O paraquat é um pesticida, um herbicida, serve para matar ervas daninhas.

— Um pesticida. — Ele tinha ouvido, mas repetiu em voz alta, apenas para se assegurar de que tinha entendido.

— Começa com uma fibrose irreversível nos pulmões — uma escoriação que vai avançando até que a pessoa não consegue mais respirar. Se isso não matar logo de imediato, os outros órgãos começam a travar. Não há nada que possamos fazer; nem dar oxigênio adianta. Isso só piora as coisas. Ela pode viver mais um dia, ou outra semana, mas é óbvio que eles queriam que ela sofresse.

— Como os médicos aqui sabem o que deram a ela?

— Bom, é fácil para o laboratório descobrir esse tipo de coisa, mas nesse caso foi mais fácil ainda. As pessoas que fizeram isso deixaram uma seringa veterinária grudada no pescoço dela. Ela ainda estava lá quando os paramédicos chegaram.

Noah se levantou, mas fez um movimento rápido demais. E sentiu que a teimosa tontura ameaçava retornar.

— Onde estão aqueles comprimidos que você tomou de mim?

Ela enfiou a mão no bolso e devolveu o frasco.

— Escrevi algumas instruções para você usar isto. Pega leve, tá bom? Para dizer a verdade, recomendo a você que pare de se automedicar.

— Até mais, doutora. Obrigado por tudo.

— Não sei como e até que ponto você está envolvido nisso tudo — ela disse —, mas é melhor saber uma coisa, Noah. Existem milhões de tipos de

assassinato, mas as pessoas que são capazes de fazer o que fizeram com ela só podem estar querendo dizer que não existe absolutamente nada que elas não fariam.

---

a A expressão *cap and trade* (que em tradução livre seria algo como *limite e negociação*) é usada para denominar um mecanismo de mercado que cria limites para as emissões de gases por parte de um determinado setor ou grupo. Com base nos limites estabelecidos, são lançadas permissões de emissão e cada participante do esquema determina como cumprirá esses limites. (N. do T.)

capítulo 35

O endereço rabiscado no bloco de anotações do hospital não o levou a outra das “casas seguras” dos patriotas que Molly tinha descrito. Assim que o táxi parou junto ao meio-fio, Noah ergueu os olhos e viu o que parecia ser um peculiar restaurante de estilo familiar, o Buccaneer Diner, no Bulevar Astoria, no distrito de Queens, a cerca de um quilômetro e meio do Aeroporto La Guardia.

Dentro do restaurante, o movimento mais frenético da hora do almoço estava começando a diminuir, e agora a maioria das mesas estava vazia e os funcionários estavam ocupados limpando tudo e atendendo os clientes na fila do caixa. Porém, sentada sozinha em uma mesa perto dos fundos, no único ponto que chegava mais perto de ser um canto escuro à disposição em um lugar daqueles em uma ensolarada manhã de segunda-feira, ele avistou a garota que tinha ido encontrar.

Quando Molly o viu caminhando no corredor, ela se levantou e seus olhos foram subitamente inundados por um jorro de lágrimas, que ela só vinha conseguindo conter a duras penas. Ela correu na direção dele e o abraçou.

No táxi, a caminho daquele lugar, Noah tinha pensado muito no que diria a ela se de fato a encontrasse esperando. Agora que estava cara a cara com Molly todo o diálogo mental que ele tinha ensaiado desapareceu de sua mente. Nada em sua longa história de relacionamentos superficiais era capaz de sugerir alguma pista de como ele devia começar.

“Você não apenas partiu meu coração, mas você e seus amigos podiam ter me matado de overdose.”

“Eu gosto de você, eu estava começando a acreditar em você, e agora não sei mais se o que aconteceu entre nós foi real.”

E é claro, havia esta:

“Acho que meu pai deve ter mandado matar a sua mãe, com a mesma tranquilidade com que pediu o café da manhã.”

Havia tanta coisa a dizer que Noah preferiu manter o silêncio. Sem esquecer nem perdoar, ele deixou tudo de lado e simplesmente ficou abraçado a ela.

Molly tinha perguntado sobre a mãe em um tom de voz que dava a entender que a resposta devia se limitar a boas notícias. Noah contou que a mãe dela estava consciente e conversando, e que, apesar da preocupação com o bem-estar de sua preciosa filha, parecia estar animada.

Molly ouviu com um solene meneio de cabeça, e depois explicou sua situação.

Os companheiros dela tinham ido na frente para testar as coisas no Aeroporto La Guardia, preparando sua fuga para o oeste, em busca de um ambiente menos hostil. De acordo com o noticiário no fim de semana, o Departamento de Segurança Interna tinha posto a nação em alerta máximo, e por causa disso os aeroportos estavam supostamente sob “sério risco de ataques terroristas”. Ela recebeu a notícia de que os primeiros de seus amigos a passarem pela segurança do aeroporto tinham sido tirados da fila. Desta vez, eles não tinham sido apenas revistados e interrogados, como acontecera com frequência ao longo dos anos recentes; desta vez foram detidos e mantidos sob custódia.

Molly explicou que tinha de sair da cidade o mais rápido possível e comparecer a um encontro do outro lado do país. Ir de carro seria muito demorado e estava fora de cogitação. Para chegar a tempo, ela tinha de ir de avião; o problema seria conseguir embarcar, já que a esta altura seu nome devia estar no topo das listas de vigilância do Departamento de Segurança Interna.

Enquanto ouvia o relato de Molly, Noah estudava o rosto dela. A vaga semelhança com aquela fotografia de sua mãe já era quase imperceptível; na melhor das hipóteses, era algo apenas subliminar, atrelado a seu subconsciente. Agora, sob as luzes fluorescentes de um restaurante do Queens, ele percebeu que era impossível negar com quem Molly era de fato fisicamente parecida.

E isso deu a ele uma ideia absolutamente brilhante.

capítulo 36

Noah voltou do telefone público defronte ao restaurante e sentou-se bem perto dela, de modo a poder conversar com privacidade.

— Beleza, agora estamos prontos.

— O que você quer dizer com “estamos prontos”? Você deu um telefonema e anulou toda a segurança de um aeroporto internacional?

— Fiz melhor que isso. — Ele olhou em volta. — Esta aí é a sua mochila de viagem?

— Sim...

— Me empreste aqui.

Embora ela parecesse totalmente aturdida, esticou o braço até o chão, pegou a mochila junto a seus pés e deslizou-a sobre a mesa na direção dele.

Noah abriu o zíper da mochila, fuçou dentro e tirou um boné, um moletom desbotado e uma maleta de maquiagem.

— Você trouxe óculos escuros? Espere aí, esquece, eu trouxe os meus.

— Tá legal, esta é a parte em que você me diz para onde estamos indo.

— Você já parou para pensar em como as celebridades e figuras públicas evitam a chatice que as pessoas comuns têm de enfrentar quando precisam viajar em voos comerciais?

— Nunca pensei nisso.

— Elas dão um telefonema. Todas as grandes companhias aéreas têm alguém para cuidar dos *vips*, e a minha firma usa uma empresa que presta esse tipo de serviços, a KTL, que vai facilitar ainda mais as coisas. Eles vão nos encontrar aqui na calçada e nos levar direto para o avião.

— Espere aí, espere aí, não somos celebridades, Noah.

— Não, você está certa. Mas eu sou um menino rico de uma família poderosa, então é plausível supor que vão acreditar que eu namoro uma celebridade.

— Do que você está falando?

Ele sorriu.

— Agora estou namorando a Natalie Portman.

Ela o encarou como se ele tivesse acabado de se transformar em uma abóbora.

— Espere aí, o quê?

— É perfeito — argumentou Noah. — Ela é uma supercelebridade, mas a maioria dos filmes que ela fez é de arte ou do circuito independente, então uma pessoa comum não consegue reconhecê-la de cara. Ela é do seu tamanho.

— Eu não pareço a Natalie Portman.

— Para falar a verdade, parece sim, e temos tempo de fa-zer alguns retoques e ajustes antes de a limusine chegar. — Ele esticou a mão e começou a suavizar com o polegar uma das sobrancelhas dela. — Relaxa, vai dar tudo certo.

— Não, não vai. Não vai mesmo, de jeito nenhum.

Ele segurou a mão dela; embora não demonstrasse estar minimamente convencida, Molly não rechaçou o gesto de afeto.

— Confie em mim — pediu Noah.

Depois de dez minutos, Molly saiu do banheiro, onde havia entrado carregando seu *kit* de maquiagem, tendo em mente algumas instruções de Noah. Agora estava usando sua blusa de moletom da Universidade Vanderbilt, os cabelos presos em um coque casual; tinha maquiado os lábios, sobrancelhas e cílios, o suficiente apenas para sugerir a concepção que um leigo tinha de uma estrela do cinema usando pouca ou nenhuma maquiagem. A grande vantagem disso é que, quando as celebridades saem em público tentando evitar uma multidão de fãs e paparazzi, a última coisa com quem querem se parecer é com elas mesmas.

Ela se sentou e encarou Noah, e ergueu ligeiramente uma de suas novas e perfeitas sobrancelhas, em um arco régio e cético. Noah deu a ela o boné e os óculos escuros para completar o disfarce. Ela ergueu o capuz do moletom, pôs os

óculos e o boné e conferiu o visual no reflexo prateado do porta-guardanapos.

— Perfeito — Noah sentenciou. — Absolutamente perfeito. Ah, espere aí. — Ele pegou o *kit* de maquiagem e vasculhou seu conteúdo à procura de um pincel de ponta fina. — Aproxime seu rosto. — Molly obedeceu, e ele pôs a mão na massa, com delicadeza. — A Natalie tem duas marquinhas, uma aqui... e a outra... bem aqui. — Ele se afastou um pouco e encarou com os olhos meio fechados a sua obra-prima. — É isso. No caminho a gente pode colocar um pouco de pó nas marquinhas, e fica tudo certo. Agora vamos embora, o carro já está lá fora.

No curto trajeto até o aeroporto ele contou a ela a história inventada que tinha contado a Kyle, o executivo de serviços da KTL. Noah e a jovem Srta. Portman tinham passado juntos um animado fim de semana na cidade, e no final as coisas haviam saído um pouco do controle. Ela teve a bolsa roubada, não estava se sentindo nada bem, e alguns fotógrafos agressivos tinham começado a persegui-los. Agora a missão era tirá-la da cidade antes que ela acabasse nas páginas de fofoca do jornal *Washington Post*.

Como Noah tinha previsto, essa situação não era exatamente uma novidade para a KTL, e, assim que a empresa confirmou a identidade de Noah, aceitaram imediatamente o restante da história. Por uma quantia pouco superior a 2 mil dólares, a ser cobrada da conta de Noah — mais os custos de uma fileira de lugares na primeira classe, a serem cobrados separadamente —, o plano seria posto em prática sem mais perguntas.

Assim que avistou o terminal, Noah respirou fundo e depois começou a contar lentamente até dez. Olhou para Molly, que parecia estar meditando, ou rezando, era difícil saber, mas naquela tempestade qualquer porto seguro era bem-vindo.

— Agora, lembre-se de uma coisa — ele recomendou. — A ideia é que você não tem de lidar com ninguém e não precisa olhar ninguém nos olhos, o que é bom porque seus olhos são da cor errada. Eu disse a eles que você perdeu a carteira de identidade, então ninguém vai pedir para você mostrar documento algum. Agora você faz parte do clube das estrelas, é uma diva do cinema que passou alguns dias festejando para valer e não está a fim de ser incomodada. É por isso que a gente está pagando uma pequena fortuna para evitar. Mas ponha uma coisa na cabeça: deixe que eu e o nosso contato cuidamos de tudo.

Fiel a sua palavra, lá estava Kyle em seu garboso terno, esperando de

braços abertos no ponto de encontro do aeroporto. A limusine parou, o anfitrião abriu a porta e, com um gesto largo e tarimbado das mãos de unhas bem tratadas, convidou Noah e Molly a ficarem sob seus cuidados.

— Sr. Gardner, Srta. Portman, por aqui.

E lá se foram eles.

A maioria das pessoas sabe que existe uma parte oculta da Disneylândia que os turistas nunca chegam a ver. Sob as calçadas e atrás dos bastidores, em um complexo tão vasto quanto o próprio parque, há uma rede de túneis, oficinas, salas de máquinas e salas de controle onde a magia realmente acontece. Da mesma maneira, um grande aeroporto tem seus próprios subníveis de segredos, e Kyle possuía as chaves mestras desse reino encantado privativo.

O percurso em meio às áreas públicas tinha sido moleza. Os dois homens iam propositadamente à frente, e Molly seguia logo atrás. Na maior parte do tempo os três passavam despercebidos, embora duas ou três pessoas tenham demonstrado ter percebido que uma estrela do cinema caminhava incógnita entre eles. Em todos os pontos em que um passageiro comum teria sido parado e obrigado a se submeter a algum procedimento lento e invasivo, havia algum funcionário especial pronto para dar uma piscadinha cúmplice e abrir caminho.

No meio do terminal, Kyle parou junto à parede, olhou furtivamente para os dois lados e depois abriu uma porta cinzenta e comum, sem nada demais. Como se fosse um portal que levava da zona rural de Kansas à Terra de Oz, do lado de dentro da porta havia uma espaçosa sala *vip* com mobília elegante, uma área de descanso e um bar de bistrô; no centro, uma área de segurança especialmente montada para a inspeção individual dos passageiros.

— E agora, meus amigos, uma rápida passada pelo detector de metais, e depois vamos para a área de pré-embarque tomar uma bela taça de champanhe geladinho. Até aqui tudo bem?

— Acho que estamos bem — respondeu Noah. Molly soltou um suspiro de impaciência tão fingido que era digno de ganhar um Oscar, e encostou a cabeça no ombro de Noah.

Quando se aproximavam da área com o aparelho de raio X, um funcionário do TSA se levantou da cadeira, largou sua revista e caminhou lentamente até seu posto de segurança.

Quando viu aquele homem, Noah estacou, tão de repente que Molly tropeçou nele.

— Alguma coisa errada? — perguntou Kyle, franzindo a testa.

— Desculpe, nos dê licença um minuto — alegou Noah. — Eu me lembrei de que precisamos dar um rápido telefonema.

Ele caminhou com Molly até o quiosque de telefones, longe de Kyle e dos outros.

— Droga — ele cochichou.

— O que foi? — perguntou Molly. — Eles estão olhando para a gente.

— Finja que está ligando para alguém. Preciso pensar um pouco.

Molly tirou o fone do gancho, levou-o ao ouvido, apertou algumas teclas e chegou mais perto de Noah.

— Dá só uma olhada naquele cara com o uniforme da TSA.

Ela obedeceu.

— O que é que tem?

— Você está brincando comigo? Aquele *nerd* tem cara de ser o maior fã de *Star wars*.

Talvez fosse o penteado de Luke Skywalker, as meias desiguais, as calças do uniforme levantadas até o umbigo ou os óculos de armação de plástico, mas tudo naquele sujeito dizia rei dos nerds, e isso era uma péssima notícia.

— Eu não estou entendendo.

Noah abaixou ainda mais a voz.

— Natalie Portman atuou em todos os três filmes novos de *Star wars*.

— Você foi se lembrar disso agora?

— Acho que odiei tanto esses filmes que eu devo tê-los bloqueado da minha mente. Mas aposto meu último centavo como aquele cara conhece o rosto de Natalie Portman feito a palma da mão dele. Você não sabe como são esses caras; ele provavelmente tem uma fotografia dela em um altar iluminado com velas no porão da casa da mãe.

Molly encostou no corpo de Noah para lançar outro olhar furtivo e engoliu

em seco.

— O que a gente faz agora?

— Meu voto é para a gente sair daqui agora e pensar em outra coisa.

— Não — ela discordou, em um tom de voz que sugeria que sua palavra era a decisão final. — Não temos tempo. É agora ou nunca. Já estamos aqui. Vamos em frente.

Depois de alguns segundos para pôr os nervos no lugar, ele fez que sim com a cabeça, ajeitou os óculos e abaixou ainda mais a aba do boné dela, recolocou o fone no gancho e depois virou o corpo para encarar a música e dançar.

Noah foi na frente e passou pelo detector de metal sem provocar um único ruído. Kyle tinha se posicionado junto à esteira, sem dúvida pronto para justificar com toda a calma do mundo qualquer estranheza eventualmente encontrada entre os itens pessoais de seus clientes. A mochila de Molly entrou e saiu da máquina de raio X sem nenhuma objeção.

Mas o homem da TSA deu uma boa olhada em Noah, encarou-o com firmeza, como se estivesse cogitando a ideia de submetê-lo também a uma inspeção extra e mais minuciosa com o detector portátil.

A recente mudança no nível de alerta de ataques terroristas viera acompanhada de uma diretiva oficial encaminhada pelo Departamento de Segurança Interna a todos os postos de segurança — inclusive aquele ali, que atendia a propósitos especiais — listando os principais indícios de atividade suspeita — compra de passagens de última hora só de ida, pouca bagagem, comportamento agitado ou nervoso, documentos de identificação irregulares — e aquele pequeno grupo estava dando todos esses sinais passíveis de suspeição.

Kyle pigarreou. Essa intervenção sutil e oportuna serviu para lembrar ao funcionário que a viagem já tinha sido pré-aprovada por escalões bem mais altos, e que aquelas duas pessoas muito especiais não deviam ser incomodadas pelos rigores da inquisição-padrão.

Com alguma relutância o jovem e severo funcionário fez um gesto com o queixo indicando que o primeiro passageiro tinha sido liberado para o embarque.

Até aqui, tudo bem.

Noah pegou da bandeja seu cinto e os itens que havia esvaziado dos bolsos,

e já se preparava para calçar novamente os sapatos. Justamente quando ele tinha começado a se dar ao luxo de acreditar que, em breve, estariam livres para ir embora, o ruído agudo do detector de metais disparou atrás dele.

capítulo 37

-A senhorita poderia, por favor, retirar todos os itens metálicos e dar um passo atrás?

Por mais gentil e profissional que pudesse parecer, era uma ordem, e não um pedido.

Kyle se apressou em acompanhar Molly de volta ao início do aparelho eletrônico, depois a examinou de cima a baixo à procura de objetos metálicos que pudessem ter feito o alarme disparar. Na pressa, ela tinha esquecido o celular dentro do bolso. Kyle pegou o telefone e delicadamente ajudou-a a remover o colar, o bracelete e o anel. Ele colocou esses itens dentro de uma bandeja apresentada pelo funcionário e depois meneou a cabeça para ela indicando que tudo estava pronto para mais uma tentativa.

Molly passou lentamente pelo arco. A linha vertical das luzes mudou de verde-escuro para amarelo-claro — talvez uma reação às juntas dos óculos escuros, mas desta vez não houve alarme audível.

Noah era o único em uma posição que lhe permitia notar o toque de alívio no rosto de Molly. Ela estava quase chegando ao fim quando foi interrompida pela voz do funcionário.

— Senhorita... Portman?

Quando Molly se virou, ela deve ter visto exatamente o que Noah estava vendo. O homem da TSA não estava olhando para ela, mas encarava atentamente as coisas dela dentro da bandeja de plástico.

— Sim — ela respondeu, com voz calma.

Agora sim ele olhou para ela e enfiou a mão dentro da bandeja; quando a ergueu a mão, o colar prateado de Molly, com sua cruzinha prateada, estava pendurado no nó do dedão.

— Pensei que a senhorita fosse judia.

Era como se a temperatura daquela sala tivesse subitamente diminuído 50º. A boca de Noah ficou totalmente seca, sua pele formigava como se toda a umidade da atmosfera tivesse congelado, espalhando sobre todas as coisas uma fina camada de gelo e deixando suspensas no ar aquelas seis palavras.

Policiais reconhecem mentirosos do mesmo jeito que um encanador reconhece um vazamento. Eles encontram mentirosos todo dia, o dia inteiro; conhecem todos os pequenos sinais e sintomas, e são treinados para saber que onde há o menor indício de fumaça deve sempre haver fogo. Quando conversam com uma pessoa, estudam suas reações, detectam movimentos denunciadores, ouvem o timbre de sua voz e, acima de tudo, olham nos olhos. Assim que negam pela primeira vez, a maior parte dos suspeitos já está assinando sua confissão.

Aquele tinha sido um dos tópicos da conversa amena entre Noah e Molly nas poucas horas da primeira noite que passaram juntos. Noah tinha ficado tão fascinado por aquela mulher que não tinha parado para pensar por que razão ela parecia conhecer tão bem a arte da ilusão e do engano.

Não tenha medo, ela dissera; esse é o segredo, por pior que seja a situação. Por exemplo, alguém que esteja dentro de um carro dirigindo em alta velocidade para saltar sobre o espaço vazio de uma ponte, já que a possibilidade de parar o veículo é impossível. A maior parte das pessoas desperdiçariam seus últimos segundos de vida pisando, em vão, nos freios. No entanto, o que deveriam fazer, diante da morte iminente, seria rezar e pisar com tudo — porque há sempre uma ínfima chance de se chegar ao outro lado.

Noah viu Molly tombar ligeiramente a cabeça, movimento que foi acompanhado por um sutil requebrar dos quadris. Havia um espelho convexo de segurança acima do detector de metal, e pelo reflexo ele viu que no rosto dela se desenhou uma expressão paciente mas séria, que queria dizer “Você não acabou de dizer o que eu acho que acabei de ouvir, não é?”.

O funcionário não parecia ter se abalado.

— A senhorita poderia tirar os óculos, por favor?

É isso aí, pessoal. Podem abaixar as cortinas. Xeque-mate, fim de jogo.

Noah só esperava que sua próxima visita à prisão fosse mais agradável do que a primeira. Ele já tinha começado a calcular a distância até a porta quando Molly olhou para ele. Ela parecia perfeitamente serena, e sua boca murmurou em silêncio alguma coisa. Ele não era muito bom de leitura labial, e sua mente,

tomada pelo pânico, levou alguns segundos para decifrar a mensagem. Era uma frase curta que sempre ocupa o topo da lista quando o assunto é “últimas palavras famosas”.

Olha só isto.

Ela se virou para o funcionário, abaixou o capuz, que caiu sobre os ombros, tirou o boné e deixou-o cair a seus pés; depois, com ar decidido, caminhou na direção dele.

— A Força é poderosa neste aqui — disse ela, com toda a calma de um mestre Jedi. O sotaque tinha desaparecido, e sua voz saiu suficientemente sussurrada para esconder outros traços característicos da voz da verdadeira Natalie Portman.

De repente as bochechas do funcionário da TSA rubori-zaram. Estava em curso uma reviravolta de poder; como o próprio Noah tinha sentido na pele em primeira mão. Quando aquela garota decidia fazer alguma coisa, mal dava para saber de que direção tinha vindo o disparo.

Ela se aproximou ainda mais, abaixou a armação dos óculos até a metade do nariz, inclinou o queixo para encarar o homem diretamente, olhos nos olhos, por sobre as lentes escuras. Quando ela estacou, a menos de 30 centímetros de distância do funcionário, passou sutilmente a mão no espaço que separava o rosto dos dois, e falou de novo.

— Estes não são os droides que você está procurando — disse Molly. Depois de alguns segundos ela meneou a cabeça, como que para indicar que tinha chegado o momento da cena em que ele devia falar.

Houve uma longa pausa, que pareceu demorar uma eternidade, e diante de seus olhos Noah viu aquele jovem grandalhão e intimidador abrir um sorriso e se transformar do mais vigilante cão de guarda da TSA ao maior fã de Natalie Portman.

— Estes não são os droides que estamos procurando. — O funcionário repetiu as palavras dela, exatamente como o soldado imperial (o *stormtrooper*) faz no posto de controle no filme *Episódio 4*.

Depois de encarar por mais alguns segundos o olhar arrebatado do funcionário, Molly lançou mão de uma arma secreta mais temível do que qualquer sabre de luz — aquele sorriso doce e perverso capaz de fazer os joelhos

de um homem ficarem bambos. Ela tirou do bolso dele uma caneta, pegou a mão que ainda segurava o colar e autografou a palma com um gracioso floreio.

— Bravo! — exclamou Kyle, e seu aplauso foi imitado pelos outros funcionários, que a esta altura estavam todos olhando naquela direção. Isso pôs um ponto final à crise. Antes de mais delongas e atrasos que pudessem ameaçar a programação, Kyle se apressou em pegar a mochila, o boné, o telefone celular e as joias de Molly. Depois, com um alegre "obrigado a todos", despediu-se, pôs seus clientes sob suas asas e os conduziu às pressas para a porta da saída.

Os dois embarcariam no avião pela entrada lateral da tripulação, ainda na pista. Assim que saíram, Noah indicou com um gesto que precisava de alguns minutos a sós com sua garota. Kyle concordou com a cabeça e passou a acompanhá-los a uma distância discreta, parando apenas para dar uma batidinha em seu relógio de pulso, lembrete de que os dois não deviam demorar.

— Como me saí? — Molly perguntou. Obviamente ela sabia muito bem como tinha se saído.

— Você citou dois personagens masculinos diferentes da trilogia errada, mas, tirando isso, se saiu muito bem.

— Na faculdade escrevi um ensaio sobre os dois primeiros filmes. Os outros eu nunca vi.

— Aula de cinema?

— Ciência política.

Antes de falar de novo, Noah teve de esperar a passagem de um veículo barulhento.

— Preciso te perguntar uma coisa.

— Claro. — Ela parecia ter percebido que ele tinha ficado mais sério.

— Quando a gente estava lá na Times Square, quando a gente se beijou daquela vez...

Ela tirou os óculos e os enfiou no bolso, chegou mais perto dele, tirou dos olhos uma mecha de cabelos.

— Eu me lembro.

— Foi naquele momento que você roubou meu *smartphone*?

Molly sorriu e o envolveu em um abraço apertado. Não chegou a ser uma surpresa, mas o beijo de agora foi tão excitante quanto o primeiro tinha sido, e ele constatou que certamente todos os beijos futuros também seriam.

Ela recuou um passo e, com o rosto inocente como o de um recém-nascido, ergueu nas mãos a carteira dele.

— Eu te amo — Noah disse.

Molly encarou-o com toda a corajosa determinação do condenado Han Solo no final de *O império contra-ataca*.

— Eu sei — ela respondeu.

Quando o jato atingiu sua altitude de cruzeiro, Molly já dormia pesadamente nos braços de Noah. Os dois tinham à disposição toda a fileira de assentos, e até ali a tripulação tinha cuidado muito bem deles. Agora tudo estava tranquilo, e no fim de um dia como aqueles era mais do que bem-vindo um pouco de paz e calma.

Molly só tinha tirado da mochila uma coisa para acompanhá-la durante o voo de quatro horas. Ele reconheceu o diário encadernado à mão que ela lhe mostrara no apartamento dela no centro da cidade.

Ele pensou que seria bom ter algo para ler, e, depois de ponderar um pouco, concluiu que Molly não se incomodaria se ele desse uma olhada no caderninho dela enquanto ela dormia.

Noah encontrou, dobrado dentro da primeira página, o de-senho a lápis que ela tinha pendurado na parede do quarto, o esboço idílico de um chalé na floresta.

Na página seguinte, ele viu o início dos textos que ela recebera da *FoundersKeepers*, a porção de textos dos primórdios da história norte-americana que ela estava encarregada de preservar e memorizar.

Thomas Jefferson

Eu jurei no altar de Deus hostilidade eterna contra toda forma de tirania sobre a mente do homem.

O que vinha a seguir não parecia estar incluído entre os textos mais famosos ou sucintos de Jefferson. Pelo contrário, aparentemente uma grande

porção de seu legado literário, talvez todo ele, tinha sido distribuída entre diversas pessoas, e Molly ficara incumbida apenas de uma pequena parte. Assim, aquele primeiro fragmento consistia do Segundo Discurso Inaugural de Jefferson. Noah leu um trecho:

> *Não temo que quaisquer motivos de meu interesse possam me desencaminhar; não me sensibilizo por nenhuma espécie de paixão capaz de me seduzir e desviar do caminho da justiça, mas as fraquezas da natureza humana, os limites da minha própria compreensão produzirão erros de julgamento por vezes ofensivos a seus interesses. Precisarei, portanto, de toda a indulgência até aqui concedida por meus eleitores, e que certamente não há de ser menos necessária com o passar dos anos.*

Enquanto lia, Noah ficou impressionado por uma diferença fundamental entre o tom dessas palavras e o discurso político de épocas posteriores. Ali estava um dos Fundadores da Nação, talvez o maior pensador de todos eles, e que mesmo assim falava com uma qualidade tão rara e quase extinta entre os servidores públicos modernos. Era uma profunda humildade, como se nada fosse mais importante do que expressar a honra que ele sentia por ter sido escolhido como o guardião das preciosas liberdades do povo.

Havia muito mais a ler. Noah marcou a página, olhou para Molly, que ainda estava dormindo, e ajustou a luz para não incomodar o descanso dela.

Então Noah se lembrou de que havia algo que ele queria perguntar a ela, se pelo menos eles tivessem tido tempo de respirar. Nada de importante, ele estava apenas curioso.

De todos os destinos que ela poderia ter escolhido para seu voo de fuga — para qualquer parte do mundo —, ele se perguntou por que motivo ela tinha escolhido justamente Las Vegas.

capítulo 38

Danny Bailey e o agente Kearns estavam na estrada havia quase cinco horas, e já era tempo de parar em um posto para abastecer e esticar as pernas.

Depois de usar o acanhado banheiro do restaurante, Danny pegou uma lata de soda *diet* e uma barra de chocolate e levou-os ao balcão. Enquanto o operador de caixa acionava a registradora, ele passou os olhos pela pilha de jornais em um estande ao lado. Duas manchetes chamaram atenção. Ele leu:

Nível de alerta contra terrorismo é elevado mais uma vez

Chefe do Departamento de Segurança Interna: Serviço de Inteligência confirma “ameaça crível” para o oeste dos EUA.

Ele ergueu os olhos e viu em uma parede do canto uma empoeirada câmera de segurança. Mesmo ali, ele pensou, nos confins da civilização, algum primo distante do Grande Irmão ainda está vigiando. Captada pelo bizarro ângulo da câmera a imagem distorcida e granulada de Danny era exibida em um pequeno monitor preto e branco, espremido entre os cigarros e uma prateleira de revistas pornográficas.

— Vou levar um destes aqui também — ele disse, mostrando o jornal.

Stuart Kearns passou por ele rumo à porta, ainda esfregando as mãos para secá-las.

— Vamos embora, garoto. Estamos perdendo tempo.

Danny meneou a cabeça em sinal de que tinha ouvido o recado, mas as palavras e sua urgência mal conseguiram invadir seus pensamentos. Segundos depois o operador de caixa teve de estalar os dedos e chamá-lo de volta à realidade; por fim ele pegou a sacola com suas compras e se dirigiu ao furgão.

Conforme a viagem avançava no sentido sul, as estradas de Nevada iam gradualmente ficando mais rústicas e com movimento escasso. A ampla Interestadual e as rodovias expressas de quatro pistas deram lugar a uma solitária autoestrada de duas pistas rasgando o deserto — em certo sentido, era como se a cada quilômetro eles estivessem indo para trás; nesse ritmo, antes do pôr do sol chegariam a uma trilha de mulas.

Danny ainda tinha no colo o jornal que havia comprado, embora tivesse abandonado a leitura minutos antes.

— Posso dizer o que estou pensando para ver o que você acha, Stuart?

— Claro.

— O nível de alerta de terrorismo foi elevado. Retiro o que eu disse — já tinha sido aumentado dois dias atrás, e agora de novo.

— Certo.

— Aqui está falando — ele bateu no jornal — sobre o que eles chamam de "uma ameaça crível específica", talvez duas, que estão rastreando em algum lugar do oeste dos Estados Unidos. Já estão parando e revistando os carros em todas as pontes de São Francisco.

Kearns olhou para ele, depois voltou a concentrar a atenção na estrada.

— Aonde você quer chegar?

— Ponha seu chapéu de alumínio que eu conto.

— Beleza, beleza, pode falar.

— Lembra-se dos atentados de 7 de julho de 2005?

— Claro.

— Você sabia que uma empresa de segurança, chefiada por um ex-agente da Scotland Yard, estava realizando um exercício de simulação contra ataques terroristas em Londres naquela mesma manhã? E que esse exercício envolvendo mil pessoas tinha sido planejado com meses de antecedência para simular o mesmo tipo de incidente com bombas, os mesmos alvos, nos mesmos dias, na mesma hora e com os mesmos intervalos de tempo?

— Não, eu não sabia.

— E aí aconteceu de verdade. Enquanto eles estavam realizando o

treinamento, aconteceu exatamente o que estavam simulando. Qual é a chance de ter sido uma coincidência?

— Se isso fosse verdade — alegou Kearns —, eu saberia. O que isso quer dizer, Oliver Stone?

— Bom — Danny prosseguiu, sem se abalar —, você sabia que o nome daquele cara que os seus amigos no governo dos EUA acreditam ser o mentor desses ataques é Haroon Rashid Aswat — era também um tipo de agente duplo intocável que estava na folha de pagamento de alguma facção obscura do MI6. A CIA sabia tudo sobre ele, mas não tinha autorização para "incomodá-lo". Ele, aliás, chegou a morar aqui por alguns anos. Pô, ele até tentou organizar um campo de treinamento da Al Qaeda no Oregon.

— Você é uma figura, sabia?

— E mais uma coisa. O cara que a gente não conseguiu ver, o nome dele é Elmer, certo?

— Certo.

— O cara que comandou o atentado de 11 de setembro foi Mohamed Atta. Ele tinha diversos codinomes, e esse é o que ele começou a usar depois de 2000, quando entrou nos EUA. O nome de batismo dele é Mohamed Elamir awad al-Sayed Atta Karadogan. Mas o nome que consta no visto de trabalho, o nome que ele mostrou na escola de pilotagem da Flórida, foi Mohamed Mohamed el-Amir.

— E a sonoridade de *el-Amir* é muito parecida com *Elmer* — concluiu Kearns. — Você tira um cochilo durante o dia? Porque deve passar a noite inteira acordado pensando nessas besteiras.

— A tradução de *el-Amir* é "o general". Pode ser um código. Atta usava *el-Amir* em 2001, e agora esse cara está usando. Se isso for parte de uma falsa operação secreta — se eles vão realmente trazer a guerra para cá —, necessitam de um novo bicho-papão bem aqui em solo norte-americano, que eles precisam vincular a eventos passados e ao movimento patriota, para assim demonizar a resistência.

— Mohamed Atta está morto.

— Ah, é? Osama bin Laden também, mas isso não o impede de divulgar uma fita nova a cada seis meses. E não estou nem dizendo que existe mesmo um complô islâmico fascista por trás disso, mas fazer com que pareça que existe um

vai deixar a história muito mais assustadora quando alguma coisa realmente acontecer.

— Olha só — interrompeu Kearns. — Vou dizer uma coisa, e disso eu tenho certeza. Há uma eleição vindo por aí, e desde que eu me entendo por gente o medo sempre foi uma força decisiva na política partidária. A coincidência disso tudo, o alerta de terrorismo e tudo o mais — eu não ficaria surpreso se no fim das contas, depois que tudo isso tiver acabado, descobrir que tudo não passou de alguma jogada para turbinar as ambições políticas de alguém. Tecnicamente, acho que dá para chamar de conspiração, se isso te deixa feliz.

Danny não ficou exatamente feliz, mas deixou para lá.

— Ainda falta muito?

Kearns consultou seu relógio de pulso e depois olhou de relance para a tela do GPS.

— Uma meia hora, um pouco menos, talvez.

A viagem prosseguiu em silêncio; de vez em quando Danny espiava o rosto de Kearns, na expectativa de ter ao menos plantado uma semente de alarme. Em certo sentido parecia ter conseguido. É impossível ler os pensamentos de uma pessoa, mas com certeza dá para vê-la pensar.

capítulo 39

A luz com o aviso de “Apertem os cintos” tinha acabado de acender acima da cabeça de Noah, seguida do anúncio de que o avião estava prestes a iniciar o procedimento de descida no Aeroporto Internacional McCarran.

Ele esfregou os olhos, que pareciam não piscar havia horas. O tempo tinha literalmente voado enquanto ele se ocupara lendo e relendo os muitos trechos citados no caderninho de Molly.

Na escola e na faculdade, ao longo de sua suposta educação de primeira qualidade, Noah já devia ter lido uma boa quantidade daquele tipo de textos, portanto eles não deveriam ter parecido uma novidade tão grande. E, de uma maneira estranha e inquie-tante, todos aqueles textos pareciam perfeitamente adequados ao momento atual, pareciam fazer referência à vida específica de Noah Gardner. Havia muitos exemplos, mas um se destacava:

Durante uma reunião de trabalho no escritório, no ano anterior, a expressão “grande demais para dar errado” tinha sido ressuscitada para propósitos de publicidade e propaganda. Isso se deu durante os primeiros estágios do colapso financeiro do país, o desastre de várias fases que somente agora estava flagelando o país a todo o vapor.

O propósito original da expressão era descrever uma entidade literalmente grande demais para afundar — basta pensar no *Titanic*, antes do *iceberg*. Mas agora a conclusão era que o novo significado tinha sido cunhado para designar uma ameaça e não uma promessa.

Se a bem da verdade a crise não tinha passado de uma ampla e ostensiva consolidação de riqueza e poder — levada a cabo pelos clientes mais prestigiosos da Doyle & Merchant —, os mandachuvas jamais se dariam ao luxo de permitir que a opinião pública soubesse disso. Assim, a manobra de ajuda financeira empreendida pelo governo para salvar esses especuladores bilionários

foi vendida ao público como um ousado resgate, realizado em nome do bem do povo norte-americano.

Não temos escolha — esse foi o lamentável lema alardeado por quem pagou e por quem recebeu aquelas centenas de bilhões de dólares, vultosas somas a serem deduzidas diretamente dos sonhos das gerações futuras. AIG, Lehman Brothers, Merryl Lynch, Citi, Bear Stearns, Bank of America, e por trás de tudo, o todo-poderoso mestre titereiro, o Goldman Sachs — "essas empresas são os alicerces de todo o nosso estilo de vida; se elas forem à falência, nós também vamos". Essa foi a história repetida aos quatro ventos.

Era uma maneira nova de oferecer à opinião pública uma escolha familiar: o menor dos males. Havia boatos de uma espiral de bancarrotas no mercado, uma onda de falências de bancos e uma enxurrada de execuções de hipotecas; no Congresso correu inclusive o rumor de que, caso o empréstimo não fosse aprovado, seria decretada lei marcial. Esses foram os álibis repetidos à exaustão pelos sabichões das relações públicas e pelos homens e mulheres cúmplices do nosso governo supostamente representativo, toda vez que ouviam a seguinte pergunta: Por que vocês fizeram isso?

A escolha que essas pessoas fizeram foi premiar a corrupção, mas todas elas sabiam qual era a melhor resposta, ou deviam saber. Não era preciso um projeto de lei de mil páginas para que a coisa ficasse bem clara.

"Que a justiça seja feita, nem que desabem os céus."

No caderninho de Molly essa citação aparecia sem o crédito do autor, mas o ideal que ela transmitia era antigo, o pilar central do domínio da lei. Thomas Paine, citado na mesma página, tinha dado uma definição diferente, em senso comum: "Na América a lei é o rei". Mesmo os mais poderosos não podem se pôr acima da lei, os mais fracos nunca são indignos de sua proteção, e nenhuma instituição corrupta é grande demais para não dar errado.

Então é isto aqui que é um princípio, pensou Noah, como se pela primeira vez tivesse parado para pensar no significado da palavra.

Um princípio não é uma diretriz, uma norma de procedimento ou sugestão, tampouco é um dos muitos fatores a serem analisados em um complexo e espalhafatoso espetáculo intelectual. É uma pedra angular na fundação, o alicerce sobre o qual é erguida uma grande estrutura. Tudo o mais pode desabar — porque essas coisas efêmeras sempre podem ser reconstruídas melhor do que

eram antes — mas, se nos aferrarmos a ele, o princípio permanecerá em pé, de modo que possamos recomeçar.

Na mesma página, mais embaixo, Noah leu a opinião de John Adams acerca de algo sobre o qual Arthur Gardner tinha falado naquela manhã:

> *O desejo de domínio, aquele formidável princípio ao qual tentamos imputar o bem e o mal, é, quando adequadamente refreado, um movimento bastante nobre e útil na mente humana. Mas, quando isento de tais limitações, torna-se um poder transgressor, desrespeitoso, voraz e indócil. Inúmeros são os sistemas de iniquidade urdidos pelos poderosos para a gratificação, em si mesmos, dessa paixão...*

Em suma, os governos deram provas cabais de que sempre se corrompem, porque são feitos de pessoas imperfeitas. Porém, ao contrário de Arthur Gardner, Adams acreditava que esse quebra-cabeça impossível tinha sido solucionado pela engenhosa separação de poderes no cerne do projeto de seu novo país. Ou melhor, cabia ao povo solucioná-lo dia após dia, a cada eleição, na supervisão constante e vigilante de seus perigosos servidores.

Na página ao lado havia uma citação de outro Adams, primo de John, e que tinha sido escrita em negrito, com letras bem maiores do que o restante do texto ao redor. Era um desafio e uma provocação, lançados por Samuel Johnson no momento em que a incipiente revolução estava chegando a um ponto sem volta, uma prova de fogo para testar os nervos, a coragem e a determinação de todos os que se proclamavam norte-americanos:

> *Se tu amas mais a riqueza do que a liberdade, a tranquilidade da servidão mais do que a luta ferrenha pela liberdade, vai em paz. Não queremos tuas ideias nem tuas armas. Ajoelha-te e lambe a mão que te alimenta; que teus grilhões te sejam leves, e que a posteridade se esqueça de que tu és nosso compatriota.*

Em outras palavras, arregace as mangas ou cale a boca; aguente o tranco ou vá embora. Ele estava dizendo que a liberdade é uma rara exceção e não a regra, e quem quiser conquistar a liberdade tem de estar disposto a fazer sua parte.

O avião tocou a pista com um leve solavanco, e logo começou a taxiar na direção do portão de desembarque. Alguma coisa tocou a perna de Noah e ele

tirou os olhos do livro. Por fim, Molly estava acordando do cochilo; depois que ela se espreguiçou languidamente, ganhou de Noah uma garrafa de água.

— Obrigada — ela agradeceu. — Eu não pretendia dormir a viagem toda.

— Acho que você estava precisando.

Molly notou o caderninho nas mãos dele. Ele o fechou e entregou-o a ela. — Espero que você não se importe de eu ter lido.

— Não, nem um pouco. — Ela pegou a mochila debaixo do assento, abriu o zíper e guardou o caderninho.

— Ei, Molly?

— Sim?

Ele tocou a mão dela e disse:

— Acho que agora eu entendi.

— Entendeu o quê?

— Antes eu realmente não tinha sacado. Mas agora entendi o que você está fazendo, você e seu pessoal.

— Ah. — Ela meneou a cabeça e continuou a arrumar suas coisas.

— Estou falando sério.

— Eu sei que está — ela disse, com o mesmo tom de voz de um adulto que se dirige a uma criança excessivamente carente em sinal de reconhecimento pela realização de alguma pequena tarefa. — Que bom. Fico feliz.

Noah não sabia que tipo de resposta podia esperar quando relatasse a Molly sua recente descoberta, mas não aquela. A reação dela foi tão fria que chegava a ser praticamente inexistente.

Poucos instantes depois, o avião chegou ao portão e a porta mais próxima foi a primeira a ser aberta. Molly saiu andando na frente dele no túnel de saída, como se fosse movida por algum propósito que ela não tinha se dado sequer ao trabalho de explicar. Noah só a alcançou quando ela parou para examinar uma tela informativa exibindo um mapa dos serviços do aeroporto.

— Acho que devemos comer alguma coisa — sugeriu Noah —, passar a noite em algum hotel e depois tentar imaginar alguma coisa para amanhã.

A sugestão dele foi solenemente ignorada, como se ele nada tivesse dito.

— Preciso da sua ajuda para conseguir alugar um carro.

capítulo 40

-Deve ser aqui — constatou Danny. Ele dobrou a folha de papel com as instruções e enfiou-a na lateral da porta.

De acordo com o mapa e o odômetro do furgão, aquele era o local marcado para o último encontro, em algum lugar junto à estradinha de cascalho. Da janela do passageiro não havia muita coisa para ver além da vastidão do deserto e algumas montanhas distantes na linha do horizonte.

Kearns deu uma tapinha na perna de Danny e disse:

— Ali.

A paisagem árida tinha começado a adquirir matizes mais quentes à medida que o sol ia se pondo. Mas ainda havia luz do dia suficiente para ver as coisas com nitidez, desde que se soubesse para onde olhar. Do outro lado, talvez a cerca de 300 quilômetros, Danny avistou o que parecia a única coisa construída por mãos humanas em um raio de muitos quilômetros. Fosse o que fosse, não era grande coisa.

Não havia trilha que levasse até lá, e o veículo não estava projetado para andar *off-road*. Mas Kearns parecia saber o estava fazendo. Ele deu uma cuidadosa guinada na direção do seu destino final, manobrando na beira da estrada e sobre o terreno endurecido pelo sol.

Quando chegaram mais perto o cenário ficou mais claro. Danny avistou a traseira de dois veículos, um carro e um caminhão amarelo, ambos estacionados atrás de um edifício quadrado e cinzento de um único andar.

A bem da verdade, “edifício” era um eufemismo; tratava-se de um recinto de três metros de altura que parecia feito apenas de blocos de cinza de carvão e argamassa escura. Havia uma espécie de porta arqueada aberta, mas nem sinal de teto. A uma curta distância da estrutura principal, em um círculo simetricamente espaçado que rodeava o edifício por todos os lados, viam-se algumas paredes

bizarras e blocos de pedra angulosos projetando-se da areia. Alguns pareciam batentes de um *playground* ou quadra de handebol; uma delas parecia o monolito negro do filme *2001: Uma odisseia no espaço*. A distribuição dos elementos naquele espaço lembrava um pouco Stonehenge, isso se os monumentos de pedra de Stonehenge tivessem sido erguidos às pressas em um único fim de semana por um pedreiro amador depois de ter tomado ácido.

— Mas que diabo de lugar é este? — perguntou Danny.

— Aqui nunca se sabe. Esta parte de Nevada é cheia de surpresas. — O agente Kearns parou o furgão bem longe dos outros veículos e colocou a alavanca seletora do câmbio automático na posição Estacionar. — Talvez seja algo construído pelos militares para realizar testes nucleares; pode ser um alvo para testar o alcance de bombas. — Ele deu um tapinha no ombro de Danny. — O que me diz? Está pronto?

— Eu já disse o que penso.

— Não se preocupe demais, ou vai dar na cara que está nervoso. Escute aqui, isso vai ser moleza. Vamos entrar e sair em cinco minutos, depois vamos comer um cachorro-quente e tomar uma cerveja gelada antes de eu te deixar no aeroporto.

Dany tinha parado de falar porque alguma coisa chamara sua atenção no retrovisor. Um dos homens com quem eles tinham ido se encontrar apareceu no canto do edifício e com um gesto largo convidou-os a se aproximarem. Logo atrás do primeiro homem surgiu outro, com um rifle de assalto pendurado no ombro.

— Beleza, tudo bem — Danny suspirou. — Vamos arrebentar.

Ele abriu a porta, desceu do carro, acenou para o homem que os saudara, depois vestiu a jaqueta leve que Kearns lhe emprestara. Era um tamanho maior, mas isso era perfeito para o que ele pretendia fazer. Ele esticou o braço, tirou o telefone via satélite do carregador do console e enfiou-o no bolso. Depois, abriu o porta-luvas e pegou a pistola.

— Você tem um pente extra? — indagou Danny.

— Não, não tenho. O que você está fazendo?

Danny enfiou a pistola no cinto, na parte de trás da calça, não no meio, mas mais para o lado direito; a jaqueta comprida ocultou completamente a arma.

— Estou me preparando para o pior, caso tudo acabe degringolando para um desastre. Se tudo der certo, aí você pode me dizer que me avisou, mas, enquanto isso, se me permite fazer uma sugestão. Por que não pega o 38 do coldre do seu tornozelo e o coloca onde possa alcançá-lo caso precise?

Felizmente o homem mais velho deu ouvidos ao mais jovem e, embora não estivesse plenamente convencido de que haveria encrenca, pelo menos acatou a sugestão e transferiu o pequeno revólver para o bolso de seu blusão.

— Achei que você tinha dito que não entendia muito de armas — disse Kearns.

— Não foi isso que eu disse. Eu disse que não era especialista.

Especialista não era um termo que podia ser usado indistintamente entre os amigos de Danny, estes sim conhecedores de armas. Um especialista talvez fosse alguém capaz de identificar a nove metros de distância que ponto exato do alvo seria atingido e depois, “a frio”, sacar a pistola e meter a bala exatamente onde havia prometido, tudo isso em questão de décimos de segundo ou menos. Molly Ross era uma dessas pessoas, e anos atrás, em um quente e memorável verão no Tennessee, ela tinha ensinado a Danny tudo o que sabia. Naquele ano, Bailey vinha recebendo mais ameaças de morte que o habitual, e Molly quis garantir a segurança do amigo. Assim, embora não fosse especialista, Bailey era rápido na arte de sacar a arma — mas na arte de acertar o alvo ainda deixava a desejar.

— Tudo bem — disse Kearns. Agora sua voz era um pouco mais ríspida do que alguns minutos antes. — Vamos lá.

capítulo 41

A réplica da bomba não era pesada, algo entre 35 e 45 quilos, mas era um artefato difícil de manusear entre os dois. Quando chegaram ao alcance da vista dos homens que eles tinham ido encontrar — não contavam os cinco esperados, mas somente quatro deles, como no encontro anterior —, um apontou para um ponto do terreno em que deviam pousar o fardo.

Um dos homens tinha a seus pés uma mochila novinha em folha, e dentro dela poderiam estar os 20 mil dólares para a troca. Os dois últimos integrantes do grupo seguravam os rifles.

As armas que aqueles sujeitos estavam exibindo pareciam ser uma variante remontada do AR-15, mas com um cano muito curto, silenciador customizado, regulagem lateral da mira e câmara cromada. Quem tentar comprar uma arma dessas diretamente em uma loja precisa de muita sorte. Não era a escolha mais versátil para um combate de ação variada, e era obviamente risível para uma caçada ou para a prática de tiro ao alvo, mas daria conta do recado em uma situação de luta mano a mano a curta distância; situações como aquela, por exemplo.

Os homens à esquerda seguravam as armas como se tivessem nascido com elas nas mãos. O outro não parecia nada tranquilo, nem com sua arma nem com o papel de vigia que lhe fora atribuído. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos e seu rifle estava desleixadamente pendurado no ombro, como se ali tivesse sido posto contra sua vontade e ele não tivesse a menor vontade de usá-lo.

Ao chegar, Kearns jogou um pouco de conversa fora com os membros do grupo, e logo depois todos concordaram que era hora de fechar o negócio.

— Aqui está seu dinheiro — disse o homem mais ao fundo.

Na reunião da noite anterior, ele tinha se apresentado com Randy. Kearns deu alguns passos para pegar a mochila, e, com um gesto, Randy deu ordens

para que seus homens carregassem o artefato no caminhão.

Com o auxílio de uma rampa, os dois rebocaram cuidadosamente a bomba, pousaram-na no chão e depois acenderam uma lâmpada no teto do baú do caminhão para checar a mercadoria. Enquanto isso, Kearns voltou com a mochila nas mãos e se posicionou ao lado de Danny.

— Não vai contar?

Essa pergunta foi feita por um dos sujeitos com as armas, o que mais estava se esforçando para parecer durão.

Kearns deu de ombros e respondeu:

— Se estiver faltando grana, pelo menos sei onde encontrar vocês amanhã de manhã, certo?

A resposta fez todo mundo rir — menos o homem que tinha feito a pergunta.

A atenção de Danny estava voltada para outra coisa, agora visível na parte traseira do caminhão.

No centro, sobre uma alta prateleira de metal, viu o que parecia ser um comprido torpedo prateado. Na verdade não; o nariz era muito rombudo e achatado e a parte de trás era afilada e guarnecida por enormes barbatanas aerodinâmicas. Parecia uma peça de museu de guerra, uma relíquia da Guerra Fria.

E isso não era tudo. Enfiada em um canto, longe da luz, viu alguma coisa embrulhada e amarrada em uma lona preta no chão. Aquilo podia ser muitas coisas, mas, no atual estado de espírito de Danny, o mais provável era que fosse um saco mortuário.

Ele olhou de relance para Kearns, e, a julgar pelas aparências, o agente também estava vendo a mesma coisa.

O celular no cinto do homem chamado Randy começou a tocar, o que rompeu o silêncio. Ele ergueu no ar o dedo indicador, como se para dizer: desculpem, preciso atender, virou as costas, afastou-se um pouco e atendeu.

Danny pensou que era uma ligação de el-Amir.

Kearns se abaixou e pousou a mochila entre os dois, tremeu um pouco, soprou ar quente nas mãos e depois as enfiou nos bolsos do blusão. Quando

olhou para Danny, apenas por um ou dois segundos, isso bastou para que os dois se entendessem perfeitamente, a ponto de quase ser possível ouvir as palavras se formarem em sua cabeça.

“Você estava certo. Agora vamos deixar estes caras darem só mais um sinal errado, por menor que seja, e aí botamos para quebrar. Nada de “Parados, FBI!”, nenhum tiro de aviso; vamos atirar para matar ou morrer. E você e eu sabemos quem vai disparar primeiro.”

Danny tirou a mão do bolso, coçou causalmente o nariz, fingiu um bocejo e deixou o braço ao lado do corpo.

Randy, ainda ao telefone, olhou para trás por cima do ombro.

Ele estava apenas ouvindo atentamente, sem falar; seus olhos primeiro se concentraram em Stuart Kearns, e depois pousaram em Danny; ele se virou novamente, e ficou de cos- tas para os dois. Mais alguns segundos se passaram, e ainda olhando para o outro lado, Randy ergueu lentamente a mão direita e tocou o ombro do homem à sua direita, o falastrão que parecia não ver a hora de ir embora.

E assim foi.

Depois que se treina bastante, o movimento parece ser um só, parece fluir de maneira ininterrupta, mas há quatro partes distintas para sacar rapidamente uma arma, pelo menos de acordo com o que Molly tinha ensinado. No início a contagem é lenta e deve-se parar entre cada etapa para que o professor saiba que o procedimento está correto. Depois de alguns meses e centenas de milhares de repetições, a prática fica tão rápida quanto um piscar de olhos.

A mão direita de Danny fingiu ajeitar a roupa e encontrou a pistola exatamente onde ele a tinha colocado; liberou a arma e trouxe-a para a frente do corpo, o cano paralelo ao chão e a mão esquerda agarrando também a sólida empunhadura; estendeu a pistola ao centro de massa de seu alvo, com a mira no nível do seu olho; ao final do movimento, tendo alcançado sua posição ideal de tiro, Danny apertou o gatilho.

O *bum* dos dois primeiros tiros foi quase simultâneo, embora Kearns tivesse sacado a arma com mais facilidade. Os dois tinham escolhido o mesmo alvo primário, o homem para quem Randy tinha feito um sinal de cabeça autorizando que matasse Danny e Kearns, o cara que os teria crivado de balas se tivessem lhe dado a chance de atirar primeiro. Quando Kearns saiu pela esquerda, ainda

atirando, o homem incumbido de ser seu carrasco desabou para trás, provavelmente morto, certamente fora de combate.

Danny saiu pela direita, mirando intuitivamente e disparando toda vez que alguém aparecia em sua linha de tiro. Quando atirava em um alvo parado, Danny era apenas mediano, porém agora ele e seus alvos estavam em movimento, e o inimigo tinha começado a revidar, sinal de que Bailey estava atirando muito e acertando pouco; mas pelo menos Danny tinha chamado a atenção deles.

Segundos depois, ficou sem munição e sem boas ideias, ao mesmo tempo em que o segundo homem, que carregava a artilharia pesada, pôs os nervos no lugar e começou a atirar. Danny viu se aproximar dele uma linha de marcas de balas na areia, e então ouviu a explosão de um pneu e as janelas do furgão sendo despedaçadas. Viu Stuart Kearns sair de trás de uma das paredes de concreto, e o homem do FBI disparou quatro descargas certeiras. Quando os últimos tiros ecoaram nas montanhas, três dos homens jaziam imóveis no chão, e um deles tinha sumido, mas por pouco tempo.

O silêncio foi quebrado pelo som de um motor a diesel sendo ligado. Danny viu Kearns mancar até o caminhão e entrar no compartimento aberto.

Com o veículo já em movimento, Danny se levantou e saiu correndo atrás dele. Quanto mais rápido corria, mais o caminhão era acelerado, até que por fim alcançou a tampa traseira e se jogou à frente para agarrar a mão esticada de Kearns, que o puxou para dentro.

capítulo 42

Noah tinha tomado o último comprimido do frasco durante o voo, e agora que o efeito do remédio estava passando foi invadido por uma terrível crise de abstinência. Quando chegaram ao balcão da locadora de automóveis, sentiu que estava começando a desfalecer. Dor de cabeça, calafrios, tontura, um mal-estar geral — ele já estava péssimo, e podia sentir que nas próximas horas as coisas ficariam ainda piores.

Uma vez que não estava em mínimas condições de dirigir, Molly sentou-se atrás do volante, e manejou o veículo de maneira bastante enérgica e resoluta. Se ele estivesse se sentindo bem, dominado por um conveniente estado de espírito aventureiro, seria mais fácil lidar com o estilo dela de guiar. Mas na sua atual condição — fisicamente acabado, sentado no banco do passageiro sendo jogado para lá e para cá por causa dos inúmeros solavancos, freadas e da insistência de Molly em sair costurando na pista —, Noah não estava achando nada engraçado.

Além disso, Molly não abria a boca. Desde que os dois haviam entrado no carro ela só dava respostas monossilábicas, além de claros sinais de que naquele momento nada era tão importante que valesse a pena ser discutido.

Já fazia meia hora que os dois tinham ultrapassado os limites da cidade. Assim, a esperança de Noah de descansar e recobrar as forças na cama de um hotel cinco estrelas já tinha ficado uns 50 quilômetros para trás. De acordo com o que dizia o velocímetro, Molly estava tentando chegar o mais depressa possível ao seu destino.

— Vamos ser parados — alertou Noah.

Ela não respondeu, nem diminuiu a velocidade.

— Para onde estamos indo, Molly?

— Ajudar um amigo — foi a resposta, curta e grossa. — Agora, por favor, pode me deixar dirigir?

— Tudo bem.

— Obrigada.

Não demorou muito para saírem da via principal e entrarem em uma estradinha desértica e estreita que não passava de uma fina risca na tela do GPS. Antes de iniciar a viagem, os dois tinham passado muitos minutos de raiva e frustração tentando digitar seu destino no aparelho. Era difícil, porque Molly não sabia o endereço, apenas a latitude e a longitude.

A folha de papel, na qual ela tinha anotado e consultado as coordenadas, ainda estava enfiada em um dos muitos porta-objetos do carro.

Tudo bem, então.

Se ela não queria perder alguns segundos para dizer a Noah o que estava acontecendo, ele teria de descobrir por conta própria. Antes que pudesse impedi-lo, Noah pegou a folha de papel, abriu-a e a iluminou com a luzinha do carro; não conseguiu compreender exatamente o que queriam dizer as duas mensagens de texto — ou talvez *e-mails* — encontradas na folha de papel. Talvez fosse porque sua mente estava trabalhando com apenas metade da capacidade, mas o fato é que ele teve de ler duas vezes. Da primeira, não conseguiu aceitar o que estava escrito.

molly –
espalhe a notícia – fiquem longe de las vegas na segunda
*operação secreta do FBI —> *exigente* se cuida*
beijos e abraços
db

Apenas para conhecimento

Não responda nem encaminhe

Apague depois de ler

Grande reunião hoje, segunda à tarde, sul de

Nevada. Se não ouvirem notícias minhas até quarta,

é porque provavelmente estou morto, e estas são as coordenadas para vocês procurarem meu corpo:*

Lat 37º39’54.35”N Long 116º56’31.48”W

Fiquem longe de Nevada até segunda ordem

db

**Bem que eu queria que fosse só uma brincadeira*

— Inacreditável.

Molly olhou de soslaio para Noah, mas apenas por um segundo, antes de voltar a concentrar a atenção na estrada. Quando ele olhou para baixo, constatou que tinha amassado o papel com tanta força na mão que seria impossível desdobrá-lo.

— Não dá para acreditar nisso — esbravejou Noah. — Seu pessoal me pegou de novo.

capítulo 43

-9-1-1. Esta mensagem está sendo gravada. Qual é a sua emergência?

Fosse qual fosse o destino do caminhão, a viagem estava tremendamente difícil, sobre um terreno muito acidentado. Danny estava agarrado a uma correia de fixação de cargas junto à porta aberta do veículo em movimento, no único ponto do compartimento de metal em que havia sinal suficientemente forte para permitir, via satélite, uma ligação do celular de Kearns.

— Meu nome é Danny Bailey, estou no deserto em algum lugar no nordeste de Nevada, com o agente especial Stuart Kearns. Estou na traseira de um caminhão em movimento, que pertence a uma organização terrorista que talvez esteja de posse de uma arma nuclear.

— Qual é a sua localização, senhor?

— Ouça. Sei muito bem o que vocês são capazes de fazer. A essa altura você já sabe onde estou, sabe de quem é o telefone do qual estou ligando, sabe qual é a minha rota, e daqui a dez segundos tenho certeza de que vai saber quem eu sou porque terá verificado o meu espectrograma sonoro, então pare de desperdiçar meu tempo.

A linha foi momentaneamente invadida por um estranho ruído; não era interferência, mas uma série de cliques eletrônicos e sons indistintos.

— Tudo bem, beleza, todo mundo já está conectado? Todo mundo está ouvindo agora? Trata-se de uma operação de codinome Exigente. Entenderam? Exigente. Então agora vocês já sabem quem eu sou, com quem eu estou, por que estou aqui e para onde mandar a cavalaria. E é melhor vocês acreditarem que isto é para valer. É só rastrear o sinal e chegar aqui, entenderam?

Ele deixou o telefone ligado e colocou-o em um canto do baú do caminhão.

Kearns estava na parte de trás do compartimento, ajoelhado junto ao volume que ambos tinham visto antes do início do tiroteio.

Era obviamente um corpo, e o rosto do homem morto estava descoberto. Quando Kearns se virou, Danny não precisou perguntar de quem era o cadáver. Ele já sabia.

O agente Kearns tinha dito que depois de tantos anos trabalhando naquela operação secreta — esforçando-se ao máximo para parecer um agitador militante conclamando abertamente uma revolução violenta —, ele de fato só tinha um único contato remanescente no FBI. Seu assustador personagem on-line era conhecido por dezenas de milhares de malucos extremistas e, também, por homens da lei, mas apenas uma pessoa viva poderia atestar de maneira plausível que ele era na verdade um norte-americano leal cumprindo sua obrigação de defender e proteger os Estados Unidos. E ali estava essa pessoa, morta.

— Você ligou para o 911? — perguntou Kearns.

— Sim, liguei. E agora ou eles vêm ou não vêm.

— O que você quer dizer com isso?

Danny tocou a estrutura de metal a seu lado, a armação que sustentava o objeto que à primeira vista tinha parecido um torpedo.

— Dá só uma olhada nisto aqui e me diga o que você acha. — disse Dany

Quando Kearns tentou se levantar, seu corpo estremeceu e se retraiu; ele, então, encostou a cabeça na lateral do caminhão. Pouco abaixo do joelho da perna direita, sua calça estava manchada de sangue.

— Você está bem?

— Vou ficar bem. Só me ajude a ficar em pé.

Os dois se posicionaram ao lado da estrutura, seguran-do-se nas barras transversais enquanto o caminhão se movia na estradinha acidentada.

— Parece uma velha bomba atômica Mark 8 — disse Kearns —, do início da década de 1950. — Ele abaixou um pouco mais a lanterna e passou as mãos pela superfície, parando em uma série de selos e adesivos com as datas e iniciais de inspetores.

— Então esta aqui está ativa?

— Parece que sim. — Da parte de trás do artefato saía um conduíte de metal que Kearns foi seguindo com o dedo e apontando. O tubo de metal se estendia pelo chão e pela parede até a cabine do motorista. — E parece que

armaram para ser acionada do banco da frente.

— Então o seu amigo deitado ali no chão trouxe esta aqui, e você trouxe a sua. Vocês dois foram manipulados para um não saber o que o outro estava fazendo, e nós três caímos na arapuca.

— Mas por que... — Kearns não estava perguntando, apenas pensando alto.

— É como eu te disse antes. Quem quer que esteja por trás disso tudo precisava de um trouxa para ser o bode expiatório de um ataque doméstico de bandeira falsa, Stuart, e esse cara é você. Eles precisavam transformar meu pessoal no inimigo, e é por isso que estou aqui.

— Com base no seu arquivo, podiam pegar você na hora em que bem quisessem, mas te pegaram só na noite de sexta, para você fazer parte disto aqui. Quanto a mim, deixaram de molho...

— Esperando a hora certa, quando precisassem de uma dupla para pagar o pato — Danny concluiu. — Eu, o teórico da conspiração, um maluco da internet que incitou esses valentões à violência, e Kearns, o ex-agente do FBI agindo como pistoleiro solitário, que ajudou os terroristas a porem seu plano em ação.

— Bom, mas, seja quem for o cara por trás disto, por enquanto arruinamos os planos dele.

— Mas não por muito tempo. O cara está dirigindo este caminhão com muita vontade, como se quisesse mesmo chegar a seu destino, mas, se ele se acalmar um pouco e vier aqui dar uma conferida na carga, estamos ferrados. Estamos desarmados, e ele vai mandar bala na gente como se fôssemos peixinhos dentro de aquário. Depois vai seguir para Vegas e lá terminará o que tem que ser feito. A gente não pode ficar parado esperando.

Kearns encarou Bailey e disse:

— Então o que a gente faz?

Por breves instantes o caminhão diminuiu a velocidade, fez uma curva e pegou o que parecia ser uma estrada mais ampla, e então começou a acelerar de novo.

— Eu tenho uma ideia — disse Danny —, mas não sei se você vai gostar.

Ele caminhou até a traseira, onde a falsa bomba que tinham trazido estava presa por correias à lateral do compartimento de carga, e fez um gesto para que o

seu parceiro o seguisse. Assim que Kearns se sentou e posicionou a perna ferida, Danny se abaixou e tirou a lona que cobria o artefato. Ele tirou as chaves presas com fita adesiva junto ao painel de controle e passou-as para Kearns.

Se uma das bombas era verdadeira, era lógico supor que ambas também seriam. E só havia uma maneira de descobrir.

— Lá vamos nós — Kearns disse.

Kearns inseriu as duas chaves no painel metálico de controle, girou-as até ficarem na mesma posição e apertou o botão onde se lia o comando “armar”. A fileira de minúsculas luzes amarelas se iluminou; o dispositivo eletrônico foi sendo carregado com um leve zumbido, e as luzes foram piscando e ficando verdes.

Assim que o dispositivo localizou a posição em que eles estavam, foi tarefa muito simples reiniciar o destino final na tela sensível ao toque do detonador do GPS. Obviamente não selecionaram um endereço, mas sim um ponto vazio na estrada desértica que estavam percorrendo, a pouco menos de cinco quilômetros adiante.

O homem mais velho acendeu um cigarro e estendeu o maço oferecendo outro a Danny.

— Não, eu já te disse, parei faz cinco anos.

— Ah, deixa disso, é uma ocasião especial.

— Fiz uma promessa para uma velha amiga, Stuart, e, se você conhecesse essa mulher, saberia por que eu preciso manter a minha palavra.

— Já que você fala assim, acho que entendo o que quer dizer. — Kearns fez uma careta de dor e endireitou a perna; de olhos fechados, encostou a cabeça na lateral corrugada do compartimento.

— Ei — Danny chamou e esperou até que seu parceiro olhasse. — Naquela outra noite você estava me contando sobre sua carreira no FBI e tal, e aí me disse que depois de tudo por que você passou, de vez em quando se perguntava por que motivo ainda não tinha se aposentado.

— É.

— Este é o motivo, cara. Hoje é a razão pela qual você ficou. Como é mesmo aquilo que fazem vocês dizerem quando colocam a mão sobre a *Bíblia* e

prestam um juramento e tal?

— Faz tanto tempo, vamos ver se eu ainda me lembro... “Juro solenemente salvaguardar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos contra todos os inimigos, nacionais ou estrangeiros, e que serei fiel a leal ao meu país.”

— É isso aí.

— E você?

— Eu? Ah, para mim este é o melhor jeito de cair fora. Quanto mais eu penso no assunto, mais percebo que fiquei mais tempo do que deveria em meu próprio movimento. Não, eu retiro o que disse; ele já nem é mais meu. Se caras como esses podem concordar com qualquer coisa que eu digo, então devo estar dizendo alguma coisa errada. E, quer saber de uma coisa, Stuart? Muito tempo atrás eu jurei dar a minha vida, a minha fortuna e a minha honra a este país, e agora vou entregar os três de uma só vez.

Kearns deu uma última tragada no cigarro, apagou a bituca no chão de metal e perguntou:

— Faz diferença o fato de ninguém vai saber o que a gente fez aqui?

— Ah, alguém vai saber. Não que alguém vá acreditar.

O artefato ao lado deles fez um barulho. Uma luz vermelha se acendeu no painel, debaixo da palavra proximidade.

— Foi bom trabalhar com você, garoto.

Kearns estendeu o braço, Danny Bailey segurou e apertou com firmeza a mão do parceiro, em um gesto de solidariedade. Um segundo depois, os dois desapareceram.

capítulo 44

-Nós pegamos você? — berrou Molly. — Nós pegamos você? Você é realmente tão egocêntrico assim a ponto de acreditar que isso tudo tem a ver com você?
— Só tem a ver comigo porque você me põe no meio. Vocês podiam ter me matado, pelo amor de Deus. Talvez você possa me perdoar por levar essa situação para o lado pessoal.

— O Hollis ficou com você o tempo todo até que foram te buscar; ele cuidou de você; sinto muito se você está com dor de cabeça agora, mas ninguém tentou matar você.

— É ótimo ouvir isso. Vocês são realmente incríveis, sabe? Meu pai me contou hoje de manhã que vai acontecer uma coisa que vai mudar tudo. Eu estou pensando, tá legal, uma grande correção de rota no mercado de ações, ou outra guerra no sul da Ásia ou no Oriente Médio, ou alguns aviões sendo jogados contra prédios, como da última vez em que tudo mudou para sempre. Já a sua mãe me pediu para levar você para algum lugar seguro — ele ergueu o papel — e eu, idiota como sou, deixo você me levar para o último lugar no planeta para onde a gente deveria ir.

— Estou aqui para impedir que isso aconteça, se eu puder.

— Bom, você não pode! — berrou Noah. — Abra os olhos, pelo amor de Deus. Eles têm tudo nas mãos, e você não tem nada. A única coisa que você vai conseguir fazer é nos colocar atrás das grades, ou dar um jeito de a gente acabar assassinado ou enterrado em um buraco no meio do deserto.

— Eu preciso tentar.

— Você não precisa tentar. Eu já disse uma vez, a gente pode sair juntos desta. Não consigo acreditar que estou me ouvindo dizer isto, mas eu ainda quero ajudar você, Molly. Aquele seu sonho de ir morar em um chalé no bosque

sobre o qual você falou, onde quer que seja, seja lá onde for, eu posso transformar isso em realidade.

— Como você ousa me dizer isso de novo? O que você pensa, que eu não quero? Que não quero você? Não acha que eu sinto medo, e que passo noites sonhando em fugir e nunca mais ter de me preocupar com gente como o seu pai e pensar no que eles estão tentando transformar este mundo?

— Por pior que seja, me deixar cuidar de você, é melhor do que morrer, não é?

A expressão de Molly se alterou. Ela respirou fundo e depois falou em um tom de voz mais moderado:

— Antes de descer do avião, você disse que tinha finalmente entendido o que eu estou fazendo.

— E entendo.

— Não, não entende. Você não faz ideia. Você acha que saber a verdade basta? Muita gente sabe a verdade, e mesmo assim nada muda. Então hoje, depois de 28 anos passeando pela vida e tirando deste país tudo que ele tem a oferecer a você, sem dar a ele nada em troca, hoje você vem me dizer que finalmente viu a luz, e acha que isso deve significar alguma coisa para mim?

— Não significa?

— Depois que você sabe a verdade, tem de viver a verdade. É o que estou tentando fazer.

Noah viu Molly olhar pelo retrovisor, e alguma coisa paralisou dentro dela.

Ele virou o pescoço para olhar pelo vidro traseiro. A visibilidade se estendia por quilômetros e quilômetros, e lá no fundo, no limite de onde a vista alcançava, era possível vis-lumbrar pontinhos minúsculos: uma linha de luzes piscantes dos carros da polícia.

Ela estava dirigindo com a mesma velocidade e o mesmo ímpeto de antes, mas agora havia em seu rosto e em seus olhos algo que ele ainda não tinha visto. Molly estava com medo, e ele sabia que ela não estava com medo da polícia, nem de ir para a prisão, nem de morrer lutando por sua causa. Ela não estava sequer com medo de Arthur Gardner. Ela estava com medo de que sua luta tivesse chegado ao fim.

Na vida de Noah haviam ocorrido momentos decisivos que ele tinha previsto com meses de antecedência, mas aquele apareceu em um átimo, em um piscar de olhos. Um segundo antes ele estava de um lado seguro, são e salvo, simplesmente sendo a pessoa que ele achava que sempre tinha sido, e aí ele piscou e de repente se viu do outro lado, acordando para descobrir quem ele seria.

Metros adiante ele viu que a estrada se estreitava até desembocar em uma ponte sobre um abismo, uma fenda não muito funda que se estendia pelo terreno ao longo de centenas de metros.

Depois que se sabe a verdade, tem de viver a verdade. É o que ela tinha dito. Talvez fosse um pouco tarde demais, mas ele sabia o que precisava fazer.

— Diminua, eu vou descer — pediu Noah.

— O quê?

— Não pare, só me deixe descer. — Ele abriu uma fresta da porta, e o vento entrou açoitando. Ela tirou o pé do acelerador e freou até o carro atingir uma velocidade que permitisse a Noah sobreviver caso ele de fato se jogasse na estrada que passava, sibilante, sob o carro. Não havia como saber ao certo se ela entendia o que ele estava fazendo: não havia tempo para explicações. Talvez ele nunca viesse a saber, mas, como ela tinha dito, nada daquilo tinha a ver com Noah Gardner.

Ele olhou para ela uma última vez. Nos olhos dela havia lágrimas, mas mesmo assim os mantinha fixos na estrada.

— Adeus.

Ela respondeu, mas com um fiapo de voz, com palavras ditas de maneira tão comedida e discreta, quase em silêncio, como se nem estivesse de fato se dirigindo a ele. Se os dois jamais voltassem a se ver, aquele era o tipo de frase que ele gostaria de ouvir em alto e bom som. Ilusão ou pensamento positivo, talvez, mas em seu íntimo ele sentiu que sabia exatamente o que ela tinha dito. “Eu também te amo”.

Ele abriu a porta e se deixou cair no asfalto, foi rolando e chocando-se violentamente contra o chão, ao longo do qual teve a sensação de percorrer um campo de futebol. Por fim ele parou, e durante alguns segundos observou o carro, que agora já tinha recuperado a velocidade e começava a desaparecer no

horizonte.

Tentou se levantar, mas foi impedido pela dor, por isso rastejou para o centro da pista e se ajoelhou no meio da estreita ponte, com as mãos levantadas de modo a ficar mais visível, e ficou observando a aproximação da linha de carros com luzes piscantes.

Talvez eles parem, talvez não, pensou Noah, mas de um jeito ou de outro ele retardaria um pouco o avanço da polícia. Apesar de tudo isso, ele sabia apenas duas coisas: que Molly Ross ainda estava lutando, e que, apesar do que ele teria pela frente, não estava com medo.

Quando o primeiro carro derrapou e parou, sentiu no rosto o calor dos faróis. Alguns dos veículos que vieram atrás formaram uma fila e os motoristas ficaram atarantados tentando achar uma rota alternativa para contornar a estreita passagem, mas fora da estrada a areia era fofa demais e comprometia a tração, e os carros que tinham tentado ir pela vala agora estavam atolados, os pneus girando em vão.

Ele ergueu os olhos e viu cinco homens de uniforme se aproximando, armas em punho. Estavam todos berrando ordens que ele não conseguia entender.

E então eles desapareceram, bem como o resto do mundo, em um repentino lampejo de luz branca atrás dele. O brilho, que durou apenas uma fração de segundo, era tão intenso que lhe turvou os sentidos. Noah sentiu o clarão atrás de si, pôde ouvir o som e sentir o cheiro. Quando recobrou a visão, viu os policiais parados em pé na estrada, alguns cobrindo os olhos, mas a maior parte deles olhando para o horizonte, com expressão vazia, os braços caídos do lado do corpo.

Ele se virou para olhar por cima do ombro, na direção em que Molly tinha ido, e, quilômetros ao longe, ele viu a nuvem de uma explosão atômica em formato de cogumelo, uma descomunal bola de fogo subindo lentamente no céu noturno. O círculo cada vez maior, propagado em ondas, vinha rasgando o deserto rumo a eles, rumo a tudo, em todas as direções. Segundos depois, ela chegou com o estalar de um trovão e uma súbita rajada de um vento quente de verão.

capítulo 45

Talvez o tivessem espancado durante boa parte da noi-te. Talvez tivessem se passado dias a fio. Ainda naquela estrada Noah tinha perdido toda a noção de tempo.

O interrogatório tinha começado em um lugar, e a certa altura eles se deram conta de que o pior que podiam fazer não bastaria. Tinha sido levado de carro para outro destino, depois de avião para outro lugar, onde tinham recomeçado as perguntas.

Eles já sabiam de muita coisa. Já sabiam dos telefonemas feitos do apartamento de Noah para uma longa lista de cúmplices de um conhecido agitador que tinha conspirado para destruir uma ou duas cidades dos Estados Unidos. Sabiam que Noah tinha ajudado uma das figuras centrais dessa conspiração a ter acesso a documentos confidenciais. Sabiam que ele a tinha ajudado a burlar a segurança e a escapar de avião, cruzando o país para participar do malfadado ataque. Eles sabiam que duas armas nucleares tinham caído nas mãos desses terroristas, e que uma delas havia sido detonada, mas outra ainda estava desaparecida.

O segundo grupo de interrogadores era mais organizado, frio e sistemático em seus métodos, e bem mais criativo. Eles não estavam interessados apenas em infligir dor, mas terror; a tortura mais eficaz acontece na mente. Depois de muitas horas usando todos os tipos de métodos, por fim tinham decidido optar por um que parecia ter o efeito mais eficiente e imediato para seus propósitos.

Noah estava amarrado a uma fria mesa de metal, a cabeça imobilizada e inclinada para ficar mais baixa que os pés, um pano molhado sobre o rosto para restringir a sua respiração; sentia a água gotejando, talvez apenas meio copo, somente o suficiente para escorrer pelas suas narinas até a garganta. Alguma parte primitiva da mente vai à loucura ao saber que está se afogando e não há como escapar. O supliciado pode tentar ser forte quanto quiser; não faz diferença. Se Noah de fato soubesse alguma coisa que eles queriam descobrir,

não demoraria nem dez segundos para que ele tivesse contado, e eles saberiam se ele estava dizendo a verdade.

Durante a sessão de tortura, tinham dito várias coisas para convencer Noah a romper o silêncio. Disseram que a mãe de Molly, submetida a um interrogatório similar, revelara o esquema todo, incluindo o grau do envolvimento de Noah. Disseram que a própria Molly tinha sido capturada e revelaram, em detalhes dolorosos, as técnicas particulares que tinham usado contra ela. De acordo com eles, ela entregou os pontos quase que imediatamente, delatando seus colegas de conspiração.

Depois de tudo por que já tinha passado, Noah teria acreditado de bom grado em quase qualquer coisa que lhe dissessem, mas até mesmo para sua mente brutalizada e confusa as duas últimas afirmações não pareciam verdadeiras — aquele tipo de gente não trairia sua causa. Se Molly entregasse os pontos, se sucumbisse, cairia em silêncio. Saber disso deu a Noah o primeiro fiapo de esperança em muito tempo.

E a tortura continuou assim, como se eles tivessem todo o tempo do mundo e nada a perder, e Noah confirmando e reconfirmando que não sabia de coisa alguma que lhes pudesse ser útil. Aparentemente eles interpretavam a ignorância dele como sinal de teimosa resistência. Afinal de contas, nunca se sabe quando uma informação preciosa pode vir à tona.

E então eles pararam.

Depois passaram alguns minutos limpando o torturado da melhor maneira que podiam, desamarraram uma de suas mãos, ajustaram a mesa de metal para uma posição mais natural, e chegaram a colocar alguns travesseiros debaixo da sua cabeça. Jamais se dirigiram a ele diretamente, mas pelos fragmentos da conversa que pôde ouvir, Noah entendeu que um visitante especial estava a caminho, alguém suficientemente especial para dar ponto final ao interrogatório mais importante desde que Khalid Sheikh Mohammed foi capturado dois anos depois do 11 de setembro.

Enquanto se preparavam para ir embora, puseram as coisas em ordem, como uma equipe de mecânicos experientes organiza as ferramentas de seu ofício. Essas ações deixavam claro que, caso fosse necessário, eles voltariam após a breve interrupção para continuar de onde tinham parado.

Espalhadas pelo teto, havia algumas câmeras de vigilância. O interrogador

chefe ergueu os olhos para uma delas e fez um gesto indicando que o preso estava pronto para receber seu visitante. Com essa deixa, as luzinhas vermelhas das câmeras piscaram em sequência.

Alguns segundos depois, uma figura apareceu na porta.

capítulo 46

Noah tinha sido supliciado por muitas horas, e, é óbvio, o interrogatório o deixara no limite do esgotamento físico e mental. Ninguém podia culpá-lo se ele não reconhecesse de imediato seu visitante — o homem que raramente era visto fora de seu elegante *habitat*. Contudo, apesar de todas essas circunstâncias atenuantes, Noah soube na mesma hora quem era o homem que o encarava, porque era sangue do seu sangue: o lendário Arthur Gardner.

O velho entrou e caminhou até o meio da sala, dispensou seu guarda-costas e os outros com um ligeiro aceno, e ficou a sós com Noah.

Em vez da cadeira de escritório que havia sido providenciada, o pai sentou-se em um banco alto e sem encosto. Como sempre, estava ocupando o plano superior; sentado daquele jeito o velho assomava sobre o filho, ainda preso à mesa de metal.

Por alguns minutos os dois apenas se entreolharam em silêncio. Talvez fosse parte da estratégia do pai, método que ele invariavelmente usava em suas reuniões de negócios mano a mano: nas negociações hostis o primeiro a falar quase sempre perde. Depois de alguns minutos, porém, o silêncio deve ter sobrepujado a paciência.

— A mulher com quem você se envolveu — começou Arthur Gardner —, você tem alguma ideia de quanto ela nos custou?

— Não sei — respondeu Noah, com uma voz rouca e seca por causa do sofrimento a que tinha sido submetido. — Bilhões?

O punho do velho bateu sobre a mesa, com força suficiente para quebrar um osso.

— Ela nos custou impacto! — ele gritou. — Devia ter sido um evento limpo e espetacular, algo para alavancar nosso novo início. Em vez disso, tornou-se uma completa *débâcle*, não passou de uma explosão quase

despercebida no deserto, no meio do nada, que mal sacudiu uma xícara na mesa da cidade mais próxima. Não há sequer fotografias — tivemos de recorrer a concepções artísticas e a efeitos especiais. Vamos ter de ficar acordados a noite inteira, tentando inventar uma história plausível, para salvar pelo menos parte do efeito pretendido. Depois de tantos anos de preparativos, a coisa foi precipitada, contra a minha vontade, por causa das ações dessa resistência inútil. Da qual meu filho faz parte.

A julgar pelas aparências, o pai devia estar pensado que naquele momento seria apropriada alguma forma de pedido de desculpas.

— Não foi minha intenção, pai.

O velho resmungou alguma coisa venenosa, e pareceu fazer um esforço para recobrar sua dignidade. Ele ajeitou sua já perfeita gravata de seda persa e, quando retomou a palavra, sua voz parecia mais controlada.

— Não que tenha sido um fracasso total. Seus amigos perderam antes mesmo que a luta tivesse começado. Passa-mos anos pintando esse grupo como um bando de extremistas perigosos, herdeiros de figuras como Timothy McVeigh, e eles obviamente levarão a culpa como os vilões desse ataque malfadado. — Ele olhou para o nada, com olhar vago, como se não estivesse falando com ninguém em particular. — É uma pena que esses seus amigos tenham sido tão transparentes em seu desejo de violência. Eles adoram *slogans* como “recarregar” e regar a árvore da liberdade com o sangue dos tiranos. Eles usam camisetas que apoiam a ideia de “transformar políticos em alvos”, e Noah, não vamos nos esquecer do desafortunado incidente em que você se meteu naquele bar no centro da cidade. Essas pessoas jamais quiseram dar uma chance à paz — e agora elas mostraram até que ponto estão dispostas a ir para divulgar sua mensagem. — Ele estava sorrindo, claramente desfrutando um instante de satisfação sádica.

— Felizmente, já há rumores de que vão suspender a eleição presidencial. Qualquer um dos dois candidatos teria sido igualmente útil, mas isso vai ter uma dose poderosa de simbolismo. Nos próximos dias muitas alterações na legislação serão aprovadas às pressas com pouco ou nenhum debate, e servirão para massacrar o que tiver restado do lamentável movimento liderado por aquela tal Ross. E, naturalmente, vai haver uma operação de limpeza geral para pegar todo mundo que tiver qualquer relação com esses revolucionários retrógrados, com pleno apoio da mídia e do povo acovardado.

— Saul Alinsky estava certo, Noah — os fins justificam mesmo os meios. Não consigo imaginar como uma pessoa pode acreditar em outra coisa. O que você acha que as massas prefeririam se soubessem o que eu sei — que elas têm apenas duas opções: uma transformação rápida, ainda que dolorosa, ou mais um século de lento progresso e sofrimento que levam ao mesmo fim inevitável, só que desta vez com toda a riqueza e o potencial do país roubado deles antes mesmo do início da decadência.

— E mesmo assim esse bando de intrometidos ignorantes egoístas — eles têm a audácia de se rotularem patriotas — fica atravancando o caminho do destino. O que você acha que eles conseguiram? Quantas vidas eles salvaram hoje? Umas 30 mil? Todo santo dia, ao redor do planeta, morre um número de pessoas cinco vezes maior. E essa gente morre na obscuridade, ao final de uma existência inútil, desaparece feito poeira, como se nunca tivesse existido. Mas essas 30 mil teriam morrido por uma causa maior do que qualquer outra, seus nomes seriam gravados em monumentos do novo mundo, em memoriais de granito anunciando o novo início da humanidade. Um único mundo, regido pelos sábios, os mais aptos e os mais fortes, sem ilusões ingênuas de igualdade ou as excessivas e batidas promessas de uma liberdade para todos.

— Quantas vezes precisamos aprender as mesmas lições? Deixe que os comilões inúteis saiam à procura da felicidade, e o resultado é sempre massacre e caos, pobreza e desespero. O que seus novos amigos não conseguem ver é que este país foi nada mais que uma breve anomalia, um mero instante passageiro na marcha do tempo. As pessoas sempre se perguntam como pode ter existido a escravidão, mas isso só mostra a sua ignorância. A escravidão e a tirania vêm sendo as regras há milhares de anos. A liberdade é a efêmera exceção.

— Os Estados Unidos jamais deveriam ter sobrevivido por tanto tempo assim, mas todas as coisas boas chegam ao fim. O sistema está danificado de maneira irreversível. Hoje em dia concorrer à Presidência custa 1 bilhão de dólares. Abraham Lincoln não teria conseguido passar das eleições primárias de Iowa. Quando os ocasionais visionários chegam ao poder, o exercício da corrupção começa imediatamente. A maioria dos políticos não passa de prostitutas e marionetes, e é isso que sempre serão. A tara que eles sentem por dinheiro, sexo e poder faz deles pessoas controláveis, mas elas me enojam. Quando servirem a seu propósito, elas saberão o que é o verdadeiro poder, juntamente com todo mundo.

— Nossa única chance de tomar conta do mundo é mexer os pauzinhos e controlar quem dá as cartas. Presidentes, senadores, governadores — essa gente toda vai e vem, mas eu e meus pares sempre estivemos e sempre estaremos lá, nós os criamos e os destruímos. Os verdadeiros poderes duradouros deste mundo são mais antigos do que qualquer governo, e já passou da hora de darmos um basta a sonhos vazios de liberdade. Agora nós estamos tomando as rédeas abertamente. Agora daremos ao povo o governo que ele fez por merecer. Ninguém conhece as pessoas melhor do que eu, e eu sei do que elas precisam. Daremos a elas um sentido, um propósito, uma vida pacífica, simples, regrada, com todos os confortos justos a serviço de algo maior do que a uma nação egoísta.

O velho ficou em pé, caminhou até a porta, bateu três vezes na madeira e depois voltou e sentou-se novamente. Após alguns segundos, outras pessoas entraram na sala, um grupo de profissionais diferentes dos que Noah tinha visto antes.

— A sua mãe — disse Arthur Gardner — significou muito para mim. Eu vi nela minhas últimas esperanças de humanidade. Ela tinha as fraquezas dela, mas agora, olhando para trás, quando penso nisso acho que essas fraquezas podem ter sido justamente o que me atraiu nela. Para começar, ela acreditava nas pessoas, que o bem podia sobrepujar o mal. Pelo breve período em que fiquei com ela, um pouco dessas fraquezas me contaminaram. Tivemos um filho juntos, embora eu tenha jurado que jamais poria outro ser humano no mundo. Mas ela incutiu no filho todos os sonhos inocentes que ela alimentava.

— Agonizando no leito de morte, a sua mãe me disse que eu podia esperar de você coisas maravilhosas, Noah. Eu me aferrei a essa esperança. Mas, ao longo da última hora, ali em pé do lado de fora desta sala, eu tive de me perguntar se este era o fim das minhas ambições para você.

— Suas ambições... para mim?

— Acredite ou não, meu garoto, não viverei para sempre. Há muito a fazer antes da minha morte. O resultado da obra da minha vida ainda é bastante incerto, e preciso de ajuda para fazer tudo o que eu tenho a fazer. Preciso da sua ajuda.

— Meu desejo era que você um dia estivesse ao meu lado quando eu engendrasse meu novo mundo. Você tem muitos talentos, mas esses dons ficaram adormecidos por conta de um truque de hereditariedade. Eu sei que você

padeceu desse conflito, e que, às vezes, deve ter sido muito doloroso. Você tem a mente do seu pai, mas o coração da sua mãe. Um não permite que o outro aflore.

— Mas parece que nos últimos dias você foi exposto a uma doença que afetou seu pensamento. Eu conheço bem essa infecção, e, assim que ela toma conta de uma pessoa, receio que seja incurável. Em outras palavras, ela vai acompanhar você pelo resto da vida. Portanto, antes que você possa me ajudar, Noah, antes que eu possa confiar em você, devemos ter certeza de que essa mulher e seus amigos não te passaram uma doença que eu não posso permitir que se espalhe.

Os técnicos já tinham iniciado seus preparativos. Agora alguns pesados cabos de cobre e eletrodos estavam presos por pedaços de fita adesiva branca a vários pontos do corpo de Noah. Um pouco de gel condutor foi aplicado em suas têmporas.

— Estou aqui para te salvar, Noah — disse Arthur Gardner —, de um jeito ou de outro, e para preservar meu legado. Um dos dois jovens sairá desta sala comigo. O primeiro caiu refém nas mãos da tal Ross e sua milícia terrorista, mas conseguiu escapar e depois arriscou corajosamente sua vida na estrada ao impedir que um grupo de policiais e agentes federais morresse naquela terrível explosão do deserto. Esse homem é um herói, e dará continuidade à minha obra e será meus olhos e ouvidos enquanto executamos nosso plano.

— O outro homem se envolveu em uma história similar, com uma triste diferença: está morto.

Arthur Gardner meneou a cabeça para um dos técnicos sentados.

— E agora vamos descobrir juntos, de uma vez por todas, se Noah Gardner é realmente o filho do seu pai.

capítulo 47

Eles amarraram de novo as correias, de modo que Noah ainda continuasse preso, mas com uma chance menor de se machucar durante o procedimento. Ele foi instruído a morder um pedaço de borracha colocado entre seus dentes.

O que os técnicos fizeram a seguir tinham aprendido graças a décadas de tentativa e erro e milhares de prisioneiros que tinham trilhado aquela estrada antes de Noah. Mesmo em um ambiente clínico, a terapia eletroconvulsiva era mais uma arte do que uma ciência; os resultados jamais eram plenamente conhecidos até que o procedimento tivesse terminado. Os objetivos eram diferentes aqui, mas seu principal propósito era claro: destruir qualquer desejo remanescente no paciente de resistir ou escapar, de modo que a verdade fosse a única coisa que ele seria capaz de falar.

Por um longo tempo seu pai permaneceu sentado em silêncio ao lado da mesa de metal, enquanto os técnicos administravam a voltagem com a precisão de um ourives. Noah ouvia os gritos, e sabia que eram dele, mas uma pequena parte de seu cérebro estava tão separada dele que simplesmente observava o sofrimento.

Sua mente, outrora seu bem mais utilizado e mais valioso, já não estava mais sob seu controle. Ele não conseguia se concentrar nem nos técnicos nem na dor, e já tinha desistido de saber quanto tempo a agonia ainda duraria. Tudo que restava era uma série de instantâneos aleatórios do passado piscando à revelia em sua mente.

Todas as defesas de Noah o tinham abandonado horas antes. Nesse estado, se ele tivesse alguma informação a revelar, já o teria feito de bom grado, mas agora estavam sondando algo muito mais profundo do que a mera inteligência. Toda vez que ele achava que não restava mais nada, encontravam outra camada frágil da alma a ser arrancada. No fim, quando tudo o que ele conseguia ver era

somente a escuridão, o que havia restado dele entregou os pontos e tentou se render.

Como se percebesse que o procedimento estava chegando ao fim, o velho se levantou do frágil banco de madeira e ficou em pé diante do filho. — Ora, ora, Noah, acho que nós dois estamos descobrindo que tipo de homem é você, e devo dizer que é bastante decepcionante. — Ele passou os olhos por um maço de folhas de papel que um dos técnicos lhe entregara. — "Inconclusivo". Tenho certeza de que você sabe, eis aqui uma palavra que eu odeio mais do qualquer outra. E ela não põe um triste ponto final na história de uma vida muito jovem, despropositada e esquecível?

— Ao mesmo tempo em que você não nos forneceu nada que comprove seu envolvimento na traição ocorrida nos últimos dias, você tampouco diz nada que o isente. Se você fosse um fiel seguidor do movimento ou um traidor da causa, qualquer um dos dois, eu pelo menos poderia ter respeitado. Mas você é fraco, não é? E de uma maneira fatal.

Os olhos de Noah não estavam totalmente abertos, e sua visão agora estava aquosa e embaçada. Seu pai parecia uma silhueta gigante, uma sombra vaga e indistinta. Fragmentos de memória invadiam sua mente, um vislumbre da sala em que ele tinha visto Molly pela primeira vez, mas a imagem dela era substituída pelo contorno de sete leves pinceladas de uma caneta hidrográfica.

As linhas que outrora representavam as requintadas formas de Molly se dissolveram até formar uma poça de escuridão e dor.

— Noah, a última vez que falei sobre isso você ainda era só um menino, então duvido de que vá se lembrar. — Seu pai tinha retomado sua posição ao lado da mesa. — É um poema que escrevi para você, em resposta a alguma pergunta que você tinha feito. Acho que é adequado à nossa situação presente.

Quando voltou a falar, a voz do velho tinha um tom mais suave e paternal.

— "Existem homens fortes e fracos / Existem homens certos e outros que estão errados em seu saber / Mas de todos os homens que se amontoam pelo mundo / Existe somente uma única verdade: só os mais aptos vão sobreviver."

— Noah, os mansos e submissos não herdarão a Terra. Um coração frouxo vale o mesmo que uma mente débil. Me dói dizer isto, mas acho que é hora de seguirmos caminhos separados.

E foi então que Noah sentiu algo debaixo de seu corpo, atrás de si e por toda parte — algo fora dele, e que ele não conseguia identificar.

A mente do seu pai, o coração da sua mãe. O que ele tinha recebido do pai era tudo o que aqueles homens ao seu redor podiam destruir, mas seu coração eles não tinham meios de atingir. Seu coração era herança de sua mãe, e, embora a força nele contida estivesse há tantos anos abandonada e esquecida, parecia que, de alguma forma, Molly Ross tinha conseguido despertá-la.

A ideia de morrer não era nem um pouco assustadora como ele achava que seria. Mas, em algum lugar de seu íntimo, ele sabia também que não era daquela maneira que as coisas deveriam terminar. Molly tinha ensinado a ele a importância de viver para lutar outro dia. Ela não tinha sido capturada, nem assassinada. Um espírito como o dela não morre assim tão facilmente. Ele não tinha à disposição nenhum fato que comprovasse isso, mas ele sabia. Talvez fosse isso a fé da qual ela tinha falado.

O velho se afastou com determinação estoica e pegou seu paletó, que estava cuidadosamente dobrado no espaldar da cadeira, e ordenou:

— Terminem o trabalho e depois inventem uma história para assegurar que o meu filho seja lembrado de maneira que traga dignidade e honra à nossa família.

Havia uma saída para aquela situação, mas Noah não sabia qual era até ouvir a resposta sussurrada em seu ouvido, como se Molly estivesse ali ao seu lado. A luta continuaria, ela disse, com ela do lado de fora e ele do lado de dentro, onde ela mesma já mostrara que era possível fazer grandes estragos. E por fim acrescentou uma última coisa: “Não tenha medo.”

Quando o velho se virou para ir embora, Noah tentou pronunciar as palavras que ela lhe dissera, mas sua boca e seus lábios estavam tão secos que suas palavras saíram quase inaudíveis. — “Que o futuro será como foi o nascimento do Homem” — ele murmurou.

Ele nem sequer sabia se estava dizendo as palavras em voz alta ou recitando-as apenas em sua mente. — “Há apenas quatro certezas desde que começou o Progresso Social.” A mão do pai estava na maçaneta da porta quando subitamente ele estacou e olhou para trás.

— O que você disse? — o velho perguntou.

Noah continuou, e sua voz foi ficando mais forte. — “Que o Cão retorna ao seu Vômito e a Porca ao seu Lodo.” — Agora o pai tinha dado alguns passos na direção de Noah. — “E que o dedo queimado do Tolo retorna, trêmulo, ao Fogo.”

O rosto em geral impassível de Arthur Gardner, tão acostumado a negar as emoções, não podia conter sua surpresa. Ele retomou seu lugar junto à mesa e fez um gesto enxotando da sala as outras pessoas.

O velho se inclinou sobre Noah e apertou a mão do filho. Noah esboçou o melhor sorriso que conseguiu estampar no rosto e deixou o pai acreditar no que estava vendo.

— Eu sabia — o velho disse — que estava aí dentro em algum lugar. Tivemos de extirpar todas as bobagens, mas aí está, no âmago do seu ser: a essência do que ensinei a você. Eu sabia que você não podia ter esquecido, embora deva admitir que você me deixou preocupado.

Noah olhou diretamente para os olhos agudos e penetrantes do pai e assentiu com a cabeça.

— Essas pessoas com quem você se envolveu — continuou o velho —, elas acreditam que podemos ter um futuro mais brilhante ressuscitando ideias fracassadas do passado. Elas estão erradas, e as ideias delas levariam milhões de pessoas à miséria e ao sofrimento. A resposta é um novo sonho, o meu sonho, e juntos podemos transformá-lo em realidade.

Nesse momento Noah percebeu outra coisa, outra coisa que Molly tinha ensinado. Quem ganha a vida mentindo, às vezes, não consegue enxergar a verdade nem mesmo se ela estiver bem na sua frente. Essa é uma fraqueza que pode ser explorada.

Para Arthur Gardner era uma questão de orgulho que seu herdeiro estivesse envolvido na transformação que estava por vir. Seu filho, então, faria o melhor que pudesse para provar o adágio de que o orgulho precede a queda.

O velho sorriu. A provação tinha chegado ao fim, e, embora ele claramente julgasse que tinha ganhado o dia, o que Arthur Gardner não tinha como saber era que as linhas da batalha tinham acabado de ser traçadas.

Noah sentiu que ia desfalecer, e falou de novo, mas sua voz era pouco mais que um sussurro. As palavras que ele disse eram destinadas a ouvidos diferentes,

e, onde quer que Molly estivesse, ele sabia que certamente ela podia ouvi-las:

— “Temos o poder de começar o mundo de novo”.

epílogo

Um mês tinha se passado desde que Noah chegara a seu novo lar. Os dias naquele lugar tinham começado a se embaralhar e se confundir uns com os outros. Então ele havia recorrido ao expediente de anotar cada amanhecer com uma marca em algum dos tijolos da parede junto a sua cama. Embora houvesse calendários à disposição dos internos de *status* razoável, essas inscrições pareciam um modo mais adequado para manter o cálculo e o controle do tempo passado ali dentro.

Com um toco de lápis que pegou no criado-mudo ele inscreveu outro X no fim da última linha, e depois começou outra fileira ao lado da primeira, antecipando o mês vindouro.

Noah estava habituado à atmosfera de um dormitório, embora em seus tempos de faculdade jamais tivesse tido de viver em um. Era o estilo de acomodação com que aquele lugar mais se parecia. Um quarto de dormir simples, com uma escrivaninha e um banheiro em comum, pouco maior que um claustro, mas consideravelmente menor do que um apartamento de verdade. Algum arquiteto preocupado com a eficiência tinha incluído no desenho do lugar um verniz de aconchego suficiente apenas para que o espaço fosse visto pelos residentes como uma casa modesta, e não um lugar de confinamento.

Dois andares abaixo, o lugar era mais parecido com um quartel, e os níveis inferiores eram de acesso restrito.

Um homem caminhava pelo corredor, olhando de relance pela janelinha da porta. Não era um guarda, de acordo com o que tinham dito a Noah na orientação, mas sim uma espécie de monitor do andar; um administrador e vigia bondoso, que ali estava em nome de segurança e proteção.

E não se tratava de uma prisão, absolutamente não, pelo menos era o que tinha sido enfatizado pelo comitê de boas-vindas. O complexo e os edifícios dos seus arredores podiam até ter sido originalmente construídos como uma prisão,

mas nos últimos anos os cortes de custos e as mudanças políticas tinham deixado o lugar abandonado. Funcionários locais da pequena cidade de Montana tinham ficado felizes de saber que os seus pesados investimentos finalmente tinham uso, gerando empregos para os moradores das redondezas e ajudando o país a lidar com o recém-declarado estado de emergência.

O velho tinha providenciado a retirada do filho dali, bem como um emprego. Assim que estivesse curado, Noah se tornaria uma peça chave na impetuosa estratégia de relações públicas por trás dos novos rumos do país que surgiria. Noah retornaria imediatamente a Nova York — seria uma espécie de correspondente de campo, ajudando a gerenciar o fluxo de informações na luta contra as forças nativas que recentemente haviam declarado guerra aberta ao progresso norte-americano.

A bem da verdade, as acomodações originais de Noah tinham sido bem mais agradáveis; uma suíte privativa em um dos andares superiores — mas o desempenho insatisfatório em sua primeira tarefa tinha resultado em um rebaixamento da qualidade de seus alojamentos.

A missão fracassada tinha sido muito simples e objetiva. Ele devia escrever um artigo de jornal esboçando em detalhes o funcionamento de uma recente conspiração arquitetada por norte-americanos que quase levara à destruição de Las Vegas e São Francisco. A história deveria ser contada de seu próprio ponto de vista, o de um refém transformado involuntariamente em colaborador dos conspiradores.

A primeira versão foi prontamente rejeitada; havia no texto nuances e sugestões que sugeriam nas entrelinhas algumas tintas que pareciam pintar um retrato positivo dos líderes da FoundersKeepers. A segunda tentativa não tinha sido nada melhor; pelo contrário. O fato mais estranho é que, embora Noah, movido pelo instinto de autopreservação, tentasse com afinco escrever o que eles queriam, as teimosas verdades insistiam em abrir caminho e se insinuar no texto.

Depois de uma investigação informal, essa primeira falha foi atribuída aos efeitos da Síndrome de Estocolmo, aquela condição mental passageira por meio da qual vítimas de sequestro, às vezes, passam a se identificar e a desenvolver uma estranha simpatia para com seu captor ou com a causa de seu sequestrador. Pelo menos momentaneamente determinou-se que, até melhorar, Noah seria incumbido de tarefas menos exigentes e contaria com o auxílio de um editor adicional para supervisionar seu trabalho.

E não havia falta do que fazer, fossem tarefas simples, fossem tarefas grandiosas. Era preciso aplicar uma boa dose de invencionice e manipulação de marqueteiros às mudanças já em curso por todo o país. Noah ficou encarregado de escrever uma série de textos, em sua maioria frases de efeito, manchetes de uma só linha e "encheções de linguiça" que exigiam menos envolvimento com a rede de novas verdades que estavam sendo tramadas para o consumo da imprensa e do público. Uma dessas tarefas consistia simplesmente em criar um nome para um novo departamento do Tesouro Nacional, ao qual caberia a missão de gerenciar a nova onda de empréstimos governamentais para salvar corporações e setores econômicos deficitários.

Noah levou poucos segundos para criar o nome do novo órgão, que chamou de Federal Resource Allocation & Underwriting Division (Divisão Federal de Subscrição e Alocação de Recursos). Somente depois que uma tonelada de papel timbrado e cartões de visita já havia sido impressa, um revisor notou o problema: em inglês, o nome formava o acrônimo Fraud, ou seja, "fraude".

Noah se justificou alegando que tinha sido um acidente; eles acreditaram, mas, por via das dúvidas, também o transferiram para um andar mais seguro do edifício, apenas como medida de precaução temporária.

"Depois que se sabe a verdade, tem de viver a verdade", Molly tinha dito. Aparentemente ela tinha se esquecido de acrescentar que a pessoa que sabe a verdade também tende a dizer a verdade, mesmo que isso a ponha em maus lençóis.

Noah ajeitou os travesseiros e deitou-se na cama estreita, não com a intenção de dormir, mas apenas de descansar os olhos e tentar desanuviar a cabeça.

Mil coisas diferentes passavam por sua cabeça. Era uma condição a que seu pai se referia como tempestade tópica, estado em que tantos pensamentos contraditórios travam uma batalha dentro do cérebro que a pessoa perde a capacidade de discernir e agir. Esse estado era constantemente induzido por especialistas em relações públicas para obscurecer e controlar questões no discurso público, para manter as pessoas pensantes deprimidas e apáticas nos dias de eleição e para desencorajar qualquer um que se sentisse tentado a tomar posição firme acerca de alguma questão complexa.

Eles tinham dado a Noah um rádio e um pequeno televisor, mas ele sabia que isso não o ajudaria a esclarecer coisa alguma. Pelo contrário, o Sistema de

Alerta de Emergência tinha sido acionado logo após o malogrado ataque, e, embora algumas estações de rádio e redes de televisão tivessem voltado à ativa, as notícias ainda eram muito parecidas, com as marcas típicas de uma cobertura única e exclusiva. Embora não tivesse ocorrido nenhum desastre, os jornalistas escolhidos estavam trabalhando 24 horas por dia e sete dias por semana para mascarar os estragos que podiam ter acontecido, e os que ainda poderiam vir a acontecer. Medo, incerteza e dúvida — as três armas mais eficazes do arsenal de Arthur Gardner — estavam mantendo o país em estado de intranquilidade, tensão e fraqueza, a situação do próprio Noah.

O que uma pessoa pode fazer? Essa era a pergunta retórica e passiva que mantinha as pessoas em silêncio e impotentes diante das coisas que parecem grandes e assustadoras demais para serem dominadas. Era também a pergunta que ecoava na mente de Noah. Agora eu vejo a verdade, e, sim, quero viver, mas o que posso fazer?

Pensando na pergunta, ele decidiu dormir, pois até então não tinha conseguido chegar a uma boa resposta.

Assim que o banheiro ficou desocupado, Noah escovou os dentes e se lavou; deixou a pia e o armarinho bem mais limpos do que havia encontrado, vestiu o pijama e se deitou. Rolou de lado e viu os riscos que ele desenhara na parede à guisa de calendário improvisado, com uma segunda fieira de riscas ao lado.

Onde ele estaria dali a um mês?

A resposta a essa pergunta parecia deprimentemente clara. Mas e onde Molly poderia estar? Fazer a si mesmo essa pergunta tinha se tornado um ritual de todas as noites, no fim de cada um daqueles dias lúgubres, e ela ainda ressoava na mente de Noah quando, minutos depois, ele caiu no sono.

Não houve transição entre a vigília e o início de seu sonho, que de tão repetido agora já era familiar.

Noah abriu os olhos e olhou ao redor. Ele estava na pequena e aconchegante sala de um chalezinho rústico. Viu-se cercado de móveis simples, colchas feitas à mão e prateleiras abarrotadas de presentes e fotografias. Diferentemente dos objetos impessoais e produzidos em massa do mundo que ele tinha deixado para trás, as coisas ali tinham sido construídas, tecidas, esculpidas e aperfeiçoadas por mãos hábeis e amorosas, coisas feitas ou dadas por amigos e parentes, com a

intenção de terem significado, durarem e serem passadas de geração em geração.

Lá fora, do outro lado das amplas janelas, a neve caía em grandes flocos alvoroçados, em uma idílica cena de mata emoldurada em cortinas plissadas e pinheiros nodosos. Ele estava sentado defronte a uma lareira de pedra, onde um par de botas estava posto para secar, com espaço para outro par, este de botas menores, ao seu lado. O fogo baixo crepitava; sobre os carvões havia uma assadeira preta, e o cheiro de alguma comida magnífica cozinhando. Sobre a mesa do jantar estavam dispostos dois pratos e um jogo de talheres.

Uma noite simples. Embora pudesse parecer idêntica às mil outras noites que ele tinha passado com ela, ele sabia também que seria diferente de todas, de antes ou depois. Era sempre assim; estando com Molly, falando com ela, ouvindo-a, desfrutando do silêncio ao lado dela, sentindo-a perto dele, pensando no futuro com ela. Todas as noites eram perfeitas; e toda manhã tinha o sabor do primeiro dia de uma empolgante vida juntos.

Como Molly tinha dito, uma existência tão simples certamente não era para todo mundo. Mas a liberdade de escolher a própria felicidade era direito de todos. — Era sobre esse alicerce que o país dela havia sido fundado, e era em nome disso que ela estava lutando.

Noah ouviu um ruído na entrada e se virou para dar-lhe as boas-vindas.

Mas, quando ele olhou, viu que estava em um ambiente diferente. Piscou inúmeras vezes, mas a realidade em que ele tinha despertado não desaparecia com tanta facilidade. O homem que patrulhava o corredor estava olhando pela janela, chamando Noah até a porta.

Noah suspirou, levantou-se e girou a chave na fechadura. Era apenas uma formalidade, é claro; o sujeito do lado de fora tinha sua própria chave.

Depois da habitual troca de gracejos e gentilezas, o homem do corredor ofereceu a Noah uma bandeja do carrinho a seu lado.

— Parece que te acordei. Peço desculpas.

— Tudo bem, sem problemas. O que tem para o jantar? — quis saber Noah.

O homem ergueu a tampa redonda de inox da bandeja e respondeu:

— Acho que hoje é quinta-feira.

— Ah, meu favorito.

O homem já tinha quase voltado para o carrinho, mas parou e chegou mais perto de Noah.

— Olha só, eu vejo você aqui todo dia, mas ainda não fomos devidamente apresentados.

Noah pousou sua bandeja sobre a mesinha do lado de dentro do quarto.

— Meu nome é Noah Gardner.

O homem assentiu com a cabeça, e, antes de responder em voz baixa, olhou de relance para o corredor, primeiro para a esquerda e depois para a direita.

— Meus amigos me chamam de Nathan. Tenho uma mensagem para você. Você se incomoda se eu entrar um pouco?

— Imagina, entre.

Noah deu passagem, fechou a porta assim que o homem passou para dentro do quarto. Viu o homem desplugar o televisor e passar os dedos pela borda da mesa, como se estivesse procurando alguma coisa escondida. Depois, ligou o rádio e aumentou o volume até julgar que era uma quantidade de ruído suficiente para abafar a conversa.

— O que é isto? — tentou perguntar Noah, e, antes que pudesse terminar a frase, se viu imprensado contra a parede por um braço que apertava com força a sua garganta; o rosto do homem estava colado ao dele.

— Quer saber o que é isto? — Nathan disse, com voz sibilante. — Isto aqui é um alerta. Você está em uma posição valiosa, meu amigo, e precisamos que você acorde e comece a fazer o trabalho que tem de ser feito. — Ele apertou com mais força a garganta de Noah e continuou. — Escute com atenção. Amanhã, no seu trabalho, pouco antes de encerrar o dia, faça o *login* no seu computador, mas não faça o *logoff*, não encerre a seção. Aqui tem uma chave. — Noah sentiu algo sólido sendo enfiado em seu bolso. — Você vai deixar isto aqui debaixo do *mousepad* sobre a mesa, dois lugares à esquerda do seu. Entendeu tudo direitinho?

Noah fez que sim com a cabeça, o melhor que pôde.

— Espero que tenha mesmo entendido — disse Nathan. Ele recuou um passo, sorriu e desamarrotou suas roupas, como se os dois tivessem acabado de se desvencilhar de uma brincadeira de “briguinha voluntária”. — Vou citar as

palavras de um grande amigo meu — ele acrescentou, a caminho da porta. — Já que de qualquer jeito vão chamar isso de traição, vamos tirar o máximo de proveito.

— Espere aí — pediu Noah.

— Saboreie seu jantar. O bolo de carne não está lá grande coisa, mas acho que você vai gostar da sobremesa.

Depois de dizer isso, Nathan saiu do quarto e retomou sua caminhada pelo corredor, empurrando seu carrinho de refeições.

Noah fechou a porta e encarou a bandeja com pratos cobertos na mesinha à sua frente. Ele foi direto ao prato menor, levantou a tampa e dentro encontrou exatamente o que estava procurando: uma torta de pêssego, ainda morna com calda escorrendo. Pegou a faca, cortou o miolo e sentiu ter atingido algo sólido.

Ele extraiu o objeto do miolo pegajoso, levou-o até a pia do banheiro, trancou a porta e segurou-o debaixo da torneira até que a água gelada se encarregasse de deixá-lo limpo.

Era o bracelete de prata de Molly.

Ele segurou a joia perto dos olhos; talvez as palavras ali gravadas estivessem agora mais gastas do que antes, mas ele teria se lembrado delas mesmo se tivessem desaparecido completamente.

Ela estava viva. Noah podia até estar esperando outro tipo de mensagem, alguma orientação, mas aquela era melhor. Não era apenas um plano, porque um plano pode ser derrotado. Aquilo era um alicerce, uma base, uma fundação.

Quando voltou para o quarto, ele se lembrou da chave que tinha acabado de receber e tirou-a do bolso. Estava embrulhada em papel, e, quando Noah desfez o embrulho, viu as palavras simples ali escritas, na letra tão familiar de Molly.

“Nós estamos em toda parte. Fique conosco. Vejo você em breve. A luta começa amanhã.”

posfácio

“Crê nos que buscam a verdade. Duvida dos que a encontraram.”

— André Gide

Este livro se chama A Janela de Overton por um bom motivo, e não é apenas porque se trata de uma das técnicas que Arthur Gardner usa para atingir seus objetivos. Escolhemos este título porque é também uma técnica que, até certo ponto, acabamos de usar em você, leitor. (A principal diferença é que estou revelando o estratagema e contando abertamente o que estou fazendo: não tenho nenhum plano secreto nem intenções ocultas.) Tenho a esperança de que, enquanto você lê e reflete sobre a história, também dedique algum tempo para ponderar sobre algumas coisas nas quais talvez não tenha pensado antes.

Lembre-se, o conceito da Janela de Overton é que apenas os poucos cenários e situações atualmente estabelecidos dentro do escopo de uma janela de debate aceitável serão levados a sério pela opinião pública. Para mover a Janela de Overton na direção de seu objetivo final, as pessoas que mexem os pauzinhos e desejam pôr em prática seus interesses e segundas intenções precisam introduzir ideias radicais que ficam fora da zona de conforto. Normalmente essas ideias extremistas seriam rejeitadas e descartadas, mas a Janela será sutilmente deslocada na direção pretendida. Isso permite que ideias outrora tidas como impensáveis sejam introduzidas e, por fim, encaradas como soluções.

Aplicando esse conceito à nossa história, é óbvio que nos propusemos a criar um enredo calcado na realidade, e depois levado a um extremo absoluto. É um dos potenciais intrigantes desse tipo de ficção: quando sua mente suspende a descrença, ela pode também ficar mais disposta a aceitar um espectro mais amplo de resultados possíveis para os eventos e ideias que estão se desenrolando ao nosso redor todo dia.

Por exemplo, pilotos de caça usam simuladores de voo para treinar e se

preparar para combates reais. Em um ambiente seguro, esses simuladores obrigam os pilotos a atentar para uma confluência de eventos que em outra situação pareceriam ridículos, tais como falha simultânea dos dois motores enquanto a aeronave é alvejada e ao mesmo tempo precisa aterrissar em um porta-aviões no mar revolto. É extremo, mas funciona. Muitos pilotos que participaram de horripilantes missões em zonas de guerra voltaram de lá dizendo que a experiência não tinha sido nem a metade do que eles já haviam encarado em simuladores.

Este livro é seu simulador. É improvável que tenhamos de enfrentar coisas minimamente parecidas com os perigos contra os quais Molly e Noah estão lutando. Contudo, depois de ter conhecido a conjuntura dos protagonistas nesse ambiente ficcional, talvez fique um pouco mais fácil ter conversas mais profundas sobre as importantes forças que desempenham papel crucial no mundo atual.

Já no começo eu avisei que, embora tenha usado uma boa dose de licença poética para fins dramáticos, a história está salpicada de verdade. Mas fatos podem ser facilmente manipulados, e por essa razão estamos incluindo esta seção. Quero que você decida por si mesmo exatamente o que é fato, o que é baseado em fatos, o que não passa de crença possivelmente baseada em fatos distorcidos e o que é pura ficção. E não pare nas minhas fontes. Encontre as suas próprias. Assim você vai poder determinar em que posição sua Janela de Overton deve ficar enquanto continuamos o debate sobre o tipo de América do Norte em que queremos viver.

E, lembre-se, esta lista é apenas um ponto de partida. Se algum trecho do livro deixou você intrigado mas não está mencionado especificamente aqui, digite algumas palavras-chave no seu mecanismo de busca favorito (tente, por exemplo, “KFC Segurança da ONU”, do Capítulo 17...). Talvez você fique surpreso ao ver onde a sua busca poderá levá-lo...

— gb

No Prólogo, Eli Churchill menciona para a mãe de Molly (você percebeu com quem ele estava falando?) que, no fim do verão de 2001, Donald Rumsfeld anunciou que o governo dos EUA desconhecia o paradeiro de 2,3 trilhões de dólares. Isso de fato aconteceu, e a data é 10 de setembro de 2001. Um dia depois, o dinheiro sumido (embora fossem trilhões) já não parecia mais ser uma coisa tão importante.

Rumsfeld anuncia desfalque de 2,3 trilhões de dólares em 10 de setembro de 2001: “Defense Department cannot account for 25% of funds — $2.3 trillion” (“Departamento de Defesa não sabe do paradeiro de 25% dos fundos — 2,3 trilhões de dólares”), *CBS News*, 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2002/01/29/eveningnews/ main325985.shtml>

Veja também: vídeo do programa *CBS News*, Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3kpWq

Uma pequena nota: se ao ver esta cena, você ficou se perguntando o que uma cabine telefônica estaria fazendo no deserto, no meio do nada, saiba que se trata de um lugar muito interessante que existiu até recentemente. Para saber mais, procure no Google “cabine telefônica Mojave”.

No Capítulo 3 somos apresentados a um memorando do governo delineando a “Crescente ameaça do terrorismo doméstico”. Obviamente esse documento teve como modelo o memorando efetivamente divulgado pelo Missouri Information Analysis Center (MIAC, Centro de Análise de Informações do Missouri), que causou furor por conta de suas excessivas generalizações sobre quem poderia ser membro de milícias perigosas.

Memorando do governo: “The modern militia movement” (“O moderno movimento de milícias”), Missouri Information Analysis Center (MIAC, Centro de Análise de Informações do Missouri), publicado em fevereiro de 2009: Disponível em: <"http://www.scribd.com/doc/13290698/The-Modern-Militia-Movement-Missouri-MIAC-Strategic-Report-20Feb09-">

No interior do nosso memorando ficcional há uma referência a um programa do governo chamado “REX-84”. De acordo com relatórios publicados à época, esse programa envolvia ações de emergência que seriam implantadas no evento de uma crise nacional. Em 1986, a agência de notícias *Associated Press* divulgou a existência de uma diretiva da FEMA que descrevia um exercício REX-84 preparando a detenção de mais de 400 mil refugiados da América Central em dez centros militares militar espalhados pelo país.

Uma matéria publicada no jornal *Miami Herald* também tratava do REX-84, desta vez relatando que Oliver North tinha trabalhado em conjunto com a FEMA para desenvolver um plano de contingência caso os EUA enfrentassem uma crise grave, como uma guerra ou insurreição. Esse plano previa ações tais como “a suspensão da Constituição, a entrega do comando dos EUA para a FEMA, a nomeação de comandantes militares para assumir os governos estaduais e locais e a decretação da lei marcial”.

Em um “memorando da FEMA severamente censurado” obtido pelo Herald, o exercício REX-84 foi descrito como uma manobra que exigia a “ativação de ‘legislação de emergência, tomada de poderes, etc’”. “Uma fonte

familiarizada com os exercícios afirmou que North sabia das simulações e colaborou com a FEMA e o Pentágono em sua elaboração.” Enquanto as simulações estavam em curso, o Pentágono realizou o primeiro de uma série de exercícios militares de larga escala em Honduras, mobilizando milhares de soldados junto às bases dos Contras.

“Uma porta-voz do Pentágono, a capitã Nancy LaLuntas, recusou-se a comentar planos de contingência ou detalhes dos exercícios da FEMA-Pentágono, alegando ‘razões de segurança’. Contudo, ela confirmou que os exercícios, de codinome Rex-84 Alpha e Night Train (Trem Noturno) 84, ocorreram entre 5 e 13 de abril. Bill McAda, o porta-voz da FEMA, também confirmou as simulações e, como LaLuntas, recusou-se a dar detalhes.”

Hoje em dia o termo “Rex-84” faz parte do jargão cotidiano dos teóricos da conspiração, e por uma boa razão. Não existem evidências que sugiram que os exercícios tenham resultado em outra coisa além de constrangimento para o governo. Por outro lado, dada a reação do nosso governo à catástrofe no passado (isto é, a internação forçada de mais de 100 mil nipo-americanos em 1942), não é preciso ser um teórico da conspiração para entender que todos nós precisamos ser vigilantes a fim de garantir que o único documento que sirva de referência em caso de crise seja a Constituição.

Rex-84: “Associated Press: Administration denies existence of detention camps for illegal aliens” (“Associated Press: Governo nega existência de campos de detenção para estrangeiros ilegais”), 16 de dezembro de 1986. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?id=ueAlAAAAIBAJ&s id=UPwFAAAAIBAj&dq=rex-84&pg=6740%2C4955414>

Veja também: Alfonso Chardy, “Reagan advisers ran ‘secret’ government” (“Conselheiros de Reagan administram governo ‘secreto’”), *Miami Herald*, 5 de julho de 1987.

Veja também: Alfonso Chardy, “North helped revise wartime plans” (“North ajudou a revisar planos de guerra”), *Miami Herald*, 19 de julho de 1987.

Para ilustrar até que ponto a percepção e o comportamento da opinião pública podem ser moldados ao longo do tempo, usamos a história da água engarrafada, produto que parece ter surgido do nada e acabou se tornando uma poderosa indústria, praticamente ubíqua. Como isso aconteceu? Uma leitura elementar é o livro *Bottlemania*.

O marketing da água engarrafada: para o espírito desta cena, ver Elizabeth Royte, *Bottlemania: The marketing of bottled water and why we buy it* (Garrafamania. O marketing da água engarrafada e por que a compramos). (Bloomsbury, 2008. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=LwUUAQAAIAAJ>

Sistema inadequado de alerta de tsunamis: Laura Smith-Park, “Indonesia tsunami system ‘not ready’!” (“Sistema de alerta contra *tsunamis* da Indonésia ‘não está pronto’”), *BBC News*, 19 de julho de 2006. Disponível em: <<"http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/5191190.stm">http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/5191190.stm>

Quase todo o discurso que Arthur Gardner faz na sala de reuniões é baseado em fatos; obviamente, em conformidade com seu temperamento, ele apresenta sua própria versão dos fatos. Eis alguns exemplos específicos:

O Congresso e o governo se comprometeram a repassar 8 trilhões de dólares para as instituições que engendraram a crise: “The $8 trillion bailout” (“O resgate financeiro de 8 trilhões de dólares”), *CNNMoney.com*, 6 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://money.cnn.com/2009/01/06/news/economy/ where_stimulus_fits_in/index.htm>

A Previdência Social é um esquema de fraude: Jeff Poor, “Cramer: Social Security a bigger ponzi scheme than Madoff’s” (“Cramer: Previdência Social é uma fraude maior do que a de Madoff”), *Business & Media Institute*, 18 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://businessandmedia.org/articles/2008/ 20081218091211.aspx>

100 mil bilhões de dólares: também conhecido como “100 trilhões”, trata-se de uma deprimente estimativa de nosso rombo na Previdência Social e no Medicare, sistema de seguros de saúde gerido pelo governo. Pamela Villareal, “Social Security and Medicare projections: 2009” (“Previdência Social e Medicare: projeções para 2009”), National Center for Policy Analysis, 11 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.ncpa.org/pub/ba662>

Nacionalização da General Motors: Kimberly S. Johnson, “GM to reorganize in governmentled bankruptcy” (“GM deve se reorganizar com falência controlada pelo governo”), AP Foreign, 1º de junho de 2009. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/feedarticle/ 8535026>

As pensões dos sindicatos estão com um rombo de 17 bilhões de dólares: Nick Bunkley, “Automaker pensions underfunded by $17 Billion” (“Pensões de metalúrgicos têm rombo de 17 bilhões de dólares”), *The New York Times*, 6 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/04/07/business/07cars.html>

O governo está tomando emprestados dos asiáticos 5 bilhões de dólares por dia. Declaração de C. Fred Bergsten, diretor do Instituto de Economia Internacional, 2-4 de fevereiro de 2005. Disponível em: <http://www.uscc.org.gov/hearings/ 2005hearings/transcripts/05_02_3_4.pdf>

No Capítulo 10 entra em cena pela primeira vez a mãe de Molly, que faz um discurso no bar. Muito do que ela diz corresponde exatamente à verdade, incluindo:

“A união feliz destes Estados”: James Madison, editado por Gaillard Hunt, *The writings of James Madison* (Nova York, NY: G. P. Putnam’s Sons, 1910): 357. Disponível em: <http://books.google.com/books? id=v7jGAAAAMAAJ>

“A questão mais básica não é...”: Thomas Sowell, Knowledge and decisions (Nova York, NY: Basic Books, 1980): 79. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=4kqTMrEKWXoC>

O livro de Carroll Quigley *Tragedy and hope* (Tragédia e Esperança) aparece algumas vezes neste

romance, e por um bom motivo: a premissa que essa obra delineou, a da Destruição Mútua Assegurada, hoje é uma realidade. Porém, não é apenas com a destruição militar que devemos nos preocupar, mas também com a destruição econômica. As economias internacionais tornaram-se propositalmente tão interligadas que um colapso em qualquer parte do mundo tem grandes consequências para os EUA. O livro de Quickley é leitura obrigatória para quem quiser realmente entender as teorias de um homem que inspirou muitos líderes, incluindo o presidente Bill Clinton.

Carroll Quigley: Carroll Quigley, *Tragedy and hope: a history of the world in our time* (G. S. G. & Associates, 1975). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=KQZxAAAAIAA>

Herbert Croly: Herbert Croly, *The promise of american life* (A Promessa da vida norte-americana), Nova York, NY: The Macmillan Company, 1909. Disponível em: <http://books.google.com/books? id=EoxIAAAAYAA>

Thomas Jefferson: "A resistência aos tiranos é a obediência a Deus". Willard Sterne Randall, *Thomas Jefferson: a life* (Nova York, NY: Harper Collins, 1993): 275. Disponível em: <http://books.google.com/books? id=jxh4rGiz7CgC>

35 mil lobistas credenciados em Washington: Jerry Kammer, "A steady flow of financial influence" ("Um fluxo constante de influência política"), *Copley News Service*, 25 de agosto de 2006. Disponível em:<http://www.pbs.org/now/shows/234/money-politics.html>

Gastaram quase 3,5 bilhões de dólares no ano passado: *Oxford Analytica, "Lobbysts' sway in Washington"* ("O poder dos lobistas em Washington"], 13 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.forbes.com/2010/04/12/lobby-politics-elections-washington-business-oxford.html>

O inacreditável código tributário federal de 67 mil páginas: "67,204-Page code confounds taxpayers, yet Congress sits by" ("Código tributário de 67.204 páginas confunde os contribuintes, mas Congresso permanece omisso"), *USAToday.com*, 4 de abril de 2007. Disponível em: <http://blogs.usatoday.com/oped/2007/04/post_7.html>

A Receita Federal está envolvida com a legislação dos seguros e planos de saúde: Kim Dixon, "U. S. budget office: 4 million likely to pay health fine" ("Orçamento dos EUA: 4 milhões terão de pagar multa por planos de saúde"), *Washington Post*, 22 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/04/22/AR2010042204286.html>

O Tesouro estava envolvido com a Lei Seca: "Narcotic bill now law: Hoover signs measure creating bureau in the treasury" ("Projeto agora é lei: Hoover assina medida criando agência antinarcóticos no tesouro"), *The New York Times*, 15 de junho de 1930. Disponível em: <http://select.nytimes.com/gst/abstract.html? res=F30910F73D5C14738DDDAC0994DE405B808FF1D3>

"O poder de cobrar impostos inclui o poder de destruir": "The Supreme Court: The power to tax" ("A Suprema Corte: o poder de cobrar impostos"), *Time*, 17 de março de 1958. Disponível em: <http://www.time.com/time/magazine/article/ 0,9171,863135,00.html>

Cem mil funcionários federais devem quase 1 bilhão de dólares em impostos atrasados: Devin Dwyer, "Tax scam Uncle Sam? You oughta be fired! says Utah Rep. Chafetz" ("Fraude nos impostos, Tio Sam? Vocês devem ser demitidos, diz o congressista republicano Chafetz"), *ABC News*, 18 de março de 200. Disponível em: <http://abcnews.go.com/politics/tax/100000-federal-employees-owe-irs-back-taxes/story?id=10125860>

O secretário do Tesouro deve impostos atrasados: Jonathan Weisman, "Geithner's tax history muddles confirmation" ("O histórico tributário de Gaithner atrapalha a confirmação"), *The Wall Street Journal*, 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB123187503629378119.html>

John Adams: "Um governo feito de leis, não de homens": David McCullough, **John Adams** (Nova York, NY: Simon & Schuster, 2001): 275. Disponível em: <http://books.google.com/books? id=GHMnz8G0GTcC>

"Nenhuma mentira pode perdurar para sempre": Dr. Martin Luther King, Jr., editado por James Washington, *A testament of hope: the essentialwritings and speeches of Martin Luther King, Jr.* (Nova York, NY: Harper Collins, 1986): 230. Disponível em: <http://books.google.com/books? id=k8uPHtrU8BsC>

No Capítulo 11, aparece pela primeira vez o espirituoso teórico da conspiração Danny Bailey. Danny é o tipo de cara que gosta de costurar uma grande variedade de fatos diferentes na tentativa de fazer coisas amalucadas soarem plausíveis. Seu discurso é importante porque mostra que fatos e verdades selecionados podem ser usados como base para uma tese geral que é inteiramente ficcional.

Bailey começa citando dados referentes ao desemprego, que divergem significativamente das estimativas oficiais do governo. Essas estatísticas e muitas outras podem ser encontradas em um *website* chamado *Shadow Statistics*, mantido pelo economista John Williams.

O desemprego real disparou e já passou dos 20%: Shadow government statistics (Estatísticas ocultas do governo), John Williams, *Shadowstats.com*. Disponível em: <http://www.shadowstats.com/alternate_data/unemployment-charts>

O anúncio de emprego que Danny cita é um ótimo exemplo de como os fatos podem alimentar o pensamento conspiratório. Existe mesmo um anúncio de vaga para um "Especialista em Reeducação e Internação"? Sim — e está em um *site* público, o *goarmy.com*. Por que divulgariam de forma tão pública um anúncio tão incriminatório? Simples... Porque não é nada incriminatório. O Exército tem unidades de detenção no mundo inteiro, e essas instalações precisam de funcionários. Se publicassem um anúncio procurando um "atirador de elite experiente", as pessoas chegariam à precipitada conclusão de que querem assassinar estadunidenses em solo norte-americano? Claro que não, mas é nisso que algumas pessoas pensam imediatamente quando leem "Especialista em Reeducação e Internação".

Especialista em Reeducação e Internação: anúncio de emprego publicado no site *goarmy.com.* Disponível em: <http://www.goarmy.com/JobDetail.do?id=292>

25% de todos os presos do mundo: Jim Webb, “Why we must fix our prisons” (“Por que devemos consertar nossas prisões”), *Parade*, 29 de março de 2009. Disponível em: <http://www.parade.com/news/2009/03/why-we-must-fix-our-prisons.html>

Regulamento do Exército 210-35: Programa de Trabalho de Detentos Civis. Disponível em: <"http://www.army.mil/usapa/epubs/pdf/r210_35.pdf">

Em 1987, enquanto OliverNorth depunha sobre o caso Irã-Con-tras perante uma comissão parlamentar, o *Miami Herald* publicava uma série de artigos detalhando a participação de North em planos de contingência de emergência. Em uma matéria datada de 5 de julho de 1987, o *Herald* escreveu sobre um memorando que resumia planos de emergência aparentemente muito parecidos com um trabalho acadêmico escrito pelo então diretor da FEMA:

“O cenário delineado no memorando de Brinkerhoff era semelhante a um texto que Guiffrida tinha escrito em 1970, quando cursava a Faculdade do Exército em Carlisle, Pa., e em que defendia a lei marcial em caso de insurreição de militantes negros. O artigo defendia também a detenção e transferência para “centros ou campos de realocação” de pelo menos 21 milhões de “negros norte-americanos”.

Veja também: Alfonso Chardy, “Reagan advisers ran ‘secret’ government” (“Conselheiros de Reagan administram governo ‘secreto’”), *Miami Herald*, 5 de julho de 1987.

A lista ADEX — Agitator Index, Índice de Agitadores: Earl Ofari Hutchinson, “The dangerous new FBI” (“O perigoso novo FBI”), 4 de junho de 2002. Disponível em: <http://www.salon.com/news/feature/2002/06/04/ cointelpro/print.html>

Você pode ser um terrorista: “Missouri report on militias draws fire” (“Relatório do Missouri sobre milícias chama atenção”), *The Associated Press*, 14 de março de 2009. Disponível em: <http://www.fox4kc.com/wdaf-story-militia-report-031409,0,5591136.story>

Desde 1945: “The declaration of war: one for the history books?” (“A declaração de guerra: para os livros de história?”), National War College, 1998. Disponível em: <http://www.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA441475&Location=U2&doc=GeTRDoc.pdf>

O mesmo artigo do *Miami Herald* que descobriu o trabalho acadêmico do diretor da FEMA também detalhou as drásticas propostas de continuidade de governo que a FEMA estava formulando:

“O embate da FEMA com (o procurador-geral) Smith se deu por conta de um plano de contingência secreto que previa a suspensão da Constituição, a entrega do comando dos EUA para a FEMA, a nomeação de comandantes militares para assumir os governos estaduais e locais e a decretação da lei

marcial.

"O plano não definia 'crise nacional', mas ficava implícito que se tratava de guerra nuclear, violenta rebelião ou dissensão interna ou oposição nacional contra uma invasão militar estrangeira."

Provisões pós-orwellianas de continuidade do governo em vigor desde a década de 1980: Alfonso Chardy, "Reagan advisers ran 'secret' government" ("Conselheiros de Reagan administram governo 'secreto'"), *Miami Herald*, 5 de julho de 1987.

Diretiva Presidencial número 51: Diretiva Presidencial de Segurança Nacional, *whitehouse.gov*. Disponível em: <http://georgewbushwhitehouse.archives.gov/news/releases/ 2007/05/20070509-12.html>

Veja também: Charlie Savage, "White House revises post-disaster protocol" ("Casa Branca revisa protocolo pós-desastre"), *Boston Globe*, 2 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.boston.com/news/nation/washington/ articles/2007/06/02/white_house_revises_post_disaster_ protocol/>

Diretiva de Decisão Presidencial número 67: Operação de Governo Constitucional Permanente e de Continuidade de Governo. 21 de outubro de 1998. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/offdocs/pdd/pdd-67.htm>

Veja também: Francie Grace, "'Shadow government' news to congress" ("Governo secreto é novidade para congresso"), *CBSNews.com*, 2 de março de 2002. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2002/03/01/attack/ main502530.shtml>

Zona Livre Constitucional: Ellen Nakashima, "Citizens U. S. border crossings tracked: data from checkpoints to be kept for 15 years" ("Cidadãos norte-americanos que cruzam as fronteiras rastreados: dados dos postos de controle nas fronteiras serão mantidos em sigilo por 15 anos"), *Washington Post*, 2 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn-content/ article/2008/08/19/AR2008081902811.html>

Veja também: Ellen Nakashima, "Expanded powers to search travelers at border detailed" ("Aumentam os poderes para revistar os viajantes nas fronteiras"), *Washington Post*, 23 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn-content/ article/2008/09/22/AR2008092202843.html>

Zona de Liberdade de Expressão: Marcella Bombardier, "Boycott is planned in free speech zone" ("Plano de boicote na zona de liberdade de expressão"), *Boston Globe*, 25 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.boston.com/news/local/massachu-setts/ articles//2004/07/25/boycott_is_planned_in_free_speech_zone>

No Capítulo 12, a reunião no bar é interrompida por alguém que antes tinha sido descrito como um membro recém-chegado à organização. Isso, obviamente, é inspirado naqueles que revelaram publicamente seu objetivo de se infiltrar no Tea Party, no Projeto 12 de Setembro e em outras organizações semelhantes a fim de cometer atos de violência ou discursos de ódio. De acordo com um grupo

anticonservador, sua missão é “agir em nome do Tea Party de modo a exagerar suas qualidades menos positivas”.

Outra nota importante sobre esta cena: inicialmente Noah pensa que os instigadores eram policiais nova-iorquinos, mas logo descobre que está errado. Se há uma coisa com que virtualmente todo grupo de defesa dos direitos e liberdades concorda é que os responsáveis pela segurança pública — de policiais locais a agentes federais — estão do lado dos mocinhos.

Agentes provocadores infiltrados no Tea Party: Valerie Bauman, “Foes of Tea Party to infiltrate rallies” (“Inimigos do Tea Party vão se infiltrar nas reuniões”), *The Associated Press*, 10 de abril de 2010. Disponível em: <"http://www.washingonpost.com/wp-dyn/ content/article/2010/04/12/AR2010041203358.html">

Veja também: Brian Montopoli, “Tea Party foes target movement ‘morons’” (“Inimigos do Tea Party miram nos ‘imbecis’ do movimento”), *CBS News*, 13 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/ 8301-503544_162-20002377-503544.html>

Os dois próximos dados estatísticos estão relacionados de uma maneira impressionante: embora a taxa de aprovação do Congresso continue baixíssima, historicamente mais de 90% dos congressistas ainda são reeleitos. As pessoas sempre querem saber como podem ajudar a mudar o rumo do país. É assim! Mesmo que as respostas indubitavelmente sejam mais complicadas do que costumavam ser, a solução mais fácil ainda é a melhor: dê as costas a quem deu as costas a você, e, pelo voto, tire essa gente do cargo. As ações falam mais alto que as palavras, e neste exato momento nossas ações estão mostrando que nós aprovamos tacitamente as mentiras e a corrupção.

Índice de aprovação do Congresso: Gallup.com. Disponível em: <http://www.gallup.com/poll/127343/Congress-Job-Approval-Rating-Improves-Low.aspx>

Índice de reeleição dos congressistas: “Reelection rates over the years” (“Índices de reeleição ao longo dos anos”). Disponível em: <http://www.opensecrets.org/bigpicture/reelect..php>

No Capítulo 14, Noah e Molly têm uma conversa na limusine. Várias coisas citadas durante o bate-papo são factuais, ou baseadas em eventos reais.

Senador do oeste em vias de ser alvo de investigação de uma comissão de ética: Eric Lichtblau e Eric Lipton, “Senators aid after affair raises flag over ethics” (“Depois de caso, assistente de senador suscita debate sobre ética”), *The New York Times*, 1º de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/10/02/us/politics/ 02ensign.html>

Al Sharpton (frango frito com *waffles*) **no Amy Ruth’s:** menu do Amy Ruth’s. Disponível em: <http://www.amyruthsharlem.com/dinnermenu/ waffles/wafflemenu01.html>

Edward Bernays serviu como uma das fontes de inspiração para o personagem Arthur Gardner. Várias das fontes seguintes fazem referência a Bernays, mas, se você quiser mesmo entender o alcance e o poder das relações públicas (e por que Joseph Goebbels achava Bernays tão instrutivo), leia o livro *Propaganda*, de Bernays, que inclui já na capa a seguinte afirmação:

> "À medida que a civilização se tornou mais complexa e foi ficando mais patente a necessidade de um governo invisível, foram inventados e desenvolvidos os meios técnicos pelos quais a opinião pode ser controlada. A democracia é administrada por uma minoria inteligente que sabe como regular, controlar e guiar as massas".

Edward Bernays, Woodrow Wilson e a United Fruit: Larry Tye, *The father of spin: Edward L. Bernays & the birth of public relations* (Nova York, NY: Crown Publishers, 1998). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=Dk0SPKpYCsQC>

Se você estiver interessado em ler mais sobre um exemplo da vida real de uma moderna força das relações públicas, pesquise sobre John Rendon. Sua empresa é líder em "gerenciamento de percepção", e, de acordo com a *Rolling Stone*, "atende a uma necessidade que poucas pessoas sequer sabem que existe".

Empurrãozinho das relações públicas na guerra contra o Iraque em 2003/Grupo Rendon: James Bamford, "The man who sold the war" ("O homem que vendeu a guerra"), *Rolling Stone*, 17 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.rollingstone.com/politics/story/8798997/the_man_who_sold_the_war>

Golpe de Estado na Guatemala: documento de arquivo do Central Intelligence Agency Freedom of Information Act (Lei de Liberdade de Informação da CIA). Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/guatemala.asp>

Há 80 milhões de cidadãos com armas de fogo nos EUA: Wayne LaPierre, "Sotomayor's bias" ("A inclinação de Sotomayor"), *CBSNews.com*, 15 de julho de 2009. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2009/07/15/opinion/ main5162054.shtml>

Livro de Bernay: *Propaganda*, Edward Bernays (Nova York: NY: Ig Publishing, 1928). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=JlcPgPt17KcC>

A menina dos olhos da biblioteca de Joseph Goebbels era o livro de Edward Bernays: Larry Tye, "The father of spin: Edward L. Bernays & the birth of public relations" ("O pai dos marqueteiros: Edward L. Bernays e o nascimento das relações públicas"), *PR Watch*, segundo trimestre de 1999, volume 6, nº 2. Disponível em: <http://www.prwatch.org/prwissues/1999Q2/bernays.html>

No Capítulo 15; pode não ser exatamente o fato mais importante do livro,

mas o pai de Eliot Spitzer é realmente um magnata do mercado imobiliário, e é plausível que Spitzer tenha encon-trado Noah e Molly no elevador do edifício do Upper East Side de Manhattan.

O pai do Spitzer é dono do prédio inteiro: Doulas Feiden, “Empire of the son. How dad’s real estate fortune pays Spitzer benefits” (“Império do filho: como a fortuna em imóveis do papai paga os privilégios de Spitzer”), *NY Daily News*, 29 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.nydailynews.com/archives/news/2006/10/29/ 2006-10-29_empire_of_the_son_how_dad_s.html>

No Capítulo 17: o livro *Dívida de honra*, de Tom Clancy, inclui uma cena em que um avião abastecido de combustível é sequestrado e jogado contra o Capitólio dos EUA. Alguns teóricos da conspiração dizem que isso é prova de que Clancy estava envolvido no planejamento dos atentados de 11 de setembro, mas nós sabemos que é apenas um sintoma de como os escritores de livros de suspense pensam de maneira criativa e surpreendente. O próprio Clancy relatou que durante a elaboração do livro chegou a se encontrar com um oficial da Força Aérea e perguntou sobre quais seriam os possíveis cenários de uso de aviões como armas. O oficial respondeu: “Sr. Clancy, se tivéssemos um plano para lidar com isso, seria secreto e eu não teria autorização para falar sobre o assunto. Mas, até onde eu saiba, jamais pensamos nessa possibilidade”.

Antes do 11 de setembro, Tom Clancy escreveu dois livros sobre como os terroristas podiam usar aviões como armas: “A warning from Hollywood” (“Um alerta de Hollywood”), *BBC*, 24 de março de 2002. Disponível em: <http://www.news.bbc.co.uk/hi/english/static/audio_video/ programmes/ panorama/transcripts/transcript_24_03_02.txt>

No Capítulo 18, Rudyard Kipling tinha 53 anos e estava em um período sombrio de sua vida quando escreveu o poema do qual citei algumas estrofes. Como explica Noah, o escritor tinha perdido o filho na Primeira Guerra Mundial, e antes disso perdera também a filha. O título do poema, “The Gods of the Copybook Headings”, faz referência ao fato de que no tempo de Kipling os estudantes ganhavam cadernos de exercícios especiais, em cujo topo da página havia os “cabeçalhos de caderno”, citações de frases famosas, provérbios, máximas e ditados em caligrafia exemplar, a ser copiada incansáveis vezes pelos alunos, na página inteira. O hábito de reescrever os cabeçalhos dava aos alunos a oportunidade de treinar caligrafia (obviamente), mas também incutia neles o conhecimento prático e as lições de vida da história. Como diz Noah, vale a pena

ler o poema inteiro.

Poema de Rudyard Kipling: Rudyard Kipling, “The gods of the copybook headings”. Leia o texto na íntegra. Disponível em: <http://www.kipling.org.uk/poems_copybook.htm

Biografia de Kipling: Harry Ricketts, *Rudyard Kiping*: A life (Nova York: Carroll & Graf, 2001). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=x4sTAiRqhKMC>

No Capítulo 19, vemos o termo Cointelpro (Programa de Contrainteligência) incluído no plano de ação descoberto por Noah e Molly. Hoje o termo parece ter sido adotado por teóricos da conspiração, mas, antes que você simplesmente o descarte, vale a pena dar uma olhada em qual era a intenção original desse programa governamental.

COINTELPRO: Ed Gordon, “Cointelpro and the History of Domestic Spying” (“Cointelpro e a História da Espionagem Doméstica”), *National Public Radio*, 18 de janeiro de 2006. Disponível em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=516811>

Veja também: Michelle Goldberg, “Outlawing dissent: spying on peace meetings, cracking down on protesters, keeping secret files on innocent people — how Bush’s War on terror has become a war on freedom” (“Banindo a discordância: espionagem em reuniões pacíficas, medidas severas contra manifestantes, arquivos secretos sobre pessoas inocentes — como a guerra de Bush ao terror se tornou uma guerra contra a liberdade”), *Salon.com*, 11 de fevereiro de 2004. Disponível em:

<http://www.salon.com/news/feature/2004/02/11/ cointelpro/print.html>

Veja também: David Horowitz, “Cointelpro’s overdue return: The new FBI will be able to investiagte americans who pose a threat to national security — and that’s a good thing” (“O atrasado retorno do Cointelpro: o novo FBI poderá investigar os norte-americanos que representarem uma ameaça à segurança nacional — e isso é uma coisa boa”), *Salon.com*, 4 de junho de 2002. Disponível em: <http://dir.salon.com/story/news/col/horo/ 2002/06/04/ cointelpro/index.html>

Casus Belli: Daniel Schorr, “In search of Casus Belli” (“Em busca de um *Casus Belli*”), *Christian Science Monitor*, 9 de agosto de 2002. Disponível em: <http://www.csmonitor.com/2002/0809/p11s02-cods.html>

A Janela de Overton: Nathan J. Russell, “An introduction to the Overton Window of different possibilities” (“Uma introdução à Janela de Overton de diferentes possibilidades”), *The Mackinac Center*, 4 de janeiro de 2006. Disponível em: <http://www.mackinac.org/7504>

Medidas de segurança aérea em reação a ameaças malogradas: Alan Gathright, “No small feat, tightening up shoe inspections” (“Não está nada fácil: ainda mais rígidas as inspeções de sapatos”), *San Franciso Chronicle*, 12 de julho de 2003. Disponível em: <http://www.seattlepi.com/national/130541_shoes12.html>

Se você quiser entender a verdade sobre o comércio de emissões de carbono

e o real propósito de programas de “cap and trade”, comece a fazer suas pesquisas sobre a intersecção entre corporações, políticos e interesses especiais. Os *links* a seguir (Enron, Bolsa do Clima de Chicago e a empresa norte-americana de hipotecas Fannie Mae) são um bom lugar para começar:

Comécio de carbono e Enron: Lawrence Solomon, “Enron’s other secret” (“O outro segredo da Enron”), *Financial Post*, 30 de maio de 2009. Disponível em: <http://network.nationalpost.com/np/blogs/fpcomment/ archive/2009/05/29/lawrence-solomon-enron-s-other-secret—aspx>

Veja também um vídeo do congressista republicano Steve Scalise questionando Al Gore segundo esta mesma linha de raciocínio. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cpEcPFSEIwQ>

Agenda 21 da ONU: ver a publicação do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da ONU. Disponível em: <http://www.un.org/esa/dsd/agenda21/index.shtml>

Bolsa do Clima de Chicago: “The $10 trilion climate fraud” (“A fraude de 10 trilhões de dólares do clima”), *Investor’s Business Daily*, 28 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.investors.com/NewsAndAnalysis/Article.aspx?id=531731>

Veja também: Ed Barnes, “Obama years ago helped fund carbon program he is now pushing through congress” (“Anos atrás Obama ajudou a financiar o programa de carbono que agora tenta empurrar goela abaixo do congresso”), *FoxNews.com*, 25 de março de 2009. Disponível em: <http://www.foxnews.com/politics/2009/03/25/obama-years-ago-helped-fund-carbon-program-pushing-congress/>

Veja também: “Barbara Hollingsworth: “Barbara Hollingsworth: Fannie Mae owns patent on residential ‘cap and trade’ exchange” (“Barbara Hollingsworth: Fannie Mae possui licença na bolsa do clima”). *The Washington Examiner*, 20 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.washingtonexaminer.com/opinion/columns/Fannie-Mae-owns-patent-on-residential-_cap-and-trade_-exchange-91532109.html>

No Capítulo 20, temos a chance de ouvir Molly começar a apresentar seus argumentos e sua causa, e ela se concentra nos aspectos econômicos. Se você ainda duvida de que os dois partidos políticos (o Republicano e o Democrata) estão nos levando para o mesmo lugar (embora em diferentes velocidades), o primeiro dado estatístico que ela cita é muito esclarecedor:

A dívida nacional mais do que dobrou desde 2000: Mark Knoller, “National debt up to $2 trillion on Obamas’s watch” (“No mandato de Obama, a dívida nacional chega a 2 trilhões de dólares”), *CBSNews*.com, 16 de março de 2010. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20000576- 503544.html>

O dinheiro dos empréstimos para salvar bancos e empresas falidas vai para contas offshore: Eamon Javers, “AIG ships billions in bailout abroad” (“AIG manda para contas no exterior os bilhões de empréstimo”), *Politico*, 15 de março de 2009. Disponível em: <"http://www.politico.com/news/stories/0309/20039.html">

Veja também: Sharyl Attkinson, “Following bailout money to tax havens” (“Seguindo a trilha do dinheiro dos empréstimos enviados para paraísos fiscais”),*BSNews.com*, 23 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20000576- 503544.html>

No capítulo 21, Ragnar Benson, de cujos livros ouvimos falar aqui, é o nome ficcional de um autor sobrevivencialista que ao longo dos anos escreveu livros muito ousados e criativos (a lenda diz que o pseudônimo Ragnar Benson foi tomado como empréstimo de uma construtora de Chicago). O livro Mantrapping (Armadilhas para Capturar Homens), à venda no site Amazon.com, se inicia com a frase: “Sem dúvida o homem pode ser o animal mais difícil do planeta para se capturar em uma armadilha...”. Mas, como diz Molly, “desde então ele se acalmou um pouco”, e seus livros mais recentes tratam de técnicas de sobrevivência e autossuficiência.

Ragnar Benson: Mary Roach, “The survivalist’s guide to do-it-yourself medicine” (“O guia sobrevivencialista da medicina faça-você-mesmo”), 17 de dezembro de 1999. Disponível em: <http://www.salon.com/health/col/roac/1999/12/17/ survivalists>

Veja também: A lista da editora Paladin Press com os títulos de livros de Ragnar Benson. Disponível em: <http://www.paladin-press.com/category/Ragnar_Benson>

“Cuidem bem do espírito do nosso povo...”: Thomas Jefferson, Merrill D. Peterson, *The political writings of Thomas Jefferson* (Jefferson Foundation, 1996). Disponível em: <http://books.google.com/books? id=MlhB2iCTq60C>

George Washington, cerejeira e dentadura de madeira: “Truths and falsehoods about George Washington” (“Verdades e inverdades sobre George Washington”). Disponível em: <http://www.mountvernon.org/visit/plan/index.cfm/pid/808/>

“São tempos como esses que testam as almas dos homens”: Thomas Paine, *The american crisis.* Disponível em: <http://books.google.com/books? id=v Dq6AAAAiAAJ>

Muita gente em Washington quer que encaremos o controle governamental como uma coisa boa, mas eis aqui um exemplo do que pode acontecer quando o governo começa a regular as leis já existentes. Sim, a Segunda Emenda diz que o cidadão pode ter uma arma, mas não diz que exercer esse direito vai ser fácil! Na Cidade de Nova York levaram a restrição ao extremo, instaurando um processo que pode demorar até seis meses e custar centenas, quando não, milhares de dólares.

Obtenção de registro de armas na Cidade de Nova York: NYPD Handgun Licensing Information (Informações sobre Obtenção de Licença de Uso e Porte de Armas de Fogo, Departamento de Polícia da Cidade de Nova York). Disponível em: <http://www.nyc.gov.html/nypd/html/permits/ handgun_licensing_information.shtml>

Veja também: NYPD Licensing FAQ (Perguntas Mais Frequentes sobre Obtenção de Licença de Armas, Departamento de Polícia da Cidade de Nova York). Disponível em: <http://www.nyc.gov.html/nypd/html/permits/ gun_licensing_faq.shtml>

Veja também: Um relato em primeira pessoa sobre o processo de obtenção de licença de arma de fogo na Cidade de Nova York. Glenn Beck, *Arguing with idiots* (Nova York, NY: Simon & Schuster, 2009): 49.

Veja também: Um relato da internet sobre o processo de obtenção de licença de arma de fogo na Cidade de Nova York. Disponível em: <http://angrynyer.com/?p=422>

A milícia era todo cidadão: Jonathan Elliott, *The debates in the several State Conventions of the adoption of the Federal Constitution* 425 (2ª ed., J. B. Lippincott, 1836).

Veja também: James Madison, "The Federalist Number 46", in *The Federalist Papers*, eds. George W. Carey e James McClellan (Indianapolis, IN: Liberty Fund, 2001): 244.

"Temos o poder de começar o mundo de novo": Thomas Paine, *Common sense* (Senso comum). Disponível em: <http://books.google.com/books?id= e0oqAAAAYAAJ>

Jonathan Mayhew, "Sem representação não há taxação": Raja Mishra e LeMont Calloway, "Vandals tear a Bible in half, Ransack old west church" ("Vândalos rasgam *Bíblia* ao meio e saqueiam velha igreja"), *Boston Globe*, 12 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.boston.com/news/local/massachusetts/ 2006/08/12/ vandals_tear_a_bible_in_half_ransack_old_west_church/>

No Capítulo 22:

Transporte de materiais nucleares de Minot para Barksdale: Michael Hoffman, "Commander disciplined for nuclear mistake" ("Comandante punido por erro nuclear"), *Military Times*, 5 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.usatoday.com/news/military/2007-09-05-b-52_N.htm>

No Capítulo 23:

Apenas para fins recreativos, apresentamos o equipamento eletrônico "caixa laranja". Disponível em: <http://www.artofhacking.com.files/ob-faq.htm>No Capítulo 27 há referências a John O'Neill, ex-agente do FBI especializado na luta antiterrorista, que vinha alertando para o grave perigo representado pela Al Qaeda. O'Neill assumiu a chefia de segurança do World Trade Center na Cidade de Nova York, e seu primeiro dia no novo emprego foi 23 de agosto de 2001.

John O'Neill e a Al Qaeda: "The man who knew" ("O homem que sabia"), *Frontline.* Disponível em: <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/knew/>

No Capítulo 31:

"Uma república, se você puder mantê-la": Michael Richards, *A republic if you can keep it: The foundation of the American presidency* (Westport, CT: Greenport Press, 1987). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=id=ItOARcaN54sC>

“Menina turca, 16 anos, enterrada viva por ter falado com meninos”: Robert Tait, *The Guardian*, 4 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2010/feb/girl-buried-alive-turkey>

“São uns comilões inúteis e retardados mentais”:

Esta citação tem por base muitos argumentos da vida real favoráveis à eugenia, em todas as suas muitas faces e formas.

George Bernard Shaw: “Creio que seria uma boa ideia fazer com que todo mundo se apresentasse diante de uma comissão ou junta de membros adequadamente nomeados, assim como vez ou outra nos apresentamos ao fiscal de renda... Simplesmente pôr a pessoa lá e dizer, ‘agora, senhor (ou senhora), tenha, por favor, a bondade de justificar sua exis-tência. Se o senhor não conseguir justificar sua existência, se não está contribuindo com o grupo social, se não está produzindo o que consome, ou um pouco mais, então claramente não podemos usar a grande organização da nossa sociedade para o propósito de manter o senhor vivo, porque a sua vida não nos beneficia em nada, tampouco pode ser de alguma valia sequer para o senhor’”.

—do discurso de Shaw transcrito em “The revolutionary Holocaust: live free or die” (“O Holocausto revo-lucionário: viva em liberdade ou morra”), de GlennBeck. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,583732,00.html>

Theodore Roosevelt: “Não compete à sociedade, que nada tem a ganhar com isso, permitir que degenerados reproduzam sua espécie... Algum dia perceberemos que a tarefa primordial, a tarefa inescapável do bom cidadão do tipo certo é deixar seu sangue no mundo; e que não devemos permitir a perpetuação dos cidadãos do tipo errado”.

—de uma carta a Charles Benedict Davenport, datada de 3 de janeiro de 1913

Margaret Sanger: “O acasalamento de um imbecil e uma pessoa saudável e honrada pode... gradualmente disseminar essas características até solapar o vigor e a eficiência de toda uma nação e de toda uma raça. Isso não é uma fantasia inútil. Devemos levar isso em conta se quisermos escapar do destino que se abateu sobre muitas civilizações do passado”.

—do livro de Sanger, The Pivot of Civilization, página 176

No Capítulo 34:

Paraquat: “Facts about Paraquat” (“Fatos sobre o Paraquat”): U. S. Centers for Disease Control. Disponível em: <http://www.bt.cdc.gov/agent/paraquat/ basics/ facts.asp>

No Capítulo 36, quando Noah e Molly são obrigados a recorrer a um voo comercial, usamos certa licença poética para mostrar como “a outra metade” das pessoas viaja. E, quem sabe, Natalie Portman talvez até consiga entrar em um avião mesmo sem documentos de identidade; é uma questão de encontrar o funcionário certo da TSA no portão de embarque:

Todas as grandes companhias aéreas têm alguém para cuidar dos *vips*: Gabe Weisert, “How the celebrities fly” (“Como as celebridades viajam de avião”), *Forbes Traveler,* 11 de outubro de

2006. Disponível em: <http://www.msnbc.msn.com/id/ 15133601>

No Capítulo 37:

“Eu jurei no altar de Deus...”: Thomas Jefferson, John P. Foley, *The Jeffersonian cyclopedia: A comprehensive collection of the views of* (Funk & Wagnalls, 1900). Disponível em: <http://books.google.com/books? id=ZTIoAAAAYAAJ>

“Assumo agora as funções e responsabilidades que meus concidadãos...”: Thomas Jefferson, John P. Foley, *The Jeffersonian cyclopedia*: *A comprehensive collection of the views of* (Funk & Wagnalls, 1900). Disponível em: <http://books.google.com/books? id=ZTIoAAAAYAAJ>

No capítulo 38, novamente vemos aflorar o lado conspirador de Danny Bailey. Ele menciona, por exemplo, que houve um exercício de treinamento em Londres na mesma manhã dos ataques de 7 de julho. Isso é absolutamente verídico, mas é um bom exemplo da diferença entre um fato e uma suposição baseada em um fato.

Não pairam dúvidas sobre os fatos do incidente em Lodres. Uma empresa de segurança e gerenciamento de crises, chefiada por um homem com laços com a Scotland Yard, estava realizando um exercício de simulação contra ataques terroristas em Londres na manhã de 7 de julho, envolvendo atentados com bombas em múltiplos alvos em estações de metrô. No fim do dia, aconteceu de verdade exatamente o que estava sendo simulado, praticamente da mesma maneira e nos mesmos lugares.

Ninguém discorda sobre os eventos, mas os fatos são interpretados de maneiras diferentes. Na versão que Danny Bailey conta ao agente Kearns, o exercício corporativo pode ter funcionado como uma “história de fachada” para mascarar o envolvimento do próprio governo britânico nos ataques reais. Contudo, uma pesquisa um pouco mais aprofundada sobre os exercícios revela por que motivo a grande mídia não considera que esse seja um cenário possível.

Em uma matéria do *Channel 4 News* intitulada “Coincidence of bomb exercises?” (“Coincidência nos exercícios de ataques com bombas?”) (Disponível em: <http://www.channel4.com/news/article.jsp?id=19010>), Nicholas Glass aponta para o fato de que a situação de ataque com bombas naquela manhã era uma das três em que a empresa estava trabalhando. Mais importante: nenhum recurso físico foi utilizado em parte alguma da cidade, e a simulação envolveu apenas algumas pessoas sentadas em torno de uma mesa conversando sobre qual seria sua reação. Em outras palavras, se supostamente o exercício devia servir como álibi do governo, os responsáveis provavelmente

estariam atrás das grades.

Em resposta às conspirações de 7 de julho, Peter Power, o executivo que realizou os exercícios, divulgou um comunicado bastante taxativo em que reagiu ao que qualificou de acusações “hostis, inexatas, ingênuas e ignorantes”. Obviamente, por mais que seu comunicado fosse convincente, as teorias conspiratórias sempre recorreram à mesma resposta: É claro que ele disse isso, ele provavelmente é um agente do governo.

Meu argumento aqui fundamenta-se na ideia de que é extremamente perigosa a maneira como os fatos podem ser manipulados ou distorcidos para dar credibilidade a teorias conspiratórias fantasiosas e quixotescas. É nossa responsabilidade examinar tudo com olhar cético, e também ter em mente que muitos tentarão desvirtuar a realidade para servir a seus propósitos ou reiterar sua visão de mundo.

Exercícios de simulação contra-ataques terroristas em Londres em 7 de julho: “Business exec confirms same-time-as-attack underground bombing

exercise” (“Executivo confirma ataque com bombas no metrô na mesma hora de exercícios de simulação”), *Canada Free Press*, 14 de julho de 2005. Disponível em: <http: //www.canadafreepress.com/2005/cover071405.htm>

Veja também: entrevista de Peter Power ao *ITV News*, 7 de julho de 2005. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JKvkhe3rqtc>

Haroon Rashid Aswat tentou organizar um campo de treinamento da Al Qaeda no Oregon: Alan Cowell, “Briton sought on U. S. terror charges appears in London court” (“Cidadão britânico procurado por terrorismo nos EUA comparece a tribunal londrino”), *The New York Times*, 9 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.nytimes.com/ 2005/08/09/international/europe/09london.html>

Mohamed Mohamed el-Amir Awad el-Sayed Atta: Terrry McDermott, “Seeing what we want to see; how could it be that, despite the facts, people — and computers — place one of the Sept. 11 hijackers in places he probably wasn’t?” (“Vendo o que queremos ver; o que explica que, apesar dos fatos, das pessoas — e dos computadores —, ainda colocamos um dos sequestradores de 11 de Setembro em lugares em que ele provavelmente não estava?”), *Los Angeles Times*, 26 de agosto de 2005.

No Capítulo 39:

Não temos escolha... a manobra de ajuda financeira do governo: Há muitos exemplos de reação de pânico de nossos líderes diante do avanço da crise financeira. Ben Bernanke, presidente do Fed, disse: “Se não fizermos isso, na segunda-feira já não teremos mais economia”.

Veja também: Joe Nocera, “36 hours of alarm and action as crisis spiraled” (“36 horas de alarme e ação em plena espiral da crise”), *The New York Times*, 2 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.newsweek.com/id/197810/page/1>

Quem recebeu aquelas centenas de bilhões de dólares: “Tracking the $700 billion bailout” (“Rastreando os 700 bilhões de dólares da ajuda financeira do governo”), *The New York Times*. Disponível em: <http://projects.nytimes.com/creditcrisis/recipients/table>

“Que a justiça seja feita, nem que desabem os céus”: “The States: though the heavens fall” (“Os Estados Unidos: nem que desabem os céus”), 2 de outubro de 1962. Disponível em: <http : // www.time.com/time /magazine/article/ 0,9171,829233,00.html>

“Na América a lei é o rei”: Thomas Paine, *Common sense* (*Senso comum*). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=e0oqAAAAYAAJ>

“O desejo de domínio...”: Thomas Jefferson, “A dissertation on the Canon and Feudal Law” (“Dissertação sobre a Lei Canônica e a Lei Feudal”), *Boston Gazette*, 1765.

“Se tu amas mais a riqueza do que a liberdade...”: William Vincent Wells, *The life and public services of Samuel Adams* (Boston: Little, Brown, and Company, 1865).

No Capítulo 46:

A liberdade é a efêmera exceção: Thomas Sowell, Applied economics: thinking beyond stage one (Nova York, NY: Basic Books, 2004): 31. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=0AShGTKZzWgC>

Como eu disse antes, esta lista está longe de ser completa, então espero que você continue explorando-a por conta própria. Criamos também um *website*, cujo endereço aparece em algum lugar do livro, e que vai direcionar você para muitas das fontes que usamos e também vai funcionar como inventário de novas informações. Boa caçada!

Publicado sob acordo com a editora original, Threshold Editions/Mercury Radio Arts, um selo da Simon & Schuster, Inc.
Título original: The Overton Window

Copyright © 2010 by Mercury Radio Arts, Inc.
Copyright © 2011 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Tradução:
Renato Marques de Oliveira

Preparação de Texto:

Valquíria Della Pozza

Revisão de Texto:

Luciana Salgado G. Moreira,

Maria Dolores D. Sierra Mata e

Maria Lucia Alves de Oliveira

Diagramação

Studio Spot Light

Capa

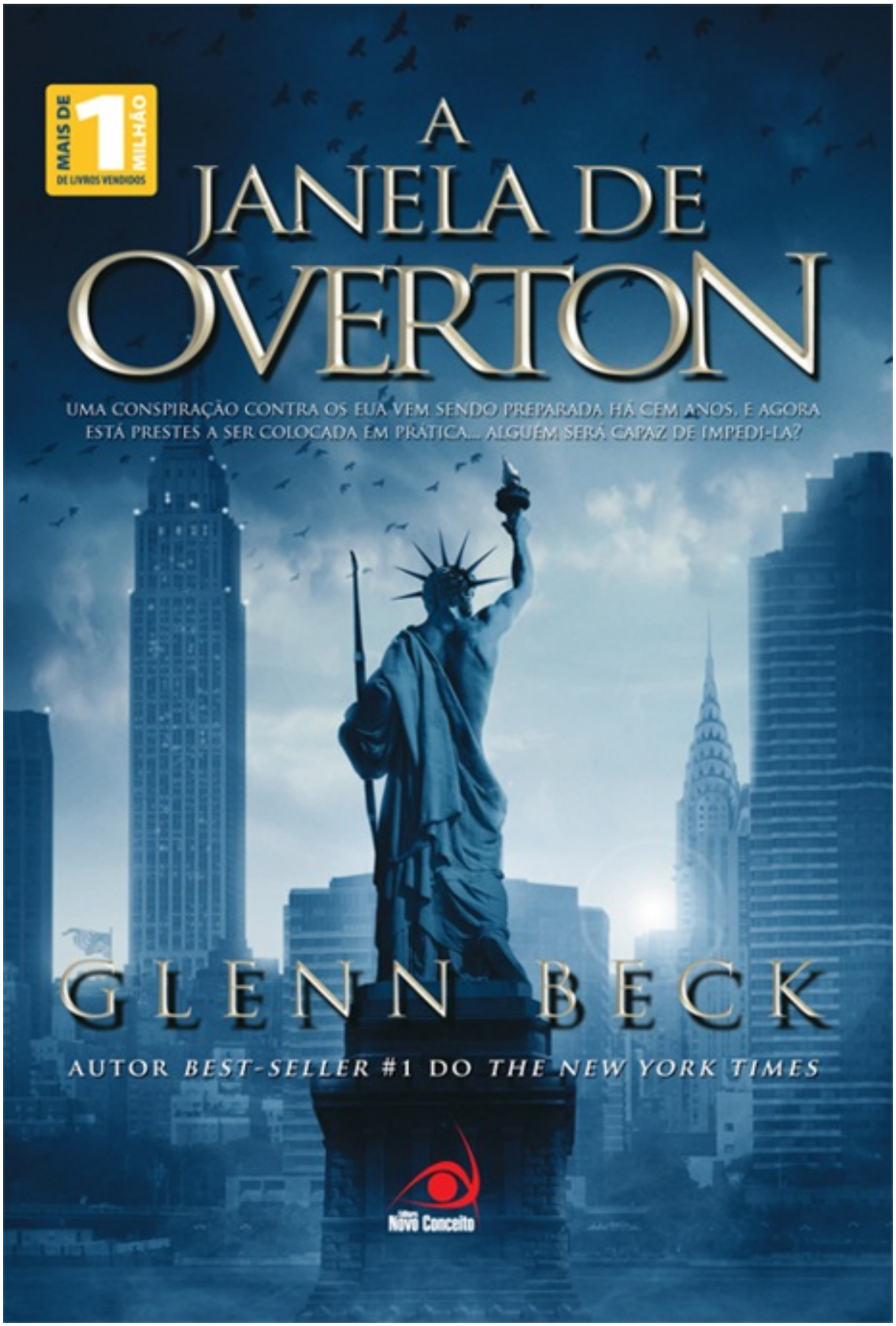
Tony Mauro e Esper Leon

Foto do autor

George Lange:

Editora Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Prq Industrial Lagoinha
14.95-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br


MAIS DE 1 MILHÃO
DE LIVROS VENDIDOS
A JANELA DE OVERTON
UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA OS EUA VEM SENDO PREPARADA HÁ CEM ANOS. E AGORA ESTÁ PRESTES A SER COLOCADA EM PRÁTICA... ALGUÉM SERÁ CAPAZ DE IMPEDI-LA?
GLENN BECK
AUTOR BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES
Novo Conceito